

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**“AMOR SEM VERGONHA”
TRAJETÓRIAS PESSOAIS E VIDA CONJUGAL
ENTRE GAYS E LÉSBICAS
NA COMUNIDADE DO RATONES
– Ilha de Santa Catarina –
(UM ESTUDO DE CASO)**

Luiz Fernando Neves Córdova

FLORIANÓPOLIS

2000

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**“AMOR SEM VERGONHA”
TRAJETÓRIAS PESSOAIS E VIDA CONJUGAL
ENTRE GAYS E LÉSBICAS
NA COMUNIDADE DO RATONES
– Ilha de Santa Catarina –
(UM ESTUDO DE CASO)**

Luiz Fernando Neves Córdova

Dissertação apresentada ao Departamento
de Psicologia da Universidade Federal de
Santa Catarina como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Prof. Dr.ª. Maria Juracy Toneli Siqueira
Orientadora

FLORIANÓPOLIS

2000

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

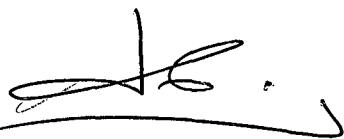
Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado

***“AMOR SEM VERGONHA” – TRAJETÓRIAS PESSOAIS E VIDA
CONJUGAL ENTRE GAYS E LÉSBICAS NA COMUNIDADE DE
RATONES, ILHA DE SANTA CATARINA (UM ESTUDO DE CASO)***

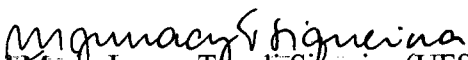
Luiz Fernando Neves Córdova

Dissertação defendida como requisito básico para
obtenção de Grau de Mestre no Programa de Pós-
Graduação em Psicologia – Mestrado, Área de
Concentração Psicologia e Sociedade e aprovada pela
Banca Examinadora composta pelos seguintes
professores:

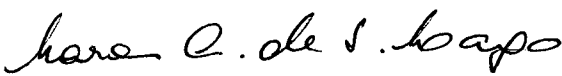


Prof. Dr. José Carlos Zanelli
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:


Prof.ª Dr.ª Maria Juracy Toneli Siqueira (UFSC)
Orientadora


Prof.ª Dr.ª Sônia Weidner Maluf (UFSC)


Prof.ª Dr.ª Mara Coelho de Souza Lago (UFSC)

APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA EM, 26/06/2000.

*Este trabalho é dedicado a
Sérgio Ricardo da Silva Pereira (in memoriam).*

AGRADECIMENTOS

Escrever uma dissertação é um ato de muita coragem e de um profundo abandono. Coragem para abrir mão de um mundo que está continuamente solicitando a sua presença, sejam os compromissos de trabalho, sejam as tarefas domésticas ou as prazerosas horas de folga. Abandono, pois você conta absolutamente apenas consigo – um ato contínuo de várias re-aprendizagens. Os outros amenizam, com o seu conforto, esses percalços do caminho. Então, agradecer é elevar às alturas essas pessoas, que, às vezes, com um pequeno gesto tornaram menos árduos esses momentos. Essa dissertação saiu, principalmente, por vocês existirem e fazerem parte da minha vida.

Em primeiro lugar gostaria de agradecer à minha orientadora, professora Maria Juracy Toneli Siqueira. Sob a sua orientação o projeto foi se delineando até a chegada deste momento. Foi um prazer muito grande compartilhar com ela todas as mudanças na trajetória deste trabalho, além de um alento para as minhas inquietações intelectuais. Um exercício acadêmico realizado com muita competência e solidariedade.

Sou grato aos casais que tão gentilmente aceitaram colaborar, confiando a mim um pedacinho de suas vidas. Aqui vai o meu profundo reconhecimento por terem ajudado nesta tarefa que exigiu deles um grande desprendimento, no sentido de tratar de um tema tão delicado. Agradeço, também, aos demais entrevistados que, gentilmente, contaram um pouco da história do Ratoness e, por que não, da sua própria vida. Todos ternos amigos.

Durante a realização do curso tive o privilégio de entrar em contato com inúmeros professores, a todos agradeço por terem colaborado na realização desse projeto acadêmico. Em especial, gostaria de agradecer aos professores-doutores: Mara Coelho de Souza Lago, Joana Maria Pedro, Ilse Scherer-Warren, Jean Rossiaud, Sônia Weidner Maluf, José Carlos Zanelli. Além da sincera gratidão, ressalto a importância de suas providenciais sugestões.

Quero agradecer a ajuda das duas funcionárias da secretaria do Programa de Mestrado pela eficiência e dedicação no desempenho de suas funções. O meu muito obrigado

a Janete Maria Martins Bromer e Arlete Catarina Camargo pelo apoio logístico ofertado – matrículas, ofícios, certidões, etc.

Tive o privilégio de ter encontrado um grupo grande de amigos que merecem créditos especiais, pois foram interlocutores durante todo o processo de escrever essa dissertação: Rosane Maria de Godoy, Denise Ramos Ricardo, Tânia Welter, Maria Lúcia Lopes de Simas e Sirley Bandeira de Souza, Ari Carvalho, Zeila Marize Sardá, Sérgio Luís Vieira, Helena Francis Bilton de Olinda Campello, além de Denise e Alexandre, Mari, Saulo, Raquel, João Luiz, Jacob, Ramiro e Mônica.

Agradeço à minha família, mãe e irmãos, por compreenderem que para escrever uma dissertação era preciso me retirar um pouco das lidas familiares. Só um profundo sentimento de amizade e afeto superaram as dificuldades encontradas durante esta angustiante jornada.

Ao Gil vai mais do que o meu muito obrigado. Sua generosidade e compreensão tornaram possível a conclusão deste trabalho. Uma fonte de alegria e afeto, além de suporte emocional, durante o solitário processo de escrever esta dissertação.

À JUGARA, especialmente na figura de sua presidenta que gentilmente concedeu a entrevista, cedeu sua residência para a realização de outras, acompanhou as entrevistas dos demais moradores da comunidade, discutiu cada capítulo escrito, dando suas sugestões e opinião; enfim, envolveu-se em praticamente todos os passos dados no sentido da concretude deste trabalho.

*“Si no hubiera mujeres,
los homossexuales podrían vivir como dioses.
En cambio, si no hubiera hombres,
Los homossexuales podrían vivir como hombres.
Gracias a Dios hay hombres y mujeres
y los homossexuales pueden vivir
como homossexuales”.*

(Glauco Mattoso)ⁱ

SUMÁRIO

Agradecimentos	v
Sumário	viii
Resumo	x
Abstract	xi
Convenções	xii
1. Assumindo	13
2. Outras Palavras	26
2.1. As limitações culturais e a luta pelos direitos civis dos homossexuais	26
2.2. Conjugalidade, a família 'moderna' e o amor romântico	36
2.3. A constituição do sujeito e a construção da homossexualidade	42
3. A Estrada	53
3.1. Os sujeitos da pesquisa	57
3.2. O perfil dos casais	57
3.3. O perfil dos sujeitos	58
3.4. Os encontros	60
3.4.1. Entrevista com ML	61
3.4.2. Entrevista com SB	62
3.4.3. Entrevista com AC	64
3.4.4. Entrevista com SV	65
3.4.5. Entrevista com LA	66
3.4.6. Entrevista com PA	68
3.4.7. Entrevista com MP	69
3.4.8. Entrevista com LV	70
3.4.9. Entrevista com Sr. Idalício	71
3.4.10. Entrevista com Sr. Ponciano	72
3.4.11. Entrevista com Mica e Cintya	73
3.4.12. Entrevista com a Lady	74
3.4.13. A festa de aniversário de SV	75

4. A Conquista do Território	78
4.1. Gays e lésbicas do Ratonês: algumas histórias e lendas	88
4.2. A chegada	105
5. Homossexualidade: uma questão de construção	111
5.1. Família de origem e infância	115
5.2. Brinquedos e brincadeiras	122
5.3. A escola	129
5.4. Sexualidade	131
5.5. A 'descoberta' da homossexualidade	140
5.6. Encontros e despedidas	145
5.6.1. ML X SB	146
5.6.2. AC X SV	151
5.6.3. LV X MP	156
5.6.4. LA X PA	165
5.7. A conjugalidade	169
5.7.1. A distribuição de papéis	172
5.7.2. A rotina diária ou a divisão sexual do trabalho	179
5.7.3. A vida social do casal	191
5.7.3.1. O gueto	195
6. Concluindo	201
Referências Bibliográficas	209
Anexos	214

RESUMO

Este trabalho é uma tentativa de pensar e questionar uma das diversas formas de manifestação da sexualidade humana, a homossexualidade e, em particular, a conjugalidade homossexual. Entendida esta homossexualidade como um processo histórico-sócio-cultural, desejou-se analisar a relação existente entre pares de gays e lésbicas e compreender como estas relações estão acontecendo hoje, na rotina do seu dia-a-dia. Desejou-se questionar também como estes sujeitos estão se resignificando e redefinindo posições quando se observa uma crescente visibilidade da homossexualidade na mídia.

O universo desta pesquisa foi o de três casais homossexuais que mantêm um relacionamento por cinco anos ou mais de convivência e que residem em uma antiga freguesia do município de Florianópolis, além de outros dois que, embora não constituam um casal, durante algum tempo mantiveram um caso. Como fruto do presente estudo de caso, realizou-se uma etnografia do lugar, bem como entrevistas em profundidade com os oito sujeitos, com o objetivo de analisar os modos de vida e estratégias de conjugalidade que constituíram para si ao longo de suas trajetórias.

Comprovou-se a hipótese que a união entre homossexuais já vem ocorrendo há muito tempo e que esta relação difere muito pouco da conjugalidade heterossexual, reconhecida enquanto direito civil. Trata-se de sujeitos que norteiam suas relações sociais e amorosas a partir de modelos e valores tradicionais, baseados no ideal do amor romântico, apoiado em padrões acentuados de fidelidade, honestidade e lealdade dos parceiros na união conjugal.

Os arranjos conjugais dos casais de homossexuais entrevistados como características de um grupo, por si só, é bastante restrito, mas pode demonstrar como na prática se configuram formas de conjugalidade entre 'sujeitos do mesmo sexo'.

As relações sociais que estabelecem com os moradores nativos do local onde vivem são pautadas em vínculos de trocas solidárias e discrição quanto à orientação sexual. A preservação da intimidade no limite da moradia e das relações com o grupo de pares mantém estes sujeitos 'protegidos' dos preconceitos que usualmente os atingem quando sua orientação sexual é 'revelada'. O silêncio e a discrição ainda parecem ser normas para a 'boa' convivência social e, talvez, familiar. Estes depoimentos 'confirmam' uma idéia geral de que, para se sentirem aceitos, os homossexuais não podem 'dar bandeira', devem assumir uma postura discreta.

→ A vivência homossexual, assim como as implicações decorrentes do seu reconhecimento social, é apresentada como uma questão de conquista e ampliação de direitos humanos, com ênfase em seu aspecto político.

ABSTRACT

This work is an effort to think and question one of several human sexuality manifestations, the homosexuality and, particularly, the homosexual union. Knowing this homosexuality as a process historical-social-cultural, it sought to analyze the relationship between couples of gays and lesbians and understood how this relationship is happening today in their quotidian routine, as well as to question how these individuals are remeaning themselves and redefining positions when observing an increasing homosexual visibility on the media.

The research universe was three homosexual couples who have maintained the union for five years or more and are living in an old neighborhood of Florianópolis, farther another two persons who, although don't be a couple, during a time they had a romance. To this research was made an ethnography of the place, as well as intense interviews with eight persons, intending to analyze the way of life and union strategy that they constituted to themselves during their trajectories.

The hypothesis that the union between homosexuals has been happening from a long time and this relationship almost doesn't differ of the heterosexual union, recognized while civil law. Been about persons who guide their social and loving relationship from the traditional models and values, based on the romantic love ideal, supported on emphatic standards of fidelity, honesty and loyalty of the partners inside the conjugal union.

The conjugal arrangement of homosexual couple interviewed as a group characteristic that, itself, is too restrict, may help or show how form ways of union between "persons of same Sex".

The social relationship that they institute with the native are pauted in mutual links and discretion about sexual orientation. The privacy preservation inside of home limits and of the relationship with the couples group maintain these persons "protect" of the prejudice that they usually suffer when their sexual orientation is "revealed". The silence and the discretion even reveal be norms to the "good" social conviviality and, maybe, familiar. These depositions "confirm" a general idea that, to be accept, the homosexuals can't show themselves, they must to assume a discreet posture.

The homosexual life, as well as social admission implications, is presented as a question of human rights conquest and enlargement, emphasis to its political aspect.

CONVENÇÕES

As notas constantes nessa dissertação são numeradas de duas maneiras distintas: há a nota de rodapé e a nota ao final do documento. As do primeiro tipo – numeral arábico – indicam alguma contribuição ou esclarecimento necessário para compreensão do texto ou remetem, ainda, para alguma literatura específica sobre o assunto. As notas ao final – numeral romano – fornecem dados sobre as epígrafes.

O uso de aspas está reservado para demarcar as transcrições bibliográficas e os depoimentos dos informantes. As aspas simples são empregadas sempre que se torna necessário realçar o emprego de um determinado termo ou indicar a ambivalência de algumas expressões ou palavras.

O *itálico* é utilizado sempre que há a necessidade de uso ou citação de alguma palavra estrangeira ou para nuançar as transcrições bibliográficas e depoimentos dos informantes. O **negrito** é pouco utilizado, no decorrer do texto, servindo para ressaltar alguma idéia em citação de outros autores.

As declarações dos sujeitos entrevistados são apresentadas, também, de duas maneiras distintas: quando se trata de informante da comunidade, há o uso do seu nome verdadeiro ou do seu codinome e a indicação de sua idade na época da entrevista; os dados dos sujeitos homossexuais entrevistados são apresentados através do emprego de duas letras que indicariam as iniciais do seu nome – que não são necessariamente verdadeiras – acompanhadas da sua idade no período em que foram entrevistados e da indicação do seu sexo através do uso das letras, em minúsculo, ‘m’ para indicar mulher e ‘h’ para homem. Em algumas citações foi utilizado o recurso do (*sic*) para apresentar informações obtidas através de outros sujeitos da comunidade, que não aqueles considerados informantes, ou dos homossexuais entrevistados. Sem a tradicional conotação de crítica, ou ironia, esse registro foi utilizado para registro do que foi ouvido em bingos ou nos bares e vendas percorridos.

1. ASSUMINDO

*“... Eu acho que dá pé
esse negócio de homem com homem
mulher com mulher”
(Cássia Eller)ⁱⁱ*

Solidários no amor e na dor...

O interesse em pesquisar a conjugalidade homoerótica¹, uma das formas de manifestação da homossexualidade², surgiu enquanto realizava o Curso de Especialização em Educação Sexual, na Faculdade de Educação/UDESC, e precisava definir um tema para a realização da monografia final. Em diversas discussões com os outros colegas ficava sempre a impressão de que a homossexualidade era um tabu e a prática da conjugalidade entre sujeitos do mesmo sexo, uma realidade inadmissível. Ao mesmo tempo, a motivação em estudar a temática foi aguçada com o surgimento de um projeto que visava regulamentar a ‘união civil’ entre homossexuais e que gerou uma grande polêmica em toda a mídia.

A partir dos estudos iniciais e da definição do tema foi realizada uma pesquisa com casais homossexuais, com o objetivo de perceber como eles se definiam enquanto sujeitos homossexuais, o que era para eles um casamento, como se constituíam na conjugalidade e identificar se, entre eles, havia ou não o interesse pela ‘legalização’ de seus relacionamentos.

Mesmo estando delimitada a um pequeno grupo, a pesquisa comprovou que esta forma de vivência da homossexualidade ajuda a compreender como se definem os papéis de gênero. Pode-se observar que na maioria das situações levantadas o que aparecia era uma

¹ Quando utilizado, o termo homoerótico é por entender como COSTA (1992, 21-22) que esta é “*uma noção mais flexível e que descreve melhor a pluralidade das práticas ou desejos dos homens (e mulheres) same-Sex oriented ... porque exclui toda e qualquer alusão a doença, desvio, anormalidade, perversão, etc. ... nega a idéia de que existe algo como ‘uma substância homossexual’ orgânica ou psíquica*”.

² Segundo diversos autores e entre eles Foucault e Peter Gay, no ano de 1869 o médico húngaro Károly Benkert utilizou o termo homossexual pela primeira vez numa correspondência endereçada ao Ministério da Justiça alemão condenando o parágrafo 175 do código penal que qualificava como delito os atos sexuais entre homens. De acordo com MOTT (1998), o inventor do termo homossexual e homossexualismo não era um médico e sim o jornalista e advogado húngaro Karol Maria Kertbeny, que escreveu este conceito nos jornais para lutar contra o citado artigo, usando o pseudônimo de dr. Benkert para se proteger e conferir maior respeitabilidade à sua defesa.

mera repetição dos papéis apreendidos de um mundo heterossexista, embora muitas vezes surgisse a necessidade de construção de papéis mais igualitários, não tão definidos na base do que é próprio do masculino ou o do que é feminino. Este primeiro contato serviu para demonstrar que ainda havia necessidade de continuar aprofundando a análise da conjugalidade homoerótica.

No dizer de FRY & MacRAE (1983), as idéias e práticas em relação à homossexualidade são produzidas historicamente no interior de sociedades concretas e estão intimamente relacionadas com o todo destas sociedades. Assim, a luta pelos direitos civis dos homossexuais não é, nem poderia ser, considerada isolada. Inclui-se na luta de todas as minorias que estão *excluídas*, sem acesso à participação nos mecanismos de amparo legal. Deste ponto de vista, a busca da conquista dos direitos dos homossexuais torna-se parte integrante das lutas de libertação social – uma prática eminentemente política.

Na última década do século XX, alguns grupos de homossexuais buscavam ações visando a defesa dos seus direitos civis e uma atuação contra qualquer tipo de discriminação ou violência contra *gays* e *lésbicas*³, além de reuniões com fins recreativos, ou festivos – o lado ‘*fashion*’ do movimento. As discussões destes grupos abrigam temas tão dispares como: os *gays* e o carnaval; o *outing*⁴; a necessidade de não disfarçar a orientação homossexual (o ‘assumir’) e até propostas de projetos que proibam a discriminação homossexual, na Constituição Federal e nas legislações municipais⁵ e estaduais, que regulamentem a união civil entre homossexuais, a adoção de filhos pelo casal homossexual, a legalização da mudança de sexo e a ampliação dos programas de combate à AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida).

³ BELLINI (1989, 33), citando Judith Brown, menciona o fato de que, “apesar de a palavra ‘lésbica’ ter aparecido pela primeira vez no século XVI na obra de Brantôme, observador e cronista das excentricidades sexuais das cortesãs francesas, ela não foi comumente usada até o século XIX, e mesmo então designava inicialmente certos atos, e não uma categoria de pessoas”. LARDINOIS (1995), afirma que na França o termo já era empregado desde 1842 e na Holanda, pelo menos desde 1847. Em língua inglesa, o emprego da palavra *lésbica* para designar mulheres homossexuais data de 1890, sendo que o substantivo ‘lesbianismo’, seria mais antigo, datando de 1870.

⁴ Gíria que indica a revelação pública da orientação sexual. Poderia ser compreendido como o ‘denunciar’ publicamente a sexualidade de alguém.

⁵ Em Florianópolis (SC) foi instituída uma emenda à Lei Orgânica que garante a “igualdade absoluta entre os cidadãos” (09/Agosto/1994).

A visibilidade tem sido a principal estratégia, proposta e implementada por ativistas homossexuais, para diminuir o preconceito e a violência, dele derivada, contra *gays* e lésbicas, a partir da demonstração pública da diversidade sexual humana. A união civil é a forma jurídica e legal de extensão dos direitos civis aos *gays* e às lésbicas. Um ato institucional de democratização da cidadania, sendo que alguns homossexuais não falam em casamento e outros nem pretendem que haja união aprovada pelo Estado. O objetivo é conseguir os direitos de herança e previdenciário para o (a) companheiro (a).

O companheirismo, o afeto, o amor, interesses comuns, a segurança emocional e financeira são algumas das razões porque duas pessoas se unem. Quando alguns homossexuais falam na legalização da sua 'união' é porque gostariam de ter o mesmo tipo de segurança legal, financeira e emocional de que dispõem os casais heterossexuais neste momento.

A pesquisa desenvolvida entre moradores da cidade do Rio de Janeiro (Zona Sul) por HEILBORN (1992) – que comparava os relacionamentos heterossexuais com os estabelecidos por pessoas do mesmo sexo, tanto *gay* quanto lésbico – buscando compreender as fronteiras da entidade chamada casal, revelou a existência de três possibilidades de conjugação das díades: “*pode ser considerada como o padrão mais legítimo/difundido de gestão da sexualidade heterossexual*”, retém “*grande expressividade entre mulheres homossexuais*” e “*apresenta-se como a modalidade englobada/subordinada entre os homens gays*” (p. 06). Os valores do igualitarismo, da singularidade e uma concepção atualizada do amor romântico configuram regras compartilhadas tanto pela conjugalidade heterossexual, quanto pela homossexual.

Com este trabalho pretendeu-se iniciar um estudo da conjugalidade homoerótica como uma realidade social. Compreender esta produção cultural que procura num outro sujeito do mesmo sexo as razões para estabelecer um laço conjugal: uma relação estabelecida em sua função afetiva e amorosa, pois impossibilitada em sua função reprodutora biológica, e onde a escolha do (a) parceiro (a) ocorre principalmente por paixão.

Parte-se do princípio que, neste momento, milhares (talvez milhões) de *gays* e lésbicas, estão compartilhando afetos, sexualidades e amores com seus (suas) companheiros (as). A grande maioria não está preocupada com a garantia dos seus direitos civis, enquanto cidadãos homossexuais, reivindicando para si apenas a autonomia para escolher o objeto de seu desejo ou de seu amor. Outros, porém, gostariam de ver sacramentado o reconhecimento de suas relações e assim ter assegurado as garantias e os benefícios da lei ao seu (sua) companheiro (a).

Partindo destas questões, foi que se buscou realizar uma pesquisa visando compreender como alguns casais de *gays* e lésbicas, vão configurando a prática da conjugalidade, até então quase que exclusiva aos heterossexuais, pretendendo-se verificar, ainda, o que os levou a escolher viver em conjugalidade. Fugindo um pouco da questão da institucionalização do casamento, ou seja, do estabelecimento de um contrato solene 'legal' civil, é que esta pesquisa se ocupou da questão da vivência na conjugalidade, do padrão de relação de pessoas que vivem como cônjuges e que se definem como homossexuais.

Pretende-se deixar claro que não há a preocupação em encontrar uma explicação para a homossexualidade – em sentido universal – e muito menos se busca um quadro para sua classificação. O que se pretende é analisar e demonstrar como vive um pequeno grupo de homossexuais, homens e mulheres, que escolheram a Ilha de Santa Catarina para nela residirem e constituírem suas díades.

A homossexualidade referida neste trabalho é aquela onde a orientação⁶ sexual está voltada exclusivamente para sujeitos do mesmo sexo, mesmo que somente durante o período da pesquisa. Foram encontradas situações onde homens casados, com mulheres, inclusive com filhos, mantinham relacionamentos sexuais com homens que se autodenominavam homossexuais. Evitar-se-á denominar estes sujeitos enquanto homossexuais, pois assim eles não se reconhecem. Tal fato não foi encontrado entre as mulheres, o que não significa que não possa existir.

⁶ Orientação do desejo sexual, que pode ser dirigido exclusivamente para pessoas do sexo oposto, para pessoas do mesmo sexo, ou dirigida para pessoas dos dois sexos.

A preferência pelo emprego de 'orientação' em lugar de 'condição' sexual ocorre por se acreditar que esta última implica num estado de ver as coisas, num modo de ser universal e universalizante, de novo estar-se-ia defendendo a idéia de uma natureza biológica, ou médica, da homossexualidade. Compreendendo a sexualidade, antes, como uma construção social do que uma condição da natureza humana.

Tratar-se-á, portanto, da maneira como alguns sujeitos vão se identificando como *gays* e lésbicas, homens e mulheres que se relacionam sexual, afetiva e emocionalmente com outros homens e mulheres. Usar-se-ão as terminologias 'gay', para identificar o homem homossexual, e 'lésbica', para a mulher homossexual. Estas são denominações aceitas e empregadas por uma maioria considerável de homossexuais, sendo inclusive adotada nos encontros nacionais de suas entidades representativas. No início dos anos 90, alguns teóricos e militantes norte-americanos decidiram que o vocábulo 'gay' estava muito ligado a um passado enrustido e eufemístico, não era mais suficientemente liberacionista e que deveriam adotar a palavra '*queer*' (bicha) para corretamente identificar os homossexuais (SULLIVAN: 1996; PARKER: 1999).

Evita-se propositadamente o uso de expressões como 'bicha', 'viado', 'boiola', 'maricas', 'sapata', 'sapatão', 'saboeira', 'bolacha' ou 'machorra', sendo usadas apenas quando citadas pelos entrevistados ou, no contexto, como parte integrante de alguma citação. Apesar de não se recusar – *in totem* – o emprego destas palavras, sendo que foi constatado que o seu uso é corriqueiro entre os diversos grupos encontrados, é preciso salientar que alguns sujeitos não concordam com tais expressões por as acharem grosseiras, agressivas e pejorativas. Outra constatação observada foi que o uso destas expressões entre 'iguais', ou seja, entre eles, os homossexuais pesquisados, não é considerada ofensiva, podendo ser considerada como uma brincadeira, ou até mesmo uma maneira de expressar afeto, carinho, amizade, identificação. Quando, porém, são empregadas por outros sujeitos – especialmente os heterossexuais – ao se dirigirem à figura deles, ou de alguém conhecido, geralmente é tomada como agressiva.

Ao vocábulo 'bicha' é dedicada uma atenção maior, pois se trata de uma expressão muito usada, tanto para xingar como para se referir a algum homem homossexual.

Nesta dissertação, propositadamente, evitar-se-á o uso desta palavra, sendo empregada apenas quando o texto assim o exigir ou estiver referente a alguma citação ou fala dos entrevistados. Diferente da maioria dos autores que utilizam a expressão ‘a bicha’ – talvez o mais correto – aqui se empregará ‘o bicha’, pois se subentende que o sujeito citado é um ‘homossexual bicha’. Não se pretende aumentar as já tão diversas classificações sobre a homossexualidade, busca-se apenas continuar o emprego indistinto do vocábulo homossexual. O ‘bicha’ é um homossexual, assim como o ‘enrustido’, o ‘entendido’ ou aquele que diz não se enquadrar em rótulo algum, mas que tem como objeto sexual alguém do mesmo sexo.

O uso da expressão ‘entendido’ ou ‘entendida’ também é evitado, somente sendo citada quando empregada por alguém ou durante a apresentação teórica por tratar-se, de acordo com a classificação de GUIMARÃES (1977), da categoria de homossexuais onde se enquadraria a população implicada nesta pesquisa. De acordo com GUIMARÃES (1977), durante algum tempo esta era a denominação preferida por uma grande maioria de homossexuais, especialmente aqueles que procuravam se relacionar sexualmente com outros homossexuais. Ser ‘entendido’ (a) seria aquele sujeito que entende o outro sujeito na cama, sem a preocupação com a dicotomia atividade-passividade. Os (as) entendidos (as), geralmente são oriundos das camadas médias da população, com formação acadêmica de nível superior e submetidos (as) a algum tipo de acompanhamento psicológico e evitam os rótulos ‘bicha’, ‘viado’ e ‘sapatão’, pela conotação negativa e pejorativa a eles associada.

O sujeito ‘entendido’ seria adepto de um sistema mais ‘moderno’, pois com pressupostos mais igualitários, contudo, ocasionalmente também invocaria os princípios do sistema tradicional – baseado na hierarquia dos papéis. Nas relações que mantém entre si, numa mesma rede social, os princípios são igualitários, contudo quando se relacionam com ‘michês’ e ‘travestis’, ou mesmo quando procuram ‘homens de verdade’, restabelecem o sistema hierárquico. A substituição dos sistemas, no caso dos homossexuais, entretanto, parece irreversível pois cada vez mais *gays* e lésbicas procuram outros *gays* e lésbicas para se relacionarem, tornando possível concordar com FRY quando este afirma que o modelo igualitário “*conta como principais protagonistas não somente a ciência médica e psicoterápica, como também as camadas mais poderosas da sociedade*” (1982, 105).

Ironicamente alguns percursores do movimento homossexual – que buscavam um tipo de relacionamento mais igualitário – tentavam esvaziar as conotações pejorativas do vocábulo ‘bicha’, adotando-o para si.

Quando se usa o termo homossexual – neste trabalho – está se referindo de igual maneira a estas duas possibilidades – *gays* e lésbicas – de vivência e prática da sexualidade. Outro cuidado observado é o de não usar o termo homossexualismo devido ao seu sufixo ‘ismo’, que acarreta, ainda, possíveis aspectos relacionados à doença. O ‘ismo’ pode ser empregado, junto a um radical, para descrever uma condição patológica. A expressão adotada é homossexualidade. Uma forma de expressão da sexualidade.

O espaço pesquisado, também, fica fora do circuito homossexual – o gueto. Fundamental para se aliviar das pressões sociais sentidas no dia-a-dia e local privilegiado para desenvolvimento de novos valores, além de ‘encorajador’ para o ato de ‘assumir-se’ é, entretanto, um ‘mundo’ pouco frequentado pelos sujeitos abordados, que parece preferirem estabelecer uma espécie de ‘gueto’ próprio. O gueto, ao mesmo tempo que facilita uma apropriação de si enquanto homossexual, também traz consigo uma forte carga de marginalização, sendo por este motivo continuamente procurado e recusado.

O gueto homossexual florianopolitano está praticamente restrito à zona central da cidade ou ao bairro Kobrasol, em São José, sendo muito esporádica a abertura de bares ou boates, assumidamente homossexuais, pelo interior da ilha. No Ratoles, espaço da pesquisa, nunca existiu e, provavelmente, tão cedo não existirá um lugar com as características próprias do gueto.

Importante salientar que muito do material pesquisado ainda se refere apenas ao mundo homossexual masculino. Infelizmente, até hoje, muito pouco se tem escrito sobre as lésbicas, realidade esta que vai se alterando a partir dos movimentos feminista e homossexual. Já estão surgindo estudos, escritos principalmente por mulheres. GODOY (1997), MUNIZ (1993) e PORTINARI (1989) afirmam que o discurso sobre a homossexualidade feminina compõem-se de enunciados como a invisibilidade, a intraduzibilidade e a excessiva

sensibilidade que é próprio das falas lésbicas. Utilizam dizeres sobre o amor como se este as distinguisse e estivesse num sentido oposto ao da razão. Um amor intraduzível.

Conjugalidade é uma expressão usada por FOUCAULT (1990), em “A Política de Saúde do Século XVIII”, por SALÉM (1987), no seu “Casal Igualitário”, HEILBORN (1992), na sua tese de doutorado “Dois é Par” e por COSTA (1992), no livro “A Inocência e o Vício”. A continuidade do emprego de tal expressão se dá pela compreensão de que ‘conjugalidade’ traz consigo um recorte que privilegia o enfoque do casal, é diferente da idéia de família e se posiciona muito a frente da problemática conjugal – um novo enfoque sobre as díades homossexuais.

Conjugalidade, entendida como HEILBORN (1992, 06), é *“uma relação social que se institui em um par, admitindo o caráter de uma opção por uma determinada gestão da sexualidade”*. Gestão que implica na administração não só da sexualidade mas, também, de todos os aspectos amorosos, como explicitados por POLLAK (1990).

No que se refere aos pares de homossexuais, optou-se em usar a terminologia empregada por eles, assim, quando se refere à dupla utiliza-se a palavra ‘casal’, pois inexistente outra que abranja a profundidade de cumplicidade entre eles. As ligações mais duradouras, com um sujeito em particular, geralmente são denominadas ‘caso’, sendo que este tipo de relação não implica, necessariamente, em coabitação. O termo ‘pareado’⁷ é desconhecido pela maioria dos homossexuais entrevistados. Interessante destacar que, no dia-a-dia da relação, torna-se corriqueiro o emprego de expressões como ‘o meu marido’, ‘a minha esposa’. O uso de tais expressões não está ligada à prática sexual – ativo/passivo – sendo empregadas indistintamente pelos membros da relação. O que surge, então, é quase uma paródia da relação heterossexual. É possível que muitos estranhem ao ouvir um homem se dirigir a um outro homem chamando-o de ‘meu marido’, ou quando uma mulher chama uma outra mulher de ‘minha esposa’.

⁷ ‘Pareado’ é um termo empregado por ORAISON; A Questão Homossexual, 1977, e que indica o homossexual que vive maritalmente com outro homossexual.

A possibilidade de um estranho ouvir um destes casais entrevistados se dirigirem, assim, tão carinhosamente ao seu (sua) parceiro (a) é, entretanto, muito remota. Não pelo fato de estarem querendo se esconder, o que seria praticamente impossível, pois há muita cumplicidade entre eles, mas antes por desejarem proteger a sua intimidade. Tais tratamentos são utilizados, frequentemente, apenas quando os casais estão a sós ou com um grupo muito íntimo, não necessariamente formado apenas por sujeitos homossexuais.

Percebe-se nestes casais uma certa 'reserva de privacidade'. Talvez, pelo fato de quando em ambientes públicos ser difícil a demonstração de muitos carinhos e afetos. Se não demonstram ostensivamente a base de sua 'amizade', vão aos pouco deixando evidente quem é o alvo de suas preferências amorosas, especialmente as eróticas. Homoeróticas.

Homoerotismo, aliás, é outra expressão muito empregada neste trabalho. Refere-se ao encontro dos sujeitos homossexuais, numa dimensão que se pretende maior que apenas o sexual. Nestas relações estabelecidas estão presentes, além da cumplicidade, do sentimento amoroso, dos jogos sensuais e sexuais, o companheirismo, a fidelidade, as juras. As bases do amor romântico.

A estrutura de apresentação deste trabalho foi pensada no sentido de possibilitar aos leitores uma sensação prazerosa parecida com uma descoberta. No início há a necessidade de introduzir ou facilitar que os sujeitos se apropriem de um linguajar comum, para que todos falem ou compreendam os signos utilizados. A apresentação da estação de embarque. Aqui são indicadas as bases da pesquisa realizada e se situa de que lugar e de que sujeitos se está falando.

Ironicamente, parece que a maioria dos *gays* e lésbicas entrevistados poderia ser enquadrada, erroneamente, na categoria 'enrustido' ou 'incubado' – que em linguagem popular, significam o homossexual 'não-assumido' – por estarem distantes das atitudes ostensivas que pautam o comportamento do homossexual estereotipado, com seu maneirismo próprio, também, conhecido como 'bichice' ou 'sapatice'. Há uma idéia, nesta cultura ocidental, de que o homossexual 'assumido' seria uma ameaça ou um desafio constante às estruturas sociais vigentes e, portanto, o homossexual 'enrustido' teria uma preocupação com

a clandestinidade de suas ações e com a ocultação de suas preferências eróticas. Expondo-se aos mecanismos sociais que controlam e reprimem a expressão da sua sexualidade.

Importante salientar que este não é um estudo sobre gênero. Entretanto, ao entrevistar homossexuais – homens ou mulheres, o contexto social em que estão inseridos, suas histórias de vida, tudo – remete-se à uma análise onde o que sobressai é a questão de gênero.

Na segunda parada desta jornada, são indicadas, apreciadas e discutidas algumas leituras já realizadas de diversos autores, sobre o fenômeno da homossexualidade e dos processos de constituição dos sujeitos. Pretendeu-se que não fosse uma ‘parada’ muito longa, pois jamais se conseguiria exaurir todos os aspectos do fenômeno estudado, tampouco realizar uma síntese de tudo o que já se escreveu sobre o tema. Optou-se por uma exposição que pudesse tornar mais visível os caminhos teóricos que orientaram esta jornada. A intenção foi formular uma trajetória a partir dos pressupostos de uma homossexualidade que vem se constituindo e ajudando a constituir novos sujeitos, numa determinada cultura – historicamente datados.

A terceira parada é para arregaçar as mangas. É o momento em que se apresenta o projeto e a pesquisa realizada – a estrada percorrida. Para a realização da pesquisa dois caminhos se apresentaram: a continuação do estudo da conjugalidade com casais dispersos por toda a Ilha de Santa Catarina, ou restringi-lo a um universo menor, nem por isso menos relevante, no intuito de tentar compreender mais nitidamente o objeto deste estudo.

Do mesmo modo que as duas estradas que levam ao Ratonos vão apresentando aos seus transeuntes aspectos diferentes da paisagem, dos costumes e da própria realidade local e dos seus moradores, também as duas possibilidades que se apresentavam para continuar estudando a conjugalidade homossexual – em toda a Ilha ou somente numa pequena comunidade – dariam informações que poderiam ser consideradas distintas mas não excludentes, pois se falaria de uma mesma realidade. Assim, como ao se adentrar numa das estradas do Ratonos inevitavelmente se sairá na outra, também, ao se apresentar a realidade de um grupo de *gays* e *lésbicas* de uma pequena comunidade florianopolitana, provavelmente se

estará falando de aspectos que também estão presentes na prática e na vivência de muitos homossexuais que residem por toda a Ilha de Santa Catarina.

Neste momento também são descritos os encontros realizados e que culminaram na realização das entrevistas. Não foram os únicos contatos mantidos, mas são apresentados como ‘oficiais’, aqueles que colheram o registro de suas vozes. Nenhum contato, entretanto, foi considerado mais importante que outro, apenas tinham finalidades diferentes. Aconteceram muitas reuniões informais, almoços, jantares e até uma festa de aniversário, que também é relatada para dar uma idéia da integração destes casais com os moradores locais e mostrar um outro tipo de envolvimento, que não somente aquele do gueto.

Estes encontros foram todos muito amistosos e incluíram alguns moradores não homossexuais, que foram entrevistados na tentativa de se montar um perfil histórico do local e saber como estes moradores percebiam a chegada de casais constituídos de *gays* e lésbicas. Também, aproveitaram-se estes momentos para tentar descobrir como eram vistos os outros casos de prática e vivência da homossexualidade no Ratonos. Não há registros de homens homossexuais que residam na localidade, mas impressiona a quantidade de histórias que foram narradas e que envolviam seus moradores.

A quarta parada é para se falar do território escolhido. Aqui é elaborada uma pequena etnografia, tentando apresentar a comunidade de Ratonos e mais especificadamente as localidades de Cachoeira do Ratonos e o Canto do Moreira, locais onde residem os casais de homossexuais. A tentativa é de descrever aspectos da cultura local e os momentos em que se entrecruzam as vidas dos moradores locais com a vida dos casais que participaram da pesquisa.

Como resultado dos conversas sobre *gays* e lésbicas do Ratonos buscou-se verificar se estas histórias ajudam a entender o processo de integração dos homossexuais com o restante da comunidade. Uma tímida tentativa aproximativa de, antropologicamente, compreender como – através destes relatos – a comunidade convive com esta prática sexual. Somente a discussão – entre um pai e sua filha – sobre a presença de lobisomens entre os moradores da comunidade e a possibilidade deste ser mitológico, ser adepto das práticas

homossexuais já dariam outro trabalho. A imagem de um homem – segundo os informantes – que se transforma em uma ‘espécie’ de lobo e sai vagueando, nas noites de sexta-feira com lua cheia, para assustar as pessoas, no Ratonés, pode adquirir características homossexuais, pois o lobisomem só ataca outros homens. Um envolvimento que – de acordo com a filha – daria margem à idéia de existência de um lobisomem-*gay*.

Aqui também é relatada a chegada dos primeiros casais de homossexuais ao Ratonés. Tenta-se descrever a emoção da descoberta de um lugar para se viver e das delícias e dificuldades que qualquer ‘casal’ enfrenta quando resolve que é hora de se formarem as duplas e encarar o mundo – expor-se num relacionamento a dois.

A quinta parada é o resultado de tudo que foi apresentado até agora. É o momento em que se entrelaçam os relatos destes sujeitos, articulam-se suas histórias de vida, o momento de constituição dos casais e, sobretudo, cotejam-se estas diferentes vivências com o que dizem os autores, marcos referenciais, que servem de embasamento para este trabalho. Um momento para tentar compreender como se constituíram estes sujeitos, e como suas vidas ajudam a constituir novas vidas. Uma análise que ajuda a compreender os processos e as escolhas individuais.

Nessas últimas paradas, foi a vez de dar voz aos sujeitos da pesquisa e àqueles que foram denominados informantes, além de mostrar o material recolhido e de tentar expor a riqueza das entrevistas. Tudo de acordo com a concepção teórica que fundamenta esta dissertação – os sujeitos construindo-se no social, construindo representações de si e de seus mundos.

A sexta e última parada é aquela destinada ao desembarque. Neste momento são realizadas algumas considerações em torno de tudo o que foi visto e presentificado. Buscou-se fazer um entrelaçamento das histórias contadas tentando compreender como estes casais configuram a conjugalidade que estabeleceram para si e o processo de ‘construção social’ de suas próprias homossexualidades. Se não foi discutida a questão da institucionalização do ‘casamento’ homossexual, apresentou-se a realidade do cotidiano de oito homossexuais.

No momento em que se escreve esta dissertação, tem-se a informação que mais dois ‘casais’ de lésbicas estão se estabelecendo na Cachoeira do Ratonés. Os homossexuais, *gays* e lésbicas, que escolheram o Ratonés para viver vão, de alguma forma, construindo suas histórias. A comunidade, por sua vez, não interfere diretamente nas particularidades de suas vidas. Seguem ambos, comunidade e homossexuais, interagindo e continuamente reformulando-se, mesmo que lentamente.

Conforme já foi apresentado e se pretende vá se tornando cada vez mais visível, esta dissertação trata da homossexualidade e dos encontros homoeróticos, compreendidos sempre a partir da perspectiva de que a sexualidade e o gênero são produtos e produtores de condições e situações históricas específicas.

*“Sim, eu sou um deles
e gosto muito, muito, de sê-lo.
Porque faço coleção de lacinhos cor-de-rosa
e também de sapatão ...
Eu nasci descalça ...”
(Rita Lee)¹¹¹*

2. OUTRAS PALAVRAS

*“... Se todo mundo é mesmo gay
o mundo está na minha mão ...”
(Marina Lima & Alvin L.)^v*

Ao discutir a homossexualidade é preciso, necessariamente, contextualizá-la, pois nem sempre sua história ou visibilidade tem sido compreendida como neste tempo dito moderno⁸, ou como querem alguns, pós-moderno. Se em algumas sociedades há uma certa complacência com o relacionamento sexual entre pessoas do mesmo sexo, em outras há a perseguição, a punição e, em algumas, chega-se a mutilar ou matar homens e mulheres que demonstram tal preferência ou afinidade sexual. A partir destas constatações, entende-se a homossexualidade como uma construção sócio-histórica e cultural, muito distante do determinismo universalizante do biológico. Neste sentido, ao final deste capítulo, busca-se compreender, através de uma abordagem histórico-cultural da Psicologia, fundamentada especialmente em Lev Seminovitch VYGOTSKI (1896-1934) a questão da constituição do sujeito.

2.1. As limitações culturais e a luta pelos direitos civis dos homossexuais

A prática da homossexualidade é tão antiga como a própria humanidade e atinge uma grande diversidade de culturas. Aqui é preciso fazer algumas considerações. De fato, a idéia de amor ou de encontros sexuais entre pessoas do mesmo sexo existiu, provavelmente, em todos os agrupamentos humanos – até mesmo entre animais se verifica esta prática sexual. Estudos recentes demonstram que relações sexuais entre dois homens era prática comum em muitas das sociedades não influenciadas pela religião cristã. Estas culturas, entretanto, impunham que os homens também casassem e constituíssem família e que, nos relacionamentos entre os dois homens, o homem adulto fosse sempre o ativo, aquele que penetrava. Observa-se assim que, embora houvesse envolvimento sexual entre dois homens, isto acontecia de uma forma totalmente diferenciada de um relacionamento de um casal de *gays*, como os formados pelas duplas estudadas neste trabalho, por exemplo. Na Grécia

⁸ O ‘moderno’, aqui, compreende basicamente a invenção da intimidade, a nuclearização da família, a desconstrução do ‘amor materno’, além, da constituição da esfera privada em oposição à pública.

clássica não existiam casais homossexuais de homens adultos. O que os antigos textos gregos demonstram é que as relações sexuais entre sujeitos do mesmo sexo ocorriam, sempre, entre homens jovens e rapazes ou adolescentes.

Em algumas destas culturas, mesmo contemporâneas, a existência de relações e/ou práticas homossexuais, muitas vezes, não são significadas como tal. ARIËS (1987) afirma que não é fácil diagnosticar a homossexualidade em épocas passadas, especialmente a partir das definições e critérios atualmente utilizados que se mostram anacrônicos, polêmicos e imprecisos.

A respeito da celebração do amor entre mulheres, estudos indicam que ela aparece, principalmente, nas poesias de Safo de Lesbos, vindo daí a idéia do amor lésbico. LARDINOIS (1995), alerta, entretanto, que se deve ter muita cautela sobre a aplicação do termo lésbico especialmente com relação às noções ‘modernas’ de homossexualidade. No caso de Safo, por exemplo, estar-se-ia “no máximo, diante de relacionamentos breves entre uma mulher adulta e uma jovem prestes a se casar” (p. 50). Mesmo que Safo pudesse ser considerada uma lésbica de acordo com os padrões atuais, é preciso admitir que suas práticas e noções sobre a sexualidade eram muito diferentes das vividas pelas lésbicas da atualidade.

Leila MÍCCOLIS (1983, 73) escreveu sobre ela:

“Reduzir Safo a uma ‘lesbiana’ é, além de má-fé, um anacronismo, porque não havia esta divisão na época. Safo nasceu no século 6 a C., teve uma educação intelectual primorosa, aos dezesseis anos já participava de uma conspiração contra o tirano Pitacos, o que lhe valeu o exílio, casou-se, teve uma filha, enviuvou, com vinte e seis anos fundou uma escola para jovens mulheres, foi considerada a ‘Décima Musa’ por Platão, morreu aos cinqüenta e cinco anos, e atualmente é conhecida não por sua intensa atuação sócio-política, mas apenas como ‘lésbica’...”

LARDINOIS (1995) e MÍCCOLIS (1983) concordam que se, realmente, Safo de Lesbos tivesse sido uma lésbica, com certeza seria uma ‘lésbica’ muito diferente daquelas que, pelos padrões atuais, são identificadas enquanto tal. A partir dos cantos de Safo fica evidente que ao seu redor se reuniam diversas garotas num relacionamento que alguns

estudiosos equiparam ao do professor com o aluno. É possível, contudo, que ela tivesse se envolvido em relações sexuais com as garotas sobre as quais escreveu.

Na Roma antiga, os homens não aceitavam a homossexualidade feminina porque esta afrontava a masculinidade, subtraindo dela o direito de propiciar prazer. Bassa, uma lésbica romana, foi descrita como uma mulher que ousava “*unir duas vulvas e, num simulacro de amor, substituir o homem ausente*” (ROSITO: 1998, 130). Outra crença afirmava que as lésbicas seriam mulheres que teriam nascido em um corpo errado, a teoria da ‘inversão congênita’, uma imagem estereotipada que reduzia a homossexualidade a algumas características físicas (SPENCER: 1996).

Este quadro desigual de estudos sobre a prática da sexualidade entre homens e entre mulheres propicia uma compreensão dos processos sócio-histórico-culturais onde a mulher e a sua sexualidade foram sendo categorizadas como ‘inferiores’, ou assunto de pouca importância.

Luiz MOTT (1988), através do artigo “Desventuras de um Português no Brasil Seiscentista”, conta as peripécias do sodomita Luiz Delgado que é perseguido pelos Inquisidores por prática do “*abominável pecado nefando*”⁹. As acusações eram mais notórias devido às denúncias de que este tabaqueiro era tão devasso e escandaloso que amigou-se com, no mínimo, quatro rapazes. Desenvolveu com eles ‘casos’ fixos e prolongados, chegando à coabitação. A Mesa Inquisitorial concluiu que era um escândalo público o fato de dois homens viverem “*de portas a dentro como marido e mulher*”, maior que o fato de esporádicas relações íntimas ou manifestações de carinho homossexual. Com esta reconstrução da história de Luiz Delgado, o autor pretendeu demonstrar que a intolerância contra homossexuais devia-se mais ao fato desta conduta ser perturbadora da hierarquia social – “*elevando seus amantes inferiores na idade, condição estamental e racial ao mesmo nível de igualdade*” (p. 125) – do

⁹ ‘Nefando’ significa aquilo que é indigno de se nomear, o que não pode ser falado. Esse conceito remete diretamente a Paulo de Tarso, um dos principais teórico cristão que, à respeito da homossexualidade, afirmava: “*que essas coisas não fossem sequer mencionadas entre nós*” (In: MOTT: 1987, 08).

que uma repulsa a esta prática sexual. Pretendeu também ressaltar manifestações do que é hoje denominado 'homofobia'¹⁰.

Para além das proibições, a homossexualidade continuou a ser uma prática presente na maioria das culturas, porém, sempre sendo considerada como minoritária. Os movimentos de 'minorias' incluem também outros segmentos sociais, como mulheres e se refere às tentativas de melhoria das condições de existência destes segmentos da sociedade, além de lutas contra a discriminação e o preconceito. Um valor social, portanto, não estatístico.

KINSEY (1948), realiza uma confusão em torno do conceito 'minoria' homossexual quando afirma que é difícil precisar que minoria é esta, que ainda não faz parte dos estudos demográficos da sociedade ocidental – cristã, heterossexista, familista – e restrita à sexualidade reprodutiva. Insistindo num valor estatístico, KINSEY, não considera os homossexuais uma minoria social, pois metade de seus pesquisados admitiram ter experimentado, antes da puberdade, prática sexual não enquadrada nos padrões heterossexuais tradicionais.

Apesar das críticas que este autor tem recebido, a leitura do Relatório Kinsey (1948) ajuda a revelar a inexistência de causas naturais da homossexualidade. O autor estabelece, então, um *continuum* que iria do comportamento exclusivamente heterossexual até o comportamento exclusivamente homossexual, evitando assim a divisão do comportamento sexual em dois grupos estanques: homossexuais e heterossexuais. Estas categorias sociais – 'homossexual' e 'heterossexual' – não abrangeriam a totalidade dos comportamentos sexuais. Ao contrário de muitos cientistas que insistem em permanecer nesta dicotomia, KINSEY (1948) desenvolveu uma escala tendo como base as experiências físicas e as estimulações mentais (sem contato físico), tentando demonstrar que os homens não devem ser classificados como 'heterossexuais' ou 'homossexuais'. Seu estudo, contudo, compilou informações a respeito de homens brancos norte-americanos apenas, o que reduz significativamente as possibilidades de generalização de suas conclusões.

¹⁰ Trata-se de um vocábulo cunhado em 1972 e que se refere ao comportamento, variável culturalmente, de medo e/ou intolerância frente à homossexualidade. Homófobos tanto podem ser os hetero quanto os próprios homossexuais.

Estes dois autores, Luiz MOTT e Alfred KINSEY, são considerados polêmicos, pois se de um lado apresentam importantes contribuições conceituais, de outro, são questionados pelas limitações de suas fundamentações teóricas. Não há, contudo, como ignorá-los.

Para além das 'querelas' teóricas discursivas, observa-se que, via de regra, a homossexualidade ainda é considerada um desvio da heterossexualidade – estabelecida por muitos como 'norma' ou 'padrão' do comportamento sexual; um desvio que pode ser considerado como uma outra via, um outro caminho. Acontece que, dentro das inúmeras possibilidades da sexualidade humana, também a homossexualidade apresenta um leque muito grande de diferenciações, que não se restringem apenas à igualdade de sexo. A homossexualidade pode ser muitas coisas, não existindo uma homogeneidade sob o rótulo homossexual (SELL: 1987). É possível que existam tantas homossexualidades quanto existem homossexuais.

A perspectiva aqui adotada é a de que "*não se nasce homossexual, aprende-se a sê-lo*". Esta é uma afirmação de POLLAK (1987, 58) que define, ainda, que a 'manifestação' frequentemente aparece entre os dezesseis e os trinta anos, e que a 'carreira' homossexual começaria com o reconhecimento dos desejos sexuais específicos e com o aprender dos lugares e do modo como encontrar os parceiros. Estender-se-ia por muitos anos o processo que vai do primeiro sentimento homossexual até o 'assumir' de sua orientação sexual. Passado este período inicial, o homossexual especialmente o masculino, estaria pronto para entrar no '*mercado dos intercâmbios sexuais*'. POLLAK (1987) utiliza a imagem de um mercado, pois na homossexualidade masculina haveria principalmente "*trocas de orgasmo por orgasmo*" (id. 59).

Apesar de acreditar numa idéia de construção da homossexualidade, de suas vivências e práticas, POLLAK demonstra crer na existência de um único modelo de homossexual, quando afirma os passos para se adentrar na carreira e no mercado das preferências homossexuais. Seu trabalho é revelador de uma realidade existente não só na França – local de seus estudos – como em muitos dos recantos deste Brasil. Parece perigoso, contudo, afirmar que todo homossexual tem como 'instituições-chaves' os bares, saunas,

cinemas, restaurantes especializados ou parques, assim como afirmar que, em geral, todo ‘homossexual médio’ teria várias dezenas de parceiros por ano e algumas ‘centenas’ no curso de sua vida. É possível afirmar que muitos homossexuais possuem este estilo de vida e que, talvez, esta seja a maneira como os homossexuais, especialmente os masculinos – insisto, como o autor – colocam-se frente às discriminações sofridas no seio da sociedade circundante. Ao generalizar que a vida sexual do homossexual é muito intensa e com uma forte tendência à promiscuidade, o autor, no entanto, corre o risco de desconsiderar outros tantos homossexuais que possuem outro estilo de vida.

Localizando a discussão no contexto nacional, FRY (1982) afirma que os conceitos de homossexual, e até mesmo o de homossexualidade não servem para descrever o “*sistema de representações sociais*” que existem nos Brasis – de Belém (PA) aos guetos das classes médias das grandes metrópoles brasileiras. Além disso, argumenta que para se entender as representações sobre a sexualidade, é preciso perceber em que contexto político elas são produzidas.

O sistema de relacionamento – homem-bicha, sapatão-mulher – é uma construção que se originou fundamentalmente a partir de noções do sexo fisiológico e, principalmente, do sexo social, organizando, numa determinada camada da população, os papéis sexuais. Um ‘bicha’, neste sistema, necessariamente desempenha um papel feminino/passivo na relação, produzindo caracterizações exageradas de figuras femininas, enquanto que o que representa o papel masculino/ativo é considerado o ‘homem’. Entre as mulheres, o ‘sapatão’ ou ‘fanchona’, desempenharia aspectos inerentes ao papel masculino. Esses relacionamentos revelariam uma caricatura dos padrões heterossexuais vigentes, com a ‘fanchona’ procurando imitar os homens, chegando algumas a usar cuecas e adotar gestos bruscos para com as suas ‘*ladys*’.

Com ‘bichas’ e ‘sapatões’ ocorre o fenômeno da gradação dos papéis sexuais, fato comum, também, entre heterossexuais. O leque de possibilidades varia da ‘bicha’ levemente efeminada até o travesti e o transexual, o mesmo fenômeno ocorrendo entre as ‘sapatões’ que vão da vagamente masculinizada até aquelas mulheres-macho ou, como algumas preferem ser identificadas, ‘caminhoneiras’. No entanto, algumas pessoas reagem aos estereótipos

exacerbando os papéis heterossexuais. Alguns homens *gays* com medo de serem identificados como *gays* ou de serem discriminados, buscam agir como super-machos. PERLONGHER (1987) e POLLAK (1987) apontam que esse resgate da virilidade, ou desse ideal de homem super viril, tem como objetivo seduzir amantes também ‘masculinos’. Algumas mulheres lésbicas têm atitudes muito femininas pela mesma razão.

O surgimento, a partir da década de 60, de uma nova identidade sexual (o *entendido*), redefine a homossexualidade no que diz respeito ao seu papel de gênero e ao comportamento sexual (ativo/passivo) desempenhados na relação. Neste novo sistema, o *entendido (a)* se relaciona com o *entendido (a)*. “*Para estes, a questão de ativo e passivo não se coloca – tudo é ‘transa’.* Definem a relação como homossexual, assim como ambos parceiros da relação” (GUIMARÃES: 1977, 110). Deixa de ser claramente definido o papel de gênero onde o *homem* se relaciona com a *bicha*. A partir deste momento, surge “*a possibilidade e aceitabilidade de relações sexuais-afetivas entre indivíduos semelhantes*”. Se no sistema *homem-bicha* se exalta a diferença nos papéis de gênero e a hierarquia, no novo sistema *entendido(a)-entendido(a)* busca-se a igualdade e a simetria (GUIMARÃES: 1977; FRY: 1982). Esta nova realidade social que tem como base a orientação sexual dos sujeitos, passa a conviver, nem sempre harmonicamente, com o modelo hierárquico ‘homem-bicha’.

Esta denominação ‘entendido (a)’ pode ser considerada como um equivalente do conceito de *gay* que surgiu nos Estados Unidos na mesma época. Evitando os trejeitos agregados às figuras do ‘bicha’ ou da ‘sapatão’, o (a) ‘entendido (a)’ buscava se relacionar sexual e afetivamente com outro (a) ‘entendido (a)’. Interessante é observar que este sistema de homossexualidade, considerado moderno, vai ao encontro do modelo médico, do século XIX, que estabelecia que homossexual é tanto o ‘passivo’ (o ‘bicha’) quanto o ativo (o ‘homem de verdade’); o que importa é que o sujeito pratique ou deseje praticar atos sexuais com outros do mesmo sexo. Da mesma maneira, continua a dividir a sexualidade em duas categorias: a homossexualidade e a heterossexualidade, numa construção humana que gera categorias e as coloca em compartimentos separados, não deixando possibilidades para aqueles sujeitos que não se colocam como uma coisa ou outra.

Apesar das dificuldades, e sobretudo através dos movimentos de liberalização sexual ocorrido nas últimas décadas, a homossexualidade vai se tornando visível e produzindo uma reformulação do seu discurso com o aparecimento de uma nova realidade: um homossexual se relacionando com outro homossexual, procurando estabelecer um relacionamento mais estável e duradouro, tanto afetiva como sexualmente.

O sociólogo Michael POLLAK (1987), vê na cisão, relativamente forte, entre a afetividade e a sexualidade, a causa para a maioria dos sofrimentos e problemas dos homossexuais. A ausência desta cisão é que “*tende a fazer durar os relacionamentos heterossexuais*” (p.65). Segundo o ponto de vista deste autor, os relacionamentos homossexuais quase sempre se baseiam no intercâmbio sexual, fazendo com que a relação de casal raramente se prolongue além de dois anos, uma vez que se trata de uma relação que se complica desde logo com dramas, angústias e infidelidades. Sem um modelo de vida social próprio “*o casal continua sendo o ideal sentimental, apesar de fracassos sucessivos e quase inevitáveis*” (id.).

Segundo o mesmo autor, a busca agora seria a de reconciliar as pulsões sexuais com o ideal sentimental de um relacionamento estável, pois, geralmente após a separação, mesmo em relacionamentos de curta duração, o que se observa são *explosões apaixonadas, encenações fulminantes e elaboradas*. Estas rupturas podem ser interpretadas como rituais de passagem do amor à amizade, com uma estabilização do relacionamento, com a exclusão do relacionamento sexual, que se desloca para a confiança e para a confidência.

Surge, então, uma rede de relacionamentos amigáveis, como uma espécie de ‘*família homossexual aumentada*’, que cumpre a função de garantir a segurança afetiva, que não se realiza no casal. Afirma o autor que se estabelece uma espécie de *tabu do incesto* entre estes ex-amantes onde, além da proibição do contato sexual ocasional “*compartilham a cumplicidade e os altos e baixos da vida íntima*” (ibid. 67).

Esta reflexão de POLLAK parece excluir o relacionamento homossexual baseado na paixão, ou na ilusão do amor romântico, sendo este apresentado apenas enquanto encontro sexual. Com este tipo de afirmações há um reforço àqueles que vêm nos homossexuais

interesses meramente sexuais; assim, parece ser incompatível a existência da atração sexual conjuntamente com algum tipo de sentimento amoroso ou afetivo. Esta ênfase no sexual pode ser observada especialmente em alguns relacionamentos homossexuais, assim como também em casais heterossexuais, mas não corresponde à diversidade das práticas contemporâneas da homossexualidade, na qual está incluída a procura de um homossexual dirigida para outro homossexual, numa busca romântica de completude.

Para ARIÈS (1987, 86),

“o sentimento não está ausente dessa sociedade homossexual, mas ele fica reportado para após o período de atividade sexual, sempre breve: a homossexualidade rejeita os longos compromissos e nisto não difere da heterossexualidade dos dias de hoje. As pessoas não se amam mais por toda vida, mas na intensidade do instante não renovável, uma intensidade pouco compatível, parece, com a ternura, com o sentimento”.

Esta realidade é confirmada em muitos depoimentos e, principalmente, nos relatos e na literatura específica da área. Entretanto, como já foi visto, trata-se de uma realidade que aos pouco vai se alterando. Com uma nova imagem de si e como resultado de anos de lutas e desencontros, os homossexuais vão buscando uma nova definição para o seu ‘amor’, agora não mais um crime ou um pecado *“inter Christianos non nominandum”*. Alguns buscam o estabelecimento de parcerias mais duradouras através de uniões gays ou lésbicas e o estabelecimento de uma rede social homossexual, onde o gueto deixa de ser a única atração (CÓRDOVA, 1997).

Não obstante, a homossexualidade, esta atração, este amor que atrai um homem em relação a outro homem ou uma mulher para outra mulher é, ainda, uma ‘situação moral’ que aos poucos vai se tornando mais visível nas sociedades ocidentais. A trajetória para se livrar de culpas, de medo, dos ‘fantasmas’ do pecado e do castigo ainda é muito presente. *Um amor que [durante muito tempo] não ousou dizer seu nome* e que levou para a prisão o autor desta expressão – o poeta irlandês Oscar Wilde (1854-1900).

Hoje, uma das lutas dos movimentos de homossexuais é a do reconhecimento das uniões estáveis entre eles, do seu direito ao amor, à intimidade. Enfim, como produção

individual e social, a realidade homossexual é um fenômeno como outro qualquer da realidade da vida em sociedade. As uniões entre os homossexuais já são consideradas acontecimento comum. Trata-se, então, “*de orientar o fenômeno da melhor maneira jurídico-positiva, quer dizer, depois do pleno conhecimento das distintas perspectivas analíticas; e por exigência do bem comum e do fim da sociedade*” (HIGUERA: 1995, 127).

Com o reconhecimento do direito civil da convivência homossexual estável, voluntária e interpessoal haveria o respaldo jurídico para o sentimento de aceitação ou, pelo menos, o de não exclusão dos parceiros do meio de sua comunidade. Haveria uma maior igualdade entre situações hetero e homossexuais de todas as ordens, como idêntica situação fiscal, capacidade legal de sucessão, segurança social, moradia em comum sem discriminação social.

Ainda que a aprovação, no Brasil, da ‘parceria civil registrada’¹¹ – como ficou conhecido o projeto de institucionalização da parceria homossexual – significasse a tão esperada conquista dos direitos civis para *gays* e lésbicas, a atitude pessoal e do casal em torná-la legalizada passa pela superação de algumas questões: 1. Reconhecer tal ato como importante para a relação, admitindo que os benefícios da lei são fundamentais para a garantia dos direitos civis; 2. De ordem pessoal, significa o ‘assumir para si’ sua homossexualidade a ponto de torná-la pública – um ato pessoal de coragem; 3. Reconhecer a importância da visibilidade conferida pela lei – um ato político frente à sociedade; 4. Superar os preconceitos normatizadores fortemente internalizados (CÓRDOVA, 1997).

Se ao nível individual o projeto de ‘parceria civil registrada’ pode não ser importante, pois é de fórum íntimo, ao nível coletivo da vivência homoerótica, trata-se da mais significativa conquista política até então. A própria existência do Projeto já significa um avanço social. Reflete, mesmo que ainda timidamente, o reconhecimento jurídico de uma vivência sexual que não pode ser mais ignorada e muito menos ficar à margem dos benefícios da lei.

¹¹ Como estratégia visando a sua aprovação na Câmara dos Deputados, o ex-relator do Projeto da Parceria Civil Registrada, o deputado Roberto Jefferson retirou a expressão ‘pessoas do mesmo sexo’ e a parceria transformou-se num pacto de solidariedade assinado por duas pessoas não importando mais a orientação sexual.

2.2. A conjugalidade, a família 'moderna' e o amor romântico

Apesar da falta de reconhecimento e de amparo legal muitos homossexuais optam por viverem uma relação a dois, como num casamento. Fazem deste arranjo cotidiano um 'estilo de vida' e na busca de alternativas para este modelo de convivência a dois, vão experimentando novas formas relacionais que estão sendo usadas por alguns que desacreditaram da tradicional forma de viver com outra pessoa, mesmo entre pessoas de sexo oposto.

Um fenômeno relativamente recente, na sociedade ocidental, é a opção dos jovens heterossexuais de viverem como casais, sem serem casados e não reivindicando a coabitação. Segundo BÉJIN (1987), os jovens ao experimentarem este modo de vida buscam conciliar traços da vida conjugal e das uniões extraconjugais, mesmo sem ter consciência do fato. Este relacionamento tende para uma síntese de um amor conjugal comedido com um amor extraconjugal apaixonado, que aspira à intensidade, preservando-se da fecundação e obtendo ganhos paralelos sem grandes sacrifícios.

A prática da coabitação não atrelada ao contrato civil tem sido cada vez mais exercida pelos casais heterossexuais e é o modelo adotado por um grande número de homossexuais, tendo em vista a impossibilidade da sua regulamentação jurídica. A coabitação já é um modo de vida comum a muitos casais de homossexuais.

De acordo com a literatura pesquisada uma das características que diferenciam a conjugalidade entre lésbicas e *gays* é que, entre as mulheres, as relações tendem a ser mais duradouras, ocorrendo uma convergência maior para o doméstico. O sexo não ocupa o mesmo lugar privilegiado daquele destinado ao amor – haveria uma maior valorização da afetividade em detrimento da satisfação do meramente sexual. FRY & MacRAE (1983), afirmam que o sexo entre as mulheres é muito menos freqüente do que entre homossexuais masculinos. O tempo médio de duração destes relacionamentos – ainda de acordo com a literatura – é, em geral, de três anos (LASSO, 1995; POLLAK, 1987).

O comportamento observado nestes casais pode ser definido como se tratando de uma relação de pares que escolheram conviver sob o mesmo teto, numa configuração semelhante ao casamento heterossexual, porém evitando assumir os tradicionais papéis atribuídos ao homem e à mulher. Esta ideologia igualitária, com o seu *modelo simétrico* traz uma conotação de ‘moderno’ ao relacionamento homossexual, no dizer de FRY (1982), ao recusar a distribuição tradicional (hierarquicamente construída) dos papéis de gênero, configurando uma conjugalidade homossexual que privilegia “*um universo simbólico caracterizado por uma aceitação da homossexualidade como estilo de vida e por uma moral moderna de valorização da singularidade e liberdade individuais*” (HEILBORN: 1991, 03-04).

Este casal ‘moderno’ é fundado em nome do amor, com seus sentimentos de solidariedade e de arrebatamento sexual, onde a relação é acompanhada de uma distribuição igual das tarefas domésticas e uma paridade do suporte financeiro. Pode ser caracterizado como “um núcleo de trocas afetivo-sexuais com uma não demarcação de papéis conjugais (Cf. Bott, 1976), que importa mais em precedência do que exclusividade frente a outras relações” (HEILBORN: 1991, 06).

A mudança do modelo hierárquico, tradicional, para uma visão mais igualitária das formas de representação de dominação nas sociedades modernas pode ser melhor compreendido através das proposições de Louis DUMONT. Para este autor, ocorre no Ocidente um predomínio do individualismo em detrimento da totalidade social do Oriente, por exemplo, o sistema de castas hindu. Somente após esta transformação, onde a representação da totalidade é deslocada para o indivíduo, foi possível o surgimento dos movimentos de libertação homossexual, onde os pressupostos da igualdade e da liberdade eram a base das reivindicações e das críticas à sociedade. Para MacRAE (1990, 296), “*dentro do SOMOS¹² a rejeição de qualquer hierarquia era considerada essencial para a preservação da individualidade de seus integrantes*”. Esta tendência à individualização estaria enfatizada na aliança entre a ação política e o prazer, com uma recusa de qualquer tipo de tarefas desagradáveis em nome do coletivo.

¹² O “Grupo SOMOS de Afirmação Homossexual” foi criado em 1979 na cidade de São Paulo/SP como um grupo de militância pelos direitos dos homossexuais.

*“Os **modernos** se insurgem (contra o princípio da hierarquia), mas é justamente ele que nos dá a compreensão da natureza dos limites e das condições de realização do igualitarismo moral e político ao qual os **modernos** estão ligados”* (DUMONT: 1979, 14)¹³.

Uma postura compartilhada por muitos homossexuais. Um individualismo ressaltado na sua permanente disponibilidade sexual, especialmente entre os *gays*, mas também compartilhado por algumas lésbicas. Estes homossexuais ‘conscientes’ buscavam chamar atenção para o ‘autoritarismo’ e a ‘reprodução de papéis’ dos relacionamentos mais estáveis e incentivavam os ‘casos abertos’.

Outro aspecto desta valoração do individualismo pelos homossexuais é atribuída à rejeição que sofrem por parte da sociedade com a adoção de uma postura mais defensiva, aí incluindo, o ‘cada um por si’. Uma postura que pode ser compreendida como uma oposição entre os sujeitos e a sociedade, geralmente percebida como constrangedora da realidade individual.

Para DUMONT (1985), o ordenamento social é uma consequência da hierarquia e estas duas categorias – hierarquia e igualdade – podem ser encontradas juntas em todo sistema social. Isto não implicaria em individualismo; este valor estaria presente, por exemplo, na *polis* grega e na comunidade de homens entre os muçulmanos. Seria apenas aparente esta contradição entre os dois princípios. Isto explica porque, mesmo em nossa sociedade ‘moderna’, há ‘resíduos’ deste caráter de hierarquia, como ‘*na relação entre os termos homem e mulher*’ (HEILBORN: 1992, 28), também, presente na relação homem-bicha. O racismo é apontado como um exemplo da presença da hierarquia nas sociedades igualitárias. HEILBORN (1992, 29) insiste no sexismo, apesar de não ver apenas na tradição o “*renitente diferencial entre os gêneros [que] mantém-se como ordenador do mundo social*”.

Neste jogo de complementaridade, onde se constroem os gêneros feminino e masculino, está presente a idéia de uma lógica interna e um ‘duplo padrão de moralidade’, onde a figura da mulher está associada ao ‘sagrado e aos valores do coração’. Ao homem caberia o papel de repositório da autoridade moral, mas não da afetividade. Neste modelo,

¹³ Conforme citação extraída de HEILBORN (1992, 18). Os negritos são de minha responsabilidade.

cabe à mulher revestir a prática da sexualidade com um sentimento amoroso, enquanto aos homens é possibilitado o exercício sexual sem amor. Uma ‘divisão’ moral que aos poucos vem sendo redefinida e revestida com aspirações igualitárias, em termos dos mesmos direitos civis para todos. Uma passagem do ‘tradicional’, ‘hierárquico’ para um modelo mais ‘moderno’, ‘igualitário’.

Este processo de mudança ocorre de uma maneira muito semelhante àquela citada por Sérvulo FIGUEIRA (1987, 16-7), quando fala da transição de um modelo de família mais hierarquizada para uma família mais igualitária:

“Na família igualitária, a identidade é ‘idiossincrática’: homem e mulher se percebem como ‘diferentes pessoal e idiossincraticamente’, mas como ‘iguais’ porque ‘indivíduos’. As diferenças pessoais subordinam (e são percebidas como mais importantes que) as diferenças sexuais, etárias e posicionais. Os sinais estereotipados da diferença homem/mulher tendem a desaparecer, se confundir ou se multiplicar, e os marcadores visíveis da diferença tendem, na medida do possível, a ser expressões do ‘gosto pessoal’. As noções bem delineadas de ‘certo’ e ‘errado’ perdem suas fronteiras, a noção de ‘desvio’ de comportamento, pensamento ou desejo perde clareza, e instaura-se, aparentemente, o reino da pluralidade de escolhas, que só são limitadas pelo respeito à individualidade do outro”.

Um processo de transição que longe de ser linear e homogêneo, mostra-se hesitante e ambíguo. De acordo com FIGUEIRA (1987, 16), este modelo de família igualitária produz uma situação instável pois, trata-se de uma “*igualdade formal entre pessoas diferentes que se relacionam tendo a igualdade como ideal regulador*”. Como resultado de seu trabalho, o autor conclui que não há uma ‘nova família brasileira’, uma vez que o ‘moderno’ ainda convive com o ‘arcaico’.

Apesar da discussão em torno da mudança destes paradigmas, uma das idéias ainda presente no imaginário social é a do amor romântico, que circula e faz parte, também, da realidade vivida por muitos homossexuais, independente de alguns deles¹⁴, especialmente os masculinos, persistirem na idéia de que a sexualidade é algo prazeroso – é ‘explosiva’ e ‘maravilhosa’ – na medida em que ‘não envolve afeto’, ou ‘nenhum amor’. Para GIDDENS

¹⁴ Esta discussão é apresentada por DAUSTER (1987) ao tentar compreender como as categorias amor, sexualidade e família são socialmente construídas; e, por POLLAK (1987; 1990).

(1993), o amor romântico, como um produto cultural, deve ser diferenciado do amor apaixonado, este sim, um fenômeno mais ou menos universal. Relatos sobre o amor apaixonado sobrevivem entre as relíquias do Egito antigo e estão presentes entre os habitantes da Ilha Trobriand¹⁵, tanto quanto entre os europeus ou outra cultura ocidental.

“Nas ligações do amor romântico, o elemento do amor sublime tende a predominar sobre aquele do ardor sexual. ... O amor rompe com a sexualidade, embora a abarque; a ‘virtude’ começa a assumir um novo sentido para ambos os sexos, não mais significando apenas inocência, mas qualidades de caráter que distinguem a outra pessoa como ‘especial’” (GIDDENS: 1993, 51).

O amor romântico apareceu na história como um amor feminilizado. A promoção do amor era, predominantemente, uma tarefa das mulheres – o século XVIII propiciou o aparecimento de um conjunto de influências que afetaram diretamente as mulheres, tais como a criação do lar, a modificação das relações pais e filhos e a ‘invenção da maternidade’. Reclusas ao seu lar e isoladas do mundo exterior, as mulheres podiam contar histórias onde, em uma narrativa pessoal, o eu e o outro sobreviviam sem ligações especiais ou particulares com os processos sociais mais amplos. Os ideais do amor romântico incluíam, assim, uma certa liberdade e uma capacidade de auto-realização.

Aos homens eram facultadas as tensões entre o amor romântico – restrito ao ambiente doméstico – e o amor apaixonado das ligações extraconjugais – dedicado às amantes ou prostitutas. Os homens se distinguiam das mulheres e distinguiam-nas em outras duas categorias: a da esposa, mãe dos seus filhos e a da amante ou da prostituta. A imagem de ‘esposa e mãe’ toma-se um elemento novo na cultura e as mulheres, especialistas em assuntos do ‘coração’. GIDDENS (1993, 54), ilustrando estes novos personagens culturais recorre a um artigo sobre o casamento escrito em 1839 por Francesca M. Cancian que afirma: *“o homem exerce domínio sobre a pessoa e a conduta de sua esposa. Ela exerce o domínio sobre as inclinações do marido; ele governa pela lei; ela governa pela persuasão... O império da mulher é um império de suavidade... suas ordens são as carícias, suas ameaças, as lágrimas”*.

Cada vez mais distinto do amor apaixonado, o amor romântico, juntamente com outras mudanças sociais, vai se envolvendo com as transformações ocorridas que afetaram

¹⁵ O ‘amor’ entre os habitantes da Ilha Trobriand é discutido por Bronislaw Malinowski (1973).

profundamente a idéia de casamento e outros aspectos da vida pessoal. Como já foi ressaltado anteriormente, ARIÈS (1981) declara que na Europa pré-moderna os casamentos eram contraídos em função da situação econômica. Com o advento do amor romântico, cria-se uma ‘história compartilhada’ rumo a um futuro previsto, separa-se “*o relacionamento conjugal de outros aspectos da organização familiar, conferindo-lhe uma prioridade especial*” (GIDDENS: 1993, 56). Uma idéia que sugere que o amor verdadeiro, quando encontrado, é para sempre e que garante ao indivíduo o direito de ter sentimentos próprios. Idéia que aparece para ser realizada apenas entre sujeitos heterossexuais e que, aos poucos, vai sendo apropriada pelos homossexuais, quer sejam eles ‘masculinos’ ou ‘femininos’, o que não estava previsto nessa época tão profundamente heterossexista.

Durante a realização da primeira pesquisa¹⁶ foram identificados oito pares de homossexuais que já estavam convivendo por mais de cinco anos, numa relação de coabitação baseada no ideal do amor romântico e considerada estável e duradoura, de acordo com critérios legais¹⁷ definidos para pares heterossexuais. Através dos depoimentos colhidos, buscou-se investigar como e quando tiveram consciência de sua homossexualidade, o que é ‘assumir’ para eles e como concretizam, em sua vivência, o significado do casamento. Chamou a atenção o padrão de relacionamento que estes casais construíram para si. Em todos os depoimentos, houve referências a um modelo romântico do casamento e do amor.

Fidelidade e honestidade eram componentes inquestionáveis das aspirações destes sujeitos quanto ao seu companheiro. A divisão sexual do trabalho no casal e a atribuição de papéis por sua vez continuavam aquelas normatizadas através do padrão de família tradicional. Encontrou-se também, nestes casais, aquele que se dedicava mais às coisas da casa, enquanto o (a) parceiro (a) mediava a relação do casal com o espaço público da rua, mesmo que ambos trabalhassem fora. Assim como dentro de casa, havia aquele que trocava a resistência do chuveiro enquanto o outro cozinhava. Longe da promiscuidade usualmente atribuída a estes sujeitos, estes casais, talvez até mesmo por isto, buscavam uma estabilidade e

¹⁶ Córdova, L. F. Neves. A Relação Homossexual e a Desmitificação do Casamento Homossexual. Florianópolis, 1997. Monografia (Especialização em Educação Sexual) – Faculdade de Educação, UDESC.

¹⁷ A lei 9278, de 10 de maio de 1996, disciplinou a convivência de casais heterossexuais sob o mesmo teto. Cinco anos já caracterizam esta relação como ‘duradoura, pública e contínua’, este limite cai para dois anos se o casal tiver filhos.

uma organização de vida que incluía o casamento monogâmico com todas as suas características, exceto a procriação.

Os padrões de sociabilidade por eles construídos – conviviam quase que exclusivamente com outros homossexuais, principalmente no que se refere à esfera do lazer – se reforçavam a segregação por um lado, por outro protegiam-nos dos olhares reprovadores. O próprio advento da AIDS podia estar contribuindo para a busca da monogamia, evitando o risco nas trocas de parceiros. De qualquer forma, a monogamia constituiu um exemplo evidente de como os padrões tradicionais, mesmo entre aqueles que supostamente são transgressores da norma, continuavam funcionando no imaginário social e nas práticas efetivas.

Pode-se observar, através dos depoimentos, que as uniões entre os homossexuais iam pouco a pouco se constituindo como ‘públicas’, duradouras e contínuas.

2.3. A constituição do sujeito e a construção da homossexualidade

Como uma construção histórica e, portanto, social e cultural, a homossexualidade apresenta uma enorme diversidade de formas de manifestação, sendo impossível se falar numa única trajetória homossexual. De acordo com POLLAK (1990, 30) a própria “*composição do círculo de amigos reflete essa construção de si*”. Se nos vínculos familiares muitos homossexuais vivem um sentimento de estranheza devido aos desejos que originam sua diferença, e que os fazem sentir-se à parte, na escolha das amizades “[exprimem] a vontade e a capacidade individuais de organizar a própria vida social segundo a espontaneidade de seus desejos” (id). Uma das explicações possíveis seria que sem apoio religioso, legal, ou, até mesmo sem uma história cultural, gays e lésbicas viabilizariam uma rede social onde a amizade seria muito valorizada, independentemente de raça, classe social ou crenças.

A ‘construção de si’, quando impossibilitada pela falta de vínculos familiares consistentes, vai procurar na roda de amigos o local para exprimir suas emoções e seus sentimentos. Amigos homossexuais ajudam a romper o sentimento de isolamento social dos

que ainda estão à procura de si mesmo, dando a sensação de uma comunidade, de um ‘nós’ organizado ou não. Contudo, aqueles homossexuais que se aceitam e se sentem aceitos têm tanto amigos homossexuais quanto heterossexuais.

O grau de aceitação pessoal e social e, portanto, o seu modo de interação no chamado ‘mercado sexual’ ajudam a contribuir “*para dividir os homossexuais em subgrupos que vivem o próprio destino de maneira muito diferente*” (POLLAK: 1990, 49).

Esquece-se que a constituição do sujeito é muito anterior ao aparecimento de sua orientação sexual, já que se trata de um processo socialmente produzido e que se acumula ao longo da história de cada indivíduo. Toda experiência e conhecimento produzidos pelas gerações que precedem os sujeitos são por estes apropriados e lhes fornecem os recursos que medeiam ou mediarão suas ações. O homossexual nasceu numa determinada realidade e com significados já estabelecidos sócio-historicamente, que o proviam, no mínimo, de abrigo e de alimentos. Independente de sua orientação sexual, este indivíduo, mantinha e mantém relações sociais com inúmeros outros sujeitos – similares ou diferentes entre si – e através destas se transforma em sujeito humano. Através do processo de mediação simbólica, especialmente a linguagem, vai se apropriando da cultura, internalizando-a. SHUARE (1990) alerta que, para Vygotski, a própria internalização¹⁸ não se realiza na simples passagem da função do exterior para o interior e sim que isto implicaria na transformação da estrutura desta função; ou seja, na constituição das próprias funções psíquicas superiores (o raciocínio lógico, a memória, a atenção voluntária, entre outras). Vygotski disse:

“Toda la historia del desarrollo psíquico del niño nos enseña que desde los primeros días de vida, su adaptación se logra por medios sociales, a través de las personas circundantes. El camino que va de la cosa al niño y del niño a la cosa pasa a través de otra persona. El tránsito de la vía biológica de desarrollo a la social es el eslabón central en el proceso de desarrollo, el punto de viraje radical de la historia del comportamiento del niño ... El lenguaje aquí un papel de primer orden” (In.: SHUARE: 1990, 66-7).

¹⁸ Talvez fosse o caso de, concordando com SIQUEIRA (1998, 02), utilizar-se o “verbo ‘apropriar’, ao invés de internalizar ou introjetar, por entender-se que o papel do sujeito, neste processo, é ativo, inter-ativo. Ao tornar próprio, ele imprime sua marca pessoal ao que foi apropriado, modificando-o”.

Pode-se observar que, em Vygotski, a Psicologia abandona sua tradição biológica e assume uma dimensão histórica dos fatos e fenômenos sociais, atribuindo uma origem social para as funções psíquicas. A afetividade, a linguagem, a cognição – para a Psicologia sócio-histórica – são relacionadas com as práticas sociais, “*uma vez que percebe o homem como inalienavelmente social, ou seja, tudo aquilo que o torna homem pertence à ordem do social, ao mundo da cultura, ao universo simbólico historicamente construído*” (SIQUEIRA: 1997A, 114). O ser humano passa a ser sujeito da história, fazendo parte e participando continuamente do processo de transformação de sua vida e cultura, ao mesmo tempo que é transformado. “*Ele é uma produção social na qual participa na condição de sujeito*” (PINO: 1993, 17). Esta maneira de pensar o sujeito está fundamentada na visão materialista e dialética do homem.

Vygotski, de acordo com SHUARE (1990), tem o mérito de ser o primeiro a aplicar o materialismo dialético e histórico à ciência psicológica. Suas propostas para a construção de uma Psicologia Histórico-Cultural são apresentadas por OLIVEIRA (1993, 28), que ressalta alguns postulados básicos da teoria marxista:

- *“O modo de produção da vida material condiciona a vida social, política e espiritual do homem;*
- *o homem é um ser histórico, que se constrói através de suas relações com o mundo natural e social. O processo de trabalho (transformação da natureza) é processo privilegiado nessas relações homem/mundo;*
- *A sociedade humana é uma totalidade em constante transformação. É um sistema dinâmico e contraditório, que precisa ser compreendido como processo em mudança, em desenvolvimento;*
- *As transformações qualitativas ocorrem por meio da chamada ‘síntese dialética’, onde, a partir de elementos presentes numa determinada situação, fenômenos novos emergem”.*

Com estes pressupostos é possível compreender as duas generalizações conceituais básicas e essenciais no processo de relação do homem com a cultura e a sociedade. A primeira generalização, a partir do historicismo, diz que o tempo humano é história, tanto ao nível individual quanto social, e que a história da evolução da sociedade pode ser compreendida através do processo de uso de instrumentos que se interpõe entre o sujeito e o objeto de uma atividade produtiva (transformadora). O sujeito ao transformar a natureza, trabalhando sobre ela, ao mesmo tempo se transforma, é transformado por ela.

A segunda generalização, produzida historicamente, afirma que os fenômenos psíquicos humanos são possuidores de uma origem social, não podendo ser considerados como algo imutável ou invariável; e, com um desenvolvimento que depende da vida e da atividade social de cada sujeito. SHUARE (1990, 61), afirma que *“la historia de la psiquis humana es la historia social de su constitución”*. Isso ajudaria a explicar a diferença dos fenômenos psíquicos existente entre os humanos e os demais animais. Um salto qualitativo que implicaria, além do uso de certos instrumentos de transformação da natureza, no uso de certos instrumentos especiais, ‘os signos’, que se interpõem entre a função natural e seu objeto, capacitando o sujeito, fazendo com que ele se lembre, relate, planeje, escolhia alguma situação ou coisa; percebendo o mundo à sua volta: as funções psíquicas superiores, como as denominava Vygotski (SHUARE: 1990; FERRACIOLLI: 1999).

VYGOTSKI (1998, 59-60), ao falar sobre os instrumentos e os signos explica a função dos dois tipos de mediadores

“A invenção e o uso de signos como meios auxiliares para solucionar um dado problema psicológico (lembrar, comparar coisas, relatar, escolher, etc.) é análoga à invenção e uso de instrumentos, só que agora no campo psicológico. O signo age como um instrumento da atividade psicológica de maneira análoga ao papel de um instrumento no trabalho”.

Estas funções possibilitam ao ser humano atribuir significado às ações que realiza. Como o desenvolvimento orgânico das crianças acontece dentro de um meio cultural, torna-se possível afirmar que se converteu num processo biológico historicamente condicionado. Atividades reflexas de sucção, preensão, reações pupilares frente a estímulos rápidos e inesperados, movimentos em direção a algum estímulo auditivo ou visual, presentes nos seres humanos desde o seu nascimento, vão adquirindo significação à medida que *“envolvem o controle consciente do comportamento, a ação intencional e a liberdade do individuo em relação às características do momento e dos espaços presentes”* (OLIVEIRA, 1998. In. FERRACIOLLI: 1999, 16). A criança ao se apropriar do saber também vai se modificando, torna-se produto e produtora de cultura. Por estar inexoravelmente inserida num contexto cultural se defronta com toda uma carga de informações produzidas no entrecruzamento de diversas ordens, como classes sociais, gêneros e etnias.

Reforçando esta idéia – de que desde o seu nascimento, a criança se apropria das significações culturais do meio onde está inserida e que, através da sua experiência particular e em interação com os seus outros significativos, vai modificando-as – SIQUEIRA (1997A, 114), afirma:

“a criança apropria-se, portanto, do saber socialmente produzido, através das ações partilhadas com os outros significativos, incorporando as significações a elas atribuídas e modificando-as conforme sua vivência singular. Essas ações, por sua vez, ocorrem em situações também social e historicamente determinadas”.

Na perspectiva histórico-cultural, ao nascer, a criança já está inserida num universo social-cultural, isto é, constituído de produções culturais e de seres humanos. Ao se apropriar deste saber produzido pelas gerações antecedentes, a criança vai modificando a si mesma, seja enquanto organismo biológico ou seja enquanto sujeito cultural. A própria satisfação de suas necessidades, sejam de que ordem forem, está inserida num contexto social, fruto de um entrecruzamento de diversas ordens.

Costumeiramente, em especial algumas Psicologias do desenvolvimento afirmam que a criança após o nascimento, vai ‘naturalmente’ cumprindo etapas evolutivas até se tornar um adulto. Contrapondo esta idéia de desenvolvimento infantil como um processo de evolução progressiva, Vygotski *“lo entendió como un complejo proceso cuyos puntos nodales, de viraje, están constituidos por las crisis, momentos en los que se producen saltos cualitativos que modifican toda la estructura de las funciones, sus interrelaciones y vínculos”* (In. SHUARE: 1990, 74). A crise, em Vygotski, deve ser encarada como uma necessidade interna do desenvolvimento que serve para modificar velhas estruturas com a construção de outras novas. Com esta compreensão dinâmica do processo de desenvolvimento, observa-se que há períodos de relativa estabilidade e outros de mudanças radicais. PINO (1993, 18), alerta que, embora haja diferenças conceituais entre as teorias que estudam o funcionamento mental, *“um ponto consensual entre os autores é que a passagem da atividade prática infantil às formas adultas de atividade mental só ocorre quando a criança tem acesso ao universo dos signos”.*

O desenvolvimento do ser humano estaria, assim, condicionado à apropriação da cultura através da relação com os outros, o que ocorre em função da mediação dos significados. Esta mediação que possibilita a interação entre os elementos de uma relação é realizada pelo/através do sistema de signos, presente nos processos de comunicação entre os sujeitos, seja consigo mesmo ou na construção da sociedade onde vive. De acordo com GÓES (1992) falta, agora, para aqueles que estudam as proposições teóricas de Vygotski, caracterizar melhor quais são as contribuições do sujeito e quais as do seu outro significativo, no processo de desenvolvimento, bem como, a reciprocidade dessas contribuições.

Segundo a corrente histórico-cultural da Psicologia, a contribuição do outro, em interação com o sujeito, pode ser identificada “*como ação partilhada, ajuda, criação de estrutura e suporte (scaffolding), estabelecimento de ponte (bridging), transferência de responsabilidade ou controle, etc.*” (GÓES: 1992, 336). Descrita dessa maneira, a contribuição do outro participante se configuraria nos interjogos das ações, pois a criança organiza a ação através dos signos e as realiza a partir dos instrumentos – uma ação mediada pois realizada sobre um objeto e em relação a outros sujeitos. Como já foi dito anteriormente, o sujeito se constitui nas e pelas relações com os outros, apropriando-se das significações, normas, valores e costumes engendrados no seu contexto social.

É complicado, pois, afirmar que o homossexual vive à margem da organização social. Ele também, em algum momento, se apropriou das tradições do seu grupo cultural de origem – fundamentais nos seus primeiros anos de vida – e produziu um saber sobre a homossexualidade. Quando criança desenvolveu formas para se relacionar com as outras pessoas, simbolizar o mundo e perceber as suas próprias necessidades. No seu processo de individuação, aprendeu a diferenciar os pólos da relação, estando em contínuo movimento de alternância, confronto e superação (Wallon, citado por SIQUEIRA: 1997), ou de crises, no sentido de Vygotski (In. SHUARE, 1990). Suas funções psicológicas são construídas num processo de apropriação da experiência histórico-social partilhada, em interação entre o indivíduo e outros parceiros, ou nos confrontos de posições assumidas entre eles (Wallon citado por SIQUEIRA: 1997). O funcionamento do sujeito acontece numa determinada realidade social, que segundo GÓES (1992, 1991) vai além da dicotomia social/individual e que pode ser compreendida como

“participando na criação do funcionamento do sujeito, e não como um fator externo. O sujeito é parte (ou participa) da realidade social. O que quer que aconteça se dá entre sujeitos, em seus papéis complementares, posições reversíveis e regulações recíprocas” (1992, 340).

Através dos citados movimentos de alternância, confronto e superação – ou de crises – é que os sujeitos vão se constituindo e construindo a sua identidade de gênero. O processo de diferenciação do outro, ou de individuação, inclui *“o confronto com o outro da relação, momentos de imitação e de oposição a ele” (SIQUEIRA, 1997A, 115)*. A presença do outro significativo é que possibilita a apropriação da experiência cultural e o desenvolvimento da idéia do que eu sou, no espaço e tempo sociais¹⁹.

Em cada história particular (singular) se encontra um pouco daquilo que foi compartilhado com os outros. Uma construção que precede até mesmo o momento do nascimento do sujeito e que o torna compreensível para si mesmo e para os demais. O desenvolvimento do seu psiquismo dependerá da sua história de vida, das condições nas quais ele vive e interage (SIQUEIRA, 1997; GOÉS, 1991). É através da internalização, segundo Vygotski, que o sujeito vai transformando em seus os processos de regulação que delimitam e constroem seu espaço de atuação no mundo. Os processos de individualização e de socialização são sempre contextualizados e, portanto, as apropriações realizadas pelo sujeito são sempre mediadas pelos outros significativos da própria sociedade onde ele está inserido.

É através da linguagem, talvez o mais preeminente processo de produção de significação, que ocorre o processo de mediação simbólica que possibilita a internalização da cultura, assim como o registro e a transmissão da produção cultural, neste momento ou entre gerações pois é historicamente acumulada. Para PINO (1993, 22)

“Fica claro, portanto, que a apropriação ou internalização pela criança do universo cultural dos homens não é uma operação simples, que possa ser reduzida a um mero processo de aprendizagem. Não se trata, tampouco, de uma operação de simples transferência de práticas e conteúdos culturais do plano social ou externo para o plano individual ou interno, como pode deixar entender

¹⁹ Para SIQUEIRA (1997, 116) o conceito de identidade, como uma experiência cultural, traz, pelo menos, três noções implícitas: *“a) a idéia de igualdade, tal como propalada na modernidade através da declaração dos direitos do homem; b) a idéia complementar, ou seja, de que todo homem é único, singular; e c) a idéia de que o sujeito singular, portador de uma história pessoal constituída através de suas relações com outros sujeitos e inscrita no movimento da história, pode se reconhecer na sua individualidade”*.

o conceito de internalização. Trata-se, ao contrário, de uma operação complexa de re-constituição (reprodução-criação) em e pela criação de algo já construído pelo gênero humano e que define a história dos homens”.

Os indivíduos e as famílias, entretanto, não apenas reproduzem as condições ditadas pela sociedade. Em geral reagem de diferentes maneiras às contingências colocadas pela convivência social. Através de conflitos e contradições, ou acomodação e apropriação, vão encontrando um espaço onde podem (re)agir frente aos ditames sociais (regras e normas). Uma trama dialética estabelecida entre a realidade social e o sujeito individual – através de uma mediação semiótica – onde ambos se enredam mutuamente.

SIQUEIRA (1997B, 31) sintetiza estas idéias, derivadas do materialismo histórico e dialético, quando assinala que

“Através do trabalho o homem modifica a natureza, no sentido da satisfação de suas necessidades e, ao mesmo tempo, modifica a si próprio. Sua atividade materializa-se em seu produto e cada geração encontra ao seu dispor um arsenal de objetos e fenômenos criados pelas gerações precedentes. Isso se dá também com relação às idéias, ao pensamento e ao saber, de maneira que o que a nova geração produz é, ao menos em parte, decorrente da apropriação dos resultados da atividade das que lhe antecederam”.

Como já foi dito anteriormente, a História tem demonstrado que nunca houve uma única homossexualidade e que mesmo a prática sexual entre sujeitos do mesmo sexo nem sempre foi reconhecida desta maneira, ou assim nomeada. Cada cultura tem construído arranjos diversos para aceitação ou rejeição destas práticas homoeróticas. Da mesma forma, as sociedades ocidentais – em particular aquelas sob influência da cultura norte-americana e/ou européia – vem desenvolvendo uma nova maneira de vivência e prática homossexual. Mobilizados pelos movimentos organizados, na busca de garantia de direitos civis e do fim da violência e da discriminação, homens e mulheres vão configurando um novo estilo, uma nova imagem da homossexualidade, onde ambos os parceiros envolvidos na relação se identificam enquanto homossexuais, sejam *gays* ou sejam *lésbicas*. Uma nova produção cultural que só se tornou possível após anos de mobilização e luta que provocaram transformações em toda a sociedade.

Segundo Leontiev, pode-se afirmar que cada indivíduo aprende a ser um homem ou uma mulher e é fundamental que se aproprie do “*que foi alcançado no decurso do desenvolvimento histórico da sociedade humana*” (In. SIQUEIRA: 1997B, 31).

Talvez seja aí que *gays* e *lésbicas* incomodem tanto e a tanta gente, não aceitando o lugar para eles determinado – sendo cada vez mais ‘visíveis’ e parecendo ‘normais’ – desestruturando o que a sociedade convencionou ser ‘macho’ e ‘fêmea’. Isto sem levarmos em consideração um fenômeno cada vez mais presente nas culturas urbanas contemporâneas: as *drag-queens*, os *drag-kings*, os travestis e os transexuais, que apesar de não serem bem-vistos, confundem, com a sua transformação, os limites impostos aos gêneros, rompendo essas idéias fixas de ‘masculino’ e ‘feminino’.

Neste sentido, a homossexualidade funciona como um prisma das contradições internas da heterossexualidade. Uma fronteira que sintetiza dúvidas e temores e que demonstra que a sexualidade heterossexual é uma construção muito frágil, não sendo tão fixa e ‘natural’ como se pretende fazer crer. A homofobia pode ser vista como uma forma de controle social pois jogos, brincadeiras e práticas homossexuais são comuns durante a adolescência.

Como uma construção sócio-histórica, a sexualidade – seja hetero, homo, bi ou não rotulada – não precisa mais ser considerada como fixa e acabada, sendo concebida como uma representação que cada sujeito vai cotidianamente reatualizando ao longo das diferentes ‘etapas’ de sua vida e de acordo com o contexto em que atua. Do mesmo modo que o sentimento de pertencer ao sexo feminino ou ao masculino é que vai possibilitar o reconhecimento da identidade de gênero. Não em decorrência de sua anatomia sexual ou da possibilidade de reprodução da espécie, e sim como uma simbolização cultural sobre as diferenças anatômicas que, na forma de práticas, discursos e representações sociais, vão definindo a conduta e a subjetividade dos sujeitos em função do seu sexo. Esse nascer dentro de uma categoria sexual é que inscreve o corpo dentro da ordem social estabelecida e que vai constituindo o masculino, o feminino ou o desviante, como preferem alguns autores. A identidade de gênero torna-se, assim, uma espécie de guia para a atuação do sujeito no mundo e um dos suportes centrais da construção de si.

No seu trabalho sobre identidades masculinas, FULLER (1997, 18-9) escreve que *“a pesar de ser un producto cultural, la identidad de género no está abierta a la elección de cada sujeto; por el contrario, las personas se ven forzadas a entrar dentro del esquema normativo del sistema de sexo y género de su cultura”*. Essa arbitrariedade cultural estaria apoiada, segundo a autora, nos conceitos de *“actuación”* e de *“repudio”*. Ao primeiro corresponderia a reinteração obrigatória das normas culturais que definem a maneira de ser, atuar e sentir de cada sexo. São atualizações de normas socialmente produzidas antes do seu nascimento e que o sujeito vai apropriando e criam a ilusão de que o gênero seria possuidor de um núcleo fixo e organizador. Um simulacro, pois os sujeitos se apropriariam desses discursos e regulamentos sociais preexistentes, como se eles fossem um original que precisaria ser imitado. Ao conceito de *“repudio”* corresponderia o rechaço através do qual o sujeito mantém e reconhece seus limites, constituindo-se como ‘o que não se deve ser’. Ao contrastar-se contra algo, o sujeito vai definindo seus contornos.

Como já foi assinalado, devido ao padrão normativo instituído em relação aos sexos (heterossexualidade obrigatória), há sempre um ‘fantasma’ rondando essa sexualidade não fixa e/ou concluída, o que faz com que haja sempre a necessidade de reafirmá-la, confirmando as fronteiras de gênero onde o sujeito pode reconhecer-se. No caso dos homens, por exemplo, a feminização e a homossexualidade – em particular a ‘passiva’ – seriam os limites a partir dos quais se perde a ‘condição’ de tal. Concepções próprias da cultura ocidental e de uma época considerada moderna que legitimam a maioria das relações sociais, com o estabelecimento e ordenamento de papéis correspondentes, obrigações, direitos, etc.

No dizer de FULLER (1997, 19-20),

“La constitución del género requiere una identificación com el fantasma normativo del sexo, es decir, el ingreso dentro de un orden simbólico que prescribe que los sexos/géneros son polares, discretos y heterosexuales. Esta división ignora la calidad indiferenciada de la libido sexual y la presencia de la homosexualidad en todas las culturas humanas. De este modo, restringe simbólicamente (discursivamente) el espectro de la sexualidad humana, enviando al lindero de lo ‘antinatural’ las formas de identificación sexual no vinculadas con la vida reproductiva”.

A homossexualidade é sem dúvida um dispositivo desconcertante para a produção da identidade de gênero, principalmente masculino, onde atua como que obrigando o jovem a

se adequar aos padrões da masculinidade prescrita. Ao mesmo tempo, funciona como uma fantasia – recorrente na vida dos homens – que canaliza para si desejos de subversão ou escapismo.

Atualmente, observa-se uma mudança nos discursos sobre as práticas sexuais que contradizem aquela visão tradicional do homossexual como um marginal. Ainda há, contudo, em toda cultura ocidental, um forte sentimento de desaprovação do comportamento homossexual, tanto entre homens quanto entre mulheres. “*La psicología, que en estos tiempos es el discurso más prestigioso concerniente a la subjetividad y a la identidad de género, señala que el homoerotismo es una variedad de la vida sexual y no una perversión*” (FULLER: 1997, 156).

A população estudada nesta dissertação é conhecedora destes discursos e nos depoimentos obtidos demonstra como a influência destas visões tem contribuído para a construção de uma nova abordagem sobre a homossexualidade. Precisa ser buscada uma desconstrução, na tentativa de desmitificação desta prática e/ou vivência.

*“Habiendo robado
Lluvia de tu jardín
Y tocado tu cuerpo
Me duermo
No se culpe a nadie
De mi sueño”²⁰*

²⁰ Luis Hernández, *Chanson d'amour*, in: *Poesía Peruana. Antología general, de Vallejo a nuestros días*. Lima: Ediciones Edubanco, 1984.

3. A ESTRADA

*“Caminante, son tus huellas el camino y nada más.
Caminante, no hay camino. Se hace camino al andar.
Al andar se hace camino y al volver la vista atrás
Se ve la senda que nunca se há de volver a pisar.
Caminante, no hay camino sino estelas en la mar”.*
(Antonio Machado – Joan Manuel Serrat)^v

Como já foi dito, este trabalho teve o objetivo de compreender como os homossexuais vão se constituindo enquanto sujeitos e fazem opção por um padrão de relacionamento que é muito questionado, ou estudado, inclusive entre os heterossexuais, o da conjugalidade. Na longa jornada de construção desta dissertação, várias opções foram sendo feitas e esta pesquisa foi se constituindo muito diferente daquela idealizada no projeto inicial. A ida ao campo fez com que surgissem novos questionamentos e apresentou novas possibilidades e dificuldades que passam, agora, a serem discutidas.

Desde o início, a pesquisa se caracterizava segundo o modelo que TRIVIÑOS (1987) denominou como uma *“pesquisa qualitativa do tipo histórico-estrutural, dialética [...]”* (p.129). Segundo o autor, este tipo de pesquisa é aquela que *“parte da descrição que intenta captar não só a aparência do fenômeno como também sua essência”* (op. Cit.). Assim, como pesquisa qualitativa buscou-se compreender o fenômeno, para a partir dele intuir as conseqüências que terão para a vida humana. *“Em interação dinâmica desenvolve-se, retroalimentando-se, reformulando-se constantemente”* (p.137), não admitindo visões isoladas, parceladas ou estanques.

Na busca da compreensão do objeto como um todo, a pesquisa foi desenvolvida como um ‘estudo de caso’, que segundo GOODE & HATT (1977, 422) *“é um meio de organizar os dados sociais preservando o caráter unitário do objeto social estudado”*. Este método considera qualquer unidade social (uma pessoa, uma família, um grupo social, um conjunto de relações ou processos, ou mesmo toda uma cultura) como um todo.

Importante salientar que também este ‘todo’ é uma construção intelectual, não existindo limites concretos que definam o processo ou objeto, sendo definidos à medida que

vão se tornando úteis para o problema da pesquisa. O método do 'estudo de caso' "*não pode ser considerado capaz de captar o único, mas uma tentativa de manter juntas, como uma unidade, aquelas características importantes para o problema científico que está sendo investigado*" (GOODE & HATT: 1977, 424).

O estudo de caso tem como uma de suas características uma grande flexibilidade, pois um de seus pressupostos é que "*o conhecimento não é algo acabado, mas uma construção que se faz e refaz constantemente*" (LÜDKE: 1986, 18). Ao pesquisador cabe buscar sempre novas respostas e novas indagações a respeito do seu tema de pesquisa.

Ao aprofundar a investigação da maneira como os sujeitos vão se constituindo e reconhecendo-se como homossexuais, com a sua prática sexual e o seu desejo voltado para alguém do mesmo sexo, utilizou-se a técnica da chamada *história de vida*. Para tanto, foi necessária uma melhor caracterização destes sujeitos: local de nascimento, a família de origem, sua rede familiar, sua formação cultural e social, jogos e brincadeiras na infância e adolescência, dados de sua vida particular, incluindo o momento do encontro com este (a) com quem constitui um casal, um par.

Para compreender a configuração deste casal homossexual, tratou-se de questões sempre presentes numa relação conjugal, tais como: o poder e aspectos financeiros, o que é público e o que é privado na relação, o relacionamento com suas famílias de origem e com filhos.

Neste sentido, utilizando-se dos pressupostos da pesquisa qualitativa, buscou-se compreender e relativizar o discurso de alguns casais de homossexuais e, assim, com o auxílio do referencial teórico, ampliar o universo de compreensão sobre esta forma de expressão da sexualidade.

A ida ao campo, entretanto, não aconteceu conforme o planejado. Nos contatos mantidos com os casais entrevistados, todos, inclusive os dois *gays* que se separaram, concordavam em retornar à entrevista e estavam dispostos a colaborar com a pesquisa. Contudo, após a realização das quatro primeiras entrevistas, todas com moradores do distrito

de Ratonos, algumas inquietações começaram a surgir, principalmente relacionadas com o envolvimento destes casais com a comunidade. Por ser um local muito pequeno, pareceu que um trabalho resgatando esta história seria, também, bastante relevante para demonstrar como a vivência e a prática da homossexualidade, de formas diferentes, estão presentes em todos os lugares.

Esta inquietação inicial foi tomando forma de problematização quando, numa conversa informal com outros *gays* e lésbicas, foram sendo enumerados diversos homens da comunidade de quem já se ouvia falar que mantinham contatos sexuais com pessoas do mesmo sexo. O que era uma brincadeira, irresponsável até, de final de noite, acabou tomando forma de perguntas: o que é a homossexualidade num local tão pequeno como o Ratonos, ou melhor, a Cachoeira do Ratonos? Que papel estes homossexuais, assumidos ou não, exercem na comunidade? Por que este local atraiu e convive com tantos ‘casais’ de *gays* e lésbicas?

Com interesses tão díspares, foram necessárias algumas discussões com a orientadora até que o novo formato da pesquisa se redesenhasse. Assim, ficou decidido que somente seriam entrevistados homossexuais que residiam na Cachoeira do Ratonos e no Canto do Moreira, dois lugarejos que pertencem ao Distrito do Ratonos. Também foi decidido que seria necessário entrevistar alguns moradores da comunidade para tentar compreender um pouco a história local e o envolvimento dos ‘nativos’ com a homossexualidade, dos seus ou daqueles que escolheram esta localidade para morar. As entrevistas foram gravadas e depois transcritas para uma melhor análise.

As novas entrevistas foram realizadas também de forma individual, porém com o cuidado de que no momento de sua realização o (a) entrevistado (a) estivesse realmente sozinho (a). Isto para evitar que certos assuntos não pudessem surgir: ou por que são inibidos pela presença do (a) companheiro (a), ou ainda por serem constrangedores. Não são todas as pessoas que gostam de saber, ou aceitam fatos que ocorreram na trajetória de vida do (a) seu companheiro (a).

Como no projeto de pesquisa, o objetivo da entrevista era o de que os homossexuais, homens e mulheres, falassem de suas vidas. Desde a sua infância, passando

por brincadeiras e escolaridade, até temas, um pouco mais delicados, como: relacionamento com os pais, o momento da descoberta da sexualidade, os primeiros namoros e o momento em que encontrou o seu (sua) atual companheiro (a). Esta era a primeira parte da entrevista, um momento livre em que o entrevistado ia discorrendo sobre a sua história. Ou, aquilo que ele presentificava como importante para a sua vida e para a vivência e prática de sua homossexualidade, tema e assunto deste trabalho. Eventualmente havia a interferência do entrevistador, seja para tentar obter algum esclarecimento, seja para ajudar o entrevistado a desenvolver alguma idéia ou mesmo fazer alguma associação com algo dito anteriormente. Também havia a tentativa de fazer com que os sujeitos falassem mais de si e evitar, um pouco ao menos, que ficassem presos a discussões teóricas sobre a homossexualidade.

A segunda parte tinha como objetivo confrontar as primeiras respostas com a opinião geral dos entrevistados sobre assuntos como fidelidade, ciúmes, amor entre pessoas do mesmo sexo, amizades, famílias, relacionamento sexual, recomeços, preconceito, traição, brigas, entre outros. Para tanto, utilizou-se de pequenos trechos de músicas²¹, todas com muita divulgação, portanto de domínio da maioria dos entrevistados. Foram, no total, onze músicas que eram apresentadas através da leitura do trecho escolhido, uma a uma após o término da primeira parte.

Durante os relatos sobre a sua história de vida, os entrevistados chegavam a se emocionar, sendo que duas mulheres choraram copiosamente. No segundo momento, as respostas, em sua maioria, foram curtas, algumas carregadas de afeto, mas sem chegar a provocar mal-estar. Os relatos tendiam mais para a objetividade e em alguns casos foi preciso trazer à lembrança algumas passagens citadas anteriormente.

As entrevistas com os moradores, todos 'ditos'²² heterossexuais, foram realizadas com a presença de pelo menos um homossexual, também morador do local; quase todas contaram com a participação de uma lésbica, bastante conhecida na comunidade e que

²¹ Ver em anexos, pg. 214.

²² 'Ditos' pois no Ratonês a prática sexual ou o envolvimento entre pessoas do mesmo sexo, geralmente com alguém casado é um fenômeno que pode ser considerado comum, conforme fica melhor detalhado com o desenvolvimento deste trabalho. Afirma um destes entrevistados: "... dizem, lá por fora, que eu não era homem pra mulher, mais eu era graças à Deus. Eu era e só, e fui e ainda hoje não é tanto, mais ainda vai..." (Idalício, 78)

conhecia todos os entrevistados. Em duas entrevistas estavam presentes as esposas dos entrevistados que pouco falaram; em uma, a filha do entrevistado apareceu e contribuiu, falando bastante sobre a realidade local na sua visão. A última entrevista realizada foi com uma das mulheres mais conhecidas e polêmicas da Cachoeira do Ratonés.

3.1. Os Sujeitos da Pesquisa

Definiu-se como universo desta pesquisa casais homossexuais que mantivessem um relacionamento de cinco anos ou mais de convivência e que residissem, necessariamente, em Ratonés, especialmente na Cachoeira ou no Canto do Moreira. O critério de cinco anos de relacionamento foi adotado por se entender que este número é um bom parâmetro para se configurar uma relação como estável e duradoura, em acordo com a Lei.

A pesquisa foi realizada com 03 (três) casais, 02 (dois) de mulheres e 01 (hum) de homens, além, de outros dois homens, moradores do local e que durante algum tempo mantiveram um relacionamento homossexual, o que implicou em 08 (oito) entrevistas. Estes dois *gays*, embora não preenchessem o critério de anos de convivência, foram convidados a participar, pois já moravam na comunidade e, segundo relato dos outros entrevistados nativos, a 'história' do seu relacionamento era de domínio público. Tal escolha deu-se pela facilidade no contato, por sua disponibilidade, ou por estarem mais próximos física ou geograficamente. Nunca por esta ou aquela história ser mais significativa do que as dos demais.

O cuidado com o sigilo e o tratamento das informações obtidas foi constantemente assegurado aos entrevistados. Alguns sujeitos não se importavam com uma possível identificação; para outros a possibilidade de que alguém os identificasse era um risco que não gostariam de correr. Os dados sobre os sujeitos são fornecidos a seguir, de maneira ampla e geral e não de forma individual.

3.2. O perfil dos casais

a) *Quanto ao tempo de conjugalidade*: os casais entrevistados distribuíram-se em intervalos de tempo de convivência que variaram dos 06 (seis) aos 11 (onze) anos, sendo que o casal masculino convivia conjugalmente há sete anos.

Tabela nº01: **DISTRIBUIÇÃO DO TEMPO DE CONJUGALIDADE**

ANOS	TOTAL de CASAIS
06	01
07	01
11	01
TOTAL	03

Fonte: Córdova

Obs: Um casal estava desfeito.

3.3. O perfil dos sujeitos

- a) *Quanto à faixa etária:* os homens e mulheres homossexuais entrevistados possuíam idades distribuídas entre a faixa de 27 a 42 anos.

Tabela nº02: **DISTRIBUIÇÃO ETÁRIA**

IDADE	Nº DE ENTREVISTADOS
26 – 30	01
31 – 35	03
36 – 40	02
41 – 45	02
TOTAL	08

Fonte: Córdova.

- b) *Quanto ao nível de escolaridade:* a maioria dos entrevistados cursou o 2º grau.

Tabela nº03: **NÍVEL DE ESCOLARIDADE**

FORMAÇÃO	Nº DE ENTREVISTADOS
2º Grau	05
Superior	03
TOTAL	08

Fonte: Córdova.

- c) *Quanto à atividade profissional:* os entrevistados exerciam distintas ocupações profissionais.

Tabela nº04: **ATIVIDADE PROFISSIONAL**

PROFISSÃO	Nº DE ENTREVISTADOS
Professor (a)	01
Orientador (a) Educacional	01
Comerciário (a)	02
Cabeleireiro (a)	01
Funcionário Público	03
TOTAL	08

Fonte: Córdova.

d) *Quanto à procedência*: observou-se quase uma regularidade nas relações dos entrevistados e sua naturalidade, ou seja, os casais constituíam-se de alguém nativo (ou natural da Ilha de Santa Catarina), e alguém oriundo do interior do estado ou vindo de outro estado da Federação.

Tabela nº05: **PROCEDÊNCIA**

Nativo de Florianópolis	05
Interior do Estado de SC	01
De outros estados	02
TOTAL	08

Fonte: Córdova.

Estas tabelas sintetizam o perfil dos homossexuais, *gays* e lésbicas, entrevistados. São apresentados de maneira geral, apenas fornecendo elementos que informam sobre algumas características dos sujeitos entrevistados.

Os outros moradores entrevistados foram em número de 05 (cinco) sujeitos. A primeira entrevista realizada foi com um senhor de setenta e oito anos (78), morador do Canto do Moreira, natural do Ratonés. A segunda foi com o senhor que é considerado o morador mais idoso da comunidade – está com noventa e quatro anos (94) – e é natural do Saquinho, localidade que pertence à Costa da Lagoa, limite com a Cachoeira. A terceira e a quarta, foram, respectivamente, com um pai e a sua filha, ambos moradores da Cachoeira. O pai é natural do Saco Grande e está com quarenta e sete anos (47); a filha, natural do Ratonés, está com vinte e quatro anos (24). A última entrevista foi com uma outra mulher, também

moradora da Cachoeira, natural do município de Urubici, interior de Santa Catarina, e que está com quarenta e seis anos (46).

Outro procedimento metodológico adotado foi o fato de durante o percurso de transcrição das fitas e do próprio ato de escrever sobre a história de vida de cada um dos entrevistados sempre retornar a eles, seja quando havia alguma dúvida sobre as informações fornecidas, seja para mostrar o que já estava sendo produzido. Este processo demonstrou-se muito rico pois era compartilhado com os próprios atores. Era como se eles ajudassem a escrever sobre suas vidas.

3.4. Os encontros

*“Eu não posso explicar meus encontros
ninguém pode explicar a vida...”
(Paulinho da Viola)^{vi}*

Aqui são apresentados apenas aqueles encontros com a finalidade de realização das entrevistas. Até se chegar neste momento, contudo, outros tantos encontros aconteceram, onde foram feitas as discussões iniciais e definido o tipo de assuntos que seriam abordados, além do contato com os sujeitos a serem entrevistados. A própria redefinição da pesquisa, contou com a colaboração de alguns dos casais que seriam e que foram realmente entrevistados. Encontros informais também foram muitos: jantares, jogos de cartas, idas a bingos, tudo era motivo para se reunir com os entrevistados. Sempre tentando coletar alguma nova informação, algum dado sobre a comunidade local ou sobre as diversas formas de interação social que se apresentavam.

Narrar todos estes momentos, em si já daria uma dissertação, contudo, fugiria aos objetivos traçados para esta pesquisa. Por isso serão apresentados apenas aqueles encontros que resultaram na gravação das entrevistas.

Nesta parte do trabalho expõe-se, também, o relato de um acontecimento que envolveu alguns dos casais entrevistados, além de outros moradores das comunidades do Canto do Moreira e da Cachoeira. Trata-se da festa de aniversário de um *gay*, que foi realizada durante o período de ida à campo.

3.4.1. Entrevista ML

Esta entrevista foi marcada para o dia 10/07/98 às 8 horas, na residência da entrevistada, situada na Cachoeira do Ratonos. Neste horário, sua companheira estaria trabalhando em Canasvieiras e a filha da companheira estaria em aula, no Córrego Grande, um bairro da cidade de Florianópolis.

Conforme o combinado, no horário marcado estava chegando no local da entrevista. A casa está situada a mais ou menos oito quilômetros da entrada do Ratonos e para se chegar até lá ainda é preciso entrar numa servidão que dá acesso apenas à residência deste casal. É um local privilegiado, no sentido que sua entrada não fica diretamente ligada à rua e por estar cercado por áreas verdes. Existem casas próximas, mas nenhuma está situada nos limites dos terrenos, sempre preservando certa distância o que proporciona uma sensação de privacidade, até mesmo de isolamento. É uma casa grande, de alvenaria, que está sem pintura.

Uma casa recém-construída onde está faltando acabamento. Internamente a casa tem um quarto maior (uma suíte), com um banheiro próprio que ainda não foi concluído; o quarto da adolescente, que chama a atenção por contar com uma cama grande (de casal) e com toda bagunça própria dos alojamentos desta faixa etária (15 anos) às vezes, funciona como quarto de hóspedes. Um banheiro social e áreas comuns como uma cozinha anexa com salas de jantar e estar. A casa conta ainda com uma área destinada a um futuro escritório para atividades escolares – a filha está concluindo o 1º grau e a mãe é professora e a entrevistada também trabalha com atividades ligadas ao universo escolar.

No lado de fora, sobressai uma grande varanda que envolve dois lados da casa. Num lado, fica a lavanderia, uma churrasqueira e uma área maior que serve para abrigo de automóveis. Na frente da casa uma grande varanda, ainda por acabar. O terreno também é grande e nele estão plantadas muitas árvores frutíferas. Nele há ainda um galinheiro desativado e um poço d'água para abastecimento da casa.

Neste local é que fui encontrar a primeira entrevistada. Encontrei-a meio triste pois sua companheira fazia uma semana que estava dormindo na casa da mãe, no Centro da

cidade, adoentada. Convidou-me para acompanhá-la enquanto arrumava a sua cama e ia contando que na noite anterior a filha da sua companheira tinha vindo dormir em casa e que havia sido muito bom, pois a garota conversou bastante com ela e assistiram juntas a novela da Globo. Quando a garota foi dormir, a entrevistada contou que começou a chorar acreditando que sua companheira não mais viria para casa e que o 'caso' estava encerrado.

Não havia acontecido briga, apenas um fato bastante desagradável, e a companheira tinha contraído uma forte gripe, preferindo se tratar na casa da mãe. O fato, citado referia-se a um rato que fora encontrado morto dentro do poço d'água, causando um cheiro desagradável e a possibilidade de contrair alguma doença mais séria, como uma leptospirose, por exemplo. Após a realização de exames na água esta foi limpa e liberada para consumo. Solicitada se mesmo assim gostaria de falar sobre si ou adiar a entrevista optou em ir adiante. Foi o que fizemos.

Preparou, então, um cafezinho e sentamos à mesa de jantar para conversar e possibilitar uma melhor gravação da entrevista. Fumou muito enquanto falava. Quando terminamos, pediu uma carona até o Hospital Celso Ramos (HCR) pois tinha uma consulta com um médico, andava sentindo muita dor no pé direito e um ortopedista seu amigo, ia examiná-la. Enquanto se arrumava, solicitou se eu poderia ir na venda, próxima de sua casa, comprar dois maços de FREE box.

3.4.2. Entrevista com SB

Esta entrevista, por sugestão da entrevistada, foi realizada num sábado (11/07/98) na residência do entrevistador em Canasvieiras. Para a entrevistada, esta data coincidia com a eleição para o cargo de diretora da escola onde trabalha e com a festa de São João da referida escola. Como ela estivera adoentada, por este motivo, ficara afastada das tarefas de organização da festa e o seu compromisso era apenas o de votar, esta data seria bastante conveniente. Encontrava-se em Canasvieiras, com poucos compromissos e com tempo suficiente para colaborar na entrevista.

Aproximadamente às quinze horas ela chegou. Sua companheira ficou na escola ajudando a organizar a festa e cuidando de um sobrinho da entrevistada, de seis anos, que já estudara na mesma escola e que estava, portanto, reencontrando ‘velhos colegas’. O compromisso de votar já estava cumprido, esperando apenas o resultado da apuração que sairia em torno das dezessete horas.

Aparentemente estava bastante calma e receptiva, o que não é uma de suas características mais marcantes. Ainda um pouco resfriada após uma fortíssima gripe, solicitou um copo com água e cinzeiro, pois gostaria de fumar. Conversamos um pouco antes da entrevista, para diminuir um pouco a ansiedade e estabelecer um clima propício.

Durante a entrevista lhe servi chá e fomos interrompidos pela chamada, via celular, de sua filha. Após uma ‘bronquinha’, por algo combinado entre elas e não realizado pela filha, voltamos à entrevista. Nova interrupção, apenas para que ela fosse ao banheiro e telefonasse para a escola em busca do resultado da apuração. Ao término da entrevista, combinamos que às vinte horas nos encontraríamos na festa e comemoraríamos o resultado da eleição, pois sua candidata fora eleita.

Quando chegamos à escola observamos que o movimento estava pequeno, fazia muito frio, e a movimentação, principalmente por parte dos adultos, estava em torno do ‘bingo’. Quem comandava, ou cantava as pedras, era a companheira da entrevistada. Importante salientar que de todos os companheiros ou companheiras das professoras da escola, a única chamada para participar/trabalhar na organização da festa foi a companheira da entrevistada.

O ‘caso’ não é oficial, sendo de conhecimento apenas da diretora que entregou o cargo e que organizava sua última festa. O mesmo fato se verificou no ano passado, quando da festa de São João. Da mesma forma, toda a escola se mobilizou quando a casa do casal pegou fogo. Foi bastante significativa a presença das funcionárias da escola na realização do ‘bingo’ para conseguir dinheiro para a reconstrução da moradia.

O que se pode observar é que a companheira foi aceita para participar destas realizações na escola. Sua 'barraca' era a de maior movimento e encerrou a festa quando acabaram os sorteios do 'bingo'. O envolvimento com os pais das crianças, naquele momento, também era bastante grande, pois já tinham se tornado conhecidos em outras festas.

3.4.3. Entrevista AC

Esta entrevista foi realizada numa quarta-feira (29/07/98) na residência do entrevistado. Quando combinamos a realização das entrevistas, no domingo anterior, foi ele quem apresentou algumas dificuldades em relação aos horários possíveis. Por este motivo foi priorizada a sua entrevista. Seu companheiro estava, em princípio, com mais tempo livre.

Então, conforme o combinado, neste mesmo dia, no período vespertino, liguei para saber se realmente seria possível realizar a entrevista ou se haveria algum empecilho. Ao ligar, foi o companheiro do entrevistado quem atendeu e informou que ele estaria me esperando a partir das 19 horas. Deixou a entender, contudo, que às 20 horas seria um bom horário. E foi isto que procurei fazer. Desde às 19:00 horas estava no Ratoles, em casa de amigas que involuntariamente, me fizeram chegar um pouco além do horário previsto, às 20:15 horas.

Ao chegar para a entrevista buzinei o carro, pois não sabia que no portão havia uma campainha. Assim chamaria a atenção dos moradores e especialmente dos cães, que com certeza latiriam atraindo a atenção de seus donos. Foi o que de fato aconteceu, pois ignoraram a buzina atribuindo o barulho à movimentação de vizinhos. Ao me avistar no portão, o entrevistado cumprimentou-me e foi trancar os cachorros na garagem, onde dormem, menos um vira-lata que é o que cuida da casa. Acredito que eles sejam em número de cinco, os que vivem dentro de casa, inclusive um *Old English Sheep Dog*. Com eles também convivem alguns gatos de rua e um siamês, além de possuírem uma criação de galinhas.

Fui recepcionado pelo entrevistado e conduzido até o quarto do casal onde o seu companheiro estava descansando e assistindo televisão. Após alguns minutos de conversa nos dirigimos até a cozinha, "*o local que mais usamos na casa*", para a realização da entrevista.

Preparou um chá para três e foi servir o companheiro enquanto eu preparava gravador, fitas cassete, textos, etc. Quando finalmente sentou, a entrevista transcorreu muito tranqüila. Fomos interrompidos apenas uma vez pelo gato que saiu do quarto e abriu a porta da cozinha onde estávamos. Neste momento, ofereci-me para fechar a porta e o entrevistado concordou prontamente, através de gestos, como se preferisse que ficássemos a sós, com o gato.

Ao final me despedi do seu companheiro e acertamos a realização da sua entrevista para o dia 30/07/98, uma quinta-feira, também a partir das 19:30 horas. Presentearam-me com uma dúzia de ovos da criação deles e me dirigi ao carro. Enquanto fechava o portão o entrevistado disse que se algo não tivesse ficado bom, ou se fosse preciso completar alguma coisa, era para marcar nova entrevista, pois por ele não haveria problemas para a realização da pesquisa.

3.4.4. Entrevista SV

Esta entrevista foi realizada um dia após o seu companheiro ter sido entrevistado. Conforme o horário combinado, às 20 horas, cheguei na casa do entrevistado. Não é uma casa grande, mas se destaca perante a vizinhança, principalmente pelo seu bem cuidado jardim. Está situada num morro, a alguns metros do nível da rua. Na frente do terreno há um muro de pedras, bastante alto, que serve como contenção de terra e acima dele, aterrado para dar nível ao terreno, há uma tela de arame com algumas plantas em volta. O portão de acesso também é bastante alto, o que proporciona uma sensação de privacidade, ou de alguém que não deseja ser incomodado.

A casa possui uma varanda que oferece uma belíssima vista de alguns dos morros que envolvem o Ratonés. Em noites estreladas deve ser uma delícia ficar ali observando as estrelas e ouvindo os sons da natureza. É um lugar muito tranquilo, este, onde eles moram. A casa, de madeira, foi comprada do irmão do entrevistado, e foi reconstruída pelos dois com auxílio de um morador da comunidade que trabalha com construção. Assim, como a limpeza do terreno, na época coberto por muito mato e uma plantação de cana de açúcar, foi realizada pelo casal. Algumas cobras foram encontradas no local. Se não é uma casa muito confortável, com certeza é bastante prática. Os dois proprietários já realizaram, desde então algumas

reformas, como a construção de uma garagem, de uma cozinha de alvenaria e de uma área de lavanderia. Foi obra dos dois, principalmente do companheiro do entrevistado, a construção do canil, ao lado da casa, e do galinheiro, mais ao fundo do terreno.

Por morarem num morro e este estar situado num platô de pedras, não foi possível a construção de um poço para obtenção de água. A solução encontrada foi pegar água de uma cachoeira, distante alguns quilômetros da residência. Para isto, eles, esticaram mangueiras por entre uma mata fechada, canalizando a água. Em 1995, durante uma chuvarada, o muro de contenção, que estava situado atrás da casa, foi totalmente destruído pela pressão da água, quase atingindo a casa. Atualmente, eles estão fazendo planos de construir uma nova casa no local, agora ao estilo deles.

3.4.5. Entrevista com LA

Este entrevistado foi escolhido em função de ser nativo e pelo fato de ter tido um relacionamento afetivo-amoroso com um outro morador do local. Quando cheguei ao Ratonos, logo me inteirei de fatos ou histórias que envolviam este casal. Se hoje, como se pode observar pelas entrevistas realizadas, este relacionamento tem dois significados bastante diferentes para os seus protagonistas, naquela época muito se comentava sobre eles na comunidade. O entrevistado nega significativamente qualquer importância atribuída a este relacionamento, comentando-o apenas como mais um erro, daqueles que se comete no decorrer da vida.

Quando resolvi relacionar novos casais a serem entrevistados logo pensei no par LA e PA, mesmo sabendo que não havia mais nada entre eles. Nem amizade. Sabia que a história de suas vidas era bastante significativa e ajudaria a compreender um pouco da história do local. A importância de seus papéis na comunidade também se alterou com o rompimento do relacionamento. LA é um rapaz muito discreto, calado, mas sempre solícito quando é o caso. Parente da dona de uma das vendas do Ratonos muitas vezes era ele quem me atendia quando queria comprar algo. Nunca tivemos amizade nem nunca conversamos sobre nossas vidas particulares, embora ambos soubéssemos da orientação sexual do outro. Ele é funcionário público municipal trabalhando somente meio período do dia, num órgão da PMF,

no centro da cidade. Chama a atenção no seu comportamento o fato de que aparentemente está sempre no Ratonês envolvido com seus moradores e pouco saindo para se divertir, seja no centro ou em outro bairro de Florianópolis.

Devido à sua discrição, foi um pouco difícil chegar até ele e solicitar que colaborasse com essa pesquisa. Foi necessária a interferência direta de dois amigos que foram até a venda e disseram que eu precisava falar com ele. Respondeu que acabara de acordar – era meio-dia de um domingo – que daria um tempinho, estava com uns amigos e, em seguida, me procuraria. De fato, passado algum tempo, ele foi até a casa onde eu estava para conversarmos. Estávamos almoçando e acabamos combinando a entrevista ali mesmo.

Segundo ele, teria muito prazer em colaborar mas não saberia muito o que dizer e que precisaria ser ajudado. Não poderia ser naquele momento, nem no dia, pois estava com amigos, que o aguardavam, entre eles, uma garota que estaria interessada nele. Tinham passado o dia anterior, sábado, bebendo. Ficou combinado, então, para a segunda-feira às 20 horas, ali mesmo na casa destas amigas, pois ele mora com os pais e não se sentiria à vontade para dar a entrevista naquele ambiente. Na verdade este foi o combinado com o adendo de que eu o buscaria na saída de seu trabalho às 19 horas e o levaria para casa. Combinei assim porque percebi que precisava de uma estratégia para que ele não me fugisse e que, também, não se sentisse acuado.

Foi uma entrevista tranquila, apesar de muitas vezes ele falar baixinho, bem ligeiro e cantado, como a maioria dos nativos com ascendência açoriana, o que dificultou a transcrição da fita. Em alguns momentos pedia que desligasse o gravador, em outros, pensando que o gravador estava desligado falava um pouco mais à vontade. Ao final, pediu para ficar conversando mais um pouco comigo. Fumou alguns cigarros e insistia que eu conhecia o rapaz pelo qual dizia estar apaixonado, ou de quem estava tentando se separar. Interessante é que ele não se percebe enquanto homossexual, pois além de manter relações sexuais com outros homens, também sente falta de se relacionar sexualmente com mulheres. Depois de encerrado o processo da entrevista em particular, voltamos para uma sala onde estavam mais algumas pessoas e fomos tomar um café. Mais animado ele continuou perguntando se as pessoas presentes tinham religião, se acreditavam em alguém superior (num

Deus), se o que acontecia com eles não era pecado. Quando fui embora, ele ainda permaneceu por lá até 24 horas.

3.4.6. Entrevista com PA

Este entrevistado é uma figura muito popular e polêmica no Ratonés. Alguns moradores gostam muito dele, outros não o suportam. No entanto, acredito, a ninguém ele passa despercebido. É uma figura única, no sentido de se propor passear pelo Ratonés, em dia de sol, vestido apenas com uma sunga minúscula, e com um enorme chapéu de palha. Caminha descalço, no meio da rua, como se esta fosse uma passarela construída especialmente para ele. O seu andar lembra alguém que se equilibra num sapato de salto muito alto. Sua figura, em si, já chama atenção: é um rapaz alto, bonito, com um corpo bem cuidado, é bastante comunicativo e está sempre presente nos acontecimentos sociais da comunidade, geralmente, com alguns jovens em volta, especialmente mulheres.

Não é nascido na comunidade, mas passeia por ela com muita desenvoltura. Logo que chegamos fomos convidados para participar e trabalhar numa festa organizada por ele e que era aberta à toda a população local, denominada “Festa dos Antônios que não são nem um pouquinho Santos”. Era um sábado, 13 de junho, dia de Santo Antônio. Na comemoração dos seus trinta anos alugou um salão e a sua festa, que estava prevista para apenas trinta convidados, acabou se tornando um acontecimento na Cachoeira. Várias pessoas apareceram e ele surpreendeu a todos fazendo uma dublagem da cantora Tina Turner. Segundo alguns moradores, era a primeira vez que viam este tipo de espetáculo ao vivo. No período de carnaval sempre se ‘monta’ de mulher, só que geralmente vai brincar em outros lugares, nunca no Ratonés pois, segundo ele, passa horas se arrumando e as pessoas do local não valorizam este trabalho. Em Canasvieiras e em outras praias os turistas, principalmente os ‘gringos’, argentinos e uruguaios, o tratam com mais educação e festejam sua ‘*performance*’.

Acostumado a frequentar não só os bares do Ratonés, como os da Vargem Pequena, este *gay* possui um grupo que, costumeiramente o acompanha. Esta turma, de três a quatro pessoas, todos *gays*, vem do centro de Florianópolis para se divertir e namorar nestas

comunidades. Um deles, inclusive, já chegou a alugar uma casa no local, mas voltou para o centro de Florianópolis.

3.4.7. Entrevista MP

Quando houve a iniciativa de remodelar o projeto de pesquisa, esta lésbica foi a primeira a concordar em dar a entrevista, enquanto a sua companheira tinha dúvidas sobre a importância da sua história. Esta moça não é natural do Ratonos, mas já há muito tempo reside na localidade da Cachoeira. Primeiro ela morava com seus pais e atualmente reside com a sua companheira. Estão construindo, elas mesmas, ajudadas por um pedreiro, morador local e muito amigo delas. Este pedreiro, aliás, está por detrás de todas as construções dos casais entrevistados. Enquanto trabalha, este 'nativo' conta-nos interessantes histórias sobre os demais moradores.

A entrevista aconteceu na casa das outras lésbicas. Era um sábado (15/08/98) à tarde, e enquanto realizava a entrevista, os demais, as donas da casa, a companheira da entrevistada e o meu próprio companheiro passeavam pelo Ratonos, olhando e escolhendo lugares para serem fotografados. Esta entrevista foi diferente das outras, primeiro por ter sido a segunda realizada num mesmo dia, com um bom intervalo entre elas. Em segundo lugar, porque, dispunha de apenas duas fitas cassete – a média das outras entrevistas era uma fita e meia – e a entrevistada falou mais do que o esperado, ficando a segunda parte da entrevista para um outro momento. Outra característica era que a entrevistada, em vários momentos, se emocionava muito, chorando copiosamente. Isto, de alguma forma, fazia com que perdesse um pouco o controle da situação, pois entendia que ela estava precisando justamente chorar, desabafar e contar coisas que há muito estavam contidas. Havia um pouco de confusão entre a entrevista e uma possível sessão de terapia. Ao final, marcamos uma segunda entrevista para o domingo próximo, também na casa das mesmas garotas. Pedi para dar um abraço nela, pois, neste momento eu também estava muito emocionado.

No outro domingo (23/08/98), a entrevista foi muito diferente. Primeiro, havia pouco espaço para falar de si, pois havia um roteiro, das músicas, a ser seguido. Depois, apesar de dispormos de tempo, a entrevista foi muito rápida e a sensação era de um filme já

visto, sem novidades. Menos emocionante, mais técnico, onde se observam mais os detalhes, perdendo-se a emoção. No final, a entrevistada assinalou que gostou mais da primeira parte.

3.4.8. Entrevista LV

Esta garota também não fazia parte do grupo de entrevistados da pesquisa anterior. A partir de um jantar na casa de um outro casal de lésbicas onde, por brincadeira, foram nomeados vários *gays*, ou supostos envolvimentos de *gays* com ‘homens’ casados da comunidade, é que surgiu a possibilidade de trocar o enfoque da pesquisa. Durante esta brincadeira, todos os presentes se manifestaram trazendo os nomes e algumas histórias sobre estes encontros. Todos clandestinos. Histórias, como a de um sujeito casado que todos os dias, pela manhã, ia tirar leite das vacas e quando chegava no curral encontrava um *gay* que o estava esperando para transarem. Histórias de homens que foram surpreendidos na cama com outros homens, pelas suas mulheres. Todas, quase sempre, envolviam algum *gay* conhecido da localidade e um ‘respeitoso’ senhor casado. Histórias hilárias, pitorescas, curiosas.

Com a mudança do enfoque – centrar a análise da conjugalidade homoerótica no Ratonos – era imprescindível que esta moça fosse entrevistada. Afinal, além de nativa, ela vive com outra garota já há alguns anos, a maior parte deste tempo na Cachoeira. Filha de antigos moradores locais, sua história era comentada pelos outros moradores, mesmo que de forma distorcida. Talvez seja a primeira lésbica, assim identificada, no local. Segundo ela, desde pequena era vista, acompanhando o pai, em cima de caminhões, dirigindo retroescavadeira, vivendo na rua em meio aos outros homens. Nunca gostou das lidas domésticas.

Esta entrevistada, contudo, dizia que sempre viveu no mato e que não teria muito que falar. Apesar de não dizer não, foi preciso alguma insistência para que gravasse a entrevista. Esta foi realizada num local ‘neutro’, a residência de outras lésbicas, a pedido dela. Ela mora em uma casa alugada, perto desta onde foi entrevistada, mas não fez menção de realizá-la por lá. Ofereceu a casa que está construindo, mas esta, apesar de já estar erguida, não oferecia condições mínimas para tal realização. Já era final de tarde e ainda não havia luz elétrica, local para sentar, ou mesmo um copo d’água. Várias vezes, porém, visitamos esta casa que estava sendo construída por elas e mais o pedreiro amigo. É importante ressaltar que

esta garota acompanhou todo o processo de construção, pegando diretamente na ‘massa’. Enquanto sua companheira trazia cafezinhos, ajudava a organizar a bagunça e até carregava tijolos, esta lésbica fazia traço, assentava tijolos, fazia reboco, as amarrações do telhado, colocava tijolos, pisos, azulejos, rejunto. E ainda sobrava tempo para um churrasco e fazer uma pequena horta caseira, além de limpar o terreno, plantando bananeiras e outras árvores frutíferas e ornamentais. Tudo, é claro, nas suas horas de folga e fins-de-semana. Durante a semana trabalha no centro da cidade, em um órgão público Estadual.

Realizamos esta entrevista no quarto do casal, sentados em cima da cama, pois havia outras pessoas pela casa. Todos sabiam do objetivo do trabalho e por este motivo não houve interrupções. A entrevistada tomou uma cerveja e pediu para fumar alguns cigarros. A maior parte do tempo esteve descontraída, mas aconteceram momentos em que ficou bastante emocionada.

3.4.10. Entrevista com IDALÍCIO MANOEL ALEXANDRE (78 anos)

Quando o projeto de pesquisa tomou este formato, ou seja, pesquisar a conjugalidade homoerótica na comunidade de Rationes, logo foi estabelecida a necessidade de caracterizar a região, rever alguns aspectos da sua história. Para que isso se tornasse realidade era preciso que se entrevistasse pessoas que pudessem contar fatos que se passaram nesta localidade, e as pessoas com mais idade seriam, a princípio, as mais qualificadas para tanto. Foram enumerados, portanto, alguns sujeitos com quem seria interessante conversar.

O Seu Idalício foi um dos primeiros a ser cogitado pois, além do fácil acesso, é vizinho do casal de *gays* do Canto do Moreira. Recentemente havia reproduzido, com aquela dupla *gay*, bonecos do tradicional boi-de-mamão e resgatado letras das músicas de alguns dos personagens, “*como se cantava antigamente*”.

No sábado, dia 26/09/98, fui procurá-lo, acompanhado de uma amiga homossexual que gostaria de participar da entrevista. Entendia que uma terceira pessoa poderia ajudar a quebrar possíveis barreiras e tornar a entrevista mais solta, com outras intervenções. De fato, a presença da garota não atrapalhou e serviu para uma maior

descontração dos envolvidos. Contudo, seu Idalício acabara de chegar do mercadinho e disse que poderia dar a entrevista num outro momento. Marcamos, então, para o dia seguinte, domingo, dia 27/09/98. No sábado ainda nos convidou para entrar em sua casa e, juntamente com sua esposa, nos contou várias façanhas suas e de outros moradores.

No domingo, às 15:30 horas, chegamos à casa dele. É uma casa pequena construída por ele, de alvenaria sendo com tijolos comuns de seis furos não rebocados. O jardim é bastante cuidado e, nesta época, muito florido. Ele, apesar da idade, ainda cuida de uma pequena horta de subsistência e, costumeiramente, trata de um ou outro touro, para engorda, que depois vende. Neste momento, está apenas com um boi, que orgulhoso, após a entrevista, fez questão de nos mostrar.

Durante a realização da entrevista a sua esposa, dona Anita, permaneceu junto, na pequena sala da casa. Fez algumas poucas intervenções, quase todas transportando os fatos para Canasvieiras. Estão juntos há pouco tempo e ela não é natural do Ratonés. Ele foi bastante cooperativo e a sensação era que ele estava se sentindo muito importante por estar colaborando para um trabalho da Universidade. Às vezes, dizia que se tratava de uma *'reportagem'*.

Quando terminamos, perguntei se podia fotografá-los e ele mandou a sua esposa se *'enfeitar'* para o retrato. Tirei algumas fotografias deles e da casa, internamente. Chamou-me muito a atenção o fato deles possuírem, numa prateleira, um rádio e sobre este alguns objetos de porcelana, entre eles um *'veadinho'*, envolto num saco plástico. Como que a protegê-lo. Depois, convidou-nos a conhecer os outros cômodos e objetos da sua residência. Enfatizou uma mala de madeira, antiga, do tempo da guerra e das suas andanças pelo interior do Rio Grande do Sul, onde ainda guarda seus pertences.

3.4.10. Entrevista com PONCIANO RAULINO DOS SANTOS (94 anos)

Seu Ponciano é o morador mais idoso da Cachoeira e talvez de todo o Ratonés. Estava com 94 anos. Por ser idoso e através de indicações que diziam que ele gostava de contar muitas histórias, é que resolvi entrevistá-lo. Uma daslésbicas, natural do Ratonés,

contara que em outras ocasiões seu Ponciano, principalmente nas vendas, falava de bruxas, cantava versos do Terno de Reis, contava histórias e personagens de um Ratonés que não existe mais. Neste dia, entretanto, falou muito pouco.

A entrevista foi solicitada por uma outra lésbica que encontrou com ele, novamente em uma venda. Isto foi na sexta-feira (02/10/98), na venda do Paulo. Ela explicou que um amigo estava fazendo um trabalho para a Universidade e estava interessado em entrevistar alguns moradores da Cachoeira, com o objetivo de recriar aspectos da história do local. Segundo esta garota, ele prontamente concordou e disse que estaria à minha disposição. Ela, então, disse que entraria em contato comigo mas que a entrevista estava marcada para o dia seguinte, sábado, 03/10/98, às 15 horas.

No horário marcado estávamos chegando na casa dele. É um sítio bem grande, com muitas árvores e quintal bem limpo e arrumado, tudo, ainda, cuidado por ele. A casa é uma construção nova. Com ele moram a esposa e uma de suas filhas, solteira. Quando chegamos a filha havia saído para ir à feira, e o casal estava nos aguardando.

O seu Ponciano estava calmo, apenas preocupado, pois às 16 horas tinha que dar um remédio para a esposa. É sua segunda companheira – a primeira faleceu – e está com setenta e três anos, mas, aparentemente, está com mais comprometimentos senis do que ele, aos 94 anos. Muito lúcido, ele respondia prontamente às questões solicitadas; com boa memória foi reconstituindo a sua história. Algumas vezes, a esposa intervinha e esclarecia detalhes. Durante a entrevista, percebia-se que ela, continuamente, ficava balbuciando coisas que não eram consideradas por ele. Por outro lado, ele frequentemente dirigia sua atenção à ela e nos pareceu muito carinhoso e afetivo. Segundo ele, a memória dela para coisas recentes está ruim, ela está muito magra e, conseqüentemente, muito fraca. Ele e a filha é que estão cuidando dela. Ao falar das vendas, disse que lá se sente bem pois tem alguém para conversar e saber sobre fatos, principalmente, políticos.

3.4.11. Entrevista com VALMIR E. FERREIRA (MICA, 47 anos) e CINTYA SANTOS FERREIRA (24 anos)

Este senhor é proprietário, juntamente com a sua esposa, do bar da Beta, a venda e bar mais freqüentado, em Ratonos, pelos homossexuais entrevistados. Eventualmente, neste local se realizam bingos, eventos que costumam reunir uma grande parcela de moradores. Assim, este é um dos moradores que está mais envolvido nas grandes discussões que abrangem a comunidade. Já foi presidente do Esporte Clube Brasil, o time de futebol que existia no Ratonos e membro da diretoria da associação dos pescadores.

No dia 04/10/98, um domingo, foi mantido o primeiro contato tentando explicar os objetivos da pesquisa e buscando confirmar uma data em que ele pudesse ser entrevistado. Foi bastante receptivo, explicou alguns dados sobre a estrada, telefones, ônibus, etc., e disse que na quarta-feira, dia 07/10/98, seria um bom dia para a realização da entrevista, na sua residência.

No horário combinado, 20 horas, cheguei na sua venda. Dirigimo-nos, então, à sua casa, que fica próxima. Ele estava bastante tranquilo e falava com muita segurança. Fumou pouco. Quando estávamos quase acabando chegou a sua única filha, Cintya, que está com 24 anos e é natural do Ratonos. Esta moça chegou, ficou observando, sentou e fez alguns comentários. Em seguida, foi solicitado que ela também participasse da entrevista dando seu depoimento.

3.4.12. Entrevista com IZOLEIDE SOUZA ('Delegada' – LADY, 46 anos)

Esta mulher foi escolhida para ser entrevistada pois, diferente da maioria das outras mulheres, circula com desenvoltura nos espaços 'ditos' somente masculinos. É comum vê-la treinando e jogando futebol, acompanhando as farras de boi, freqüentando os bares à noite ou até mesmo enfrentando os homens. Por ter se metido em diversas reivindicações da localidade, como a questão da água, horários do ônibus, entre outras, se auto-atribui uma certa liderança o que é questionado pelos outros entrevistados, que a chamam de mandona. Ficou com o apelido de 'delegada' por esta sua característica e pelo fato de ter sido casada com um policial civil. Não é natural da Cachoeira, mas já reside no local há algum tempo e, mesmo não sendo muito benquista por algumas pessoas, está sempre envolvida nos diversos fatos e acontecimentos locais. Com certeza tinha muito o que falar.

Sua entrevista foi realizada num domingo (11/10/98) à tarde, depois de um jogo de futebol entre mulheres, e aconteceu dentro do meu carro, estacionado no terreno em frente à sua casa. Isto ocorreu a pedido dela, pois não gostaria de ser interrompida enquanto tivesse falando, o que a faria perder a linha do seu raciocínio e estava esperando algumas crianças que viriam do centro da cidade, para a 'festa das crianças' que acontece todos os anos no bar da Zoraide, com distribuição de doces e guloseimas. Este bar fica na zona urbana do Ratonés e não na Cachoeira. Seus próprios filhos estavam visitando o pai que mora no interior do Estado.

Durante a realização da entrevista esteve sempre muito calma e gargalhava com muita facilidade rindo das próprias histórias que contava. Deu a impressão que se atribui muita responsabilidade na história local, seja quando fala que combate o uso indiscriminado de drogas, seja quando fala, com desenvoltura, das quebras de regras e tabus estabelecidos no Ratonés.

3.4.13. A festa de aniversário do SV

A comemoração deste aniversário foi marcada para um sábado (27/06/98), às 18 horas, depois de um jogo da Seleção Brasileira de futebol pelas oitavas de finais da Copa do Mundo. Não é preciso falar da importância desta partida de futebol, dentro deste mercado multimídia, que praticamente paralisa o país. A festa foi propositadamente marcada para logo após o jogo.

A expectativa era de apenas mais uma festa que reuniria uma turma de *gays* e lésbicas, com música, bebidas e comidas. Não seria esta a primeira vez que iria numa festa nesta residência. Sempre tudo muito cortês, mas tudo muito formal; reunia-se em torno de uma mesa com muita comida, preparada na véspera pelos anfitriões, conversava-se, ria-se muito. Uma das características deste casal é que eles se julgam muito práticos. Para a organização de uma festa, por exemplo, eles já vão preparando tudo com antecedência. Fazem-se bolos, carnes e todo tipo de comilanças que são congelados. No dia basta descongelar e servir, sem muito trabalho.

Assim, fui para a festa de aniversário. Não pudemos chegar no horário previsto (18 horas), pois com a classificação da Seleção a comemoração foi inevitável. Acreditava que durante a festa não se falaria em futebol, o que de fato aconteceu. Chegamos cedo pois poucas pessoas já estavam lá e a surpresa anunciada ainda não tinha acontecido.

Outra surpresa constatada foi a presença de outras pessoas e não somente os *gays* e lésbicas esperados. De fato, eles estavam lá mas eram a minoria na festa. Identificados, isto é, aqueles que sabemos que são homossexuais, independentes deles se apresentarem como tais, eram apenas nove, além dos donos da casa. Havia dois casais de lésbicas, dois casais de *gays* e um *gay* sozinho; praticamente todos se conheciam, embora seja difícil afirmar que fossem amigos. O total de convidados ficava em torno de umas cinquenta pessoas, adultos e crianças, homens e mulheres.

Dentre estes convidados, uns pertenciam à comunidade local e outros eram amigos que frequentam o mesmo centro espírita que o casal, localizado na cidade de São José (SC). Com certeza todos sabiam que estavam comemorando o aniversário de um *gay* que convive com um outro homem, na casa deles. Estavam também presentes a mãe e a cunhada do aniversariante (esta inclusive era a responsável pela filmagem do evento). Foi observado um bom entrosamento entre os diversos grupos constituídos, pois, em sua maioria, não havia pontos em comum além da amizade com o casal que recepcionava.

O motivo escolhido como tema ou foco, tanto das comidas como das bebidas oferecidas, estava relacionado com as festas populares comuns neste mês de junho. Assim, havia um grande *buffet* onde se encontrava todo tipo de comidas típicas das festas de São João: paçocas, pés-de-moleque, bolos, quindins, além de um prato quente à base de pinhão e carne seca. Para se beber havia o tradicional quentão. Mais tarde foi acesa uma fogueira, que proporcionou um outro espetáculo, bastante apreciado pelos presentes, pois estava uma noite muito bonita e estrelada. Algumas crianças aproveitaram o momento e soltaram bombinhas.

A grande surpresa foi a apresentação de um boi-de-mamão confeccionado pelo aniversariante e pelo seu companheiro, por duas lésbicas amigas e pelo antigo proprietário do lugar onde residem, seu Idalício. Este senhor, antigo morador do local, foi quem apresentou as

músicas e ensinou o grupo a cantá-las, como se fazia antigamente nas brincadeiras de boi, comuns no Ratonés. Hoje em dia não há mais grupos organizados de boi-de-mamão na comunidade, apenas as brincadeiras da 'farra do boi'. O grupo apresentou somente alguns personagens, o boi, a bernunça, a maricota, mas foi muito elogiada a iniciativa de valorização da cultura local e a própria disponibilidade da dupla para fazer os bonecos e as roupas, além de preparar e ensaiar a cantoria.

Durante a festa ainda aconteceu a confirmação de um 'noivado' entre a guia do grupo espírita presente e o seu namorado. Não foi um acontecimento programado, mas me pareceu bastante emocionante para as pessoas envolvidas. O noivado anunciado foi apresentado pelo companheiro do aniversariante e foi bastante comentado entre os presentes. Outro fato que o aniversariante não estava esperando foi a apresentação de um grupo musical que chegou acompanhando uma das convidadas. Um grupo vocal que busca valorizar as antigas serestas. Foi muito bonita a apresentação, mas um tanto longa, o que provocou alguns burburinhos, principalmente entre os que desconhecem o valor desta outra forma de cantar e entre as crianças presentes.

O que ficou ressaltado nesta festa foi o envolvimento do 'casal', tanto com a comunidade local, quanto com sua Igreja e com os amigos e familiares. Não aconteceu alguma cena que revelasse o relacionamento homossexual entre eles, mas todos sabiam onde estavam – um lar *gay*. Como é comum na maioria das festas de aniversário, o aniversariante se preocupou em receber os convidados e, o acompanhante, com a organização dos serviços. O envolvimento com a festa foi dos dois.

4. A CONQUISTA DO TERRITÓRIO

*“Minha terra ficou diferente
tem mais ruas, mais casas, mais gente
mas eu não sei se isso eu queria...”*
(Oswaldo Ferreira de Melo)^{vii}

Ratones está situado ao norte da Ilha de Santa Catarina, a caminho das praias. É um Distrito do Município de Florianópolis e foi criado através da lei n.º 620, de 21 de junho de 1934, quando foi desmembrado do Distrito de Santo Antônio de Lisboa. Entretanto, como outras freguesias e arraiais da Ilha, Ratones foi se consolidando à medida que a própria cidade de Desterro se desenvolvia. Quando Antônio Bicudo Camacho, em 1698, saiu de São Francisco vindo se estabelecer no Continente, trouxe consigo de vinte a trinta casais de agricultores; à Ilha veio um sobrinho seu e o padre Mateus de Leão, bem como outros homens que ocuparam terras em Santo Antônio, Lagoa e Ratones, onde os primeiros colonos já haviam começado a desenvolver algum tipo de lavoura. *“Ratones está entre as primeiras freguesias e arraiais da Ilha de Santa Catarina”*²³. Há, ainda, no local, vestígios arqueológicos de uma ocupação primitiva que houve há muito tempo atrás.

“As pessoas mais antigas de Ratones dizem que a população surgiu de dois casais de pescadores que pelo rio Ratones aqui chegaram e formaram um povoado. Com o passar do tempo foi se desenvolvendo com o plantio e criação de gado” (CORRÊA: 1997, 07)²⁴.

Como a denominação Santa Catarina, também Ratones vem do tempo da ocupação da Ilha dos Patos pelos espanhóis. Se Santa Catarina é um mito ou uma homenagem, Ratones tem este nome em função de duas ilhotas que estão localizadas próximas ao estuário do rio de mesmo nome, e que se assemelham na forma a esta espécie de roedores. Em número de duas e, por serem parecidas com ratões, foram denominadas, pelos navegantes espanhóis, Raton Grande e Raton Pequeño. Estas designações se conservam até hoje. Segundo um morador, *“esse nome é ... eles falam que Ratones tem esse nome devido as*

²³ Segundo VÁRZEA (1985) e GUIA FLORIANÓPOLIS (1992,55)

²⁴ Trata-se de uma pesquisa sobre a cultura popular de Ratones realizada por alguns dos alunos da Escola Básica Municipal Mâncio Costa e organizada por Joseane Corrêa.

duas ilhas que existe no mar, as duas ilhas tem o formato de rato, então tem a ilha grande, a ilha de Ratonos Grande e a ilha de Ratonos Pequena, isso aí” (Mica, 47).

Para o morador mais idoso da Cachoeira:

“é o seguinte, o lugar aqui tem o nome de Ratonos ... porque vai sair lá no Ratonos Grande, lá embaixo, lá no Pontal. Então tem o nome de Ratonos devido aquela ilha lá ... Uma vez teve um cara, aqui, perguntando isso aí, eu disse assim como eu to dizendo né, ele disse: – Ah, mais lá no Canto do Moreira, tem uma senhora, nós perguntamos, ela disse: – é porque tinha muito rato aqui di primeiro. Eu disse: – nada, ela não soube dizer, nada disso. Você pode perguntar a outra pessoa qualquer, aí num livro qualquer que vai ta escrito, a ilha de Ratonos ... lá no Pontal lá embaixo. ... Aquelas duas ilhas é parecido com rato, então, é meio parecido com Ratonos. Então, isso aí, eu não vou lhe garantir, mais deve ser que é meio parecido com rato então botaram o nome de Ratonos, pra não botar o nome de rato que é um nome feio, botaram o nome de Ratonos, de Ratonos, ilha de Ratonos, mais tem o nome de Ratonos por causa daquela ilha lá” (Ponciano, 94).

Como pode ser observado nos livros de História, a Ilha de Santa Catarina, há muito vem sendo ocupada por grupos diferentes de pessoas. Se em determinada época a ilha era conhecida por *Meiembipe* e era habitada pelos índios carijós, logo foi ocupada por bandeirantes paulistas e por espanhóis, só mais tarde pelos açorianos. Hoje, está sendo descoberta por paulistas, gaúchos, descendentes de alemães, italianos, entre outros, o que vem provocando alterações em seus costumes e criando novas necessidades. O Ratonos, também segue o mesmo destino.

Houve um tempo, em que a localidade possuía uma certa importância para o abastecimento da Capital comercializando frutas e hortaliças²⁵. Porém, atualmente pouco se planta.

VÁRZEA (1985, 106), falando sobre a realidade das localidades da Ilha de Santa Catarina, em 1900, afirma que:

²⁵ Segundo alguns moradores eram as laranjas locais que ajudavam a fazer a tradicional Festa da Laranja, no Bairro da Trindade.

“Nos Ratonos vêem-se as mesmas culturas observadas na Várzea de Baixo e outros lugarejos, mais animadas porém por um movimento contínuo de pequenas embarcações – lanchões, canoas e botes – de pombeiros da cidade, que percorrem todo o sítio, pelas voltas fundas do rio, em viagens de comércio. É de certo modo avultado o negócio de galinhas e ovos que se faz no lugar, bem como o embarque de farinha, milho, cana e café, que daí saem na safra”.

Contudo, Ratonos se caracterizava basicamente pela agricultura de subsistência e pelo intercâmbio com outras localidades. A maioria de seus moradores ainda é de familiares descendentes dos açorianos, pioneiros na ocupação daquele espaço.

Atualmente, Ratonos vem enfrentando um outro tipo de ocupação: a de pessoas que não desejam mais residir no aglomerado urbano nem, tampouco, desejam morar nos balneários. Estão atrás de um tipo de sossego e de uma outra qualidade de vida, diferente, não tão urbana. Não estão preocupados em vender os produtos da terra, quando muito praticam alguma atividade agrícola apenas para consumo próprio. Um processo que já aconteceu nos diversos espaços desta Ilha Capital e que está alterando inexoravelmente toda a cultura local.

A presença destes ‘invasores’ provoca opiniões divergentes e por alguns são considerados como um ‘mal necessário’, consequência e fonte de desenvolvimento do Ratonos:

“... tá cheio de gente de fora, né, e cada vez vem mais, porque você sabe, né, um compra uma propriedade, ... quem compra é o rico, então, ele não quer trabalhar, então, bota o caseiro. Caseiro aqui, eles não (conseguem) quase ninguém pra caseiro, aqui, cada um já mora no que é seu, então, ele traz lá de fora, então, isso vai enchendo, tudo de gente de fora. Só que aí tem, ... tem gente que às vezes não se fia, né, porque ... tão ruim, tão ruim. Mais aqui somos umas pessoas que não somos mais do que ninguém, aqui do nosso lugar, mais a pessoa daqui mesmo são privilegiada, não passa a mão numa arma pra dá um tiro no outro. Nunca ninguém matou ninguém. Mais depois que pegou essa gente de fora, eles mesmo já tem se matado, uns aos outros aqui. Então, diz assim: – Ah, lá no Ratonos morreu um, mataram não sei o que. Mais deixa que é dois que vieram lá de fora e vieram matar aqui, é isso aí” (Idalício, 78).

“Gente de fora, né, às vezes vem o bom, mais no meio dos bom vem os ruins, né, e às vezes os ruins botam o bom a perder, também, às vezes não querem ir. Que vê uma coisa, estamos nós dois aqui: – Ah, vamos na venda. – Não, não vou não. – Vamos. – Não, não vou não. – Ah, vamos, vamos ... E você vai, né. Aí tá ... você não gosta de venda, mais como ele tá convidando você vai. Então, assim é, como

vem o de fora, o ruim se mete no meio do bom e pega a fazer carreiro e bota o bom a perder. ... tem tanta gente que bota muita gente a perder. Então, isso aí, é assim (Ponciano, 94).

“Eu acho que isso ... é gente que não pode viver por aí e vem pra cá fazer esse tal de ‘ie-ie-ie’ aqui, acho que só pode ser isso. Não tem serviço lá ou o serviço lá é pouco, ou ganha pouco e vem pra cá, pra procurar serviço. Acho eu que é isso aí, né. ... veio gente de fora pra cá, realmente ... é coisa de 20 anos pra cá” (Ponciano, 94).

“Eles não gostam. Os nativos daqui do Canto da Cachoeira, do Canto do Moreira, da Vargem Pequena, do Ratonos inteiro, eles não gostam. Eles não gostam da chegada das pessoas que vieram de fora. Então, no bate-boca de venda, no bate papo, todo mundo conversando, eles reclamando que as pessoas vem de fora, chegam aqui no Ratonos, querem mandar. Eles dizem Ratonos, não dizem Ratonos, os mais antigos, né, 65, 70 anos” (Lady, 46).

“Acho que mudou pra melhor porque quem vem morar em Ratonos é quem gosta. São pessoas de famílias passiva; pessoas que vivem bem com a gente e não mudou nada, assim, pra pior. Foi pra melhor ... pra comércio e tudo, né. Mudou bastante” (Mica, 47).

Essas opiniões ilustram um dos aspectos da realidade do Ratonos, uma comunidade que aos poucos vai sofrendo um processo de transformação que já ocorreu em outras localidades do interior da Ilha, especialmente os balneários. Há um choque cultural no início como foi assinalado pela ‘delegada’ (46 anos) seguido de um processo de acomodação, como diz o comerciante de 47 anos. Nos mais idosos, parece existir uma ponta de mágoa, pela ocupação de suas terras por gente de fora, ao mesmo tempo que apontam que com eles – os bons e os ruins – vem a mudança.

Existem dois caminhos que levam ao centro do Ratonos. O primeiro, já calçado, tem seu início na rodovia SC-401, é o mais curto. O segundo, tem seu começo também, na SC-401, só que a partir da Vargem Pequena. É preciso andar num pedaço com calçamento mas a maior parte da estrada ainda é de chão batido, o que acarreta muita poeira, em dia de sol, e muita lama e buracos, nos dias de chuva. Existem duas linhas de ônibus que fazem estes percursos, ambas circulares, quer dizer, entram por um lado e saem do outro. Isto acontece há bem pouco tempo. Até alguns anos atrás, Ratonos contava com apenas um ônibus que vinha

buscar o pessoal que trabalhava na cidade, pela manhã, e que os trazia de volta, ao final da tarde.

De acordo com o Censo Demográfico de 1991, a população total da Sede do distrito era de 1080 pessoas, sendo que havia 537 homens e 543 mulheres. Na contagem da população de 1996, também realizada pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), havia no Ratoles 1320 pessoas, 663 homens e 657 mulheres. Segundo critérios adotados pelo pessoal do IBGE, em Ratoles há dois aglomerados: um urbano, que seria basicamente o trecho calçado até o início da Cachoeira, outro considerado rural e que envolveria o restante da comunidade. Assim, em 1996, havia 677 moradores na zona urbana, 334 homens e 343 mulheres e havia 643 moradores na zona rural, sendo 329 homens e 314 mulheres. A zona rural, nestes critérios, representaria a população residente na Cachoeira, Canto do Moreira e no Canto do Ventura.

Ainda, segundo dados obtidos junto ao IBGE e referentes ao Censo Demográfico de 1991²⁶, havia no Ratoles 257 domicílios, sendo que 128 casas ficam na zona urbana e 129 casas na zona rural. A renda média nominal dos chefes de domicílio era de Cr\$ 71.142,22 na área urbana e Cr\$ 82.332,08 na área rural. O salário mínimo na época era de Cr\$ 36.161,60.

Somente no ano de 1998 é que foi implantado um serviço de água tratada pela companhia de fornecimento de água do Estado (CASAN). A maioria, entretanto, ainda continua a utilizar apenas a água de poço ou retirada diretamente de alguma nascente, queda ou olho-d'água. O serviço de telefonia, também é bastante precário, sendo que, neste ano (98), começou a instalação de novos telefones fixos, ainda que em número insuficiente. Existem alguns orelhões ou telefones públicos e algumas caixas coletoras de correspondência da empresa de correios (ECT).

A comunidade não dispõe de farmácia, de supermercado, bancas de revistas ou serviços de locação (vídeos, fitas, CDs), apenas alguns mercados, vendas e muitos bares. No local, existe uma fábrica de concreto armado (CIMPOR), uma empresa especializada em

²⁶ Em 1996 aconteceu apenas uma recontagem da população não se constituindo num censo demográfico pois outros dados não foram pesquisados.

jardinagem, uma oficina mecânica, uma borracharia e duas agropecuárias. Contudo, a maioria dos moradores que trabalha no local, ocupa-se em casa com alguma plantação e criação de animais, ou presta serviços a terceiros, como caseiros, pedreiros, jardineiros, pintores de paredes, artesãos, manicures residenciais, empregadas domésticas e diaristas, entre outros.

Com a chegada de alguns novos moradores, especialmente os 'paulistas', como foram identificados, a comunidade se tornou um pouco mais conhecida, devido à produção de tapetes, feitos em teares manuais. Este grupo que se instalou no Ratonos e não era formado apenas por paulistas, introduziu no local a arte da tapeçaria, produzindo e vendendo uma variedade grande de produtos, feitos a partir destes teares. Produzem e vendem os seus próprios teares, inclusive ensinaram esta arte de tecer a vários moradores. Hoje, já existem outras oficinas de tecelagem, dos próprios moradores, nativos.

Ratonos é sede de um distrito, possui uma Intendência e ocupa uma grande área geográfica, estimada em 20,5 km², fazendo limites com Santo Antônio de Lisboa, Vargem Pequena, Rio Vermelho e a Costa da Lagoa. É basicamente em torno da estrada geral que a comunidade foi se desenvolvendo. Como esta é muito grande, em diversos trechos os moradores foram dando denominações específicas. Assim, surgiram a Ponta do Morro (a entrada), Ratonos de Cima (o centrinho), Cachoeira, Canto do Moreira, o Canto do Ventura.

O centro da comunidade é onde estão localizados uma escola municipal (1º grau), a igreja católica, diversos templos evangélicos, o cemitério, uma padaria e de onde partem algumas ruas e servidões. É o que, pode-se dizer, está mais urbanizado. Chama atenção a quantidade de vendas, bares, 'botecos' existentes nesta região e espalhados por todo o Ratonos. Locais de venda, principalmente, de bebidas alcoólicas.

No local havia um time de futebol que se chamava Esporte Clube Brasil, sendo que o seu campo de treino e jogos fica na Cachoeira, o Estádio Domingos Silva, ao lado do bar do Orlando, onde durante muito tempo, também funcionou uma 'boate', lugar procurado predominantemente pelos jovens para dançar. Um bar onde se joga muito dominó, freqüentado somente pelos homens, exceção feita aos dias de jogos, tanto diurnos ou noturnos

(o estádio possui iluminação) e nos dias de festa ou de danças. Há na comunidade um time de futebol feminino que geralmente treina e joga nas manhãs de domingo, neste Estádio.

A região onde foi realizada esta pesquisa é aquela considerada zona rural do Ratonés, as localidades de Cachoeira e o Canto do Moreira e, por este motivo, restringe-se mais às características ou aspectos citados pelos moradores destas localidades. Também estes lugares possuem algumas vendas e bares. No Canto do Moreira existiu apenas uma venda, que por ser de propriedade de uma família de ‘crentes’ da Assembléia de Deus, não vendia bebidas alcoólicas. Fechou.

“... porque essa (venda) que fechou, a proprietária era crente, então, não vendia bebida alcoólica. Acho que fechou por isso, por que o bar que não vende bebida não vai pra frente” (Mica, 47).

Na Cachoeira, além do bar do Orlando, já citado, há a venda da Janete que funciona mais durante o período diurno como mercadinho. Contudo, há um grupo de homens que se encontram no local para tomarem a sua ‘bita’, mistura de cachaça com Bitter. O antigo bar da Beta, ou venda do Pedro ‘Gordo’ – assim chamado pelo fato de ser o seu Pedro o antigo proprietário e o dono da casa onde está localizada a venda – era um armazém pequeno que também vendia muita bebida alcoólica e possuía mesas de sinuca. Atualmente, no local funciona o mini-mercado do Paulo. Vende bebida mas fecha muito cedo, não chegando a reunir moradores ao seu redor. O novo bar da Beta, ou do Mica, fica num espaço maior, continua com as mesas de sinuca e possui algumas mesas, onde os frequentadores podem se acomodar. Eventualmente ali são realizados bingos, o que reúne bastante gente, famílias. É bastante frequentado pelos gays e lésbicas entrevistadas.

Um local que, nos fins-de-semana, serve para grandes confraternizações é o bar Casa Velha, também conhecido como “Jacutinga”. É uma casa antiga localizada numa grande área verde. Por dentro, é um ‘barzinho’ comum, com dois ambientes: num há mesas e o balcão de bebidas e no outro mesas de sinuca. A casa serve alguns petiscos e pizzas. Quando foi inaugurado, houve na comunidade um certo bochicho e por isto foi ‘batizado’ de Jacutinga, uma alusão à uma casa de prostituição que era cenário de uma novela de televisão.

Tudo isto por que a dona do bar havia se preocupado em colocar nas mesas toalhas xadrezes que combinavam com as cortinas. Tudo muito “*afrescalhado*” (sic).

Na parte externa há um campo de futebol muito utilizado pela comunidade da Cachoeira, tanto por homens quanto pelas mulheres, pois é de mais fácil acesso aos moradores das redondezas. Este campo também serve para jogos de vôlei, geralmente entre homens e mulheres. Neste pátio também há um mangueirão, onde se brinca a ‘farra do boi’²⁷. Como em outras comunidades de influência açoriana, esta brincadeira tradicional acontece na época das comemorações da Páscoa Cristã, mas não somente nesta data. É comum algum morador doar algum boi para que seja feita a farra, seja para pagar uma ‘promessa’ quando se trata de alguma doença, seja para comemorar alguma data festiva. Contudo, a prática mais usual é alguns moradores se cotizarem e adquirirem um boi para que toda a comunidade brinque. Ao final, o boi é sacrificado e suas ‘partes’ distribuídas entre os cotistas. Acontece, também de soltarem o boi na rua, prática atualmente proibida pela Justiça.

“... agora, hoje, a mesma coisa, não pode ter boi solto, hoje é mangueira. Então, muitos já cortam a mangueira, botam a madeira fraca ou deixam o portão aberto, pra depois saírem pro mato, pra brincadeira ficar mais gostosa” (Mica, 47).

Durante a semana, este é um bar tipicamente ‘masculino’, freqüentado quase exclusivamente por homens, realidade esta que é compartilhada na venda do Aldo. Durante o dia é uma venda comum, pequena, bastante utilizada pelos moradores locais e, ao final da tarde, vai se transformando num bar, ou melhor, a procura é quase exclusivamente por bebidas alcoólicas. Novamente o mundo ‘masculino’, sendo que os frequentadores deste bar são os homens com mais idade. Se os outros são frequentados por rapazes ou adultos jovens, este é frequentado por ‘senhores’. Uma outra característica, segundo um morador, é que “*lá eles se reúnem para fazer fofocas*” e “*fofoca de homem é pior que de mulher*” (sic).

Existem ainda na comunidade, dois locais, aparentemente bem distintos mas que, no desenrolar de suas atividades, percebe-se estarem bastante envolvidos entre si. O primeiro é freqüentado por um grupo de idosos, que tem sua sede no Canto do Moreira, e que muitas

²⁷ Segundo o Dicionário da Ilha trata-se de uma “brincadeira onde as pessoas correm atrás – ou na frente – de um boi solto, realizada na páscoa, e que quase sempre termina em churrasco” (p. 64).

vezes promove atividades para angariar fundos, principalmente bingos, dançantes ou não. O segundo, é a 'discoteca' do Marcelo, dedicada aos jovens adolescentes e que funciona de forma irregular. Não há dias fixos de funcionamento, sendo que nunca abre na Quaresma, período onde não se dança em todo o Ratonos.

Há um envolvimento de ambas as partes porque nas festas organizadas pelo Grupo da Terceira Idade é comum a presença de jovens em busca de diversão e algumas promoções organizadas na Sede do 'Marcelo', também, são dedicadas as pessoas com mais idade. Apesar de possuírem características e necessidades tão díspares, é comum haver momentos de confraternização entre eles. As festas religiosas são realizadas no Ratonos de Cima, onde estão localizados a igreja e um salão de festa, recentemente construído pelos moradores. A maior festa religiosa é a que comemora a data festiva de Nossa Senhora dos Remédios, patrona de toda a Região.

Atualmente, observa-se no Ratonos uma preocupação em resgatar um pouco das inúmeras manifestações culturais existentes na região. Movimento organizado em torno da Escola Básica Municipal Mâncio Costa, envolvendo um grande número de alunos, e com apresentações públicas para toda a comunidade. Neste sentido, foi possível fazer com que as pessoas mais idosas fossem repassando às crianças algumas brincadeiras e cantorias, além de tradições, geralmente ligadas à cultura religiosa. Observa-se, então, um ressurgimento de brincadeiras como o boi-de-mamão, dança do pau-de-fita, entrude, mascarado, assim como as cantorias do Terno de Reis, a festa e a bandeira do Divino. Surgiram histórias e interesses sobre o artesanato local, como a tapeçaria, confecção de tarrafa, renda de bilro e brinquedos populares.

Neste levantamento cultural, realizado pelos alunos, apareceram, ainda, "*lendas, contos, histórias, mitos, acontecimentos, brincadeiras, lugares misteriosos ou mal assombrados, ditados populares de Ratonos*" (CORRÊA: 1997, 05). Lendas como a do Boitatá, do lobisomem, sobre bruxas e feiticeiras.

No Canto do Moreira há, ainda, a sede campestre da rede de supermercados Angeloni, que além de servir aos seus funcionários, também é emprestada à Comunidade para

as mais diversas atividades, desde a realização de um bingo até festas de casamento. Na Cachoeira, funciona um Posto de Saúde da Prefeitura Municipal e uma Escola Isolada do Estado, que oferece até a quarta série do 1º grau, no sistema multi-seriado. No Ratonos existem criadores de cavalos Manga Larga Marchador e é possível alugar cavalos para pequenos passeios.

Ao contrário da invasão patrocinada pelos 'paulistas' que trouxeram para o local a revitalização e introduziram novas técnicas de confecção de tapeçarias, os casais de homossexuais entrevistados nada doaram à comunidade, além de suas próprias experiências de vida e alguns serviços de solidariedade. Estes casais, além de contratarem a mão-de-obra local para a realização de pequenos consertos e outros trabalhos que exigem menos qualificação, ainda prestam serviços como transportar alguém doente para hospitais, clínicas, laboratórios para exames, etc. Como um destes *gays* trabalhava como técnico de enfermagem, várias vezes foi solicitado para administrar injeções, fazer a retirada de pontos e realizar diversos tipos de curativos. Tratou, durante alguns meses, de um rapaz que teve a sua perna atingida por uma chifrada, durante uma 'farra do boi'. Sujeito a perder sua perna, este rapaz precisava que alguém fizesse o curativo diariamente, até que a ferida cicatrizasse.

Um outro, cabeleireiro, montou um salão de beleza e oferecia aos moradores serviços de corte de cabelo e maquiagem com um preço diferenciado do cobrado no Centro da cidade. Teve bastante aceitação, sendo logo convidado para realizar trabalhos em diversas festas, principalmente casamentos, batizados, primeira comunhão. Devido a outras ocupações, este rapaz passou a atender somente aos fins-de-semana, restringindo, assim, os serviços prestados. Apareceram, então, várias cabeleireiras no local, sinal de que existia um campo de trabalho ainda pouco explorado.

Em 20 de abril de 1681, Francisco Dias Velho, fundador da cidade da Florianópolis, escreveu uma carta ao cunhado em São Paulo que, segundo PAULI (1987, 113-4), "*contém frases que se consagraram na literatura catarinense e que por isso fazem parte de seu repositório histórico*". De Ratonos é possível dizer, parodiando Dias Velho, "*a terra é boa e quem disser o contrário mente*".

4.1 GAYS E LÉSBICAS DO RATONES: algumas histórias e lendas

*“somos da mesma terra,
não importa a região
... somos da mesma tribo ...
basta saber o que é viver
com direito, respeito e amor”*
(Leci Brandão/Dionísio Santos)^{viii}

Ratones – como já foi caracterizado – é uma das localidades do interior da Ilha de Santa Catarina com feições rurais, ainda bem definidas. Uma comunidade com muitos sítios e pequenas chácaras, onde se encontrava um grande número de engenhos de farinha de mandioca, hoje inexistentes. Percorrendo suas servidões e estradas observa-se que, tanto Ratones quanto a Vargem Pequena não sofreram o processo violento de descaracterização comum nas outras localidades e balneários de Florianópolis²⁸, principalmente por não disporem de praias, suas vias de acesso só recentemente foram calçadas e apenas no seu início. As poucas pessoas que, fugindo da agitação do centro urbano, aventuraram-se a atravessar as fronteiras deste distrito foram construindo suas casas e convivendo com os antigos moradores.

Com certeza muitas histórias acontecem e são narradas nos balcões e mesas dos bares ratonenses. Histórias que se contam nas rodas de conversa que se formam nos bares e vendas, quase que exclusivamente formadas por homens. Às mulheres é apenas facultado ir às vendas e somente no período diurno. À noite estes espaços são tradicionalmente dos homens. Ratones é apenas mais uma comunidade, como tantas, deste país continente ainda fortemente alicerçado numa cultura machista que privilegia o ‘macho’ em detrimento de qualquer outro valor individual. Um modelo tradicional que demarca territórios distintos aos gêneros, inclusive com a dupla moral sexual que estipula a fidelidade obrigatória da mulher e tolera a infidelidade do homem. Aos homens, a rua; às mulheres, as lidas domésticas. Uma sociedade que convive com os papéis bem delimitados do que é ser homem ou ser mulher, onde todos os assuntos se prestam à brincadeira, principalmente aqueles que envolvem a relação entre eles.

²⁸ Para melhor compreender o processo de transformação social ocorrido em Florianópolis há o livro de LAGO, Mara. *Modos de Vida e Identidade: sujeitos no processo de urbanização da Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1996.

“As fofocas são assim: eles vão pro bar, aí, eles cismam com a cara da mulher, ... com a cara da mulher não, eles cismam com a cara do marido da mulher. Se for uma família normal, legal, fina, e eles fazem fofocas venenosíssimas, que já chegaram a separar casais aqui. Calúnia, ... – a mulher do fulano é vagabunda, a mulher do fulano tá botando galho, está recebendo o Ricardão” (Lady, 46).

Analisando este clima de fofocas e gozações, que também encontrou no seu trabalho sobre a honra e o humor na Vila São João (POA/RS), a antropóloga Cláudia FONSECA (1988, 37) escreve:

“A fofoca envolve, pois, o relato de fatos reais ou imaginados sobre o comportamento alheio. Ela é sempre concebida como uma força nefasta, destinada a fazer mal a determinados indivíduos. Ninguém considera-se fofoqueiro, mas todo mundo concorda em dizer que há fofoca constantemente na vizinhança”.

Esta parece ser a realidade em Ratonos: ninguém se diz fofoqueiro, mas todos frequentam os bares considerados centros de origem da maioria das fofocas. Diferente da situação encontrada por FONSECA (1988) na antiga Vila do Cachorro Sentado, as fofocas ratonenses foram apontadas como sendo realizadas principalmente por homens e visando a reputação dos outros moradores do local. Os homens do Ratonos são considerados mais fofoqueiros do que as mulheres, isto dito pelos próprios informantes.

“A fofoca dos homens é terríveis, inclusive eu até já disse: - os homens aqui é que são fofoqueiros. Os ‘toleirão’ vão pra venda, um fala mal do outro: ele mesmo fala da mulher dele. Xinga que a mulher dele é uma baita de uma vagabunda e ele que é bom da boca. Ele é o gostoso, ele que é o inteligente e enquanto isso o Ricardão vão lá na casa dele e sempre se esconde dentro do guarda-roupa” (Lady, 46).

As idas aos bares costumam ser justificadas como sendo para jogar sinuca, dominó, tomar uma ‘bita’, trocar experiências e, principalmente, conversar ou, como foi apurado, ‘fofocar’. Vão narrando a sua própria história. Entre os assuntos preferidos, estão as novidades das lidas domésticas, o vai-e-vem dos ônibus, comentários do que foi visto ou ouvido em rádio e/ou televisão, algumas discussões sobre política, especialmente em época de eleição, e sobre a vida particular daquele que está ausente.

Muito se fala sobre a vida dos demais moradores, especialmente assuntos relacionados à sexualidade. Fala-se muito sobre a sexualidade como já nos alertou FOUCAULT (1977). Talvez nenhuma outra sociedade falou tanto e estudou tanto a sexualidade como a sociedade ocidental moderna. O sexo se constitui naquilo de que se deve falar muito e falar tudo. Há prazer em ter poder sobre o sexo (vigiar, espiar, revelar, regular, fiscalizar, punir) e há poder em ter prazer (escapar da fiscalização, da regulação, da punição, resistir, transgredir, escandalizar). Verdadeiras tramas aconteceriam em casa, nas escolas, nos dormitórios, nos quartéis, na consulta médica e, por que não, nas vendas e nos bares.

Interrogatórios, consultas, narrativas autobiográficas, cartas, fichários, publicações, fofocas, a sociedade solicita e ouve a confidência dos prazeres individuais. Essa ‘vontade de saber’ transformou os antigos mecanismos da confissão em esquemas da regulação científica. Surge, assim, a ‘sexualidade’ enquanto verdade do sexo e de seus prazeres. Mas não existe uma estratégia única, global, que seja válida para todas as culturas, apesar das inúmeras tentativas de “*reduzir o sexo à sua função reprodutiva, à sua forma heterossexual e adulta e à sua legitimidade matrimonial*” (FOUCAULT: 1977, 98).

De tanto se falar em sexo e em sexualidade, em algum desses momentos, também surge a possibilidade de envolvimento sexual entre esses mesmos frequentadores dos bares de Ratonés. Um acontecimento que aparentemente seria muito discreto, pois nunca declarado por seus participantes e que, segundo esta moradora, é bastante comum.

“Olha não chega a ser nem muito discreto nem muito escondido, meio na cara limpa. Ai, eles combinam e vão pra cachoeira e fazem uma penca, né. Encrençam. Ai, quando brigam ali, assim dizem – Ah! Tu, também, tava na penca, também, tava na penca, também tava na cachoeira” (Lady, 46).

A mais conhecida ‘penca’ de Florianópolis era a ‘penca’ do Ribeirão da Ilha, quando mais de quinze rapazes foram vistos encaixados, mantendo relações sexuais. Parece que esta prática também se tornou corriqueira no norte da Ilha.

“Ah! Muito macho vive se ‘empencando’ lá na cachoeira e depois qué dá uma de macho ... Homens casados, solteiros e o leque deles é aumentar a população de homens, de um amasio do outro, sei lá como é que é o nome ... Como já tem um monte, então, pra eles não ficarem sendo fitados sozinhos eles tão tentando

iniciar mais fãas, mais homens. Então pega um, pega o outro, e finalmente quando vão vê já tão envolvido nas cachaças ...” (Lady, 46)

Envolvimentos sexuais, uso abusivo de drogas como a maconha e a cocaína, além de problemas com alcoolismo, também parecem ser corriqueiros entre os homens do Ratonés.

“... Lá embaixo, na vila, tem um ‘beco’ muito grande de drogas, assim. Então, surgem, a gente sabe que a grande maioria tem relações homossexuais só que não admitem de jeito nenhum ... Não, eu acho porque tá na droga vale tudo. Eu conheço gente que tem namorada, que tem até mulher e que tem relação homossexual ... Eu acho que na Cachoeira é mais ‘enrustido’ do que lá embaixo. Acho que lá, porque a droga, acho que eles se mostram mais. Na viagem da droga, acho que ele se expõe um pouco mais. Aqui eu acho que o pessoal é um pouco mais as famílias aqui acho que são mais tradicionais. Aqui que é mais família, família, parente tradicional, assim, né. A família pega muito no pé então o pessoal tem medo” (Cintya, 24).

“Não, não digo aqui no Ratonés em tudo quanto é lugar. Mais a metade sabe o que é que faz isso ... é esse negócio como eles falam é da maconha: fico tolo, fico maluco. Faz o que querem, eu creio que seja” (Idalício, 78).

Esta associação entre o uso de drogas e a prática de relações homossexuais nem sempre é verdadeira, conforme declarações da própria informante. Restringe-se a uma determinada área da comunidade, porém de grande circulação entre os moradores, especialmente os jovens.

O fenômeno no Ratonés de Baixo (ou no centrinho) é mais visível ou mais comentado e por isso, talvez, menos tolerado porque está associado ao consumo de drogas ilícitas, em particular a maconha e a cocaína. Em busca destas drogas, muitos se submetem a certos favores sexuais. Outros já se utilizam destes mecanismos para ver aflorarem os seus desejos homoeróticos. Apesar de não ser um dos locais alvos desta dissertação, pode-se apurar que são raras as formações de casais de homossexuais neste ambiente – praticamente estas se restringem a relações sexuais esporádicas. Um dos entrevistados, nativo da Cachoeira do Ratonés, é frequentador deste ‘beco’, onde possui um ‘caso’ com um outro homem, que por sua vez tem uma namorada.

O que se observou e já foi apontado por uma informante, é que muitos homens casados e com filhos mantêm relações sexuais com outros homens, mais jovens ou não, nem

sempre identificados como homossexuais, e que também podem ser casados – estas práticas geralmente não são identificadas por eles como homossexuais. Não as nomeiam, acontecem como brincadeiras, curtições ou simples trocas.

“Não ele morava com a esposa dele, mais dava pra gurizadinha toda, e ele é um senhor de respeito, tinha 50 anos mais ou menos, lidava com política, com uma associação de moradores, tinha uma certa liderança, mais ‘dava como chuchu na serra’, assim diz os guris, né, a molecadinha” (Lady, 46).

“... tem mais uma, de um cara todo macho, manda matar, diz que morava ali no outro estado além de Santa Catarina, hoje mora nos dois estados. Muito macho mandava matar – era o hom da boca – e aqui em Rationes, ele morava aqui no canto da Cachoeira mais precisamente. Ele muito macho, aí botou a gurizadinha, dava pra toda a gurizadinha, e dava ... pro (nome) e dava ... pra a rapaziada, e o pessoal falava e a gente não acreditava. Os moleques falavam e a gente não acreditava. Depois, eu também comecei a perceber: quando chegava o verão ele colocava uma sunga, uma sunga, daí quando saiu a moda das mulheres de botar aquilo entaladinho, entaladinho, ele entalava a sunga e ia caminhar todo dia com a fresca, ia até lá no final de Rationes e voltava não olhava pra ninguém, bem santo. Só que dá, os moleques diziam que ele dá pra todo mundo, e dá, e dá mesmo, e é macho ainda. Esses tempos até morreu o amante dele, e ele chorava, chorava que se acabava no velório dele, no velório do amante” (Lady, 46).

Estes homens do “Rationes” não se reconhecem enquanto homossexuais. Sabem o nome do ato que praticam, sabem da repercussão social que a divulgação destes atos provocaria e no entanto, ao se atribuírem ‘ativos’ na relação acreditam estarem distantes desta ‘condição’ homossexual. Neste princípio que enfatiza a ‘atividade’, contudo, é preciso, necessariamente, que exista alguém ‘passivo’, como já ficou demonstrado no modelo apresentado por FRY (1982), denominado ‘homem-bicha’. Assim, no Rationes, parece que alguém esconde o jogo, pois não há possibilidade de prática sexual se todos se autodenominam ‘homens/ativos’ e não há ‘bichas/passivos’. Mesmo que se opte em não nomear o ato sexual, caracterizando-o enquanto brincadeira, curtição, ou uma troca, fica o registro de sua existência. De acordo com uma informante, há uma troca muito grande de papéis sexuais, que fica explicitada na figura da ‘penca’ onde um homem está ‘engatado’ num outro, que ‘engata’ num terceiro e assim vai indo. No Ribeirão da Ilha foram contabilizados quinze homens; no Rationes, por enquanto não há números.

LIMA (1983, 18), sem citar a fonte, apresenta esta informação:

“A manutenção da condição de solteiro pelo ‘gay’ ou pela lésbica, quer por alegada aversão ideológica ao casamento, quer por suposta dificuldade de ordem cultural para contrai-lo, é outra credence em descompasso com a realidade social brasileira. Hoje, a maioria, a esmagadora maioria dos homossexuais, homens e mulheres, são casados e têm filhos, numa proporção estimada em quatro para cada grupo de cinco pessoas que adotam o comportamento sexual alternativo, situação, aliás, semelhante à dos Estados Unidos”.

Parece ser temeroso afirmar isto, especialmente perante a realidade daqueles que se autodenominam homossexuais, seja no Ratonés ou em Florianópolis, como um todo. Com certeza, há muitos que se escondem atrás da fachada de um casamento e até mesmo com a criação de uma grande prole. Preferem a clandestinidade para a realização do seu desejo ou de suas fantasias sexuais.

✍ Não se propõe aqui que todos os homossexuais ou os casais de homossexuais, ou qualquer um, devam assumir publicamente a sua orientação sexual, especialmente quando esta ainda não foi absorvida pelo restante da sociedade. Tampouco há uma preocupação em se esconder a homossexualidade, ou revelá-la. Acredita-se ser uma questão de foro íntimo. A privacidade é um direito tanto do heterossexual, quanto de qualquer homossexual, homem ou mulher.

Durante as entrevistas com os informantes, não houve relato de práticas homossexuais femininas no Ratonés, talvez pelas mulheres levarem suas vidas mais restritas à esfera privada, à família e ao mundo doméstico.

Todos os informantes, ao serem indagados se conheciam ou se sabiam da existência, no Ratonés, de algum homossexual, logo citaram o ‘Zé da Zeca’, que como disseram era um famoso personagem local, demonstrando, assim, que a homossexualidade é uma prática com a qual há muito tempo os ratonenses estão acostumados a conviver.

“Ele era solteiro, casou, continuou, nunca deixou, né. Eu acho que ele morreu agarrado na coisa” (Idalício, 78).

Mitos e tabus costumam andar juntos, especialmente quando o assunto é a homossexualidade. Ainda se referindo ao famoso Zé da Zeca, este informante questiona a

orientação sexual do mesmo por reconhecer nele a figura de um pai – como se fosse vetada a gays e lésbicas a arte de procriar.

“... Segundo informações, ele já era (homossexual) antes de casar, inclusive a separação foi por isso ... Ele tem uma filha, ... se era ‘afrescalhado’ não pode ter filha. Ele tinha filha” (Mica, 47).

Se era o mais conhecido e polêmico dos homossexuais que moravam no Ratonos, Zé da Zeca contudo, não era o único. Outros homens também, casados e com filhos, como já foi visto, eram chegados às práticas homossexuais. Praticantes do pecado nefando. Esse personagem, entretanto, não era conhecido apenas pela sua homossexualidade ostensiva. Ele, também era considerado um bom benzedor e assim, ocupava um lugar de destaque na comunidade.

“... Ele benzia, rezava responso para as pessoas que perdiam objeto ...então, a pessoa ia ali e em 24 horas, ele rezava o responso e aparecia as coisas” (Mica, 47).

“Ele é benzedor ... Ele era benzedor, entendia de um monte coisa também ... De benzer, de quebrante essas coisas assim, não é ... É, entendia essas coisas também e dizem que ele era viado também, né ... Ele entendia de qualquer coisa, né. Um quebrante, uma coisa qualquer ele benze ... Uma vez ele deu cura em uma vaca minha. A vaca tava quase morta já, eu levei lá e ele deu cura, fiquei admirado. Eu nunca tinha ouvido falar nisso, pensei que era rebento perdido, levei pra ele benzer. Cheguei lá ele disse – não a tua vaca não é rebento perdido não, a tua vaca é lipro virado ... amanhã tu leva lá na casa da mamãe e benzo a tua vaca lá ... Ai, tá, ele pegou ‘chinchou’ a vaca, como o cavalo se bota ‘chicho’, o arreio, né ... A vaca não comia nada, não comia e nem bebia ... Quando chegou de tardezinha, por essa hora, eu fui lá pegar a vaca. Quando eu cheguei lá a vaca já tava comendo, ai, eu cheguei em casa hotei a vaca na cocheira, botei comida, ela comeu e ficou boa” (Ponciano, 94).

Apesar de não ser o caso do benzedor Zé da Zeca é possível, aqui, afirmar que a associação entre a homossexualidade e a prática de cultos afro-brasileiros remonta aos primórdios destes últimos, especialmente no norte e nordeste brasileiros e menos nos centros industrializados como o Rio de Janeiro e São Paulo, como bem demonstra o trabalho de FRY (1982). Lésbicas, ‘pederastas’ e prostitutas teriam o culto como um de seus lugares preferidos onde os grandes escândalos e fofocas eram atribuídos à peculiaridade de suas práticas sexuais.

Apesar de o estudo de FRY estar ligado mais à tradição de cultos como o candomblé, a umbanda, a quimbanda, etc., é possível fazer uma relação com a prática da benzedura realizada no interior da Ilha, assim como em diversos recantos desse país. Há, sim, uma correlação entre o fato de pessoas desprezadas socialmente passarem a ganhar *status* a partir da liderança em cultos e práticas de curandeirismo, tornando-se respeitados e famosos. Há uma convicção popular de que os homossexuais seriam mais sensíveis do que os heterossexuais e, por este motivo, mais sujeitos ao desenvolvimento de mediunidades e/ou paranormalidades.

“... os cultos podem oferecer oportunidades para carreiras lucrativas, tanto em termos financeiros como de prestígio, para homens classificados como ‘desviantes sexuais’. ... representam um nicho para o estabelecimento frequente de relações sociais entre homens com orientação homossexual, além da articulação resultante de normas e valores” (FRY: 1982, 65).

No caso de benzeduras, outros moradores da comunidade, em particular as mulheres, foram apontados como capazes de realizar curas e quebrantos. Em nenhuma das histórias narradas, contudo, foi realizada a associação entre o curandeirismo e a orientação sexual do benzedor. Apenas no caso do Zé da Zeca.

As histórias contadas foram muitas, algumas podendo ser comprovadas e outras que apenas fazem parte do folclore local, talvez simples anedotas ou chistes dos seus conterrâneos. Algumas chegam a impressionar, como estes números que demonstrariam a quantidade de homossexuais – todos masculinos – que existiriam no Ratonos²⁹.

“Aqui no Ratonos tinha 103 bichas, enquanto, no Ribeirão da Ilha tinha 412 ... Eu converso muito então a gente ouve aqui, ouve ali, eu vou na venda também, então, eu ouço, porque eu vou na venda também ... Aqui Na cachoeira deve ter uma 600, 700 pessoas ... aqui na Cachoeira é um pouquinho menos, 103 bichas era no Ratonos inteiro ... 1800 pessoas, 2000 pessoas que aumentou, hoje 2000 mil pessoas atualmente” (Lady, 46).

Para uma população citada de 1800 ou 2000 pessoas, existiriam 103 bichas no Ratonos inteiro, um pouco menos na localidade da Cachoeira, todos identificados em

²⁹ Estatística não oficial pois a orientação sexual é um dado não verificado nos censos do IBGE.

conversas nas vendas, segundo a informante. Na realidade, de acordo com a contagem populacional realizada pelo IBGE, no ano de 1996, Ratonos contava com 1320 moradores.

Nestes dados – mesmos que fantasiosos – não há referência se esses homens eram ‘bichas’ de fato ‘assumidas’ ou apenas apontados como mantedores de relações sexuais com outros homens, mas identificados como ‘homens de verdade’, na já citada relação estabelecida entre o ‘bicha’ e o ‘homem de verdade’. Aqui, fica claro, não caberia o uso da expressão homossexual, pois se enquadraria no modelo que FRY (1982,68) denominou hierárquico

“... com muito poucas exceções, os machos que ‘comem’ bichas não são classificados de maneira diferente dos ‘homens verdadeiros’. Nesse esquema classificatório, eles não diferem de nenhuma maneira dos machos que se limitam a ‘comer’ mulheres”.

Estes números demonstram a existência de práticas homossexuais que ocorrem entre os moradores da comunidade. Ou, como no caso ilustrado a seguir, para satisfazer certas necessidades pessoais que precisam de números para se auto-afirmarem ou para se protegerem – tentando comprovar que não se é o único.

“... inclusive o Zé da Zeca disse que, antes de morrer, queria completar, parece que era 120 (homossexuais) que tinha aqui em Ratonos. Não sei se completou a pesquisa dele” (Mica, 47).

Práticas homossexuais sempre foram ‘comuns’ nesta localidade. Sempre existiram.

“... Existia, mais não tanto. Não tanto como hoje, não. Mais existia sim, existia sim. Toda vida existiu. Mais só que eu acho que isso aí, dizem que é uma moléstia, eu não quero crer, isso aí é safado, tem é que apanhar é bastante nas costas pra pode aprender, tem que levar é chicote” (Idalício, 78).

Este mesmo informante, que sem destemor emite a sua visão bastante preconceituosa da homossexualidade, quando se refere ao casal de *gays* para os quais vendeu um pedaço do seu terreno, parece não concordar que eles também ‘mereceriam’ apanhar nas costas – uma opinião que é compartilhada por uma parcela considerável da população

brasileira. Este senhor e os dois homossexuais realizam entre si algumas trocas afetivas que passam muito longe da sexualidade – há uma tentativa de se refazer uma família ou de resgatar os sentimentos ou trocas que não aconteceram com os próprios filhos. Alguns que inclusive moram muito perto do pai. Preferindo não encarar as preferências sexuais destes dois homens, especialmente na figura de um deles, este senhor afirma

“... Botei a placa de manhã, de tarde o (nome) chegou aqui e perguntou se não tinha um terreno pra vender – que já tinham avisado a ele. Eu não conhecia ele. Ai fiz negócio com ele, então, vendi pra ele. Eles vieram pra li, tomou conhecimento com nós, que nós ia pra Canasvieiras entregava isso tudo pra ele. Nós ia embora. Nós dizia onde é que ele botava a chave. Ele guardava a chave e quando nós chegava a chave tava direitinha e a casa tava tudo direitinha. Num outro sábado ele vinha outra vez e fazia tudo de novo ... Botaram tudo em baixo do terreno, roçaram e arrumaram, fizeram a casinha deles, pra nós é como filho, é mais que um filho ... Pra nós é como um filho, é como eu tô dizendo, os meus filhos não fazem nada pra mim, eles fazem de tudo, mais também, o que nós temos aqui é deles ...” (Idalício, 78).

Estes dois homossexuais integram os casais entrevistados que optaram por viver em Ratonés. Suas histórias e relatos serão conhecidos no próximo capítulo. Outra história de conhecimento público e que envolve mais dois entrevistados – que foram ‘caso’ e que depois se separaram – foi descrita, assim, por uma das informantes da comunidade.

“... É eles eram namorados e foram num baile lá na Costa da Lagoa, subiram o morro ali, a pé, e foram lá no baile. Ai, lá, pintou um clima de ciúme, um com ciúme do outro, outro com ciúme de um. Ai, brigaram, um bateu no outro, foram pro braço, foram pro sarrafo. Vieram pra casa, vieram brigando no caminho, que acho que dá 5 Km, subiram o morro brigando, se agarraram 2 ou 3 vezes. Sei que chegaram de manhã em casa, os dois lanhados; os dois chorando porque tinham brigado, porque um perdeu o amor e outro também e foi a última brigas deles e também o relacionamento deles se acabou nisso aí. Um chorava estrada a fora, se escabelava: - ‘Como é que eu amava aquele desgraçado e ele não vale nada. Ele me traiu’. Chorava numa boa. E nessa mesma briga, desses dois homens amantes, ai quando chegaram na casa do pai de um deles brigaram de novo. Ai, um deles pegou o sarrafo pra bater no amante: - ‘Tu não me quer mais, então, toma, vou te bater, vou te arrebentar a cabeça com esse sarrafo’. Ai, o pai de um deles, o pai, o sogro é o sogro, né! - se meteu e apanhou também do amásio do filho homem, barbado” (Lady, 46).

Neste relato fica evidenciada a dificuldade em se nomear a relação homossexual e os seus atores. São namorados, são ‘caso’, são amantes ou amásios? O pai de um deles é

‘sogro’ do outro? Esta dificuldade com a nomenclatura é presentificada por todos os homossexuais, homens ou mulheres, quando apresentam seus (suas) companheiros (as). Ao reproduzir em suas relações paritárias o modelo de relacionamento estabelecido para o casal heterossexual parece que se torna, também, apropriado o uso das expressões que designam os seus pares e os co-participantes da relação, mesmo que às vezes soe ‘esquisito’ ouvir um homem ao se referir a outro como seu namorado, seu marido, seu companheiro, ou o até mesmo o seu ‘caso’. Ou uma mulher ao se referir a uma outra. Da mesma forma as nomeações feitas para papéis sociais desempenhados por parentes consangüíneos: o sogro, a sogra, o cunhado, o genro, além do caso particular quando há filhos.

Este sentimento de constrangimento parece refletir mais uma falta de costume do que propriamente um ‘não saber’ como definir os sujeitos envolvidos. Há uma nomenclatura – definida na língua portuguesa – para os diversos graus de parentesco. A nominação fala do lugar social ocupado pelos sujeitos. O que sobressai, diante dessa incapacidade de se nomear, parece ser uma resistência interna para admitir a homossexualidade.

Ao se discutir estas questões, discute-se na verdade a reprodução deste modelo tradicional heterossexista de casamento, que muitos acreditavam ser uma instituição com tendência a desaparecer face à revolução dos costumes que se vislumbrava, aconteceria após as décadas de 60 e 70 com a propagação das idéias do movimento *hippie* sobre o ‘amor livre’ e com o aparecimento de um movimento homossexual mais organizado, além do surgimento dos novos modelos de casais – como os relacionamentos propostos por SALÉM (1989), BEJIN (1987). Ainda que esta tão desejada mudança não tenha sido alcançada e que o modelo de relação conjugal estabelecido por alguns homossexuais seja muito parecido, ou cópia fiel, do modelo heterossexual, é possível concordar com Teresa SELL (1987, 173) quando esta afirma que

“As tentativas de viver o amor homossexual é que ele rompe com o que é tradicional, sejam quais forem as formas: acasalamento, ou ‘caso’ de amor, ou de ‘cama’ de uma noite apenas, nenhuma se insere no que é aceito na sexualidade produtiva, pelo padrão ‘normal’. Nenhuma é vinculada a papéis, filhos propriedades, etc.”.

A cultura e o ser humano, como já foi visto neste trabalho, longe de serem produtos acabados, estanques, estão continuamente em processo de produção. Alguns homossexuais pretendem ter legalizado o seu casamento por acreditarem nesta instituição ou para obtenção dos direitos sucessórios; outros, reivindicam a possibilidade do casamento civil por entenderem discriminatória a proibição para usufruí-lo; outros, ainda, são contra a referida legalização por entenderem que as uniões homossexuais são mais legítimas por que não são reguladas por lei.

Gilberto VELHO (1985), ao tratar do 'desvio e divergência', afirma que aos desviantes (inadaptados à norma) é possibilitada uma leitura diferente/divergente da cultura em que vivem. E também da história, compreendida através de uma outra perspectiva.

Histórias fantásticas também foram narradas pelos entrevistados. Discursos que envolviam personagens como bruxas, feiticeiras, benzedoras e que estavam muito próximas das histórias coletadas por MALUF (1993), talvez até porque Ratonas esteja ligado geograficamente à Lagoa da Conceição através da Costa da Lagoa, sendo que muito de seus moradores são parentes entre si. Uma narrativa, em especial foi marcante e envolveu uma pequena discussão entre pai e filha. Envolvia a figura lendária do lobisomem e a sua preferência em só atacar homens.

“Quando eu era pequena me diziam que, me contavam que existia uma determinada pessoa que era lobisomem, e parece que uma certa noite eles foram caçar. Foram caçar uma noite, ele e outros amigos, e era noite de lua cheia e ele se transformou. Eu não sei, ou bateram nele, ou cortaram, deixaram alguma marca e no outro dia, ele fugiu na hora e no outro dia foi identificado, daí não ... (Cintya, 24)

... mais essa determinada pessoa, que a Cintya falou, morava aqui embaixo perto do terreno do seu (nome) uma pessoa encontrou ele e ele atacou. Por que a pessoa segundo eles dizem, que o lobisomem não se pode bater no próprio animal tem que ser na sombra, se não bater na sombra atinge a pessoa – e ele bateu na sombra e ele mordeu essa pessoa. E no outro dia de manhã diz que ele tinha fiapo de tecido nos dos dentes, trancado, foi quando ele foi descoberto, que ele era lobisomem ... Ai, quando ele era descoberto diz que ele perde o faro e não se transforma mais, que só se transforma na sexta-feira, dia de lua cheia, depois da meia noite. Ai, tem lobisomem, tem bruxa, tem feitiçeira, tudo nesse dia (Mica, 47)

Era mais homem (quem ele atacava), porque o pessoal naquele tempo andava mais na estrada a noite, né! Iam pras vendas, na parte da Cachoeira tinha 2, 3 vendas só, então, o pessoal moravam longe das vendas, iam na venda conversar, tomar uma pinga, onde encontravam... (Mica, 47).

Podia ser uma maneira do homossexual se manifestar, já que naquela época era tão, uma coisa quase não aceita. Era uma maneira do pessoal tirar uma casquinha de algum homem (Cintya, 24)

É, mais como diziam que ele agredia as pessoas, mordida, fazia esse negócio todo, acho que não podia ser isso, porque se ele fosse um caso de homossexual, ele dava um carinho e outras coisa. Não maltratava as pessoa” (Mica, 47).

Esta discussão levanta a possibilidade da existência de um tipo de lobisomem que poderia ser considerado *gay*, pois a sua preferência ao atacar era pelos homens. A justificativa do pai é razoável, somente aos homens era permitido circular durante as noites pelas estradas do Ratonos. Porém, apesar da leitura realizada pela filha forçar demais uma interpretação, é conhecido o fato de que nem sempre as mulheres se comportavam como o esperado. Se fosse assim, não existiriam tantas histórias contadas de bruxas e bruxarias.

Desde essa imagem de lobisomem, *gay* ou não, o certo é que uma nova imagem vai se construindo sobre a homossexualidade nesta comunidade do Ratonos. Os próprios comentários num dos bares mais movimentados da Cachoeira dão essa impressão. No dizer do seu proprietário

“... Conforme o tempo, a pessoa vai vivendo, vai ..., isso aí, já praticamente, já tá quase normal, porque são pessoas que não fazem mal. Cada um vive a sua vida, né. Cuidando a vida da gente já é bastante, ... cuidar da vida dos outro. Não incomoda tem os problemas deles lá, não mexendo com a gente tá bom” (Mica, 47).

Questionado se este pensamento era só seu – afinal é comerciante e também precisa vender para esta população – ou se é compartilhado pela comunidade este senhor respondeu:

“Não. Meu e de muita gente, eu acho que da maioria. Tem pessoas que, são pessoas assim, que são meia, como é que se diz, aquele pessoal antigo que não aceitavam isso. Hoje, já existe algumas famílias que tem e os pais hoje vivem com

os filhos dentro de casa, normal, não expulsava não acontecia nada. O pessoal já vai se acostumando, o pessoal vão se aprimorando e praticamente cada um vive a sua vida” (Mica, 47).

Esta análise vai ao encontro da sensação encontrada pelos casais de homossexuais quando chegaram na comunidade. Não houve rechaço, nem hostilidade por parte dos ‘nativos’. Estes casais, apesar de não se apresentarem enquanto tal, não tinham necessidade de expor sua orientação sexual e tampouco de esconder sua homossexualidade. Somente queriam ser aceitos na comunidade enquanto cidadãos. Conforme foi citado pelo informante acima, realmente, alguns homossexuais não precisam mais manter uma atitude de isolamento em relação à sua família ou à coletividade em geral. De fato, o comportamento das famílias em relação aos seus homossexuais tem mudado muito nos últimos anos. Já são poucas as famílias que expulsam de casa o *gay* ou a lésbica como se este fosse um doente, um leproso, ou, que o internam para curar a sua ‘doença’. Evidentemente, desde que este homossexual se comporte com ‘decência’, em outras palavras, que a sua postura não seja tão decodificável – que seja discreto – procurando não levantar questões a respeito de si ou de seus amigos.

A visão, da ‘decência’ homossexual, vai ao encontro de um padrão de homossexualidade que vai se formando na cultura brasileira e que, aos poucos, vai aprendendo a conviver com as formas tradicionais da prática homossexual, principalmente aquela que relaciona o homem ao ‘bicha’. Ao eleger um padrão de relacionamento, contudo, corre-se o risco de discriminar outras possibilidades de vivências. Não há porque esconder ou discriminar as facetas caricaturais e trejeitos do ‘bicha’, o *trottoir* e a ‘*performance*’ dos travestis, a masculinidade impostada de algumas lésbicas.

Uma informante, talvez sem informações suficientes e acreditando estar aconselhando corretamente um homem ao qual chama de travesti, fornece estas orientações de como ‘deve’ proceder um homossexual masculino.

“O (nome), aí, ele odiava mulher, aí fazia uma festa e levava a meninada pra lá, embebedava, despia as meninas, tirava fotografias, e aí, eu andei conversando com ele ... Eu conversei com ele: – ‘Escuta, se o homem, os teus namorados homens, eles gostam de parceiro masculino, então, você tá fazendo a coisa errada. Você se vestir de mulher, e nunca vai igualar a uma mulher e mulher tá cheio aí. Ele quer mesmo a figura masculina, de gravata, de camisa social, bem

produzido'. E ele tem andado bem produzido, ele assimilou bem a coisa, e ele não odeia mais as mulheres. Antes ele odiava, o que ele podia fazer, antes houve, assim, bebedeira, tirar fotografias das meninas nuas, sai mostrando, avacalhando com as mulheres” (Lady, 46).

Com certeza, nos bares e vendas do Ratonos, muitas histórias acontecem e são comentadas, além daquelas que se presencia. Muita coisa realmente sucede nestes ambientes como pode ser visto através do depoimento deste informante, dono de uma venda, ao falar do comportamento de alguns homossexuais masculinos – identificados enquanto ‘bichas’ – no seu estabelecimento comercial,

“... Tem aqueles que se abrem muito, querem mostrar que são, aí fica chato. O lugar que eles freqüentam, não freqüentam diretamente, mais onde eles chegam eles se mostram mesmo que são. Fica um ‘troço’ meio ridículo, já outras pessoas estão presente, ... mesmo que não são moradores de Ratonos, são pessoas que tão passando no bar pra tomar cerveja, comprar um cigarro ... Então, os caras ficam se mostrando; se tiver uma música ali eles tão dançando, ficam se ‘fresquiando’ todo. Então fica um ‘troço’ meio ridículo, né ... Aí, eu não me manifesto ... e de resto não, não ofende ninguém, não obriga ninguém a fazer o que ele quer ... mas pra mim não tem porque ...” (Mica, 47).

Se não existe uma única maneira de se viver a (homo) sexualidade – pode-se listar inúmeras destas possibilidades – tampouco deve-se indicar como o sujeito deva se comportar. O respeito exigido ou solicitado às mulheres deve ser expandido a todos os cidadãos. Respeitar as diferenças individuais é também respeitar toda a humanidade e todas as possibilidades de vivências.

Pensando estar descobrindo maneiras diferentes, alternativas para se viver, a jovem informante aventurou-se – acompanhada de seu namorado e do ex-casal (de gays) brigão – por uma boate para homossexuais no centro de Florianópolis. Sua impressão:

“À primeira vista foi chocante porque tu está acostumado ver homem com mulher e vice-versa, tu via homem beijando, namorando homem, mulher namorando mulher. É estranho, assim, porque a grande maioria não é, não acontece com a grande maioria. O mais engraçado, o que mais impressiona, a gente, é que, realmente, é igual, assim, eles namoram uma pessoa do mesmo sexo, assim, como a gente namora do sexo oposto. Só que eu acho que o preconceito não deixa a maioria da sociedade aceitar uma coisa dessa, tipo andar de mão dada, fazer carinho, e geralmente as pessoas que resolvem assumir não fazem isso perante a

sociedade. Não porque, às vezes acho que está com vontade de mostrar carinho pra pessoa que gosta, mas a sociedade não iria aceitar” (Cintya, 24).

Como já foi apontado, a maioria dos homossexuais não gosta de ser chamada de ‘bicha’, especialmente quando este alguém que nomeia não pertence ao seu círculo de amizade – neste caso, geralmente se percebe um tom pejorativo e, até mesmo, discriminação e preconceito. Agora, quando alguém, também homossexual, fala: “*Ai, ‘biiiiicha’*”, há sempre uma sensação de cumplicidade, comum no gueto ou nos círculos de amizade, como no caso da maioria dos casais entrevistados.

Houve até um momento histórico em que os movimentos de homossexuais em busca de uma ‘identidade homossexual’ tentaram valorizar este vocábulo esvaziando dele esta conotação pejorativa. Esta ‘nova bicha’, contudo, segundo FRY (1982, 106), “*pouco tem em comum com seu precursor, pois a posição geral de um grande número de membros dos movimentos é francamente a favor de uma identidade homossexual parecida com a que descrevi para o ‘entendido’*”. O que sobrou destas reivindicações por uma ‘identidade homossexual’ foi um grande reforço ao modelo médico que estabelece uma taxionomia que divide o mundo em ‘homossexuais’ e ‘heterossexuais’ – aos bissexuais a dupla discriminação. Também não se conseguiu resolver a questão das gírias: ‘bicha’, ‘viado’, ‘fresco’, ‘bofe’, ‘gilete’, entre outras tantas.

No Ratonés, como em diversas regiões do Brasil, ‘bicha’ é também descrita como uma espécie de vermes ou parasita humano. Este informante, ao falar da perda de uma de suas filhas, afirma que

“... essa que morreu é maiorzinha, morreu grande. Quando ela morreu ... deu ataque de ‘bicha’, né. Não havia quem tratasse, a mãe não sabia o que era. Naquele tempo o remédio que tinha era ... ia pra qualquer curador, não procurava médico. Médico era só na cidade ...” (Ponciano, 94).

Justificando sua preferência pelo vocábulo ‘homoerotismo’ – como substituto de homossexualidade e homossexualismo, principalmente por estes estarem associados à doença, perversão ou animalidade – COSTA (1992, 94) aproveita para citar Parker (1990) quando este, ao comentar o uso vulgar da palavra ‘bicha’, afirma: “*No Brasil, nada ilustra tão bem o*

estatuto de meio-homem, meio-besta do homossexual quanto a palavra 'bicha'. 'Bicha', ..., é um tipo de verme e, ao mesmo tempo, um animal, um bicho, neologicisticamente feminilizado”.

Convivendo com quase todos os aspectos acima citados, os casais de homossexuais que foram entrevistados vão procurando viver a sua vida sem se preocupar com o estabelecimento de uma ‘identidade homossexual’. Procuram, apenas, construí-las numa localidade tranquila desta ilha capital. Constroem seus sonhos, seus relacionamentos e, por que não, a sua própria homossexualidade.

Em tempo, segundo o informante mais idoso entrevistado, Ratonos nunca teve ‘entendido’, quando se precisava de um era preciso recorrer ao distrito vizinho – Santo Antônio de Lisboa – onde residiam dois, ou na Vargem Pequena que também tinha um morador ‘entendido’.

“... então, quando havia qualquer doença, a pessoa adulto, grande, qualquer, a gente ia pro ‘entendido’. ‘Entendido’, né, que dava remédio ... É uma pessoa que ‘entendia’ dessas coisas. O ‘entendido’, né, não era médico, era o ‘entendido’. Como ali, em Santo Antônio, foi um padre que me batizou, o padre Zeca, ... ele dava remédio pras senhoras que eram famílias, que davam recaídas, era correr lá que era pra já. Ele só receitava o remédio dava a dose ...” (Ponciano, 94).

Relembrando que ‘entendido’ era o jargão usualmente empregado para identificar o homossexual masculino e/ou feminino, geralmente pertencente a uma camada média ou média alta, urbana, ‘moderna’, mais favorecida cultural ou intelectualmente – no modelo que se propunha mais igualitário da homossexualidade e que surgiu na década de 60.

Finalizando, parece ser importante a fala desta jovem informante quando se refere aos casais de homossexuais (gays e lésbicas) que sendo ‘assumidos’ resolveram escolher o Ratonos, para lá construir suas vidas de ‘casados’. De uma certa forma, é uma novidade que foi se acomodando dentro das estruturas hierárquicas estabelecidas pela cultura local. Ressalta-se que, salvo alguns preconceitos individuais, não se pretende que este modelo de comportamento, esta prática da homossexualidade – a paridade – seja eleito como modelo a ser seguido pela totalidade dos homossexuais. Cada qual vivencia a sua orientação sexual de acordo com a construção internalizada de todas as suas experiências – seu funcionamento

interpessoal. Compreendido, sempre, como um processo constituído nas relações sociais e mediado pela linguagem. O que se pretende é apenas apresentar e descrever este modo de vida escolhido por seis dos oito sujeitos entrevistados.

“... Eu acho que as pessoas que moram juntos e ‘assumiram’, eu acho que elas mostraram muito, apesar da situação não ser ‘normal’ pros moradores daqui e pra grande maioria da sociedade. Eles souberam impor seu respeito, e eu acho que são super discretos na sua individualidade entre casal, assim. E tem muita gente que nem imagina, quer dizer que não tem a certeza, moram juntos, tudo. Mas eu sei que não, não tem a certeza. Mas eu acho que pelo menos com o pessoal que eu convivo, eu acho que essas pessoas que vieram morar pra cá, eu acho que souberam colocar o respeito, sabe (Cintya, 24).

4.2 A Chegada

*“Com amor no coração
preparamos a invasão
cheios de felicidade
entramos na cidade amada...”
(Caetano Veloso)^{ix}*

A chegada dos primeiros casais de homossexuais entrevistados ao Ratonés não foi planejada. Talvez, possa-se dizer, foi ‘coisa do destino’. O primeiro casal que lá chegou foi o de duas garotas, em 1991. Segundo depoimento destas mulheres, quando elas decidiram que era hora de terem a sua própria casa, não tinham um local determinado. Sabiam que queriam morar na Ilha, fora do Centro e de preferência que fosse um local calmo, tranquilo e que tivesse, no mínimo, alguma estrutura de sobrevivência como luz, água e ônibus.

Sem destino definido, acompanhadas pela filha de uma delas, saíram a procurar um terreno em alguns balneários e no interior da Ilha. Foi assim que passaram pelo Campeche, Rio Vermelho e Ingleses. Quando estavam na rodovia SC 401, detiveram-se diante de uma placa que indicava que estavam na Vargem Pequena. Resolveram adentrar pelo lado esquerdo, no sentido norte-sul, pois por ali nunca tinham entrado. Na verdade uma delas, que costumava passar o período de verão em Canasvieiras, já conhecia o local pois quando era criança era ali que vinham comprar laranjas e outros produtos horto-fruti-granjeiros. Contudo, pouco lembrava da comunidade. A primeira impressão marcante foi a Igreja local, típica de lugar pequeno. Resolveram continuar por aquela estrada, sem saber exatamente onde ela ia terminar.

Quando chegaram no alto de um morro ficaram encantadas com o que avistavam. O local parecia um vale e muito próximo do que pensavam encontrar para morar. Nesta altura, a estrada já não é mais calçada e os terrenos dos dois lados pertencem a uma única fazenda. Ao continuarem logo chegaram numa bifurcação e resolveram optar novamente pela esquerda. Estavam no Ratonos. Pensaram: “é aqui que gostaríamos de morar” (sic). Voltaram para sua casa, na Agrônômica, certas de que pelo menos o local já havia sido decidido. Faltava encontrar um terreno que fosse compatível com o dinheiro que tinham.

De tanto irem ao Ratonos ver o terreno escolhido e mostrá-lo aos amigos acabaram se decidindo por ir morar lá. Aluguel por aluguel, lá seria mais barato e estariam mais perto do seu terreno podendo acompanhar a construção da sua casa. Alugaram, então, uma casa pequena bem ao lado do campo de futebol do Brasil, o time local. Era o ano de 1992. Desde o início, este casal sempre manteve bons contatos com o pessoal da comunidade. Como o senhor que vendeu o terreno era pai da dona de uma das vendas do local, logo elas estavam comprando no mercadinho da “Beta” e marcando as compras no caderno. Inclusive era na venda que discutiam como e quem iria construir a casa. Ali, foram contratados os homens que fizeram o poço e as partes de alvenaria. A casa de madeira foi feita pelo esposo e pela proprietária da venda. O terreno, depois da venda da cana-de-açúcar, foi limpo pelas duas mulheres, inclusive arrancando os pedaços de touceiras deixado na retirada das canas.

Quando a casa delas ainda estava sendo construída, dois rapazes que estavam comprando um terreno no Rio Tavares, foram visitá-las e lá descobriram que havia uma casa que estava à venda. A proprietária do terreno, adquirido recentemente de um morador da comunidade, havia desistido de morar no local pois sentia-se muito só e resolveu voltar para o seu apartamento na Trindade. Esses rapazes logo se interessaram pela casa e neste mesmo dia desistiram do seu negócio no Rio Tavares para serem ‘quase’ vizinhos de suas amigas. Num período menor que uma semana eles estavam trocando a casa alugada onde moravam, na Carvoeira, pela sua nova casa, agora no Ratonos. Eles também já estavam de uma forma entrosados com algumas pessoas da comunidade, especialmente os frequentadores da venda da ‘Beta’. A compra desta casa se deu no dia 21 de abril de 1992. Um destes rapazes é o autor desta pesquisa que, portanto, partilha da própria experiência estudada.

Neste intervalo entre as duas mudanças, um casal de *gays* italianos também se mudou para o Ratonés. A casa adquirida por eles também ficava perto das outras casas dos casais de *gays* e lésbicas referidos. Estas casas na verdade estão localizadas no interior do Ratonés na localidade denominada pelos moradores de Cachoeira. No início, os rapazes italianos eram apenas conhecidos dos outros casais de *gays* e lésbicas, mas não havia entre eles vínculos de amizade. Um deles, para conseguir a dupla nacionalidade, havia casado com uma lésbica brasileira, essa sim amiga dos outros casais. Estes *gays* ainda moram no mesmo local mas não foram contatados para esta pesquisa.

Com a ida destes casais para um local retirado do Centro e que poucas pessoas conheciam logo acabavam recebendo bastante visitas, especialmente de outros homossexuais. Numa destas visitas resolveram realizar o 1º Encontro da JUGARA³⁰. Nas datas de 5, 6 e 7 de setembro de 1992 se encontraram para as festividades que ficavam sob a responsabilidade de diferentes casais. Eram dois casais de *gays* e dois de lésbicas além dos dois casais que moravam no Ratonés e somente uma pessoa solteira, que no caso, era uma mulher heterossexual. Um dos casais *gays* e a moça solteira eram de Porto Alegre (RS) e vieram especialmente para o encontro. As atividades envolviam churrascos, cafés coloniais, um passeio ecológico (caminhada) até a Costa da Lagoa. Tudo acompanhado de muita cerveja, muita música, muito riso. Nestes momentos não havia interação com a comunidade.

No último dia deste encontro, um outro casal *gay* resolveu dar uma caminhada pelo local a fim de ver se achava algum terreno para comprar, possivelmente apenas como investimento, pois achavam o local muito distante do Centro, sendo bom apenas para os fins-de-semana. Durante a caminhada e conversando com moradores locais descobriram que um senhor acabara de colocar uma placa de venda de um terreno, só que no Canto do Moreira. Como nos casos anteriores, logo fecharam o negócio. Gostaram tanto do local que decidiram permanecer morando ali, desistindo do apartamento onde moravam no Kobrasol, no município de São José.

³⁰ JUventude GAY do RAtones, criado como uma paródia dos movimentos sociais e onde o único objetivo a ser atingido é o lazer. Para fazer parte deste grupo é preciso que o *gay* ou a lésbica tenha um (a) companheiro (a); 'solteiros' somente como convidados em algumas reuniões.

Diferente do outro casal que comprou a casa pronta, os membros deste casal resolveram que eles mesmos iriam construir a sua residência. Nos fins-de-semana, eles se mudavam para a casa dos outros rapazes e também das moças e, ajudados por um pedreiro, colocavam a 'mão na massa'. Após algumas semanas, eles começaram a ficar na casa do senhor que lhes vendeu o terreno. Também foram eles que limparam o terreno e que fizeram algumas plantações de frutas e hortaliças, além de começarem uma criação de galinhas. Estão no local até hoje, com mais alguns gatos e cachorros. Assim como o primeiro casal de mulheres, também eles participam desta pesquisa.

Os outros entrevistados já eram moradores da Cachoeira do Ratonos. Os rapazes solteiros formavam um casal naquela época. Ao menos era isto que se ouvia dizer, envolvimento confirmado durante a entrevista apenas por um deles e citado como exemplo por um dos heterossexuais entrevistados. Um destes rapazes é nativo da comunidade, só saindo daqui durante um período muito breve para poder estudar e trabalhar no centro da cidade. O outro veio da cidade de Santos (SP), seguindo uma irmã que acabara de chegar ao Ratonos. Veio tentando esquecer uma outra história de amor e aqui logo conheceu este ratonense que o levou a tentar uma nova investida em alguém do mesmo sexo. O desfecho deste relacionamento e os caminhos trilhados depois pelos protagonistas será mostrado do desenrolar deste trabalho.

O outro casal de lésbicas já está junto há seis anos. No início, durante o processo de acomodação dos casais na comunidade e devido ao fácil entrosamento com os seus moradores, foram tomando contato com histórias e fatos que aconteciam ou que teriam acontecido por ali. Uma delas dizia respeito a uma moça, natural do Ratonos, que havia sido expulsa de casa, pelo fato de terem descoberto que ela estava se envolvendo sexualmente com outras mulheres. Esta moça, na época não morava mais no local, estava vivendo com outra mulher numa outra localidade. Hoje, ela vive de novo em Ratonos com sua atual companheira e na entrevista concedida conta a sua versão para a sua saída de casa. Saiu por que não aguentava mais a pressão que ela mesma exercia sobre si. Sentia-se diferente e precisava tomar uma decisão quanto à vivência da sua sexualidade. Já era amiga de sua atual companheira, mas nem desconfiava que ela também poderia vir a se revelar como homossexual. Foi assim que conhecemos a companheira, natural do Rio de Janeiro (RJ),

como uma heterossexual. Havia um rapaz do local que se dizia apaixonado por ela, não correspondido pois, segundo ele, esta moça teria outro namorado.

Foi um misto de surpresa e até mesmo de contentamento – para os demais homossexuais – quando começamos a ver estas duas moças andando sempre juntas. Outro fato que chamava atenção era que, durante as longas viagens de ônibus entre o Centro e nossas casas, elas sempre procuravam sentar no mesmo banco, não conversavam com ninguém e discretamente uma ia se aconchegando no ombro da outra. Super discretamente, tanto quanto é possível nestas situações, estas duas moças iam abraçadas durante todo o trajeto. Elas também moravam na Cachoeira. Nesta época elas estavam morando na casa dos pais da moça que todos ainda julgavam heterossexual. Em seguida, alugaram uma casa quase em frente a dos seus pais e aí a história já se torna um pouco mais pública, ou visível. Contudo, a proprietária logo pede a casa de volta pois uma de suas filhas engravidara e ia casar, portanto precisaria de um lugar para morar. Elas, então, vão morar numa outra casa alugada no Campeche. Compram um terreno no Ratones para construir ali a sua casa. Também na Cachoeira. Contudo, só retornam quando são procuradas por um *gay* que lhes oferece a sua casa para alugar. Resolveram voltar para ficarem mais próximas da construção. Aliás, casa esta que está sendo feita pelas duas e mais um pedreiro.

Interessante que estes fatos aconteciam no local ao nosso redor e ficávamos sabendo deles através dos outros moradores, em sua maioria homens e mulheres heterossexuais. O entrosamento entre todos estes personagens acontecia de forma muito diferenciada. Alguns se conheciam, tinham até certa amizade, outros apenas se cumprimentavam, como solicitava o hábito local, onde todos se cumprimentam. Não havia, contudo, um elo entre eles, nem mesmo a sua já conhecida orientação sexual. O fato que os aproximou tinha mais um cunho de solidariedade, do que apenas uma curiosidade pessoal ou interesse de se agruparem enquanto ‘minorias’. Pois este fato envolveu toda a Comunidade.

No dia 13 de agosto de 1997, um incêndio de origem desconhecida, destruiu completamente a casa das primeiras lésbicas que chegaram ao Ratones. Foi um momento de perplexidade diante do futuro, não se sabia que rumo tomar. Foi preciso que os amigos, os familiares, a comunidade, todos se organizassem e comesçassem um mutirão que culminou

com a reconstrução de uma casa muito melhor do que a anterior. Todos participaram, independente de suas orientações sexuais (heterossexuais, homossexuais), homens, mulheres, velhos e crianças. Um momento que mostrou com clareza este envolvimento foi a realização de um bingo na maior escola da comunidade para angariar fundos para a construção. Durante todo o dia foi grande a movimentação dos que preparavam o local para a festa da noite. Foram organizadas algumas barracas e distribuídas funções. Na hora que ia começar o bingo, às 20 horas, começou a chover, contudo as pessoas não se assustaram, permaneceram no local e outras tantas ainda chegaram. Foi um momento muito bonito, onde não importava se as pessoas que ali estavam eram *gays* e lésbicas ou heterossexuais. Eram três moradoras, as duas lésbicas e a filha de uma delas, que precisavam da ajuda de todos.

Além do lucro da realização do bingo, o casal de mulheres ganhou muito do material necessário para a construção de uma casa. Também foi obtido um outro ganho financeiro através de uma rifa que foi organizada. Faltava apenas a mão-de-obra, mas até aí a solidariedade foi muito grande. Alguns pedreiros e um marceneiro se ofereceram para trabalhar, cobrando um preço bastante abaixo do normal. Neste momento, a participação das outras lésbicas foi muito significativa. Todos os fins-de-semana era comum ver *gays* e lésbicas subindo no telhado, jogando telhas, carregando troncos pesados, enfim, ajudando como auxiliares de pedreiros e marceneiros.

A partir deste momento de solidariedade não se pode afirmar que a JUGARA aumentou ou obteve novos sócios, mas pode-se afirmar, com convicção, que ela estava totalmente integrada na comunidade. Mesmo que esta sigla seja de domínio de poucos moradores, o importante é que seus membros moram no Ratonés e assim são identificados.

Todavia, a vida destes moradores na comunidade, não se caracteriza apenas por este momento de catástrofe. Lá não existe um espaço próprio para eles realizarem suas necessidades sociais. Tampouco, acredito que seja necessário, para eles, a existência do gueto. Hoje, eles se visitam com mais frequência e para se divertirem vão aos espaços destinados aos outros moradores. É comum encontrá-los nos vários 'bingos' que são realizados nos bares ou vendas locais. Eventualmente, tomando uma 'cervejinha' nestes mesmos bares e vendas.

5. HOMOSSEXUALIDADE: uma questão de construção?

“... Tijolo com tijolo num
desenho mágico
seus olhos embotados
de cimento e lágrima ...”
(Chico Buarque)^x

Herbert DANIEL (1983, 20-23), imaginando conversar com algumas pessoas que assistiam a um desfile de bichas, em pleno carnaval de 1982, no Rio de Janeiro, descreve esta cena:

“Grande sucesso fazia na Avenida Rio Branco a corpulenta Marilyn, formidável travesti, vestido elegantemente com um resplandecente rabo-de-peixe verde carregado de vidrilhos e pingentes. Ser de fábula, não era uma mera pretensão de fantasiar-se de mulher e tentar reproduzir a imagem simbolizada. Era uma caricatura dúbia da fêmea.

Marilyn não era a única bicha na avenida: de jeito nenhum; seria uma das mais engraçadas e com seu número atrala um grupo importante que a seguia, provocando. E a cada deixa do público, el& (grafia variável de ele/ela ou ele-a, para uma biografia variante e/ou) retrucava sem levar troco. Um grande ator certamente, afiado na improvisação, com alguns recursos cênicos formidáveis:

- *Êi, Maria, gritou um senhor munido de máquina fotográfica.*
 - *Maria, não, cavalheiro: Ma-ri-lyn! (silabava: mé-ri-line).*
 - *Vira pra cá, preu tirar uma foto.*
 - *Pra capa de Manchete? Eu sabia que ainda seria revelação de beleza-82. Peralá, deixa eu retocar a maquiagem ... Estou bem?*
- Para acertar a caiação do rosto, Marilyn mirava-se no anel exagerado que trazia no anular, um enorme pedaço de espelho. Fazia caras e bocas para a improvisada penteadeira de mão.*
- *Tira uma foto dela com as crianças, aconselhou a mulher do fotógrafo.*

Marilyn posou com os dois menininhos fantasiados de pirata.

- *Aii, deu um berro histérico, ai, ai, ui!*
- *??*
- *Ê o flashe, minha filha. Sempre me assusta. Sou muito sensível e tímida.*

Uma senhora, acompanhada do filhinho de dez anos, curtindo a cena, provocou:

- *Você tá linda. Mas precisa se depilar.*

Marilyn além de grande, o que um redator apressado chamaria de 'pessoa de compleição robusta', tinha grossos pêlos nas costas, nos braços, nas axilas.

- *Depilar já era, querida. Libere-se dos preconceitos, aconselhou o travesti, caricatura não só delas, mas daquelas liberadas.*
- *Debaixo do braço fica feio, argumentou a senhora.*
- *Ah, é que eu sou européia! Já não usam mais tirar os pêlos. □o na época de transar os pêlos, minha filha. Curtir o próprio corpinho.*
- *Fica feio, revidou a plácida dona-de-casa, ciente e inconsciente dos hábitos das pequenas mutilações a serviço dos machos.*
- *Feio nada! Fica é safado, analisou Marilyn. Essas européias, meu bem, são todas umas porcas espertalhonas. São cheias de mumunha. Na hora da coisa levantam os braços. Assim, ó! Endoidam a rapaziada.*

Gritou e levantou os braços, mostrando a pornocabeleira do sovaco:

- *É um tesão, né, garotão?*

O rapaz interpelado riu e agarrou-se na cintura da bicha:

- *Vão dançar, vão ...*
- *Viu? Já pintou tarado. Não disse? Faça como eu, sugeri à mãe depilada. Esses homens querem mesmo é sem-vergonhice. Aproveite, filhota.*

O espetáculo continuava. Aquela não era a única bicha na Avenida, mas das mais talentosas.

- *Ator de um personagem só, comentou Cláudio, que me acompanhava.*
- *O texto é bom, a 'mise-em-scène' perfeita. Mas o que deu trabalho para preparar a peça, hein? Imagino o que ele não teve de fazer, como laboratório e como ensaio, a vida inteira, para chegar a isso, comentei.*

Muitas e outras bichices passeavam ali, inclusive Cláudio, Paulo e eu, bem serinhos, vestidinhos de despistados. Eu, o mais enrustido de todos, de macacão – embora um macacão meio avançadinho, de pano azul brilhante. Paulo (meu namorado), com seu corpo de ginasta macho, estava mais ou menos lembrando um capoeirista, com peito nu e calça branca de cetim. Cláudio (meu companheiro-cônjuge), mais bandeira, de calção branco, semitransparente. Como eu, ele não via o carnaval há muitos anos, e, emputeceu:

- *Amanhã não venho assim. Tô vestido como uma bicha enrustida: o pior tipo. Amanhã desbundo, pô. Venho na minha. Nada de querer disfarçar na fantasia.*

...

No passeio público, na descontração de aceitar tudo como gozo, me deu uma vontade de falar com aquela gente que aplaudia rindo o espetáculo de Marilyn. Digamos que eu tivesse coragem de falar àquela senhora que raspava os pentelhos axilares:

- *Minha senhora, se Marilyn fosse seu filho, como é que a senhora reagiria?*

Pergunto para os pais que me lêem, o que vale a mesma coisa. Para meus pais, não perguntei nada, mas respondi com algumas dúvidas que os entristeceram, sem que as minhas respostas aliviassem ou tranquilizassem. Não se amputa o sonho de um de reproduzir no descendente a imagem linda que se fez para si, e não foi, mas projetou como hipótese no herdeiro.

Soube de pais que dizem:

- *Se meu filho fosse bicha, eu matava.*

Não precisa, meu senhor. Digo-vos, em verdade, que isso que chamais ser bicha é uma morte provisória, um ensinamento do inútil, uma transição para o estéril. Complicado? Não. Só quero dizer: ninguém é bicha, meu senhor, aprende a ser. E pode aprender de muitas formas, tanto quanto o senhor aprendeu a ser provável carrasco-de-viado. Ninguém nasce assim. Isso tudo, vítima ou carrasco, é papel aprendido, que não vem de geração: se assim NÃO se nasce, assim se pode morrer”.

Eis uma produção, com certeza, homossexual. Esta citação um tanto longa serve para demonstrar que na ‘avenida’ da vida – seja durante o carnaval ou não – cabe mais do que um único ‘bicha’. São inúmeras as possibilidades de se caracterizar um personagem homossexual. Aqui, neste sub-texto, foram citados apenas o ‘pintoso’, identificado como o travesti e que, hoje, seria conhecido como uma *drag-queen*, o ‘enrustido’, o ‘serinho’, o ‘despistado’, o ‘bofe’. Insisto, ainda não há possibilidades de se falar num único homossexual, ou como querem alguns, num único ‘bicha’. Até mesmo o pai que mataria o filho se o descobrisse homossexual, algum dia, pode ter mantido experiências sexuais com outro homem. Como relações propriamente ditas, ou mesmo como fantasias e/ou desejos reprimidos.

A caiação, a vestimenta, os gestos afetados do personagem citado, tudo lembra uma imitação de mulher. Um produto para uso durante o carnaval. Uma caricatura de mulher. Até o nome adotado – Marilyn Aparecida – é uma referência a duas mulheres, dois ícones culturais do ocidente: Marilyn Monroe, a deusa platinada de Hollywood e Nossa Senhora

Aparecida, a santa padroeira do Brasil. A figura do 'travesti montado' seria uma decorrência da fusão da mulher 'objeto de consumo' com a imagem da 'santa imaculada'. Sensível e tímida, como é esperado que sejam as mulheres, ao mesmo tempo que recusa a mutilar-se ou depilar as axilas, pois, assim, ficaria mais 'safada', numa irônica comparação com as 'liberadas' mulheres européias.

Um homossexual 'montado' de mulher. Uma 'produção' feita para agradar e atrair a atenção dos que os vêem passar. Uma fantasia muito diferente daquela realidade vivida no dia-a-dia de cada homossexual – homem ou mulher. Uma vida que, como foi ilustrada na pequena história contada, não é desejada aos descendentes e que em alguns casos pode levar até a morte, especialmente pela não aceitação da sua própria orientação sexual. Sem falar dos verdadeiros grupos de extermínio de homossexuais que estão espalhados pelo país, muitas vezes escondidos na figura cândida de um pai.

Marilyn Aparecida era apenas um personagem – um papel ensaiado, construído, preparado no 'laboratório' de uma vida inteira – exposto numa avenida carioca, durante o carnaval até a quarta-feira de cinzas. Porém, como já foi afirmado, na avenida cabem outros homossexuais – homens ou mulheres – e a vida não acaba numa quarta-feira.

Esta dissertação trata da realidade de alguns homossexuais, homens e mulheres, em que alguns gostam de brincar o carnaval, outros nem tanto, mas que constroem suas vidas muito além de uma alegoria. Não são melhores nem piores que as Marilyn's Aparecidas, apenas diferentes. Buscam um reconhecimento de si enquanto cidadãos e não como personagens criados para divertir.

A partir de agora, então, será apresentado o resultado das entrevistas realizadas com *gays* e lésbicas que moram no Ratonês, através da recriação de suas histórias individuais, buscando compreender como esses indivíduos foram se constituindo enquanto sujeitos e cidadãos homossexuais, em especial, a conjugalidade por eles estabelecida.

Como poderá ser melhor observado, o grupo de homens e mulheres entrevistados prefere se relacionar sexual e afetivamente com alguém que também se identifique enquanto

homossexual. Trata-se de uma tentativa de estabelecer uma simetria em suas relações em detrimento da hierarquia, no sentido apontado por FRY (1982) utilizando os conceitos desenvolvidos por Dumont. Aqui são apresentados os relatos das entrevistas: histórias contadas a respeito de si e da compreensão de suas próprias homossexualidades. Salienta-se, nesse caso, que de acordo com a perspectiva da pesquisa qualitativa, nem sempre o discurso é compatível com a prática pois, trata-se daquilo que foi significado por eles. Entretanto, é o discurso que se possui.

Para melhor compreensão dessa história individual e visando discutir a questão da conjugalidade entre 'pessoas do mesmo sexo' serão enfatizadas algumas categorias analíticas como recordações da infância, jogos e brincadeiras, a descoberta da (homo) sexualidade, relacionamento com familiares e amigos, o encontro com o (a) atual companheiro (a).

5.1. Família de origem e infância

*“...O tempo rodou num instante
nas voltas do meu coração”
(Chico Buarque)*

Recordar a infância é dar um ponto de partida para a história de cada um. Cada lembrança, cada dado vai dando os limites da individualidade do sujeito e vai possibilitando os contornos da trajetória vivida. A família de origem fornece valores, hábitos e normas, além de todo o subsídio para sua sobrevivência, fatores que vão determinando os primeiros passos da criança. O próprio local geográfico onde a família reside e o lugar de nascimento das crianças – seja no interior do estado de Santa Catarina, seja em cidades maiores como o Rio de Janeiro (RJ) e Santos (SP) ou, ainda, na ilha onde está localizada Florianópolis (SC), no centro, nos morros ou no próprio Ratonés – já fornece uma gama imensa de possibilidades de diferenciações individuais, pois a criança vai logo se apropriando de tudo que a cerca e criando a sua própria história.

Uma criança que vive, praticamente, toda sua infância em plena zona sul, no Rio de Janeiro, vai se apropriando e convivendo com valores morais e culturais que são, de maneira geral, bastante diferenciados daqueles das crianças que passaram sua infância nos diversos rincões desse país. Além disso, pode dispor de toda a facilidade que uma grande cidade oferece, em particular, aquelas relacionadas aos campos da saúde e instrucional. São

histórias enriquecidas por diversas influências, nem melhores ou piores. Histórias significadas dos primeiros anos de vida.

“Eu nasci em 18/02/57, numa cidade do interior, de uma família de agricultores, católicos. Aos 5 anos perdi minha mãe, fui criado pelo meu pai e irmãos, sendo que sou o 7º de uma família de 10, então é um grupo de 6 homens e 4 mulheres. Estudei nessa cidade do interior, mais tarde fui a um centro maior para trabalho” (AC, h, 42).

“Vou começar por onde eu estou me lembrando. Eu nasci em Florianópolis e o local em que eu morava, que eu lembro ... era o morro da Caixa d'Água e era uma casa bem grande, pra mim era uma casa bem grande, enorme. [...] Somos em três irmãos: eu, uma irmã mais moça, mais ou menos dois anos e meu irmão, que temos uma diferença de apenas onze meses e de quem eu era mais próxima” (SB, m, 35).

“Eu nasci na maternidade em Florianópolis e moro no Ratoles. São cinco filhas, né. Comigo. É, todas mulheres [...] Ao todo, na família: cinco filhas, meu pai, minha mãe e minha avó. Morávamos juntos. O meu pai é da Vargem Pequena, a família é da Vargem Pequena. A minha mãe, minha avó que, eu não sei bem ao certo, nasceu no Ribeirão da Ilha” (LV, m, 30).

“Eu nasci em 02/08/59, nasci em Ratoles, mesmo. Aí, eu não sei se foi na maternidade, por que antigamente as pessoas, as mães tinham os filhos mais em casa, tinha aquelas parteiras da comunidade e a maioria nem iam pra maternidade, faziam o parto em casa, mesmo. Só que, assim, eu não sei, eu nunca perguntei onde eu nasci. Mas, provavelmente, acho que eu nasci na maternidade, mesmo. Tenho cinco irmãos ... Somos três homens e três mulheres e eu sou o penúltimo da família; dos irmãos eu sou o penúltimo [...] Em casa só tem eu de filho morando com o pai. Só eu, os outros já estão todos casados” (LA, h, 39).

“Bom, eu sou de 20/08 ... e eu sou do litoral paulista. Nós morávamos, antes de mudar pra cá, numa cidadezinha que fica quarenta, quarenta e cinco minutos de Santos [...] É Itanhaném o nome da cidade, a cidadezinha turística, né, muito bem frequentada, mas como em relação a trabalho, pra conseguir trabalho era super difícil ... Eu não lembro grande coisa. O que eu me lembro é normal como infância de qualquer criança. Como a gente era muito pobrezinho, sabe, o meu pai era motorista encarregado do DER e ele morava na cidade vizinha, em Moragujá, e vinha pra casa só aos finais de semana pra ver a gente ...” (PA, h, 34).

“Sou de uma família de cinco irmãos[...] eu sou a quarta dessa família. Quando tinha mais ou menos cinco meses, eu vou fazer uma retrospectiva bem [...] quando eu tinha mais ou menos cinco ou seis meses, o meu pai ficou entrevado; ele chegava todo dia me pegava e tal. Aí, depois, diziam

que ele não podia mais fazer isso; eu berrava horrores. Assim, né, sempre fui uma criança muito dependente da minha mãe” (ML, m, 43).

“Bom, eu nasci em Florianópolis; a gente brinca muito por que eu nasci na Carmela Dutra e o meu irmão nasceu na Carlos Côrrea, só que o meu irmão nasceu sete anos na minha frente. Eu sou mais moço, com sete anos de diferença e me criei na Trindade [...]em frente da Academia da Polícia” (SV, h, 36).

“Bom, nasci no Rio, em Botafogo, 4 de Fevereiro de 65. Morei um tempão em Botafogo. Isso daí é muito vago, eu nem me lembro, porque, eu ainda era pequena. Eu sou a terceira, acima de mim tenho um irmão e tem uma irmã, que é a mais velha. Moramos um bom tempo em Botafogo e de lá nós fomos pra Caxambi, que fica, digamos na zona norte do Rio de Janeiro [...] Morava num prédio, tudo mais” (MP, m, 33).

Desta forma, se apresentaram os oito entrevistados. Histórias curtas que vão demonstrando o quanto são múltiplas e heterogêneas as possibilidades de constituição de uma família. Aqui foram citados apenas alguns elementos que tornam singular a história de cada família: local de residência, número de irmãos. Esses dados fornecem indicadores da maneira como esses sujeitos foram singularizando suas próprias vidas – a data do seu nascimento; o local onde nasceram e residiram na infância. Um deles, inclusive, indica a maternidade onde nasceu e que era a mais moderna na época, já se diferenciando do irmão que nasceu em outra, mais antiga e tradicional.

Como se pode observar, não há homogeneidade na constituição da família e na falta de um pai ou de uma mãe, a criança vai sendo criada por qualquer outro significativo (aquele que exerce a função de pai ou de mãe) com quem estabelece novos tipos de vínculo. A perda da mãe ilustra esse fato.

“... Foi uma perda, mas que não sabia o que tinha perdido, por que até então, aos cinco anos de idade, jamais alguém tinha apresentado uma pessoa morta. Apresentaram uma mulher que era minha mãe morta, dormindo. Como havia muita gente naquele dia, no velório, tudo parecia uma festa. Só o passar dos anos, quando as coisas foram acontecendo, que realmente eu tive a noção que a morte era perda, era ausência daquela pessoa. Então, foi um fato normal, quer dizer, até mesmo a família, muito unida, conseguiu ultrapassar todas as barreiras que havia. Em questão de afeto, desde os irmãos mais velhos que assumiram papel de pai e irmãs que

assumiram papel de mãe. É fazendo tudo, pra que tudo desse certo dentro de casa. Realmente, então, não posso dizer que tive falta de uma mãe ou de um pai, ao contrário tive muitas mães e muitos pais” (AC, h, 42).

Neste caso, a função materna é exercida, em particular, pela irmã mais velha:

“A segunda [irmã] mais velha, ela dedicou vinte e poucos anos da vida dela em função da família, não exclusivamente no meu caso, mas, também, com os irmãos mais velhos e, principalmente, os mais novos. Ela cuidou de todos até todos estarem encaminhados na vida, onde cada um seguiu a sua vida. É uma pessoa que até hoje tenho grande afeto, grande dedicação; todos tem ela como realmente a representante da mãe ...” (AC, h, 42).

O próprio relacionamento entre os pais e os filhos acontece de forma muito diferenciada em cada família. Para alguns dos entrevistados estas experiências relacionais vivenciadas foram registradas de maneira bastante positiva e para outros as lembranças que ficaram não são muito gratificantes. Não se pretende, com essas afirmações, julgar e/ou condenar os adultos envolvidos. É preciso, aqui, enfatizar a idéia de que estão imersos num contexto cultural que é construído por todos e que, também, ajuda a construí-los. Boas e más recordações podem fazer parte de todas as situações vivenciadas pelos seres humanos, depende da forma pela qual os sujeitos as signifiquem. Presentificar as lembranças dos pais é realizar uma nova construção dos momentos vividos; desconstruir as experiências anteriores ou atribuir-lhes novos significados. Eis como alguns gays e algumas lésbicas recordam seus pais.

“... Meu pai é uma pessoa simples [...] mas, muito decidido na vida e sempre foi muito afetivo com os filhos. Atencioso, ele se desdobrou pra ser pai e mãe – tudo ao mesmo tempo, pra que nada nos faltasse e, na pouca sabedoria que ele teve em matéria de cultura, mas sim que a vida lhe ensinou, conseguir nos passar muita coisa boa” (AC, h, 42).

“... Quando eu tinha 12 anos eu aprendi a dirigir no caminhão do pai. Então, eu saía sempre com ele, eu saía de madrugada – quatro e pouco da manhã – ia trabalhar com ele. Voltava só à noite.[...] Mas a minha mãe, aí, quando eu me levantava ela sempre me dava, assim, uma porrada. Quando eu não saía, ficava em casa, aí, eu andava sempre escondida atrás de casa, lá no pasto. Ela batia em mim direto, até hoje eu não sei o motivo da explicação. Não sei se era ciúme porque eu sempre andava com o pai. O pai sempre gostou muito de mim, meu puxa-saco, né. No caso, a filha que ele sempre gostou e até hoje eu não sei por que” (LV, m, 30).

“... O meu pai foi um exemplo muito forte, sempre gostei muito dele, mas acho que a minha mãe é, era muito mais forte do que ele, porque nas

decisões da casa os dois concordavam mas, eu sempre percebi que se ela entrava em dúvida ele também entrava em dúvida. Eu percebo, eu acho que a figura feminina sempre foi muito mais forte do que a figura masculina, na minha casa” (SV, h, 36).

Estes relatos, longe de estabelecer julgamentos sobre os pais, apontam e ajudam a compreender como os laços afetivos foram se estabelecendo e contribuindo para a construção das individualidades na família. Pai e mãe podem ser decisivos para uma compreensão e re-elaboração do contexto onde a criança está inserida.

O próximo depoimento é de um homossexual que traz consigo a lembrança de um pai repressor e homofóbico. Embora afirme que, naquela época, sua homossexualidade ainda não havia se manifestado, fica evidenciado, através de sua fala que, se o pai tivesse sido mais compreensivo e possuísse uma atitude mais liberal, ele poderia ter tido uma infância mais tranqüila. Mais tarde, ver-se-á que depois do falecimento do pai esse garoto passa a se interessar mais por brinquedos e brincadeiras ‘tipicamente’ femininos.

*“O meu pai é ‘baiano’³¹, o meu pai era do Piauí, [...] e inclusive ele sempre dizia, desde pequeno eu ouvia ele dizer que se ele tivesse um filho fruta – por que ele chamava homossexual de fruta – se ele descobrisse que ele tinha um filho fruta ele matava. Ele passava a peixeira, que ele dizia, né. [...] Talvez se ele fosse mais liberal eu podia ter manifestado esse meu lado. Então, eu procurava nem pensar nisso. Aliás, eu procurava nem pensar nisso, não; eu não pensava. Eu brincava com a molecada, **eu não estava nem aí** e nessas brincadeiras nunca pintou aquelas curiosidades de crianças, aqueles troca-troca, quando era pequeno. Um ficar se esfregando no outro, nunca. Te juro, nunca” (PA, h, 34).*

Esta significação se restringe à figura do pai que, entretanto, era apenas mais um membro da cultura familiar estabelecida. Provavelmente, o pai, para esse garoto fosse o sujeito mais significativo daqueles que circulavam ao seu redor. Outros entrevistados assinalam que junto com o núcleo familiar moravam outras pessoas o que fazia com que diferentes informações também circulassem pelas casas, propiciando às crianças uma maior diversidade de interações. A família era ampliada, em especial pela figura da avó.

³¹ Baiano, nesse sentido, é uma gíria – preconceituosa e discriminatória – através da qual muitos paulistas se dirigem aos imigrantes que são oriundos do nordeste brasileiro, independente do seu estado natal.

“Nessa época morava a avó, dois tios na parte de cima; na parte de baixo morava o pai, a mãe e nós três. Depois de um tempo veio morar a mulher do meu tio, que casou com ele e também ficou morando na parte de cima” (SB, m, 35).

“... O meu problema era a minha avó. Eu adoro a minha avó. Eu tenho ela como minha mãe; eu sempre dormi com minha avó. Lá em casa tem um quartinho, é cama de casal, desde pequena eu dormi com ela. Eu adoro ela, é a minha paixão, a minha avó. Então, eu não saí mais cedo [de casa], .. eu falei pra ela que eu ia sair. Então, ela disse pra mim: – ‘se você gosta realmente de mim, não vá embora’. Ai, eu fiquei esperando, fiquei rodeando, rodeando” (LV, m, 30).

O modo como se estabelece o relacionamento entre e com os irmãos também representa um grande aprendizado para a vida futura das crianças. Desde o nascimento de um irmão (ou irmã) até a vida escolar, a criança vai se deparando com fatos que mobilizam e interferem na dinâmica familiar estabelecida. Irmãos – mais velhos ou mais novos – são fonte de muito dos prazeres que se viveu mas, também, de muita frustração, como se pode observar a seguir:

“... Ai veio a [nome], a minha irmã caçula. Antigamente as pessoas eram muito de brincar, os amigos dos meus pais, os casais amigos diziam que eu ia ficar pro canto e isso foi uma coisa que me marcou demais [...] é muito traumatizante, de repente tu deixa de ser a rainha e ... não é que tu deixe de ser ... mas, ai vem uma outra criança que vai chamar muito mais a atenção. Então, eu fui uma criança, a partir daí, muito revoltada. Aprontava horrores pro meu pai, pra minha mãe” (ML, m, 43).

“O meu relacionamento com meu irmão sempre foi meio conturbado [...] Eu posso dizer que depois dos trinta anos é que a gente foi entrar num acordo, porque a gente acabou conversando e descobrindo que ambos tínhamos alguma coisa errada; também, nem sei explicar porque, ou melhor, até sei mas acho que não vale comentar agora, porque seria uma história muito longa. [...] Eu me lembro que eu sempre gostei muito dele, ele me ensinou a fazer as minhas pandorgas ... aquela que o pessoal nunca fazia. Ele sempre tentava descobrir algo que alguém não sabia fazer [...] Na adolescência é que se eu entrasse no ônibus e se ele tivesse sentado no último banco eu tinha que ficar sentado na frente, senão eu levava uns petelecos na tampa, entendeu? [...] mas quando eu pedia alguma coisa ele sempre estava fazendo. Hoje, a gente ri um monte por causa disso” (SV, h, 36).

“... Eu com minhas irmãs, eu nunca tive diálogo, a gente nunca teve um papo legal. Nunca foi aberto ... as minhas irmãs, pra mim, elas são estranhas” (LV, m, 30).

“... A gente até brincava mas a gente nunca tinha, assim, um bom relacionamento de irmão para irmão. Foi uma coisa meio fechadão, um com outro, entendesse, e até hoje isso tem reflexo, de a gente não ter muita intimidade, muito relacionamento um com o outro, pela nossa infância, entende. Desde daquela época não tinha, assim, aquele coleguismo entre irmãos e a figura do meu irmão mais velho, ele tem uma figura, muito assim, de ... que é mais velho, de ditador, de dominador. Então, a gente estava sempre manipulado por ele. Ele era uma figura assim o pai, entendesse. Às vezes meio rigoroso, mandão, quando o pai não estava tinha que obedecer, aquela coisa toda” (LA, h, 39).

Através destes depoimentos – como acontece com os adultos heterossexuais – pode-se observar que também os gays e as lésbicas, quando crianças, tiveram suas dificuldades e alegrias no relacionamento com seus familiares, particularmente com os irmãos. Interagir com outros adultos, além do pai e da mãe, e compartilhar espaços e brinquedos com outras crianças possibilita que, forçosamente, desenvolvam-se formas distintas de interação. As famílias de origem dos entrevistados eram formadas de, no mínimo, mais um irmão, sendo que em todas – ao menos de forma declarada – o entrevistado era o único que havia se ‘tornado’ homossexual, como se isto fosse uma ‘condição’, um devir, que mais cedo ou tarde se anunciaria e o tornaria distinto dos demais.

Uma borracha parece ter sido passada sobre os outros aspectos que os tornam únicos e os distinguem dos demais, para fazer sobressair apenas uma diferença que não é da ordem do sexual, do biológico aparente mas que, muitas vezes determina toda uma forma de se relacionar, culturalmente discriminada. Como no exemplo desta garota que afirmou muito ter ouvido de sua avó quando esta a observava brincando com os meninos ou realizando alguma tarefa ‘própria’ de homens: *“Machorra ela não é porque ela tem o grelo menor que os beijos” (SB, m, 35)*. Um mito popular que relaciona a anatomia do clitóris com a orientação sexual. O atestado anatômico de que sua neta não seria homossexual se resumia ao fato dela possuir um clitóris pequeno – não diferente das demais meninas. Semelhante, talvez, ao da própria avó. É possível deduzir desta afirmação que, nos momentos em que era empregada, ser lésbica seria possuir um clitóris avantajado e gostar de brincadeiras e de realizar atividades próprias ‘dos meninos’.

Brinquedos e brincadeiras, aliás, são identificados como formas de socialização, *instrumentos mediadores* que a criança utiliza para entrar em contato com outras crianças e interagir socialmente. Para VIGOTSKY (1998) é através de uma atividade instrumental e na (e pela) interação com outros indivíduos que a criança desenvolve um novo e complexo sistema psicológico. “No brinquedo, o pensamento está separado dos objetos e a ação surge das idéias e não das coisas: um pedaço de madeira torna-se um boneco e um cabo de vassoura torna-se um cavalo” (p. 128). Por ser extremamente difícil, para a criança, separar o pensamento (o significado de uma palavra) dos objetos é que as suas ações são regidas por regras determinadas pelas idéias e não pelos objetos. A elaboração das *funções psicológicas superiores* ocorre através do processo de apropriação e utilização de instrumentos e signos, num contexto de interação – num vaivém dialético entre parceiros, onde ocorre a confirmação de objetivos comuns, confronto de idéias, busca de soluções, competição e/ou colaboração.

A partir desta contextualização teórica é que se procurou saber quais foram as experiências mais significativas, nesta área, para os gays e as lésbicas entrevistados, tendo em vista que a auto-regulação da conduta e a transformação do ambiente surgem em decorrência da utilização de instrumentos socialmente construídos.

5.2. Brinquedos e brincadeiras

*“Numa folha qualquer eu
desenho um sol amarelo ...”*
(Toquinho/Vinicius de Moraes)

Na sociedade ocidental, estratificada e dividida em papéis sociais bastante rígidos, é compreensível que, até mesmo para os brinquedos e as brincadeiras infantis, fosse estabelecido o que seria próprio de cada gênero. Aprendizado e reprodução das prescrições de gênero estabelecidas: ao homem a rua, à mulher a proteção da casa. No entanto, algumas crianças conseguem ir um pouco além daquilo que lhes é prescrito.

Com relação às meninas:

“As brincadeiras que eu tinha, nessa época, era com as gurias do prédio, as crianças do prédio. Ficava muito em casa também; não sou muito de turminha. [...] Eram aquelas brincadeiras de comidinha, de dona de casa, de casinha e tinha também aquela de médico e enfermeira. Eu nunca

brinquei, muito, nesse estilo de médico e enfermeira, não. Era mais casinha, mesmo. Ai, brincava de corda, amarelinha, queimado [...] o que eu gostava mesmo era quando chegavam as férias e a gente ia pra casa da minha avó. Lá eu ficava solta, tu brincava, não tinha preocupação com nada. Andava de bicicleta, tinha mania de subir em morro, fazer bagunça. Vivia como um bichinho mesmo, chegava em casa imunda. Só que minha avó era, tipo assim, muito rigorosa, depois do almoço não deixava a gente ir pra rua, por causa do sol quente. Eu tinha que ficar, pelo menos, uma, duas horas depois do almoço dentro de casa. Ai, ali que a gente fazia, tipo assim, um joguinho; a avó tentava ensinar a fazer tricô, crochê ... que eu nunca aprendi a bordar uma coisinha assim” (MP, m, 33).

“... Eu me lembro que meu tio fazia as pipas, as coisas pro meu irmão e eu sempre me intrometia. Brincava junto com ele. [...] Ele podia ir para a rua e eu fugia, por que pra vó, menina tem que ficar em casa. Minha vó sempre falava isso e eu era muito danada, sempre queria estar com [nome] ... quando meu irmão começou a sair pra rua e eu não podia ir, ai, eu fugia [...] ai quando lá vinha a vó, lá vinha bronca. Só que eu não ficava ali parada, esse negócio de ficar ali brincando com aquelas louçinhas, aquelas coisas, eu não gostava. [...] Quando a gente saiu dessa casa e desceu o morro a vó começou a deixar eu a brincar com o [nome] jogar bola, soltar pipa, jogar bolinha de gude. Era bem bom. Jogava bolinha de gude, bola, andava de bicicleta, soltava pipa, brigava com os guris ... eu subia nas árvores, quebrava bananeira e ficava como tarzan, essas coisas assim” (SB, m, 35).

“Minha infância ... Bom a minha infância, eu brincava com os amiguinhos que moravam perto, né. Geralmente eram meninos e a gente brincava de bola lá em casa porque o terreno era grande [...] então, brincava de bola e correndo de um lado pro outro. Não tinha muita coisa assim pra fazer (LV, m, 30).

“Eu sempre tive muitos brinquedos[...] Uma brincadeira que eu adorava fazer era juntar, assim tipo um trem, carrinhos, bicicletas ou o carretão do meu irmão, brincava [...] adorava ser papai, adorava ser médico. Uma outra brincadeira, que também gostava, era de construir casa ... e ai, a gente juntava fazia quarto, banheiro, sala, cozinha. [...] Nós morávamos, ali, na [avenida] Hercílio Luz e o pátio era bem grande e a gente sempre brincava muito de tênis e brincava com os amigos, com os vizinhos. Eu nunca tive problemas de relacionamento, só que tinha aquela coisa, assim, de preconceito: menino brinca com menino, menina brinca com menina, entendeu” (ML, m, 43).

Meninas para um lado, meninos para outro. Evita-se que se misturem nas brincadeiras. Aqui, também, optou-se em fazer tal divisão sexual das brincadeiras infantis, apesar que, matreiramente, sempre alguém goste de quebrar estas regras.

Eis os meninos:

“Normalmente nós tínhamos um grupo de meninos e tinha também meninas, mas as meninas participavam era de brincadeiras de casa, no dia de chuva, quando ficava-se preso em casa ... fazíamos bonecos, fazíamos coxinhos que servia como vasilhame pra dar comida para os animais [...] A gente foi criado num mundo muito ingênuo ... O nosso brinquedo era cavalo, era carrinho de rolimã, é a casca de coqueiro pra deslizar no morro, apesar de que tinha outros brinquedos também, como revolvinho de espoleta, carroçinha, coisa normal que as crianças do interior brincavam. Brincavam de balanço, aqueles balanços feito em árvores, cordas ... é brincavam em volta de coqueiro e todo esse tipo de brincadeira de lagoa ... nadar em lagoa, rios, de cachoeira” (AC, h, 41).

“Olha a minha infância ... a gente não tinha tempo pra brincar, de ir na casa de colega. Às vezes até na rua brincar a gente não tinha tempo, nem nos finais de semana ... uma folguinha que o cara tinha, na época de brincadeira, era de às vezes soltar pipa mas, também, não era muito comum, mais era jogar bolinha de gude ou, então, jogar taco, essas coisas de infância, era mais ou menos isso [...] a noite depois de terminar, trabalhar tal, reunia os vizinhos e brincamos de pegar, de bandeira salva” (LA, h, 39).

“Eu brincava mais com meninos, tinha meninas que a gente brincava. Eram, quase assim, tipo primas mais distantes. Mas eu preferia brincar mais com os meninos ... era mais brincadeira de rua [...] Então, eu me lembro muito bem que a gente brincava muito de carrinho ... eu ganhava muito esses carrinhos de ferro e eu sala para brincar [...] tinha uns barrancos onde nós fazíamos morrinhos, estradas por dentro do barranco e brincávamos [...] tinha, também, a história da bolinha de gude, da bolinha de vidro. Na minha época, era bolinha de vidro. Era uma das coisas que eu era bom e trazia um monte para casa [...] brincávamos muito, na época, de mocinho e bandido, entendeu” (SV, h, 36).

“Ai é que tá a coisa, porque pra ti ver como eu, até com essa minha mudança, eu não sei, de repente, tu nasce de uma maneira e tu não descobre [...] até certo ponto, tu segue uma infância normal, bolinha de gude no meio da molecada ... adorava jogar, brincar de carrinho [...] outra coisa que a gente fazia muito, mas todo mundo junto – meninos e meninas – era pegar grilo e arrancar aquelas duas pernas grandonas dele e fazer

aquele morro de areia, fazer buraco e dizer que era caverna. Aqueles brinquedinhos, aqueles bonequinhos de plástico, todo mundo junto, esconde-esconde, pega-pega” (PA, h, 34).

Estas declarações – separadas, propositadamente, em dois blocos, um para o grupo das meninas e outro para os meninos – demonstram o quanto as brincadeiras atribuídas ao masculino são mais valorizadas, em particular aquelas desenvolvidas no espaço da rua. Isto parece ficar demonstrado nas brincadeiras apontadas como preferidas pelas meninas, não se restringindo às brincadeiras prescritas é que as meninas tentam realizar alguma mudança; os meninos mantêm a ordem do estabelecido, provavelmente para não serem discriminados – reproduzindo nas brincadeiras os códigos apreendidos do seu meio sócio-cultural. VIGOTSKY (1998, 40), afirmava que “*o caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa através de outra pessoa*”. Esta outra pessoa pode ser compreendida como aquele que ensina: um adulto, um professor, um companheiro mais experiente. Mesmo nas situações em que o aprendizado ocorre pela experiência direta da criança, o ‘outro’ está sempre presente sob a forma de tradição, hábito, normas ou valores.

Qualquer experiência ocorre em um determinado contexto físico e social, de forma mediada pela cultura, sempre presente nas situações de interação. “... *Produto de um processo de desenvolvimento enraizado nas ligações entre história individual e história social*” (ibid., p. 40). Ilustrando estas afirmações deparamos, de acordo com as intervenções acima descritas, com as interferências dos adultos nas brincadeiras das crianças, seja diretamente, p. ex., quando o tio ensina o sobrinho a fazer pipas ou quando as avós desejam que as meninas se comportem como ‘meninas’, de preferência, prendadas; ou ainda indiretamente, através da reprodução de regras: “*menino brinca com menino, menina brinca com menina*” (ML, m, 43).

Os depoimentos a seguir, demonstram que nem sempre as brincadeiras de criança são tão inocentes quanto são propaladas. Talvez estejam isentas da intencionalidade, mas sempre deixam suas marcas ou lembranças, seja em quem pratica o ato ou naquele que se percebe como vítima das atitudes de outrem. Brinquedos e brincadeiras são enriquecidos pela importância ou valores que lhes são atribuídos. Mocinhos e bandidos, médicos e enfermeiras, são exemplos que reproduzem o cotidiano dos adultos e que podem possibilitar todo tipo de

desconforto àqueles que brincam contra a sua própria vontade, ou quando imposto pelo grupo, além do risco de não serem compreendidos pelos adultos.

“... Quando Canasvieiras era mato, a gente ia pra casa de praia da minha tia, então a gente brincava de polícia e ladrão ... eu gostava mais era de ser polícia pra prender todo mundo ... Tanto eu brincava de médico com meninas quanto com meninos ... uma vez, já faz muito tempo, a minha empregada, a [nome] me viu brincando de médico com o [nome] e aí quase que eu apanhei. Foi o maior ti-ti-ti na família, muito preconceito e tal ...” (ML, m, 43).

“Sabe quando a gente é pequena, brincadeira de, ... não sei se hoje existe. Claro que hoje existe ... meu irmão brincava comigo. Só que eu não via, ... acho que quando a gente é criança, a gente não vê maldade nas coisas. E hoje, é que eu vejo que, ali, tinha maldade nele. Mas ele mexia comigo. Entende o que eu quero dizer: ele mexia comigo ... Só que isso ficou ali, só naquela época ... Acho que minha mãe nunca pegou a gente. Mas ele mexeu comigo. ... Sabe, acho que foi na mesma época, tinha uma menina no prédio ... e ela também me pegou. Ela não só me pegou, porque eu vi ela pegando outras meninas, também. ... Acho que eu tenho, aí, alguma coisa. Algum trauma ... Com meu irmão eu não vi tanta maldade, não sei. Mas com ela eu vi que tinha maldade. Maldade mesmo ... com o meu irmão, não é que eu gostasse, eu não gostava porque depois eu não me sentia bem, ... mas com ela eu não queria. Ela me forçava, ela me segurava, ela forçava, entende. Ela forçou muito” (MP, m, 33).

“... Eu nunca me esqueço que uma vez deixamos um coleguinha nosso amarrado no meio do mato; ele estava amarrado igual a bandido Deixamos ele e viemos embora, por que, tipo assim, [já eram] seis e meia, seis horas, fomos embora. Era verão e quando foi umas oito horas, oito e meia, da noite, a mãe dele bateu lá em casa, preocupadíssima, e a mãe me chamou: ‘O S. cadê o [nome]?’ Deveria ter, o quê, nove, dez anos. ‘Ah! Ele estava brincando com nós e deixamos ele amarrado’. Chegamos lá ele estava desmaiado, não estava nem com sono. Estava desmaiado, de certo de tanto choro” (SV, h, 36).

“Se ele brigava? Não o [nome] não brigava. Eu era brigona, eu acho. Eu não queria que ninguém se intrometesse na brincadeira e se eu não queria eu botava os outros a correr” (SB, m, 35).

Pode-se observar – através destes depoimentos – que estas brincadeiras podem ser vistas como não sendo tão inocentes, embora como se disse sem uma intencionalidade, pois a criança está inserida num meio social, onde reproduz e aprende a imitar comportamentos

comuns na sociedade. A criança, ao se apropriar destes modelos, no sentido proposto por VIGOTSKY (1987), incorpora-os às suas brincadeiras e às vivências do seu dia-a-dia. Os vínculos, as crenças, os mitos familiares, tudo, enfim, vai sendo apropriado pela criança e transformado pelos modos como ela própria vai percebendo o mundo à sua volta e desenvolvendo maneiras de agir/reagir aos estímulos exteriores e às suas próprias necessidades e desejos.

Os jogos e as brincadeiras, durante a infância, estabelecem um clima de segurança, confiança, afetividade, incentivo, elogios, além de ajudar a estabelecer limites e são uma das formas através das quais a criança aprende a dar significações, reconhecer e valorizar aquilo que descobre. 'Brincar é importante', defendem muitos teóricos e educadores. Serve para que se aprenda a ser grande, criar e se desenvolver; a criança também se constrói através dos brinquedos. Inclui-se, aí, também a exploração e descoberta do seu corpo e do corpo dos outros. Uma maneira lúdica de imitar e reproduzir papéis sociais, onde procura satisfazer sua curiosidade sobre semelhanças e diferenças, especialmente em relação às outras crianças.

Os adultos também se comportam de diferentes maneiras frente a este despertar da sexualidade infantil. Às vezes, com 'naturalidade' como a que observou a criança descobrir seus pés e mãos. Outras vezes, com indiferença, com risos ou espanto. É comum o adulto repreender a criança que manipula seus genitais o que pode acarretar uma compreensão de que estas partes do seu corpo não são boas. Nem sempre é fácil para o adulto encarar com tranquilidade a sexualidade infantil, ou seja, orientando sem dramatizar.

Recordar a meninice, contudo, não é só enumerar os momentos felizes, os brinquedos e brincadeiras. Outros episódios também são considerados marcantes durante a infância.

“... Uma coisa marcou muito a minha vida, até hoje. Eu e meu irmão mais moço do que eu, a gente ... ninguém merecia o castigo que a gente teve ... a gente tinha um time de futebol, né, a rapaziadinha, assim, de vizinhos, de amigos. Então, todo domingo a gente ia jogar na quadra, pra jogar contra outro time, da nossa comunidade mesmo, e o campo era bem do lado da nossa casa. [...] o pai nunca permitia que a gente saísse sem avisar, sem ordem dele pra jogar, sem avisar e não sair primeiro do que ele; ele sempre

gostava de, até hoje, tirar uma soneca, como se diz, né. Então, um dia [...] a gente saiu, pra jogar, sem autorização dele [...] e por causa disso a gente levou uma coça, uma surra muito grande, que até hoje, assim, eu me lembro. Sempre me marcou [...] coisa muito desagradável. Foi uma coisa, assim, que não tinha motivo pra tanta agressão, tanta violência, né, uma coisinha de nada. Eu tinha feito as tarefas, tinha cumprido tudo certinho e aí fomos ter um pouco de lazer e por isso levamos um castigo que acho que nem merecido” (LA, h, 39).

Castigos e punições ainda fazem parte da realidade de muitas crianças e habitualmente são utilizados, na educação infantil, para que se aprenda a estabelecer ‘limites’, de acordo com o posicionamento dos adultos. Na verdade, estes conceitos passaram por diferentes formações ao longo do tempo e da cultura ou sociedade onde são utilizados. Aparentemente, contam apenas parte das verdades dos fatos, deixando de fora as agressões sexuais ou a gravidade dessas formas de disciplinas e castigos. Uma pessoa que bate, espanca ou ofende sabe que está machucando o outro, mesmo que desconheça por que o faz. Dificilmente estas formas de violência são significadas, pelas crianças, como um aprendizado para uma vida futura, em particular quando elas são consideradas injustas ou mal aplicadas. Em sua maioria, os sofrimentos emocionais infantis permanecem inacessíveis e possibilitam a criação de novas formas de violência.

As ‘doenças’ no meio familiar, também, podem ser consideradas como desencadeadoras de situações novas, que exigem alterações nos padrões sociais estabelecidos.

“[...] O pai ficou desempregado, ficou um bom tempo desempregado, aí, depois ficou doente. A gente acabou indo morar em Miguel Pereira, por que estava desempregado. A gente estava passando por uma crise feia, não encontrava emprego e ele acabou ficando, ele tem uma doença – eu nem sei que doença que é – [...] ele não tem uma das supra-renais. Uma doença rara” (MP, m, 33).

O desemprego – cada vez mais presente no contexto social brasileiro, em função da atual conjuntura sócio-econômica – é um fator mobilizador que provoca medos, perda da esperança, infelicidade e mudanças nos valores e normas familiares vigentes. A situação de desemprego não afeta somente aqueles que não têm trabalho, mas toda a sua família. Em decorrência de se estar numa cultura que exalta o trabalho e o poder que deriva de se possuir dinheiro.

Percebe-se, até aqui, que a criança cresce e vai significando e constantemente re-significando o mundo à sua volta, cultural e socialmente. Neste sentido, é que as crianças chegam às instituições escolares com uma bagagem que inclui “*desde as primeiras formas de aquisição da linguagem e cultura; modelos e preconceitos milenares, radicados nas estruturas patriarcais e repressivas da sociedade que vivemos*” (NUNES: 1997, 103).

O universo escolar tradicional ajuda a sedimentar as contradições culturais e cria novas barreiras que podem ser consideradas difíceis para a criança suportar. Por exemplo, a segmentação entre as brincadeiras e atividades de meninos e meninas – como se elas não pudessem ser compartilhadas – ainda continua a limitar as capacidades de expressões criativas e afetivas das crianças na instituição escolar.

Prosseguindo com a análise daquilo que foi significado pelos *gays* e pelas lésbicas entrevistados – em suas histórias de vida – é preciso encontrá-los nos seus primeiros contatos com o universo escolar. Um período que pode ser considerado como solidificador daqueles valores apreendidos com a família de origem e agora confrontados num universo mais amplo.

5.3. A escola

*“Perdoem a falta de escolha
os dias eram assim ...”
(Ivan Lins e Vítor Martins)*

O ser humano desde o seu nascimento depende de outras pessoas para a sua sobrevivência; e certamente depende de mais de uma pessoa. Toda a sua vida gira em torno de entradas e saídas de grupos, necessários para sua sobrevivência ou, apenas circunstanciais e esporádicos. Em cada grupo social encontra normas que regem as relações entre seus membros, as quais poderão ser sutis, rígidas e/ou até mesmo punitivas. São normas que caracterizam os papéis e possibilitam as relações sociais. Nesse conviver em grupo, cada indivíduo vai construindo ou modelando o seu ‘eu’, através de processos de interação onde ocorrem constatações de diferenças e semelhanças entre si e os outros.

Estes três relatos, a seguir, são recordações dos tempos escolares. Lembranças atualizadas que, em algum momento, foram significadas e têm acompanhado essas mulheres em seus diversos processos sociais.

“... A minha avó chegou a ser minha professora [...] Na época, eu não tinha idade, ainda, suficiente e a minha irmã já estava com sete anos. Então, nós começamos a estudar juntas, eu fui sempre de acompanhar a minha irmã [...] A minha mãe sempre me colocava na parede quando vinha o boletim; uma nota 5,0, outra 3,0 e a minha irmã sempre mais. Eu tinha que acompanhar, eu não podia rodar. Se eu rodasse, ela dizia mesmo pra mim, ela me tirava da escola. Então, foi sempre sobre pressão ... até o 2º grau foi assim, senão ... e tudo que era curso que a minha irmã fazia eu tinha que fazer. Mesmo que eu não gostasse, tinha que fazer” (LV, m, 30).

“O primeiro ano eu fui pro (colégio) Alfêres Tiradentes ... o [irmão] estudava lá ... aí, descia eu e o [nome] para ir pra escola. Ele é que me levava. Um dia eu não queria ir pra aula, eu convenci o [nome] a sentar no Banco Redondo, que tem lá na [avenida] Mauro Ramos. Ele era bem calminho ... eu o convenci ... era mais velho, né, e estava uma série a mais do que eu [...] Eu detestava aquele colégio ... eu não lembro da professora, eu não lembro dos amiguinhos, eu não lembro da primeira série, tenho uma vaga lembrança de onde era a escola, assim, foi horrível. A mãe teve que me tirar de lá, eu não consegui ficar e, hoje, eu vejo assim, eu achava que ia pro colégio e ia ficar na mesma sala com o [nome]. Eu achava isso” (SB, m, 35).

“... Eu tive dificuldades de me adaptar, mas me adaptei. Entre aspas, eu acho, porque chegou na primeira série eu reprovei, eu acho que tudo é uma forma de chamar a atenção ... Eu não me lembro porque que eu reprovei, mas hoje até acho que era pela revolta do nascimento da minha irmã [...] Eu era bem revoltadinha, inclusive a minha prima, filha dessa tia que eu gosto muito, eu batia nela” (ML, m, 43).

Através destes depoimentos, pode-se observar que estas três mulheres significaram o início de suas vidas escolares a partir de um paralelo com seus irmãos. No primeiro caso, a depoente deixa claro como a irmã mais velha era tida como exemplo pela mãe. Outros detalhes que devem ser considerados: a avó materna foi sua primeira professora e a escola não ficava muito longe de sua casa, no próprio Ratonés. No segundo depoimento, é o irmão que representa um modelo a ser seguido, agora a partir da ótica da própria criança. A escola pode ter sido considerada como um novo espaço onde os irmãos poderiam estar juntos, numa atitude de proteção frente às ameaças do mundo externo, pois a declarante já assinalou que quando não gostava de alguém ou alguma coisa as colocava para correr. Provavelmente, pensava que, assim agindo, estaria protegendo o irmão, mesmo que esse fosse mais velho, ou ainda, gostaria de ser protegida por ele.

No terceiro depoimento, as lembranças estão relacionadas ao nascimento de uma nova irmã, o que a teria deixado muito revoltada, a ponto de preferir reprovar de ano escolar, provavelmente para chamar a atenção dos pais. A sensação que este depoimento transmite é que o ciúme que sentia, da irmã e da prima, era porque o amor da mãe e da tia deveria ser somente seu.

Um fato que chama a atenção é que os *gays*, diferente das lésbicas, não relataram dificuldades de adaptação à escola. A única história mencionada por um deles afirma que *“entrei na escola com quase sete anos, aqui no Ratonos, e durante quatro anos tive a mesma professora, que é daqui mesmo; ela mora aqui”* (LA, h, 39). Este rapaz só voltou a estudar mais tarde, quando já trabalhava e podia ir estudar no centro de Florianópolis. *“... Eu parei de estudar por muitos anos por não ter condições de ir pro centro, que aqui não tinha o ginásio. A única escola que tinha era só até a quarta série do primeiro grau, né”* (LA, 39).

Nestes exemplos, é possível constatar que – apesar de todos os programas e os planejamentos escolares unificados e implantados pela cultura escolar que geralmente confirma e assegura a estrutura social – as diferenças individuais também aqui são verificadas e vão ajudando a constituir um novo sujeito social. A escola pode auxiliar os alunos a verem a realidade com lucidez e espírito crítico, ajudando-os a descobrir e a assumir seu compromisso diante da realidade. Pode colaborar para que sejam livres dos preconceitos, das superstições, dos temores, da ignorância, do egoísmo, da timidez e de toda forma de pressão e opressão.

O estudo que aqui se propõe realizar, busca compreender de que maneira as crianças vão adquirindo a noção da sua (homo) sexualidade. As manifestações dos papéis de gênero são compreendidas, nesta dissertação, enquanto aquisições culturais que também são apreendidas em inúmeras atividades e em diversas situações do cotidiano escolar. As expressões e/ou manifestações sexuais da criança no ambiente da escola precisam ser compreendidas sem as conotações culturais negativistas dada à sexualidade.

5.4. Sexualidade

*“Velho, recordo o menino
que resta de mim, sei lá ...”
(Nestor Oliveira/Caetano Veloso)*

A partir das primeiras experiências afetivas do bebê com a mãe e com o pai ou com qualquer outro sujeito significativo, é que as formas de vivenciar a sexualidade começam a ser construídas, sendo que a expectativa heterossexista é anterior ao nascimento do bebê. Todos sempre perguntam será ‘homem’ ou ‘mulher’ – as duas únicas possibilidades da ‘natureza’ – como se o sexo e a orientação sexual fossem, necessariamente, correspondentes. Importantes também, são as relações com a família, amigos e as demais influências do seu meio cultural. Constroem-se e, continuamente se reproduzem os papéis sociais atribuídos aos sujeitos desde a infância.

Um dos depoimentos mais contundentes e que, parece, atualiza o que pode ser considerado um devir homossexual, foi descrito por este *gay*

“... Esse meu lado se manifestou por que, de repente, era pra se manifestar – já era assim pelo tempo – [...] eu já desconfiava que realmente eu tinha já bem esse lado mulher, mesmo assim, sabe. Ao mesmo tempo que eu não admitia, brigava na escola, brigava no colégio quando os guris me chamavam de viadinho, né. Era porrada mesmo, que era feio a coisa” (PA, h, 34).

Nas crianças pequenas, os conhecimentos adquiridos em interação com outras crianças são mais facilmente consolidados e constituem-se de forma mais eficiente quando há uma manifestação por parte de um adulto. A partir de uma leitura de VIGOTSKY (1987, 49), pode-se compreender as atitudes das crianças quando provocam outras chamando-as de ‘veados’, por exemplo. Esse autor nos explica que os conceitos não nascem com as crianças e decorrem de um longo processo que se inicia “na fase mais precoce da infância”. MACHADO (1995, 34), falando sobre essas afirmações de Vigotsky, nos diz que:

“Tal autor descreve o caminhar da criança principiando nos conglomerados vagos e sincréticos, quando a superabundância das conexões subjetivas (cognitivas e afetivas) tende a compensar a insuficiência das relações objetivas. O desafio da criança é o de destacar objetos entre si, decompor, analisar, sintetizar objetos e situações, generalizar o aprendido em utilização concomitante ou posterior”.

A criança, neste ponto de vista, é identificada como sujeito do seu processo e com capacidade de abstração, mesmo que sincrética, subjetiva e emergencial. Seu pensamento

difere do pensamento adulto, não por uma falta de coerência, mas pela “ausência de um certo distanciamento da experiência imediata – e não o sincretismo visto como um meio-termo entre a lógica dos sonhos e a realidade – que explica as peculiaridades do pensamento infantil” (VIGOTSKY: 1987, 100). Adquire o conceito através e na interação com os outros sujeitos.

A questão da sexualidade infantil é sempre muito polêmica. A escola, enquanto instituição encarregada pela educação formal, historicamente tem contribuído para a ‘dessexualização’ do sujeito através da negação da sexualidade, tanto pela via da ‘neutralidade’, quanto pela legitimação dos tabus. O contexto social, por outro lado, impõe que se enfrentem as questões específicas da sexualidade com urgência e fundamentadas numa visão mais crítica da humanidade e da sociedade.

A sociedade ainda perpetua a demarcação dos papéis sociais como determinados pelo sexo biológico, de forma bastante rígida e estereotipada. De forma geral, a educação de meninos e meninas continua sendo realizada a partir da perpetuação de antigos padrões. Desde o seu nascimento, a criança já traz consigo e é reforçada pela escola a assumir os comportamentos convencionados como próprios de seu sexo. Entretanto, um caminho para se iniciar a mudança, ainda continua sendo a educação.

É importante discutir o fato de que a sexualidade infantil passa pelo aprendizado do respeito ao próprio corpo e, também, pelo respeito ao corpo dos outros e que este processo não começa na escola – está embutido em toda a história da criança. Trata-se de um processo de construção que envolve o conceito de corpo e de sexualidade que a sociedade há muito vem produzindo e reproduzindo. Talvez, assim, poder-se-á falar numa compreensão da sexualidade como uma manifestação ontológica, subjetiva, histórica e social do ser humano.

É através e na interação social que a criança entra em contato e passa a utilizar-se dos ‘instrumentos mediadores’, desde a mais tenra idade. Na tentativa de solucionar os problemas que se apresentam, passa a coordenar idéias e ações que atribuem significados às suas necessidades e aos seus desejos, decifrando o mundo à sua volta (VIGOTSKY: 1987).

O desenvolvimento infantil, a partir deste referencial, faz com que se possa afirmar que as condições de compreensão e comunicação são compartilhadas desde o nascimento, entre adultos e crianças, e que há diferenças entre o pensamento infantil e o do sujeito adulto, “*em sua composição, estrutura e modo de operação*” (VIGOTSKY: 1987, 48). Também as emoções passam a ser vistas como ‘diferentes’ qualitativamente e não apenas quantitativamente das dos adultos. Deduzindo daí que nossa cultura ocidental não tem possibilitado condições para que as crianças desenvolvam uma compreensão plena, que satisfaça as curiosidades que possui sobre o seu corpo e a sua sexualidade.

Pais e educadores estão atribuídos de um papel em que há uma responsabilidade social de gerar, preparar, enquadrar e habilitar as crianças para um convívio e uma reprodução material e simbólica do grupo cultural e social em que estão inseridos. A família é considerada como a base onde a criança apropria, internaliza, desenvolve opiniões, valores, atitudes e comportamentos sobre a sexualidade e todas as outras manifestações da vida, através de ações, deliberadas ou não. A (des)educação sexual que se realiza no âmbito familiar é que possibilita à criança, em grande parte, o desenvolvimento de idéias sobre a própria família, sobre o amor e a sexualidade, sobre o mundo adulto e sobre si mesma.

“A influência da família é primeira e fundamental, porque é anterior a qualquer intenção de seleção e, como seus efeitos atuam antes de qualquer possibilidade de reflexão, podem escapar a uma tomada de consciência ulterior e ser considerada como traços imputáveis à própria constituição do indivíduo” (Wallon apud WEREBE: 1998, 139).

Este “*atuar antes de qualquer possibilidade de reflexão*” é a questão que problematiza a construção consciente do sujeito desde a tenra infância, afirmadas anteriormente nesta dissertação, em vários momentos. Talvez, o que se torne importante dizer, é que não existe um único modelo de família, tampouco uma única ‘família modelo’. Há muitos modelos que se encontram excluídos. A dinâmica familiar muda de acordo com cada cultura e dentro de uma mesma sociedade. Trata-se de um espaço social onde é comum o confronto de gerações e onde as crianças, aos poucos, vão percebendo que o poder e os papéis de gênero são, comumente, definidos pelas diferenças sexuais. Não precisamos ser estudiosos do desenvolvimento infantil, para perceber que os laços afetivos que se estabelecem são

fundamentais para o desenvolvimento psicossocial e sexual da criança, mesmo que se os perceba como complexos e ambivalentes.

É a partir dos trabalhos desenvolvidos por FREUD (1856-1939), ainda no início do século XX, que se passa a entender que muitas das relações que acontecem entre os adultos são dependentes daquelas que se aprende a estabelecer no início da infância. FREUD (1986) foi o primeiro a defender a existência da sexualidade infantil e a falar da sexualidade humana de uma maneira mais ampla que de costume. Suas idéias, ainda tão revolucionárias, contribuíram para que se aceite a sexualidade como uma força dinâmica no desenvolvimento integral de todo o sujeito, do nascimento à morte.

Não basta, portanto, que se tenha afeição pela criança, é preciso respeitar sua infância. A criança é um 'ser em criação' e os seus 'acontecimentos' – os fatos da vida – são importantes para a construção de um adulto com capacidade de resolver seus próprios conflitos e buscar sua realização. Assim, sujar-se, chorar, sentir dor, machucar-se, frustrar-se, ter alegria e deslumbramento, fantasiar, entre outras experiências, são possibilidades de descobertas e de satisfação de necessidades que possibilitam a busca incessante de novos conhecimentos.

A infância, assim percebida, é o espaço favorecido para as descobertas da sexualidade e da satisfação de tantas curiosidades sobre o sexo, o que muitas vezes causa embaraços e/ou constrangimentos. Especialmente para aqueles adultos que exigem das crianças um comportamento mais maduro e 'adequado' socialmente. Não desejamos maniqueístamente, com essa afirmação, acusar de repressor o adulto e o seu mundo constituído; seu comportamento foi, também, historicamente construído e ele é também sujeito de determinações históricas (sujeitado a determinações históricas – que por históricas podem ser mudadas).

As curiosidades e perguntas das crianças nunca ficam sem respostas, pois se não se satisfazem com as respostas de seus principais interlocutores – pais e educadores – vão em busca de outros. Nesse sentido é que há a necessidade de se buscar informações e adquirir

habilidades para enfrentar essas situações. Se o que se busca é uma educação integral da criança, não há como abdicar da discussão sobre a sexualidade e suas manifestações.

Atitudes de repressão, de inibição ou tentativas de escamotear ou esconder as expressões e/ ou curiosidades infantis sobre as manifestações da sexualidade parecem estar diretamente relacionados com a maioria das crises e conflitos típicos da adolescência, sejam eles emocionais ou sexuais. Muitos pais, ainda hoje, não compreendem o seu papel como co-construtores da sexualidade de seus filhos. Desconhecem que podem possibilitar vivências gratificantes que ajudarão no processo de formação e humanização das crianças, seja reconhecendo e respondendo às perguntas ou curiosidades, ou não se apavorando e criando dramas ao ver seu filho descobrindo e explorando sua corporeidade numa explícita manipulação dos genitais.

Crianças realizam uma leitura dos acontecimentos ao seu redor, geralmente a partir do aprendizado dos valores e costumes dos seus significantes. Os preconceitos escondidos nas simples brincadeiras de colégio podem servir para inibir outros comportamentos nas crianças que não aqueles esperados, ou padronizados. PA (h, 34), talvez seja aquele gay – entre os quatro homens entrevistados – que apresente um tipo de comportamento mais estereotipado, aquele maneirismo identificável como sendo próprio dos homossexuais masculinos. Segundo seu relato essas suas características já o acompanham desde os tempos de colégio.

“Já tinha um jeitinho, já tinha um certo jeito mesmo. Então, eu procurava não fazer gesto. A maioria das vezes que eu caminhava colocava as mãos no bolso, as duas mãos no bolso, já pra não desmunhecar, né. Já pra não dar bandeira. Eu não falava tão grosso também, então eu disfarçava. Quase não falava já pra não dar mancada” (PA, h, 34).

Este ‘jeitinho’ tão delicado de ser, durante a infância, foi admitido apenas por este homossexual. Os outros, aparentemente, não possuem registro considerado, por eles, como significativos sobre este aspecto de suas vidas. É interessante assinalar que uma das lésbicas entrevistadas ao se referir a um outro gay afirmou que ele desde criança – foram colegas da escola – apresentava um comportamento ‘diferente’ dos outros meninos e era considerado por eles como ‘veadinho’. Perguntada sobre o que seria esse comportamento diferente respondeu:

“Ele sempre andava muito arrumadinho, bem limpinho. Podia correr, brincar e estava sempre arrumado. Era meio afrescalhado” (SB, m, 35). Este gay, contudo, diz não lembrar destes fatos.

A maioria dos entrevistados afirma que as primeiras manifestações da sexualidade, aquelas consideradas mais importantes, apareceram durante a adolescência e eram basicamente heterossexuais. Alguns relatos:

“Eu não namorei ninguém, mas me apaixonei por um menino [...] me apaixonei porque a gente foi criada pra namorar meninos e nem me passava pela cabeça que existia relação de mulher com mulher, homem com homem [...] Eu tinha atração por meninos” (ML, m, 43).

“Olha, se eu tive eu não me lembro, de infância, assim, só mais, assim, já na fase de adolescência, quatorze, quinze anos. Rapaz, sempre tem aquela brincadeira de coleguinha e tal, eu tive foi com meus primos por sinal, ... a minha primeira relação que eu tive com mulher foi com a minha prima, nessa fase de adolescência, aí, quando tu começa a descobrir o sexo [...]” (LA, h, 39).

“Quem não lembra da primeira namorada [...] foi um amor de um ano e pouco. A família toda torcia que desse certo e acabou como um namoro, assim, de muitos. Achávamos muito jovens e cada um partiu para o seu lado [...] Com dezoito para dezenove anos foi que realmente eu namorei. Teve uma sequência de paquerinhas de finais de semana, de meses. [...] Eu era presidente do grupo de jovem, então eram [garotas] mais velhas, mais novinhas, idades diversas e variadas; morenas, lourinhas, não tinha uma opção” (AC, h, 42).

Os relatos, a seguir, vão apontando para as descobertas homossexuais. O primeiro depoimento de um gay fala de uma falta que sentia quando se relacionava sexualmente com mulheres. O primeiro relacionamento sexual foi com uma mulher mais velha, mãe de um amigo seu, e não lhe proporcionou o prazer esperado. Este fato, que voltou a acontecer nos outros relacionamentos com mulheres, como que apontava para futuros relacionamentos sexuais com outros homens – para a descoberta da homossexualidade. O segundo depoimento é de uma lésbica que arranjou uma solução caseira para os seus dilemas sexuais. Após superar as primeiras dificuldades, em função de sua educação, passou a se relacionar emocional e sexualmente com seu namorado, de quem logo engravida, e com uma prima que morava em sua casa.

“... Tive namoradas, a gente transou, só que eu me lembro muito bem que a primeira vez que transei [...] não foi muito bom pra mim. Foi, a primeira vez e eu transei com uma pessoa mais velha. Transei com quinze, dezesseis anos e ela tinha trinta e seis. [...] Ela que transou comigo, porque a coisa aconteceu e não senti nada, assim, não foi bom. E depois que eu transei com outras moças senti a falta de alguma coisa, e acho que foi por aí que comecei a me descobrir. Faltou alguma coisa ali ...” (SV, h, 36).

“Quem educou mesmo a gente foi a vó [...] eu sempre escutei essa coisa assim, o [nome] é homem ... sacode as calças e nada pega, pode aprontar, pode fazer o que quiser. Vocês duas são meninas, vocês tem que namorar uma pessoa, um cara, um homem só e casar, porque senão fica passada. Ficam roçando no muro dos outros, essas coisas, essas coisaradas todas aí. [...] O dia que eu saí com minhas primas [foi] que eu conheci o [nome], com quatorze anos. [...] eu comecei a namorar mesmo foi com ele. ... Eu namorei uns sete anos e nesse tempo foi morar uma menina na casa da mãe. [...] a gente paquerava os meninos até uma certa hora, depois a gente ia dormir juntas. Sempre que a gente ia pra cama ficava aquela coisa, ou eu ou ela, uma ficava passando a mão na outra, no seio, no corpo uma da outra [...] Ela dizia que ia me ensinar a beijar. Eu disse pra ela que não, se ela era menina como ia me ensinar a beijar. E ela disse não, quando eu fosse namorar com um menino eu já ia ficar sabendo como é que a gente beija. [...] Sempre rolava esse clima, mesmo as duas namorando os meninos, sempre ficou isso assim e isso ficou muito tempo [...] Com a prima era uma coisa escondida, reprimida, mais de culpa, de medo, era assim, mas não deixava de acontecer. Sinto que era uma coisa assim, oh, embaixo da coberta, encolhida, de medo mesmo, né” (SB, m, 35).

LV (m, 30) disse que nunca se interessou sexualmente por meninos. Afirma que desde a sua adolescência seus interesses estiveram voltados para outras meninas. Cita a cantora baiana Simone para ilustrar sua atração por mulheres.

“... Acho que desde os doze, treze, quatorze anos eu já sentia isso. Eu sempre gostei da cantora Simone, então, eu era muito fanática, né. Eu sabia que tinha alguma coisa estranha comigo. Eu nunca tive um relacionamento com ninguém, então, ... mas tinha alguma coisa ... eu olhava pra uma mulher e achava alguma coisa diferente, sei lá. Tinha alguma coisa estranha nisso. Tanto é que eu procurei um psicólogo pra saber o motivo. Talvez tivesse alguma explicação e me apaixonei pela minha psicóloga” (LV, m, 30).

De acordo com MOTT (1987: 177) “outra baiana que continua a secular tradição de Nise [...], famigerada por ‘machear outras mulheres’, é a cantora Simone, que de jogadora de basquete em Salvador passou a grande estrela do cenário musical no país das

Amazonas”. Esse autor faz uma alusão à sexualidade de diversas cantoras brasileiras, no sentido de que a visibilidade dessas ajudaria a diminuir o preconceito contra homossexuais e possibilitaria um ‘assumir-se’ com mais tranquilidade.

Um posicionamento público de pessoas célebres ‘admitindo’ a homossexualidade poderia colaborar para que muitos homossexuais se sentissem menos isolados e amedrontados ao se ‘assumirem’. Ou, se tomaria, apenas, uma grande fofoca.

Apesar de não ‘assumirem’ a sua orientação sexual estas pessoas públicas e notórias vão, mesmo que indiretamente, ajudando a despertar ou solidificar reações e sentimentos homoeróticos ou, até mesmo, aproximando pessoas. Como no exemplo desta fã da citada cantora baiana, que recorda como recuperou os seus documentos pessoais através de uma outra garota que trabalhava numa rádio local.

“[...] Cheguei lá era uma guria, uma mulher que era a recepcionista que me entregou os documentos. Só que tinha chovido, estava tudo molhado e eu tinha a foto da ... de um recorte de revista ... uma foto da Simone, na minha carteira e aí ela se interessou. Achou meio estranho, ela achou, mas ela já fazia parte, também, disso[era homossexual]. Então, e eu era bem inocente, na época, assim ... eu nem namorava. Comecei a me interessar pela guria, só que ela, também, começou a jogar umas coisinhas, assim, a se insinuar e aquilo foi, sei lá, tocou alguma coisa” (LV, m, 30).

Interessante assinalar que a garota que vai atrás de seus documentos se percebe ‘inocente’ em relação à sua homossexualidade, pois ainda não namorava. Não valorizava ‘pequenos’ aspectos da sua experiência particular, como por exemplo, a presença de uma inofensiva foto de uma cantora brasileira, famosa também por histórias ligadas à sua suposta homossexualidade. Um simples recorte de revista que, ao menos nesse episódio, serviu de elemento de identificação e aproximação entre duas mulheres. Essas mulheres atribuíram uma significação à foto que vai muito além dos dotes musicais da cantora.

Como já foi assinalado em outra ocasião, a criança que se desenvolveu em uma zona rural do interior de Santa Catarina internalizou de uma cultura bastante diferenciada daquelas criadas em Botafogo, zona sul da cidade do Rio (RJ), em Santos (SP), ou até mesmo de quem se criou em Florianópolis (SC). A respeito da homossexualidade, não se pode

assumir aquilo que se desconhece; tem que deixar ‘aflorar’ – se está entre as décadas de 60/70. O relato, a seguir, aponta para as diferenças apreendidas em função do meio cultural onde se vive. Idiossincrasias que ajudam na formação sócio-cultural do sujeito.

“Não existia esse termo homossexual ou qualquer coisa parecida. A gente veio a entender a parte da homossexualidade, mesmo, numa época que não existia quase ninguém homossexual ou afeminado ou qualquer coisa assim. Até existia, mas a gente quase não conseguia ver. Eu fui ver mais tarde em centro maior [...] Naquela época, não existia uma explanação do assunto e até no 1º Grau existia aula de orientação sexual e tudo mais, só que esse lado não era difundido. Era até falado em anticoncepcional, preservativo, tudo em função de que menino e menina não engravidasse antes da hora. Eu acho muito valioso esse tipo de orientação. [...] Então, eu acho que a homossexualidade de cada um, ela aflora ao tempo certo. Eu acho que cada um tem a sua época certa de descobrir” (AC, h, 42).

Deste depoimento é possível deduzir que a escola ajuda a acobertar fatos da realidade da vida e insiste em tratar somente daqueles que se relacionam ao padrão hetero estabelecido. Parece haver uma cumplicidade tão complexa entre as famílias e o meio social que fica difícil para o sujeito ir se apercebendo dos seus desejos e é melhor, também, seguir um ‘destino’ heterossexual.

Os depoimentos apresentados a seguir apontam, finalmente, para as descobertas e vivências homossexuais. Conforme se espera fique evidente, as primeiras experiências além de prazerosas, gratificantes, em muitos casos foram acompanhadas da noção de pecado, castigo, ou de diferença. Concepções que são comumente repassadas a todos os cidadãos, nessa e em outras culturas. Como se não bastasse, ainda, são tratados como um único grupo, homogêneo. *Gays* e lésbicas são múltiplos – um grupo heterogêneo – que em comum possuem a orientação sexual, como no caso do universo heterossexual.

5.5. A ‘descoberta’ da homossexualidade

“Então eu soube que sempre fui ...”
(Denise Portinari)

Ao interrogar homossexuais adultos quanto à sua infância verifica-se que quase todos afirmam uma precocidade de sua ‘tendência’ sexual. Mesmo com os relatos

anteriormente descritos, que apontam para um período na infância em que se sentiam iguais a todas as crianças, a maioria dos homossexuais entrevistados, acreditam num devir que a qualquer momento se revelaria. Como se algo existisse que os impregnava e os distinguiu dos demais sujeitos, como se houvesse um destino homossexual. Este recordar, o falar de sua infância, é uma demonstração da construção social da memória pois na verdade eles estão falando de si hoje – no presente.

O estabelecimento da vivência de uma orientação homo-heterossexual depende, muito particularmente, dos acontecimentos familiares. É comum os pais manifestarem seus temores diante de atitudes mais ou menos femininas de seus filhos; geralmente, se perguntam: onde errei? Não se dão conta que a criança, ao apropriar-se dos valores e normas familiares e sociais vai, também, construindo o seu próprio código de normas e valores. Os pais podem, apenas, ser considerados como co-construtores da sexualidade de seus filhos. Senão, vejamos:

“... Eu me lembro que ... em conversa de adulto a gente não podia se meter muito, mas eu ouvi, o meu pai [que] era fiscal da SUNAB [falar] que tinha um advogado e que ele era ‘pederasta’. Eu não sabia, na época, o que era pederasta, mas me lembro de ter ouvido que numa das fiscalizações eles tinham pego esse cara com outro num hotel” (ML, m, 43).

Ou, então:

“... o primeiro homossexual que eu havia visto, uma figura até um pouco cômica, é o colunista social Celso Pamplona, em Blumenau. Uma das vezes que eu estava estudando, ele mencionou vir atrás de mim e eu corri mais ou menos uns dois quilômetros até em casa, por que achei que a pessoa quisesse me atacar. Mas, eu não sabia que ele era homossexual, era uma coisa diferente. Mais tarde [...], quando estava encerrando o primeiro grau, saiu essa pessoa de braço dado com uma mulher, cheio de penduricalho e coisa. Aí, eu perguntei ao meu irmão: o que era aquilo ali? O meu irmão falou: Ah! Que nada, aquilo ali é um veado e aquela outra é uma madame da coluna social que ele escrevia. [...] o que me chamou a atenção, foi que realmente existia homem efeminado. Como a gente já comentava, na época, que fulano é efeminado, é maricão ou coisa assim. Ninguém sabia que existia esse relacionamento entre homens, ele é efeminado por que ele foi criado como menina, ou qualquer coisa parecida. Aí, cada um dava a sua desculpa ao seu ver. Aí, que a gente começou realmente a entender, bem mais tarde é que eu fui entender que homens tinham relacionamento com homens” (AC, h, 42).

Estas primeiras referências são exemplos de como as crianças podem ir significando, diferentemente, as práticas e orientações homossexuais, a partir das noções culturais aprendidas no seu meio familiar. Às vezes, esta noção do ‘diferente’ pode ser apresentada por alguém que menos se espera, como vindo de um padre, p. ex.:

“... Eu me lembro que um dia eu estava na casa da minha avó ... e como era uma cidade pequena, ela costumava, em dias de festa, em dia que tinha missa, ela recebia o padre da paróquia. E esse padre, isso aí eu devia ter uns dezoito pra dezenove anos, começou a falar certas coisas, assim, que começaram a me chamar a atenção [...] Tipo como o seu neto é engraçado, é bonito, é diferente. [...] a gente começou a conversar e deu umas oportunidades de a gente ficar só e o cara meio que querer tocar em mim e eu achar estranho. Eu achei muito estranho, meio que eu queria deixar pra ver como é que era, mas meio que eu tinha medo e aí passou” (SV, h, 36).

Estes são exemplos dos primeiros contatos, mantidos por gays e lésbicas, sobre diversas expressões da homossexualidade e que ocorreram dentro dos seus lares. Outro exemplo de sexualidade compartilhado na família fica explicitado nos comentários sobre aqueles sujeitos identificado como homossexuais e que estão presentes nos programas de humor da televisão, em novelas, em filmes. A homossexualidade presente em figuras notórias ou, até mesmo, em personagens como o ‘Zé da Zeca’, que todos conheciam no Ratonés. *“Dizem que esse veado velho, aqui do Ratonés, chegava e dizia: – Essa noite você vai ficar comigo” (PA, h, 34).* São muitas as brincadeiras, histórias e lendas compartilhadas pelos familiares e que vão possibilitando a constituição de sua própria (homo) sexualidade. Alguns homossexuais apresentaram, assim, suas descobertas do sexual:

“Olha [primeiro] foi com homem, por que geralmente, nessa fase, a gente começa a descobrir, sei lá, parece que com homem é mais fácil. Eu penso que com mulher, assim, na fase ... não tem experiência, tem vergonha. não sabe como, né. Fazer, assim, com mulher, até com medo, vergonha, não sei. Então, o cara quando ... o guri, na época, acho que era mais fácil procurar relação com homem.[...] Era só sexo descartável, vamos dizer assim, maneira de falar. O cara ficava ali, transava, pronto, mais não tinha, assim, não. Era só sexo, mesmo” (LA, h, 39).

A descoberta de uma orientação sexual ‘divergente’ não é, para a maioria dos homossexuais, uma coisa fácil de aceitar. De diferentes formas os gays e as lésbicas vão enfrentando percalços até a apaziguação desta descoberta com a conseqüente acomodação

desse, que é por muitos considerado, um ‘instinto’ arrebatador, selvagem e primitivo. O uso indiscriminado de drogas, relações sexuais confusas com homens e mulheres, fugas e gravidez indesejável são exemplos citados e que revelam a dificuldade em aceitar os seus desejos homoeróticos. São exemplos, também, que confirmam a impossibilidade de alguém deliberadamente ‘optar’ em ser homossexual num mundo que dificulta as manifestações de algo além da heterossexualidade instituída. Ninguém opta em ser *gay* ou *lésbica*. Opta-se, sim, pela maneira como se vai vivenciar essa orientação sexual. Alguns podem escolher passar a vida inteira negando-a, outros assumem-na de forma ostensiva e geralmente se vêem como vítimas da sociedade, assim como aqueles que realizam a opção pela discricção ou pela vida dupla. A partir do discurso enunciado pelos entrevistados, constatou-se que a maioria prefere apenas vivenciá-la – mesmo com todas as crises que a acompanham por toda a vida.

As declarações de alguns entrevistados:

“... Eu comecei a usar drogas foi, mais ou menos, nessa época, assim, e eu hoje digo que usei droga porque foi muito difícil assumir a minha homossexualidade perante a minha família, embora eu arrasasse tudo. Mas no fundo, no fundo eu sofria um monte porque eu via as minhas irmãs casadas com filhos e eu me sentia uma estranha no ninho e embora, às vezes, eu não desse bola isso me machucava muito” (ML, m, 43).

“[...] Eu sempre fui a ovelha [negra], não sei se é por causa do meu jeito diferente de ser. Eles dizem que isso é uma doença, isso não é normal, isso é caso de psiquiatra, isso é loucura. Não sei o que é que passa pela cabeça deles. Então, eu acho que sempre fui a ovelha negra da família, tanto é que eu fugi. [...] Eu saí de casa e aí comecei a me relacionar com essa outra mulher [...] e eu saí de casa, né ... tinha onde ficar” (LV, m, 30).

*“... A mãe percebeu que tinha perdido as rédeas, que a sua filha tinha se separado, coitada! E agora ia ficar falada e, ainda, estava andando com uma mulher que todos sabiam que era *lésbica*. Coitada ia ficar doente, também; que era como ela denominava a homossexualidade. Que a [nome] era uma pessoa doente e que ia me contaminar. Eu também ia ficar doente [...] E nesses [primeiros] dois anos que estava me relacionando com a [nome] eu comecei a pirar. Pirar de não querer mais assumir relação [...] e comecei a questionar realmente quem eu era. Comecei a regredir, ... comecei a questionar quem eu era, o que eu gostava. O que eu queria, homem ou mulher [...] Aí, eu fui buscar namorados. Estava namorando a [nome], namorei um cara, namorei um outro, tudo ao mesmo tempo ... e mais uma menina [...] Além de ficar com esses eu estava sozinha. E aí comecei a procurar uma pessoa para me ajudar e a primeira pergunta que*

faço ... sou mulher ou sou homem? [...] Nesse meio tempo eu engravidei e quando tive que tomar uma decisão, que uma decisão de um aborto é uma decisão muito séria, a pessoa que eu corri foi pra [nome] como se ela tivesse me engravidado” (SB, m, 35).

Estas declarações foram todas formuladas por mulheres. Os homens, em sua maioria, neste quesito se mantiveram neutros: nenhum afirmou que, realmente, tenha passado por grandes crises no momento de se ‘assumirem’ enquanto homossexuais. Apenas um deles admitiu que ficou ‘desnortado’ quando ocorreu o primeiro beijo com um outro homem, fato que se agravou com o rompimento inesperado da relação que chegou a durar quatro anos. O término do primeiro namoro levou este gay a tentar o suicídio.

“... Ai foi quando a gente saiu e que acabou rolando o primeiro beijo [...] Eu não acreditei, quando rolou. Quando foi a primeira vez eu me desesperei. O primeiro beijo, nunca tinha rolado nada; nunca tinha transado com ninguém, nunca teve troca-troca, nem me esfregado. O primeiro beijo, ai, eu peguei e abandonei o colégio. Eu desisti do colégio no último ano do colegial [...] E só voltei com uma condição, dele não mais conversar comigo. Ele ficou super triste, mas até ai aceitou. Só que eu não conseguia ficar longe dele de jeito nenhum. E eu sentia falta do beijo, olha que estranho. Eu descobri que gostava dele de verdade, sabia que ele gostava de mim também e essa relação durou quase quatro anos, aquela coisinha, sabe, beijinho, transar escondidinho e tal. [...] Foi quando ele acabou aprontando com uma menina de quinze anos e ela acabou engravidando dele, sei lá. Aquelas meninas que ficam botando a virilidade em dúvida, né, que é veado. E pra mostrar que você não é, você vai lá e transa [...] Quase morri, eu fiquei louco. No dia seguinte, eu não dormi, eu passei mal. Eu fui pra praia, me meti na chuva que estava, vento. Eu peguei , me meti numa onda, gritava ... fui, fui indo, fui indo. Dois ou três salvavidas me tiraram, já tinha tomado não sei quantos litros de água. Eu ia me matar por causa dele” (PA, h, 34).

A oscilação entre práticas homossexuais e heterossexuais, também, é uma característica deste período de descoberta sexual. Alguns exercitam sua ‘virilidade’ mantendo relações sexuais com garotas ao mesmo tempo que permanecem ‘namorando’ um outro homem. Ou, como aquela garota que não se sentindo suficientemente segura, da sua (homo) sexualidade, buscou nas relações sexuais com homens resguardar a sua imagem de mulher, até chegar à gravidez.

Neste exercício infundável da sua sexualidade, nestas idas e vindas em torno da criação de uma imagem de si – que os significasse – esses homossexuais entrevistados foram, aos pouco, integrando a prática homossexual de acordo com a sua orientação e um dia também pensaram em encontrar alguém para se ‘acasalarem’ (formar um par, um casal).

Os casais aqui entrevistados nunca realizaram uma ‘cerimônia’ de casamento entre eles. O comportamento observado foi caracterizado segundo a denominação de FRY (1982) no qual o casamento é tratado como relações de pares que escolheram conviver sob o mesmo teto, numa configuração semelhante ao casamento heterossexual, porém ‘negociando’ a distribuição tradicional dos papéis de gênero que foram hierarquicamente construídos.

Neste trabalho, o casamento e as idéias acerca dele não são compreendidos como um fenômeno natural, mas como uma construção social, histórica e cultural. Desta forma, como tal, estará sujeito às mudanças que constantemente ocorrem na sociedade, o que sempre lhe conferirá novos significados.

Apesar da falta de reconhecimento e de amparo legal, os homossexuais, ou muito dos homossexuais, optam por esse tipo de relação. Os casais entrevistados optaram pela relação a dois. De maneira singular esses *gays* e lésbicas vão traçando uma trajetória e construindo uma prática homossexual que – por estar muito próxima do modelo empregado para os heterossexuais – precisaria passar pelo estabelecimento de uma relação ‘conjugal’. Relações ‘estáveis, públicas e duradouras’ é o próximo aspecto de suas vidas que passa a ser revisto.

5.6. Encontros e despedidas

*“... São só dois lados
da mesma estação ...”
(Milton Nascimento)*

Antes de descrever as nuances de um casamento homossexual é preciso que se apresente os atores sociais – aqueles que possibilitam que se aprenda um pouco através de suas experiências pessoais. Alguns aspectos de suas trajetórias individuais já foram apresentados.

5.6.1 – ML x SB

*“No rancho fundo
bem pra lá do fim
do mundo ...”*

(Ari Barroso e Lamartine Babo)

Este casal de lésbicas é o que, dos entrevistados, possui mais tempo de convivência em comum – são onze anos. Foram elas, também, quem primeiro escolheram Ratonas para fixarem sua residência. Um dos aspectos que configuram este relacionamento e que o diferenciam dos demais é o modo como estas duas mulheres se conheceram, tornaram-se amigas e confidentes, até escolherem a ‘formalização’ de um ‘caso’.

“... Em função de gostar muito de crianças, fui trabalhar como auxiliar de berçário e onde a [ML] era a professora responsável. Trabalhava eu e mais três auxiliares e ela foi uma das pessoas que mais me prevenia quando comecei a ter relações com o [nome]. Eu já estava com dezesseis para dezessete anos e ela falava: - ‘Toma pilula. Um dia a casa cai, toma cuidado!’. Nessa época, então, eu trabalhava num berçário, engravidei e sai. Fui ter aquelas coisas de gestação, de enxoval. Aí fiquei casada e não trabalhava e quando me separei é que retornei a trabalhar, na Fundação, e nesse local reencontrei a minha primeira professora. A primeira pessoa que eu tinha trabalhado, que foi a [ML]” (SB, m, 35).

“... Ela era minha colega de trabalho, a [SB] foi minha auxiliar no Dim Dom e quando estava na Fundação, de repente, me aparece a [SB] que ia ser, novamente, minha auxiliar. [...] Foi ótimo por que eu sempre tive uma relação muito grande com ela. Não a nível ... eu nunca tive tesão pela [SB] apesar de ela ser uma pessoa muito bonita, mas nunca tive tesão. Nunca me passou pela cabeça transar com ela, nada e eu contando as minhas [histórias] e ela me dando muita força com a relação que eu tinha que sair ... eu só abria a boca a chorar. [...] Desde a época do berçário ela escutava. A gente era bem amiga. A [SB] casou e eu dei a banheira pra [nome], ajudei o [nome] a fazer compras pro casamento. Acabei nem indo no casamento ...” (ML, m, 43).

A relação de amizade que estabeleceram foi possibilitando o conhecimento de detalhes cada vez mais íntimos da vida de cada uma: enquanto uma dividia as suas angústias e alegrias diante do primeiro namorado e as primeiras relações sexuais, a outra contava os seus envolvimento, sexuais ou não, com outras garotas, em particular um relacionamento bastante ‘desgastante’ com outra lésbica, que a fazia ‘chorar’ muito. Enquanto uma garota prevenia para o uso de pílulas anticoncepcionais e acabou comprando a primeira banheira (uma espécie

de compromisso informal que a torna madrinha do nenem) a outra, aconselhava a sair de uma relação que não a ajudava em nada.

Outro fato surpreendente é que a iniciativa de declarar-se ‘apaixonada’ partiu daquela que, até pouco tempo atrás, estava casada com um homem, com quem tinha uma filha. É seu primeiro envolvimento declaradamente homossexual. Talvez o fato de saber que a amiga era lésbica a ajudasse ‘assumir’ seu desejo, pois, desde que se separou começou “*a perceber um interesse diferente, assim, [...] começo a respirar, perceber as pessoas do meu lado e as pessoas diferentes que eram do mesmo sexo [...] comecei a fazer isso e a perceber na [ML], a me interessar pela sua pessoa*” (SB, m, 35). Do fato de perceber-se interessada homoeroticamente por outra mulher até declarar-se, não demorou muito tempo. A demonstração de que a significação do tempo também é um processo individual pode ser observado quando dizem que o fato ocorreu próximo das férias do final de ano, só que para uma tudo se passou antes deste período e para a outra, o fato ocorreu após o seu regresso.

“... Quando terminou o ano eu sai da sala da [ML] ... fui pra minha sala, uma salinha pequena e antes que a gente entrasse em férias eu falei pra ela que estava interessada nela ... que eu gostaria de ter um relacionamento com ela. Que eu estava interessada nela; que eu estava gostando dela [...] Ai, a gente saiu do serviço e fomos num barzinho e falei pra ela. A [ML] ficou meio desesperada, a reação dela era a minha ... ela comia sem saber o que dizer e o que fazer porque nós nunca tivemos nada, nem um tipo de intenção, nunca, ou, até mesmo, um olhar pra ela fazer algum tipo de piadinha. Não, nunca. [Nosso relacionamento] era profissional, profissional mesmo. Ai, eu falei e começamos a namorar. Começamos a sair. Nós três, eu, a minha filha e a [ML]” (SB, m, 35).

“... Quando eu voltei de férias, a [SB] disse: - ‘Eu preciso falar contigo’. Eu fiquei curiosa e ela: - ‘É que estou apaixonada’. - ‘Mas por quem?’ - ‘Ah! Não vou te dizer’. Eu comecei a botar um monte de nome de pessoas que ela pudesse ... Não, mas aí, ela disse: - ‘Apaixonada por mulher’. Eu levei aquele baque Comecei a dizer, a fulana, sicrana e nada. Marcamos de sair., isso era 10 de fevereiro, 12 de fevereiro. Dia 13 nós saímos. Fomos num restauantezinho que tinha perto do Bob’s, no centro, não sei o nome e ela não contou. Mas contou do que ela estava sentindo, que há muito tempo sentia atração por mulheres, que não sabia por que tinha casado. Não sabia ... pressão da mãe, da sociedade, porque estava grávida. falar comigo. Combinamos de sair a noite [...] fomos no Koxixo’s, onde tem aqueles policiais, ... aí, ela confessou por quem estava apaixonada. Que era por mim. Levei um susto tão grande, que é como eu te digo, eu não conseguia tocar nela. Nós nos beijamos e tal. Primeiro é que eu não tinha

um sentimento por ela – tinha um sentimento de amizade. Eu não conseguia tocar nela, ah, meu Deus!, parecia marinheiro de primeira viagem. Mas, aí, eu dei chance pra que esse relacionamento andasse e, até hoje, a gente está junto” (ML, m, 43).

Este é um resumo, bastante simplificado, da história do encontro deste casal. Pode-se observar que, embora juntas, cada qual vai significando e construindo o relacionamento à sua maneira singular. Elas escolheram a data de treze de fevereiro para comemorar o início da relação, estão há mais de dez anos juntas e desejaram morar em outros lugares, inclusive com uma sogra.

“Quando nós estávamos com mais ou menos dois anos de relacionamento, eu fui morar lá na casa da mãe dela, porque o meu ônibus não dava pra chegar lá na Fundação – o pai e a mãe foram morar na Daniela, uma coisa assim. [...] Foi a pior coisa que eu fiz pois começaram os comentários. A mãe dela já sabia que eu era homossexual, todo mundo, assim, já sabia [...] Aí, começou a surgir os comentários, a irmã dela começou a dizer que eu e [SB], nos trancávamos no banheiro e que nós estávamos ... e que a [SB] tinha se separada por causa de mim [...] só sei que deu um bafafá ... a dona [nome] praticamente me expulsou de lá. Nós tínhamos feito uma casinha lá na Enseada [de Brito/Palhoça], num local que a gente adorava e tamos todo fim de semana pra lá, e eu fui morar lá. Passei três meses morando lá, pegando ônibus de noite na BR, era uma loucura” (ML, m, 43).

Esta aparente resistência por parte da família da parceira, também se verificou na própria família, provavelmente, de forma não ostensiva, mas, com toda certeza, bastante presente. Até a abordagem do ‘problema’ é realizada de maneira diferente. Se não houve o momento de ‘assumir-se’, tampouco haviam ‘fofocas’ sobre a sua sexualidade. Mas o seu comportamento e os relacionamentos estabelecidos não eram bem aceitos pela família, de maneira geral – a dificuldade das famílias em tratar com o ‘diferente’, com aquele que foge das normas e condutas estabelecidas.

“ ... Eu não cheguei pro meu pai ou pra minha mãe e disse: – ‘Eu sou homossexual’, mas eu acho que a minha mãe sempre soube. A minha mãe dizia que: – ‘A [ML] sempre elege uma amiga a qual sempre se apaixona’. Então, no fundo ela sempre sabia. O meu pai tinha mais dificuldades de lidar com isso. [...] Ela dizia que: – ‘Ela é minha filha; ela também tem direito que nem os outros’. Na época que eu estava na droga, os meus irmãos já desconfiavam que eu era homossexual, eles meio que me rejeitaram bastante. Hoje, eles me respeitam muito [...] eles nunca se

intrometeram na minha relação. Diferente da família da [SB], que a mãe dela é uma pessoa que se intromete muito; ela não vai descansar enquanto não destruir o nosso relacionamento” (ML, m, 43).

Esta percepção sobre a sua família também é compartilhada pela parceira. Falando sobre a aceitação do seu relacionamento afetivo por parte da sua família – mãe e irmãos – esta lésbica afirma:

“Não é legal. Não é coisa tranquila, que se possa dizer, assim: – ‘Oh! A amiga vai comigo’. Não é uma coisa tranquila, mexe com alguns, sabe, principalmente com minha mãe. Com o meu pai, que eu não tive muita proximidade, não mexe muito assim. Não se manifesta, ele cumprimenta a pessoa numa boa. Com a minha mãe mexe bastante, não é uma coisa tranquila, não é uma coisa bem aceita. Não é visto ... ainda tem aquele olhar maldoso. Sabe aquele olhar, assim, que ... vai esperando um pouquinho, que daqui a pouco, eles tão te dando uma piadinha: – ‘Ah! A fulana não vai te deixar fazer isso’. [...] Sabe, tem sempre uma coisa sutil de alguém, de um tio meu e da minha mãe, também. [...] Com o irmão que eu tenho é tranquilo, assim, na época mais crítica, ele falou: – ‘Olha, vire as costas pra todo esse povo e vai viver a tua vida, vai fazer a tua vida do jeito que tu queres. Do jeito que vai te dar prazer. Ninguém pode falar de ti, ninguém’. A única intervenção que ele fez foi na época pior da minha vida e que eu chorava um monte” (SB, m, 35).

Sobre a criança que desde o início participou de todos os momentos e acontecimentos do casal ficou claro que se trata da filha de apenas uma delas: “A [SB] nunca me permitiu dar opinião na educação da [nome]” (ML, m, 43). A mãe acredita que o comportamento da filha é tranquilo e que, à sua maneira, ela também participa do conceito de ‘casal’ estabelecido. Provavelmente, não compartilhe da idéia de participar de uma nova forma de estruturação da família.

“O comportamento dela dentro de casa é bem tranquilo. Nós dormimos juntas, ela dorme no quarto dela. Ela bate pra entrar no quarto, nunca chega de supetão, sempre vem acenando, fazendo algum barulho. De certa forma, eu acho que ela respeita bastante, tanto as pessoas que vão lá em casa, quanto a nossa relação. Tem aquelas coisas chatas de adolescentes, de implicância [...] Eu sempre deixei uma coisa bem clara pra ela – não sei se vou responder com tanta clareza, com tanta frieza, mas sempre falei pra ela que: – ‘Se tiver alguma coisa pra perguntar sobre mim, pergunta pra mim. Não pergunta para os outros’. Não sei qual vai ser a minha resposta, mas sempre vou tentar ser o mais verdadeiro possível com ela. [...] Esses dias eu briguei em casa, eu briguei com a [ML], passei as mãos nas minhas

coisas e fui dormir com ela, e ela: – ‘O que estás fazendo aqui. Sai daqui, vai dormir com a [ML]. Sai da minha cama, por favor, e vai dormir com a [ML]. Então, pra ela, acho que está bem tranquilo’ (SB, m, 35).

Pela necessidade da separação imposta pela família de uma delas depois da descoberta do seu relacionamento, e com dificuldades, ou não, esse casal foi buscando se estruturar longe da movimentação da zona central da cidade. A primeira aquisição do casal foi uma pequena casa na praia da Enseada do Brito, no município de Palhoça/SC, onde uma deles residia e a outra ia, basicamente, passar os finais de semana. Em função da distância e desta separação imposta ao casal, resolveram alugar uma casa no bairro Agronômica, em Florianópolis, até se transferirem para o Ratonés, onde construíram uma casa que foi destruída pelo fogo e, então, foi preciso um novo recomeçar. Conta SB (m, 35) ao refazer a trajetória percorrida nesses onze anos de ‘casamento’.

“Acho uma coisa interessante, é como eu consegui fazer esses 11 anos – como é que se construiu mesmo o nosso relacionamento – de que forma que eu dei um pontapé inicial para que a gente saísse pra fazer uma casa, pra ter um lar, né. Acho que isso é muito importante. Eu morava com a mãe e aí comecei a sair direto com a [ML] [...] A [ML] morou conosco, na casa da minha mãe, oito meses e aí a minha mãe, quando [o nosso relacionamento] começou a incomodar e as pessoas a buzinar, pediu para que ela saísse, e ela saiu. Foi morar na Enseada onde a gente já tinha comprado um terreno que era de posse, então era bem baratinho. Ela foi morar nesse terreno, nessa casa, que a gente tinha construído juntas e eu fiquei morando na minha mãe, mesmo assim não conseguia a mãe separar eu e a [ML] continuamos juntas, trabalhando no mesmo local. A gente continuou se encontrando, saindo, só que a gente precisava ficar juntas mesmo. A mãe começou a pressionar ... que eu precisava ficar mais em casa, mas eu tinha que sair pra encontrar com a minha namorada e ela não aceitava porque ela sabia que eu ia encontrar com a [ML]. E aí ela falou: – ‘Ah! Se é dessa forma que tu queres é preferível que tu arrumes um lugar e vá morar, porque aí tu vai poder ter a tua liberdade’. E aí, fomos procurar uma casa pra alugar. Alugamos uma casa na Agronômica, com dois quartos, um pra minha filha. Começamos, a partir daí, a morar juntas, eu não lembro bem ... começamos a morar juntas e conseguimos comprar um terreno e construir. A construção dessa casa que, agora em 97, foi destruída pelo fogo. E nós conseguimos juntas de novo, foi uma volta; teve que ser uma volta rápida, sem muito pensar ... pensar, parar, não. O que se quer é construir uma casa e morar juntas, colocar isso em prática e já saímos a procurar doações e erguemos a casa em cinco meses. [...] nesse meio tempo a gente não se separou, ficamos juntas. Uma amiga da gente alugou uma casa e a gente ficou juntas, direto, construindo aos poucos o que podia e já estamos com a nossa casa” (SB, m, 35).

De acordo com o depoimento de uma delas é o sentimento existente que tem feito com que elas enfrentem todas as dificuldades surgidas. A idéia romântica de que o ‘amor’ justifica todos os sacrifícios.

“Pra mim, seria muito remota a saída dela de casa porque ela tem um vínculo muito doentio com a família, com a mãe. Daí, ela saiu de casa, a gente alugou uma casa e vivemos, até hoje assim, nos seus altos e baixos. Não é fácil ter um relacionamento com uma criança, agora com uma adolescente [...] o que realmente, eu acho que, aguentou e aguenta o relacionamento, até hoje, é o sentimento. O amor mesmo, né” (ML, m, 43).

O segundo casal entrevistado foi o constituído por dois homens e que foram, entre os casais identificados, o terceiro casal gay a se estabelecer no Ratonés. Os únicos que residem no Canto do Moreira.

5.6.2 – AC x SV

*“... Me dê a mão, vamos sair pra ver o sol”
(A C Jobim/Dolores Duran)*

Estes dois homens encontraram-se na madrugada quando ambos voltavam para casa, um andando pela calçada, levemente embriagado, e o outro passeando de carro. Isso tudo ocorreu numa avenida movimentada do bairro Kobrasol/São José, famosa por ser uma rua de *trottoir*, a ‘baixa prostituição’, no sentido apontado por PERLONGHER (1987). O fato, entretanto, é que este ‘gueto’ ou ‘mercado homossexual’ – onde se procura, por uma noite, um ‘parceiro sexual ocasional e sem compromisso’ – está inserido na paisagem urbana, existindo apenas uma delimitação muito sutil entre aqueles sujeitos que estão no ‘mercado do sexo’ e aqueles que estão apenas transitando no local.

Outra característica que os distingue daqueles que estão na avenida, é o modelo de relacionamento sexual que estabelecem ou desejam para si. Estes dois homossexuais, mesmo sem se conhecerem, procuram estabelecer um relacionamento de igual para igual com outro homossexual – o modelo ‘moderno’ ou ‘igualitário’ – como os ‘entendidos’ de GUIMARÃES (1977).

É preciso, entretanto, retornar para a Avenida Central e conhecer como aconteceu o encontro entre os dois e descobrir como estabeleceram um relacionamento amoroso e por que foram morar no Canto do Moreira – Ratonés.

“... Eu vim para uma Associação, no centro da cidade, era uma noite de sábado e eu sozinho, literalmente. Ai um monte de pessoas lá e começamos a beber, comer, comer, beber e acabamos enchendo a cara. Como a cidade estava, era inverno, é ... a cidade estava morta e eu ainda fui pra casa. Passei na Avenida [Central do Kobrasol], e vi uma pizzaria aberta, devia ser umas duas e pouco da madrugada, ainda cumprimentei o pessoal e tomei mais um pouco, nem sei como dirigia. Bem próximo do meu apartamento me chamou a atenção uma pessoa que andava na rua: – ‘Sabe de uma coisa, não tenho nada a perder. Vou dar uma investida’. Coisa que não era meu hábito. Foi uma loucura e eu não sei até que ponto estava me arriscando, mas essa pessoa me chamou a atenção. Mas estava se fazendo de difícil, muito difícil, entrava quadra, saía quadra e na mesma quadra eu encontrava de novo e não era capaz de olhar pra mim. De repente, eu fiz com a mão: vem aqui. Parei o carro. Pensei, na época, que tivesse tido um mal-entendido porque eu fui parar no lado de uma pracinha, onde tinha um travestizinho, bem novinho. E ele mais que depressa veio, e ainda bem que o travesti pegou o outro rumo porque entendeu que eu tinha chamado a outra pessoa e aí conversamos [...] Foi até lá em casa, foi uma coisa que me impressionou: nada aconteceu. Nem pegar na mão, um pra um lado, outro pro outro. Outro dia de manhã quando acordei tinha uma pessoa me beijando, eu disse: – ‘Queres passar o dia comigo?’. Falou: – ‘Não, eu tenho que ir embora. Minha mãe não sabe onde ando, sai ontem a noite, com um grupo de amigos, bebi um monte e não sei como vim parar no teu apartamento.[...] Acabamos por nos apaixonar e estamos até hoje. Isso somam quase oito anos” (AC, h, 42).

SV (h, 36) recorda assim os fatos acontecidos:

“Foi assim, outubro de 90, dava aula no Estado ... greve e era uma sexta-feira, dia 20. Acabou a greve, ganhamos 15% ... Eu me encontrei com uma amiga, ali na frente da Assembléia [Legislativa], tem um bar e a gente tomou uma cerveja. E depois tomou outra [...] Bebemos, bebemos e bebemos. Fomos embora, ela morava no Kobrasol e levei ela pra casa. [...] Depois passei no ‘Biaberg’, comprei duas doses de uísque e vim tomando pela rua. Quando passou um carro branco e o cara olhou. Eu também olhei, só que, tipo assim, estava muito chuvoso: – ‘Ah! Vou me embora’. Caminhei, o cara passou por mim, deu uma olhadinha. Eu olhei e continuei caminhando. Na terceira vez que eu passo, ele saltou do carro foi limpar o vidro do carro, estava embaciado e tal ... um cara alto, tá, não sei o que, não sei o que, mas essas horas da noite, eram duas e pouco da manhã, ou mais, três e meia. Comecei a caminhar, quando chegou numa determinada

rua ele entrou e parou, só que não fez sinal, nada. Eu disse: – ‘Será que eu vou, será que não vou?’. Porque eu não tenho hábito de pegar carona, achava que pegar carona era uma coisa meia perigosa, esse negócio todo. ... Eu olhei tinha um travesti no outro lado da rua que apurou o passo para se dirigir ao carro. Eu peguei, apurei mais rápido que o travesti e lá eu parei. Começamos a conversar, ele me convidou se não queria entrar no carro, pra tomar alguma coisa, ... pra dormir na casa dele.[...] Oh, só dormir mesmo, não rolou mais nada. No outro dia, eu me lembro que, eu acordei, ele estava de pé me ofereceu um bolo, não sei o que. Fiquei lá, a gente conversou, batemos um papo e me deu vontade de ir embora. Ai, depois ...” (SV, h, 36).

Estes dois homens relatam que o seu encontro aconteceu numa noite de sábado em plena Avenida Central, no bairro Kobrasol/SJ, depois de uma noite de bebedeira. Um acontecimento comum numa grande avenida e que marca o início de inúmeros casamentos. Depois deste primeiro encontro, o casal logo começou a traçar planos para uma vida em comum.

“Digamos assim, depois da primeira semana que eu o conheci, eu já começaria a viver com ele, sem problema nenhum. Apesar de que, eu acho, o meu companheiro ... como é que eu vou te dizer ... acho que ele tinha medo de se relacionar, de viver com alguém. Ele nunca tinha vivido com ninguém, morar junto. [...] então eu acho que ele ficou com medo, mas logo em seguida, menos de um mês, a gente já começou a viver junto. Eu comecei a perceber que podia viver com ele, que seria bom e faltava só uma tentativa, comecei, então, a sair de casa [da mãe] e fui morar no [meu] apartamento. Tentando, assim, meio que convencê-lo a vir comigo mas, havia distância. Eu também não forcei, acho que dependeria dele [...] Logo em seguida, tipo dois ou três meses, ele resolveu. Veio morar comigo e a gente está morando junto há cinco/seis anos” (SV, h, 36).

Este outro recorda aqueles momentos como o início de um período de lutas, do casal, para a construção de uma vida em comum.

“Nós estamos morando junto desde agosto de 1991. Na época, eu havia entregue o apartamento que eu morava e o apartamento dele estava desocupado – ele morava com a mãe. [Ele] me convidou [para morar com ele no apartamento] mas eu fiquei um pouco receoso porque a gente ainda estava em fase de adaptação, tal, tal ... e depois, até mesmo por uma necessidade, a gente passou a viver junto [...] e fechou de tocarmos o barco juntos. O nosso projeto era ficar, o apartamento era muito pequeno, por pouco tempo, só o tempo de conseguir comprar um terreno e construir uma casa e mudar dali o quanto antes possível. Hoje, esta casa que moramos é

fruto do suor dos dois, porque a gente batalhou junto até construir tudo. É uma história de trabalho, de luta ...” (AC, h, 42).

Como estes dois homens eram amigos dos outros dois casais que já haviam se estabelecido no Ratonos para morar, eram comuns as idas deles para lá, geralmente a passeio e para pequenos acontecimentos sociais. Num desses encontros – o primeiro organizado pela JUGARA – o casal saiu para dar uma caminhada e acabou por decidir também residir naquela comunidade. Acabaram comprando um terreno no Canto do Moreira, distante alguns poucos quilômetros da Cachoeira do Ratonos, onde os demais entrevistados residem. O relato destes acontecimentos demonstra o estabelecimento de uma pequena rede social com a não inclusão dos membros locais.

“Nós tínhamos duas amigas ... amigas que conheci através dele e que estavam construindo uma casa aqui no Ratonos e que pra ficar mais próximas da construção alugaram uma outra casa. Quando a gente vinha visitá-las eu até citava: – ‘Poxa! Eu acho tão longe mas é tão bonito, tão gostoso esse lugar’. [...] Num domingo reunimos, era um grupo grande, eram treze pessoas e viemos todos, era um feriadão e viemos todos pra esse bairro. Na época, já existia mais dois outros amigos que haviam comprado uma casa por aqui e essas treze pessoas se hospedaram nessas duas casas [...] Nós havíamos feito na casa dos rapazes, dos amigos, um churrasco e eu disse a ele depois do churrasco: – ‘Vamos sair pra dar uma olhada, pra ver se achamos algum terreno, alguma coisa’. Vimos até umas coisas bem absurdas e encontrei um senhor bem velhinho que tinha colocado uma placa que estava vendendo um terreno. [...] Como combinado, uma semana depois voltei e disse: e – ‘Vou comprar o terreno de vocês’. Então, ele falou: – ‘O terreno é de vocês’. A gente começou [limpando o terreno] com foice, machado. Foi toda uma dedicação, sacrifício, até este casal nos deu uma força muito grande, o casal de velhinhos. Logo, nos primeiros finais de semana que vínhamos pra cá, fazíamos comida na casa deles e tal e ficávamos na casa desses amigos mas, em seguida, os velhinhos nos ofereceram a casa. Disse: – ‘Olha, a gente está indo no final de semana pra casa da filha da esposa em Canasvieiras e a nossa casa tá disponível, podem ficar aqui. Vocês ficam mais perto, podem trabalhar até mais tarde’. É lógico que essas pessoas, ela tem 73 e ele 78 anos, sabem do nosso relacionamento, mas não abertamente. Eles nos respeitam como nós os respeitamos e o mais interessante é que, pelo menos na minha frente ou na frente do meu companheiro, jamais teceram qualquer tipo de comentário, pode ser até que com outras pessoas ... mas sabemos que eles mantêm um carinho muito grande pela gente ...” (AC, h, 42).

Este casal ajuda a desconstruir a imagem do homossexual *fashion*, aquele que parece nunca dormir e está sempre pronto para uma festa, obviamente coberto por purpurinas. Além de suas atividades profissionais diárias, eles cuidam de muitos animais, gatos e cachorros, e criam galinhas, cuidam do terreno, limpando o jardim ou, ainda, plantando verduras e legumes. Certamente, não são os únicos homossexuais que optaram por este estilo de vida mais próximo da natureza e menos glamouroso. O envolvimento que mantêm com os demais moradores da região faz com que a sua relação seja mais exposta e por isso, talvez, alvo de maiores comentários.

“... Nós compramos [o terreno] mas não tínhamos a intenção de vir morar. Ai, de repente, a gente começou a limpar o terreno. Começamos e plantamos algumas coisas, plantamos verduras, um monte de coisa. Depois resolvemos começar a construir. [...] A partir daí, a gente resolveu morar. Acho que desde que compramos, começamos a mexer na terra, já nos apaixonamos pelo local, pela terra. Eu acho que é um dos melhores lugares pra gente viver. [...] De uma certa forma eu, com o meu lado profissional, acabo servindo a comunidade. Tem muita gente que me procura e também pela bondade, pela simpatia do [AC], ele está sempre querendo ajudar. Está sempre pronto pra ajudar as pessoas quando estão precisando e tal. E também acho que as pessoas sabem muito bem que a gente vive junto, né, porque tu ouve as pessoas dizerem assim: – ‘Ah! É um casal de bicha. É um casal de homossexuais’. Tem outras pessoas que já vêem de forma diferente: – ‘Ah! É um casal de homens vivendo junto’. Tem mais respeito. Não que os outros não tenham, porque eles até falam, mas, não, eles não tem coragem de falar na nossa cara” (SV, h, 36).

As declarações deste casal sugerem que eles mantêm um envolvimento com a comunidade que é bastante diferenciado daquele mantido pelo casal de lésbicas, particularmente pelo exercício profissional de um deles que é um dos cabeleireiros da comunidade. Esta atividade favorece todo tipo de integração, pois atinge um grande número de pessoas que conversam entre si, contam fatos acontecidos no local, além de convidá-los para diversas festas, como casamentos, aniversários, batizados e outros, eventos que, geralmente, exigem a presença de um profissional cabeleireiro ou maquiador. Acabam associando o trabalho com a participação nas festas, o que acarreta a possibilidade de conhecer um número maior de moradores.

“... Aqueles idosos da comunidade, por exemplo, eles nos respeitam, procuram, conversam. Por que, tipo assim, se eles não nos respeitassem,

não gostassem, eles não nos parariam na rua, não conversariam, não nos convidariam para as festas na casa deles. Não nos abririam a porta da casa deles, né. Todos nos convidam: vão a isso, vão àquilo. Nos convidam pra festa de filhos, aniversários de vô e tudo. [...] Eu acho que isso demonstra que eles nos respeitam, que eles nos aceitam, até porque nós fizemos tudo junto, normalmente saímos juntos. Eles nos vêem juntos pra baixo e pra cima sem problema nenhum. [...] Eles estão sempre nos convidando pra participar” (SV, h, 36).

O fato deste rapaz ter dito que algumas pessoas os identificam enquanto ‘bichas’ parece estar carregado de preconceito e discriminação, o que em algumas situações pode até ser caracterizado como homofobia. Estes comentários, entretanto, acabam sendo considerados apenas como ‘fofoca’, algo sem muita importância. O que consideram importante é o fato de que a sua vida particular, em especial as suas práticas sexuais, não interfere na convivência com os demais moradores da localidade, em particular os mais idosos. Outros aspectos são considerados de maior valor social, como a amizade, a disponibilidade em atender, o lado profissional de cada um deles, por exemplo.

Até a presente data não há registro, em todo o Ratonos, de qualquer crime ou manifestação pública contra qualquer prática, ou discriminação de pessoas por orientação homossexual. Ao contrário, apesar de pouquíssimas pessoas se ‘assumirem’ enquanto homossexuais, sabe-se, segundo os entrevistados, que esta vivência sexual é bastante difundida entre os seus moradores, especialmente entre os homens. É difícil precisar a extensão desta prática mas, como já foi citado, a prática da ‘penca’ não foi um fato isolado e o próprio Zé da Zeca tinha o seu censo particular.

Tudo isso se refere ao mundo dos homens. As histórias que se ouvem nos Ratonos sempre relacionam dois ou mais homens e nunca mulheres. Atualmente é que há pelo menos dois casais de lésbicas identificado. Apenas uma destas moças é natural da localidade e a história do encontro com a sua companheira é que agora será revisitado.

5.6.3 – LV x MP

*“E todas as horas que o tempo tem pra me conceder
são tuas até morrer”
(Djavan)*

São duas amigas que compartilhavam muito de suas vidas privadas e, em algum momento, uma se apaixonou pela outra, sem revelar o fato à amiga. Fica com o segredo, pois teme que o sentimento despertado faça com que perca a sua amizade. Parece um roteiro sintetizado de algum folhetim descartável, onde os personagens, não enfrentando diretamente os fatos, vão construindo novos enredos até terminarem num final feliz. A tentativa, aqui, é verificar como tudo isso aconteceu.

LV, 30 anos, é a única das lésbicas entrevistadas que nasceu no Ratonés. Sua história se passa quase toda nessas terras e, se questionada, afirma que é aqui que gostaria de continuar a viver. Seus pais e avó, apesar de serem naturais de outras freguesias da Ilha de Santa Catarina, também moram na localidade.

De acordo com o seu depoimento, a primeira paixão por uma outra mulher, foi a sua atual companheira. Não que só tenha existido ela. Existiram outras, sendo que a mais duradoura foi com aquela moça que também gostava da cantora Simone. Esta paixão, fruto de uma longa amizade foi ‘despertada’, ao menos para ela, após um significativo beijo, ao menos, para ela. Interessante que também essa garota utiliza a expressão ‘desabrochar’, quase como uma analogia com a biologia – as flores desabrocham, naturalmente. Ela parece acreditar que a sua homossexualidade também teria uma ‘primavera’, um tempo certo para florir. Nestes momentos parece esquecer todo o processo até então vivenciado e as próprias experiências prazerosas que fizeram com que escolhesse esta outra garota como ‘melhor’ amiga.

“A minha primeira paixão, que eu comecei realmente, acho que a desabrochar, digamos assim, foi com a [MP], essa que eu estou agora, né. Quando eu andava aqui no fim de semana, pela amizade, que eu ficava até meia noite, às vezes, uma hora da manhã. E numa noite dessas [...] só estava eu, ela e os pais dela. Começamos a conversar, deitadas na mesma cama, só que em sentidos opostos ... assim, deitadas, conversando. O tempo foi passando, passando e quando nos demos conta já era quase uma hora da manhã. Falamos de uma coisa profunda, acho que de relacionamento ou sobre namoro, alguma coisa assim. Até que ela se virou e me deu um beijo. Ai, beijou na boca. [...] Ai, peguei e fui embora ... A minha preocupação era de repente romper a amizade por causa daquilo, mas eu não provoquei esse beijo, ela que chegou e me deu. Adorava a amizade dela. Até que passou esse fim de semana, não saberia se ... bati o carro ... eu não conseguia olhar pra ela direito, com vergonha. Ela então disse pra mim: – ‘Olha, não

precisa te preocupar que isso que aconteceu, isso é normal, tá?’. Isso me tranquilizou e aquilo ficou. Eu sentia alguma coisa a mais pela [MP] e ao mesmo tempo não conseguia deixar de ir lá porque eu gostava de estar com ela. Só que, claro, eu nunca me revelei. Depois que aconteceu esse beijo, ela também nunca insinuou ou falou alguma coisa a respeito. Ela tinha namoradinho, tudo. Então eu não quis estragar nossa amizade e não quis atrapalhar” (LV, m, 30).

Este primeiro e inesperado beijo deixou marcas nesta garota e, no entanto, não passava de algo ‘normal’ para a outra, que não se considerava lésbica – tinha até um ‘namoradinho’. Destas pequenas falas pode-se fazer alguns comentários: em primeiro lugar, parece que mesmo que não tivesse consciência disso, LV (m, 30) sentia um ‘algo’ a mais pela outra: “*Ali eu recebi tudo ... aquele carinho, aquela atenção ...*”. Algo diferente de uma simples amizade, talvez a atitude de aceitação, sem críticas, do seu ‘jeito estranho’. Um segundo aspecto, talvez seja esse comportamento adotado pela amiga e que foi definido por ela como diferente daquele manifestado pelo restante da população do lugarejo. Aqui, não se está falando de preconceito ou discriminação, trata-se da discussão sobre os papéis de gênero – aquilo que é atribuído como próprio para um sexo, uma construção estereotipada que regulamenta o comportamento de muitas pessoas, em particular em centros menores onde todos se conhecem e costumam ‘julgar’ as pessoas a partir do seu comportamento manifesto.

LV (m, 30) acredita que a população do Ratonés já sabia que ela era lésbica pois falavam do seu comportamento ‘masculinizado’. Era vista como ‘machorra’, mesmo que nunca tivesse tido alguma experiência sexual com outra mulher, nem com um homem. A sua postura, enquadrava-se no estereótipo que definia o seu papel social e de gênero.

“Eu acho que eles [os pais] já desconfiavam e, até, eu acho que todos aqui em Ratonés já desconfiavam. Achavam que tinha um jeito estranho porque eu sempre fazia o serviço de homem em casa. Eu sempre fui da rua, eu sempre cuidava dos animais, eu sempre botava ração, eu sempre andava em cima da caçamba, eu sempre andava em cima da máquina. Então, eu tinha um comportamento diferente das minhas irmãs. Então, claro que tinha aqueles que me olhavam de olhos diferentes ...” (LV, m, 30).

Este papel de gênero ‘masculinizado’ parece ter sido vivido com muita intensidade e até mesmo com muito prazer. Ao descrever as atividades que realizava – que possivelmente a definia – sempre empregou o pronome pessoal com bastante ênfase, como se

isso a distinguísse dos demais, principalmente de suas irmãs. Estava em processo de construção, mesmo que inadvertidamente, um sujeito político – independente da sua orientação sexual.

MP (m, 33) conta, sob o seu ponto de vista, o início da amizade e o episódio do beijo:

“A [LV] acho que tinha que acontecer mesmo porque eu acho que na vida as coisas não acontecem por acaso. Como te falei, conheci ela no ônibus. A gente começou a fazer amizade, ela começou a frequentar a minha casa, conheceu a minha vida, o meu relacionamento com o [nome], só que eu nunca soube o lado dela. Nunca soube, até o momento em que ela saiu de casa, que pra mim foi um choque também [...] A gente, de vez em quando, saía à noite, essa coisa, assim, de barzinho, conversar, mas ela nunca, ... minto, ela deve ter contado isso. Uma vez, lá em casa, calhou de a gente estar no quarto conversando, ouvindo música e eu dei um beijo nela. Eu senti aquele clima, né, e eu dei um beijo nela. Foi a única coisa que ... Depois, no dia seguinte, ela veio atrás de mim, toda preocupada, tipo assim, preocupada que eu não fosse querer mais falar com ela: Por que eu tinha feito aquilo? O que me levou a fazer aquilo? O que eu achava daquilo? Eu disse pra ela, na época, pra ela que aquilo tinha sido muito natural pra mim. Eu tinha sentido atração por ela, eu fiz porque eu quis e que pra mim aquilo ali não era um escândalo. Não era mesmo. Aconteceu, aconteceu numa boa e lindo e que não era por causa daquilo que ia terminar a amizade com ela e nem fazer coisa nenhuma. [...] Ah, foi a única vez, não aconteceu mais nada. Só que ela não se revelou, assim, de dizer que gostava de mim e continuei a amizade numa boa e tudo mais ...” (MP, m, 33).

Do momento daquele desprezioso beijo entre elas, até o estabelecimento do atual relacionamento, muitos anos se passaram. Enquanto uma continuava tentando ‘assumir’ e a praticar sua homossexualidade – inclusive mantendo um ‘casamento’ com outra mulher, por mais de seis anos – a outra, manteve ‘casos’ amorosos com alguns homens, sendo que com nenhum conseguiu sentir prazer sexual. Um fato interessante é aqui apresentado, pois MP (m, 33) afirma que, mesmo sendo penetrada, nunca transou com homens porque não sentia orgasmo.

“... Só que eu nunca fui, hoje posso dizer que realmente estou me encontrando, muito ligada a uma pessoa só, tipo assim, se tivesse que escolher entre sair com o meu grupo de amigos ou ficar com o meu

namorado, eu ia sair com o grupo: não ia ficar com o namorado. [...] Eu nunca fui de ficar agarrada com o meu namorado, não, se era pra fazer bagunça com o grupo eu ia. [...] Aliás, transar com homem, eu acho que nunca transei com homem mesmo. Eu digo pra [LV] e ela não acredita muito em mim: eu nunca tive uma relação completa com homem, eu nunca tive. [...] Antes do [nome] eu conheci um [homem] que era nojento, ainda bem que ele não ficou muito tempo. Eu vi que, realmente, era outro que só queria comer, trepar ... desculpe a palavra mas, pra mim, é comer mesmo. Nem fazer amor, é comer. [...] ele sempre me jogava na cara que eu não acertava o gol. Tu já ouviu esse termo? Assim, de não acertar o gol [...] ele me penetrava mas eu nunca cheguei no orgasmo, nunca” (MP, m, 33).

O encontro delas acontece após a descoberta de que LV (m, 30) não estava muito bem emocionalmente, encontrava-se envolvida com pessoas que não a respeitavam e estavam apenas querendo explorá-la financeiramente. Um envolvimento com travestis, prostituição, drogas, além de uma mulher que a traía, inclusive tendo chegado a morar em uma favela, conforme seu relato.

“[...]Ela me convidou pra ir morar na mãe dela [...] que conhecia, sabia que a filha era assim, aceitava numa boa, sem problema algum. Dormia no quarto ela, na casa da mãe dela e eu trabalhava no jornal. Ela saiu da Rádio Cultura e então fiquei só eu [trabalhando]. Eu ajudava em casa, comprava as coisas e tal. [...] Ela arrumava um emprego, ficava um mês e depois saía fora. Não queria nada com nada, né. Os anos foram passando e as coisas começaram a ficar mais ... vamos dizer assim, aborrecidas no relacionamento. Ela tinha um irmão que era travesti, morava na Via Expressa, naqueles barraquinhos. Fiquei sabendo um pouco da história dele, porque ele contava: saiu de casa com nove, dez anos [...] ele era muito efeminado, tanto que ele brigou com a mãe e ela o expulsou de casa. Então, ele começou, morava embaixo de ponte, em barracos e o único meio de sobrevivência dele, digamos assim, começou a se relacionar com outros rapazes, foi a prostituição, né. Começou a frequentar a [Avenida] Ivo Silveira, o [bairro] Kobrasol. Ele saía à noite com os caras, onde tirava o dinheiro pro pão de cada dia. [...] Ele era um cara alto, se vestia como mulher, tinha seio e os cabelos quase pela cintura, era louro. Convidou se nós não queríamos morar com ele e a gente começou a morar lá, nós três: eu, ela e ele. Na Via Expressa. Só que ele bebia muito, saía e chegava bêbado, machucado de briga. Ficamos algum tempo ali, arrumei dinheiro e comprei um terreno lá em São José, com escritura pública. Depois comprei uma casa pré-moldada e montei a casa mas, sempre trabalhando, né, e ela sempre naquela boa vida. Eu trabalhava e ela sempre dentro de casa mas, assim, eu nunca via nada pra mim. Era tudo o que eu queria, era ter amor, alguém só pra mim ... me dedicar exclusivamente pra aquela pessoa, fazia de tudo ... e eu gostava. Nunca via maldade, em nada. [...] Chegou um certo tempo que eu queria entrar em casa e ela não deixava entrar. Ficava

andando pelas ruas, às três ou quatro horas da manhã, sem ter onde dormir. [...] Mas fui levando, não tinha coragem de sair. Pedia a minha demissão, montei um 'Driving' pra nós duas tocarmos, juntas ... só que eu cuidava do bar e ela só ficava a noite e depois ela sumia e voltava quando estava perto de fechar. Até que desconfieei que ela estava com outra pessoa, por que me contaram. Fui deixando até que brigamos e ela disse que não queria mais ficar comigo, que ela tinha outra. [...] Eu estava, assim, meio pra baixo, parecia que o mundo ia acabar. Aí o [nome] e a [MP] me deram a maior força, peguei minhas coisas e saí fora. [...] O [nome] perguntou se não queria trabalhar com ele no cartório. Dormia lá, também ... abandonei tudo. Até que a [MP] perguntou se queria morar com ela” (LV, m, 30).

Esta garota saiu do Ratonos disposta a esquecer um beijo – recebido do seu ‘primeiro amor’ – e ‘assumir’ definitivamente a sua (homo) sexualidade, estabelecendo com uma outra mulher um relacionamento afetivo e sexual. Foi um período de sua vida onde tomou contato com um mundo muito diferente daquele idealizado. Daquele ‘sonho’ romântico de um laço conjugal, estabelecido com outra mulher, ficaram além da mágoa, a realidade das drogas, do álcool, da prostituição, do travesti, da miséria, da favela. Para quem fugiu de casa achando que iria conquistar o mundo, a realidade com que se defrontou foi bastante violenta:

“Saí do Ratonos não conhecendo nada e me aventurei. Joguei tudo pro ar, joguei família, joguei amigos, pra ficar com uma pessoa estranha, que eu não conhecia. Me dei de corpo e alma [...] Conheci traficantes, presidiários, pessoas drogadas, pessoas se drogando na minha frente, cheirando coisas que nunca vi, fumando baseado, essas coisas eu vi [...] Eu convivi num nível muito baixo. A cultura, digamos, que eu tenho aqui, ao invés de evoluir eu vi cair. Eu fui, bem dizer, no fundo do poço. Eu vi coisas que, meu Deus!, achava que ia ser o fim do mundo ... Não foi bom, mas acho que eu aprendi muito” (LV, m, 30).

A saída deste mundo ‘estranho’ aconteceria através de amigos, particularmente daquela garota que ‘involuntariamente’ provocara o beijo tão desejado. Abandonando tudo de novo LV (m, 30) passa uma fase, trabalhando e dormindo no mesmo local, o cartório de registros do Ratonos, indo, em seguida, morar na casa dos pais de MP (m, 33), ainda tendo como base a amizade que existia entre elas. O ‘novo’ envolvimento afetivo vai acontecendo aos poucos.

“Quando eu voltei foi a nível de amizade, continuou como amizade. Eu conversei com ela e ela diz que é mentira mas, eu estava com ‘aquela’ mas o meu primeiro amor, mesmo, verdadeiro era ela. [...] Só que depois de estar morando ali, após um ano, a gente começou meio que a se olhar diferente. Eu comecei a procurar isso, né. A gente saía de carro ia pra um lugar, ia pra outro, batíamos um papo diferente. Levei ela lá na minha casa, quando conheceu a outra. Até que, uma noite, nós dormimos lá e começou assim ...” (LV, m, 30).

Para a outra garota os fatos se passaram desta maneira:

“Um dia o [nome] me procurou pra gente ir atrás da [LV] por que ela estava precisando de ajuda. Eu prontamente fui com ele. Cheguei lá e encontrei a [LV] completamente terrível, deprimida, jogada às traças, abandonada, um caco, sei lá. Não era aquela garota que eu conheci, não era mesmo, totalmente diferente [...] Eu sei que a partir daquele dia nós tiramos ela de lá [...] ela começou a conviver de novo com a gente, a dormir lá em casa, a ficar lá em casa. Eu sei que ela foi ficando, foi ficando. Ela sempre dormia do lado da minha cama ... eu nunca tive um quarto sozinha, né, dormia sempre com os irmãos; todos no mesmo quarto. Era o [nome] numa cama, eu na outra e ela no chão” (MP, m, 33).

O retorno desta amizade possibilitou um aumento da intimidade entre elas, de preferência longe dos olhares vigilantes dos pais. Mesmo morando juntas, era preciso se deslocar até a antiga casa de uma delas para – num ‘campo neutro’ e ‘à vontade’ – poderem se relacionar sexualmente ou aproveitar os momentos em que permaneceram ‘atoladas’ numa praia da Ilha.

“Intimidade, intimidade mesmo, nós só tivemos uma porque, de certa forma ela, ainda parava lá na casa dela. [...] Teve ocasiões de eu até dormir com ela. A gente já tinha, assim, uns rolinhos, umas intimidades [...] Logo depois nós começamos a ter alguma coisa lá na casa dela, por que lá, eu acho que, me sentia mais à vontade. Talvez, até porque estava num campo neutro, não estava na minha casa. Imagina fazer alguma coisa dentro da minha casa, jamais, jamais. Realmente, com ela, ali em casa, eu nunca fiz. Foi na casa dela e uma vez lá numa praia que a gente ficou atolada. O desespero, meu Deus!, eu queria morrer. Naquela noite, ficamos atoladas na praia do Santinho ... entramos e depois não saímos, o carro atolou. À noite, nós duas sozinhas, como é que a gente ia sair de lá, né, dormimos ali. [...] E de lá, então, depois desse dia que o meu pai nos pegou, eu sai de casa, quer dizer, arrumei um canto primeiro, pra nós duas, por que eu disse pra ela que ela não ia sair sozinha, por que eu não queria” (MP, m, 33).

Estas duas garotas foram surpreendidas, no quarto, pelo pai de uma delas. Mesmo afirmando que, em sua casa, nada podia acontecer, MP (m, 33) se vê obrigada a tomar uma atitude após o seu pai ter se defrontado com uma cena tão ‘constrangedora’ – sua filha deitada e aconchegada com outra mulher. Ele não aceita mais aquela garota, assumidamente homossexual, dentro de sua casa. Parece que, para o pai, ela não soube respeitar a sua família e este acabou sendo o motivo para que a filha saísse de casa.

“Ah! Cara, calhou, um dia, do meu pai pegar a gente ... fazendo nada. Ela estava ... é claro que pra ele a gente já tinha feito um monte de coisa, mas não tínhamos feito nada ... ali em casa nunca tivemos nada. É, eu deitada ... eu gosto muito que ela se deite com a cabeça, assim, no meu ombro e ela estava com as pernas em cima da minha. O pai nunca foi de entrar no quarto e a gente nunca dormia de porta trancada em casa, mas o pai sempre batia na porta, né. Calhou, naquele dia, da minha mãe estar passando mal e ele foi pedir ajuda. Ele foi, entrou no quarto, acendeu a luz e pegou ela ali [...] No dia seguinte, o pai me sentou e começou a dizer que não queria aquilo, por que daquele jeito ele não queria mais a [LV], ali em casa. Que era pra tomar uma atitude e a atitude que eu via ... comecei a conversar com a [LV] ... a atitude que eu via era sair de casa, porque ela ia sair e eu não queria que ela saísse. Tomei essa coragem que eu nunca me vi fazendo. Imagina, nunca, sair de casa. Eu tive a coragem de largar o meu pai e a minha mãe e sair com ela” (MP, m, 33).

Esta saída de casa provocou um crescimento, um amadurecimento na garota, algo talvez explicado nessa expressão indefinida que é ‘assumir’. A literatura afirma que esta atitude equivale a tirar um peso das costas, ficar mais livre. SULLIVAN (1996: 141) afirma que “é apenas pelo processo paradoxal de a pessoa arriscar sua subsistência, e o próprio sentido do seu eu, afirmando que não é uma vítima, que a dinâmica psicológica se transforma e ocorre um progresso real”.

A opção de sair de casa com a sua ‘namorada’, como foi revelado por ela, indica a maneira como escolheu para viver a sua homossexualidade, ou seja, pareada. É muito diferente da afirmação que ela tenha optado pela homossexualidade. De acordo com SELL (1987: 140), “percebe-se que das primeiras sensações de diferença até o assumir e concebê-la como integrante de sua vida, o sujeito passa por uma espécie de período de latência, onde todos os recursos são usados para afastar a hipótese de homossexualidade”. Esta latência se caracterizaria como aquele período de tempo que se situa entre as primeiras manifestações da

homossexualidade até o seu ‘assumir’. Trata-se de um período flexível – o tempo de cada um – e é, geralmente, preenchido por namoros com alguém do sexo oposto, onde alguns chegam a casar e, até mesmo, a ter filhos. A opção, segundo esta autora, é “*realmente uma opção pelo prazer, pelo afeto, pela espontaneidade de seus sentimentos*” (p. 140). Sair de casa, para esta garota, foi uma consequência entre escolher permanecer com os pais (a família) ou sair com a sua namorada e por tudo que ela significava.

Os planos destas garotas – agora que ‘assumiram’ o seu relacionamento, em função de terem sido surpreendidas pelo pai de uma delas – incluíam arranjar algum lugar em que pudessem viver juntas. Primeiro, tiveram que ir morar na praia do Campeche para, logo em seguida, retornar ao Ratonos. Ao optarem em construir juntas um modelo de homossexualidade, estas duas garotas aos pouco vão readquirindo a confiança e a amizade de seus familiares.

“... Uma colega disse que a tia dela tinha uma casa lá no Campeche pra alugar. Nós fomos ver a casa, gostamos e no mesmo dia voltamos aqui e começamos a fazer a mudança. Mudança ... só a roupa pessoal, né. [...] Lá, no Campeche, foi bom pra mim. Eu acho que cresci um monte quando sai de casa, comecei a me ver, a ver meus problemas, assim, como os problemas do meu pai, da minha mãe. É comecei a ver meu pai de outra forma, como é que vou te explicar: o meu pai não é perfeito e ele tem os motivos dele pra não gostar de eu ser assim, pra não me aceitar ou até aceitar, não sei se ele aceita. Lá no Campeche foi muito bom, muito bom mesmo. Só que eu, de certa forma, eu sei que a [LV], a princípio, ia sentir muita falta da minha família, ficar longe da minha mãe. Pra mim, foi um baque a conversa que o meu pai teve comigo. Imagino que pra ele deve ter sido muito difícil, se pra mim foi, né ... pra minha mãe. Eu não sei o que ele pensa realmente de mim, sei lá. Já a minha mãe acho ... acho, eu, que ela me aceita melhor. [...] Fiquei um tempo sem visitar aqui, sem vir aqui [no Ratonos] agora, também, não sei que razão me levou a começar a vir aqui, por que eu e a [LV] começamos a vir um final de semana, almoçar com eles, passar o dia. Ele sempre nos tratou, assim, de certa forma normal, tanto que calhou dele ir uma ou duas vezes lá em casa. Uma vez, ele almoçou com a gente ...uma outra vez, ele ajudou a levantar a casinha do cachorro que a gente tinha. Mas tocar no assunto, conversar a respeito não mesmo. [...] Uma vez eu disse pra minha mãe: – ‘Mãe, eu gosto da [LV]. Eu não vou mudar, eu sou assim e é isso que eu quero’. – ‘Tens certeza que é isso que tu queres’. – ‘Tenho mãe, tenho’” (MP, m, 33).

Atualmente, este ‘casal’ reside no Ratonos e mantém relações sociais com os outros moradores do local.

“Temos bastante amizades aqui, a [MP] por não ser daqui, às vezes comenta que é porque todas as pessoas gostam de mim. [...] Eu chego e converso com as pessoas, não me importo de ser um idoso, de ser uma pessoa jovem, então, o meu relacionamento é muito bom. Agora, com esse meu retorno, comecei a ver as coisas, sei lá, de outra maneira, de ser mais humana com as pessoas, entendeu. Dar mais valor às amizades. Voltar a morar no lugar que nasci e morrer aqui mesmo. ... Acho que todos sabem do nosso relacionamento, eu não escondo. É claro que eu não saio agarrando a [MP], ali e aqui. É uma coisa discreta, né, mais normal. Eu acho que ele é aceito. [...] Então, é bem aberto o nosso relacionamento, entendeu. Todo mundo sabe, as pessoas antigas, que acho que não é mais tabu pra ninguém, aceitam numa boa e adoram a gente, né” (LV, m, 30).

5.6.4 – LA x PA

*“Nesta pista de dança
pista de símios, pista de clowns, pista de clowns, pista de clones
pista de sirenes, pista de sereias, pista de insones ...”
(Adriana Calcanhoto/Waly Salomão)*

Assim como estas garotas, o último casal também foi constituído de um rapaz ‘nativo’ com um outro oriundo do litoral do estado de São Paulo. Atualmente, eles não mantêm qualquer tipo de vínculo afetivo. Praticamente não se falam. No entanto, enquanto estiveram juntos, o seu relacionamento foi muito ruidoso, sendo alvo de muitos comentários na região. A própria briga que resultou no fim desse relacionamento já foi citada, neste trabalho, numa ilustração sobre as vivências homossexuais no Ratonés.

Este relacionamento difere bastante daqueles outros casais de homossexuais apresentados até agora, pois os dois nunca chegaram a tentar formar uma díade, unida em conjugalidade. No entanto, parece residir neste ponto a importância do registro de suas histórias. Interessante registrar que apenas um deles admite este tumultuado relacionamento, registrando momentos bastante significativos. Para o outro, tudo não passou de um grande mal-entendido.

Para um destes rapazes, a vinda para Florianópolis/SC ocorreu após uma tentativa de suicídio, em razão da descoberta de que o ‘namorado’ havia engravidado uma garota e que, por este motivo, iriam se casar. Uma relação que durou quase quatro anos – *“Aquele coisinha sabe, beijinho, transa escondidinha”* (PA, h, 34) – e terminou numa praia salvo por dois ou três salva-vidas. A mãe, que sempre soube de tudo o que ocorria, foi quem o aconselhou a

‘passar um tempo’ no Ratonés, na casa de uma irmã. “*Eu sabia que não tinha jeito mesmo, preocupado e tudo entrei no ônibus e vim embora pra cá*” (PA, h, 34). Veio para Florianópolis mas acabou voltando para São Paulo, só retornando para cá quando a sua mãe também resolveu residir por aqui.

Mal chegou, pela primeira vez, e já foi percebendo o ‘despertar’ do seu interesse por alguém dessa região, sendo que somente mais tarde é que realmente a história se configuraria. Segundo PA (h, 34), no entanto, desde o momento em que solicitou ao outro rapaz uma informação, ainda no terminal de ônibus, seus olhares se cruzaram e parecia que, em algum momento, eles teriam a oportunidade de se conhecer melhor.

“O meu primeiro interesse, por alguém daqui, foi a primeira pessoa que eu vi, da primeira vez que eu vim pra cá e acabei fugindo dela ... de São Paulo pra cá, foi a primeira pessoa que me interessou. Eu estava no terminal de ônibus e não conhecia ninguém aí fui pedir uma informação [...] Então, quando pedi a informação e ele disse que conhecia [a irmã] e tal e fazia questão de me levar na casa dela. Demorou alguns segundos a mais, eu do lado dele, percebi que podia demorar um ano, dois ou mais, mas que eu ia acabar ficando com aquela pessoa. Como de fato fiquei, que aconteceu o que aconteceu, teve um flertezinho, teve um romancezinho, e que acabou o caso em tragédia” (PA, h, 34).

Como que antevendo um futuro romance entre os dois, este rapaz vai criando oportunidades para ficar com essa sua nova paixão, ao mesmo tempo que procura esquecer o seu ‘ex-namorado’. Um lugar novo, a necessidade de se integrar com a comunidade e a possibilidade de viver um novo amor são fatores que poderiam favorecer para que ele esquecesse, definitivamente, a vontade de ‘desaparecer’.

“Só que durante esse mês [que permaneceu no Ratonés] eu acabei indo em clube, mesmo, porque eu estava triste mesmo, pra desaparecer. Fui dançar e vi ele no clube, ele tinha uma noiva e ainda assim ele me olhava só que disfarçava e acabou pintando um clima pra conversar [...] Ele me deu carona, né, ele veio me trazer do baile pra casa; parou o carro no caminho antes de chegar em casa. Ele parou e eu não sabia o que falar, ele também não. Eu não sabia o que fazer, porra, eu o conhecia mas não tinha intimidade. Aí, ele perguntou se eu tinha esse meu lado. Eu falei: – ‘Claro que tenho’. O pessoal já tinha percebido. Perguntou se eu não tinha ninguém, se não gostava de ninguém; eu falei que não e não comentei que tive um caso, o que tinha acontecido. Aí, ele perguntou se eu já tinha feito

sexo com algum cara e eu comentei que tinha ficado com alguém, mas não contei tudo, não contei a história ... É óbvio que rola, né ... A gente conversando e ele por que a gente não fazia então? Eu falei que não, que tinha praticamente recém conhecido ele e que não queria fazer. – ‘A única coisa que eu posso – achei até engraçado pois na hora eu não sabia o que ia fazer – a única coisa que você pode ter de mim – peguei a mão dele, abri a palma da mão dele e beijei, fechei e falei – é só isso que posso te dar’. [...] Não sei se foi por isso que acabei conquistando ele ou, se ele, por eu não ter admitido transar naquela hora, quis provar que ia conseguir. A gente acabou ficando algum tempo junto. [...] Eu não sei se ele considerou junto, porque ele tinha a noiva e chegou a largar da noiva pra gente ter esse namoro escondido, esse flerte escondido. A gente ficou quase três anos, mais de três anos. Uns três anos e meio que a gente ficou junto” (PA, h, 34).

Nem todo homossexual, gay ou lésbica, possui uma propensão para a tristeza ou melancolia, tampouco para o clássico ‘são muito alegres’, uma insinuação comum que está embutida em comentários como ‘os meus amigos gays são os mais divertidos’. Ora, a forma como a ‘sua’ homossexualidade é vivida não é, absolutamente, uma contingência de todas as homossexualidades. Estas condições são construções realizadas pelos sujeitos e não uma ‘condição’ própria de uma ‘categoria’, de homossexuais ou não. Como se tem visto, até aqui, cada um soluciona de forma muito particular as questões da sua história pessoal, seja nas e pelas relações interpessoais ou através dos conflitos e movimentos contraditórios que se apresentam durante a vida inteira. Esta sua ação ‘política’ que permite ao sujeito não apenas ‘traçar’ os desígnios do ‘destino’, mas conscientemente, construir a sua história.

Propositadamente, a história deste casal ficou por último, pois por mais que seja interessante o momento do encontro entre estes dois homens, é o momento da despedida que se deseja assinalar. Não um discurso em louvor à separação mas, aproveitando deste fato – ocorrido e bastante comentado em todo o Ratonés – para demonstrar que entre os pares de homossexuais isso também acontece e que é preciso saber vivenciar – o fim de uma relação.

“Como é que eu posso dizer, sabe aquela piadinha que as pessoas fazem: – ‘Vou trocar você, se você tem trinta anos, por duas de quinze’. O pessoal costuma fazer esse tipo de brincadeira, os casais, o marido fala pra mulher que ela já está velha e que vai trocá-la por duas de quinze e tal. Eu me dava super bem com a sobrinha dele que me disse: – ‘Pô! Eu gosto tanto de ti e o tio está te fazendo de idiota. Tu gostas dele pra caramba [...] mas ele está ficando com outro guri, um guri de 13, 14 anos. Ele está saindo com esse gurizinho e dá de tudo, compra sapato, compra tudo pra esse guri. Pra mim

eles tem alguma coisa'. [...] Eu não acreditava. Então, ela chegou e falou: – Tu vai lá nesse lugar, agora, que eu passei de carro e ele está lá com esse guri. Não adianta eu ficar falando se tu não ver'. Eu fui nesse lugar e eu peguei – não sabia o que fazer na hora – eu abri a porta do carro. Eu dei tanto, tanto nele que eu quase arrebentei ele por inteiro. Tanta porrada, tanta coisa na hora da briga, assim, sabe, ele reagiu, pegou um pedaço de pau e me acertou na cabeça, acabei levando dois pontos, sangrou. Quando eu vi o sangue caindo, pôr que eu fico agoniado quando vejo sangue, aí, puxei a camisa dele por trás, peguei pelo colarinho, peguei a cabeça dele – Ah! Por que é viado vai de brigar de arranhão, de mordida, de puxão de cabelo, nada disso, é porrada mesmo, entendeu – eu puxei a camisa dele e cobri a cara dele e fui dando porrada, porrada mesmo que se não viesse um pessoal e tivesse separado a gente, acho que tinha matado ele. Fui dando chute, tudo. Ele ficou todo arrebetado, sabe. Foi bem nessa época que eu acabei saindo aqui do Ratores e fui morar, quase um ano, num apartamento de um amigo, lá no Estreito. [...] Aí, eu sei que a gente acabou se afastando” (PA, h, 34).

Intrigas, fofocas, traição e o fim de um relacionamento através de uma briga violenta parecem ingredientes padrões de alguns casamentos. O depoimento de PA (h, 34) chama a atenção para um outro preconceito: o de que os homossexuais não sabem se defender brigando. Não é um padrão que deva ser almejado mas que, com certeza, precisa ser relativizado, fazendo parte das idiosincrasias de cada sujeito.

Para o outro homem, a história deste encontro e da despedida, ocorreu de um modo bastante diferente. O significado dado à relação foi diferente:

“Esse cara aí, olha, ele me atormentou há vários anos. Ele me atormentou muito, mesmo na época que eu não tinha amizade com ele. Mandava ... pra mim, quando eu estava com namorada, na época, ele contava um monte de mentira pros outros pra que ela soubesse, só pra terminar o meu namoro com essa moça, no caso. Senti, assim, muito, muito, vamos dizer assim, ódio dele. Nessa época eu nunca tinha envolvimento com ele, nunca tinha, aí, depois que a gente se tornou ... a gente começou, em turma, sair junto e fomos saindo constantemente e aí, tinha passado tempo e depois de um pouco de birita na cabeça, ferrado e tal ... eu transei com ele, uma duas ou três vezes ... mas uma coisa, assim, que depois de tu transar, tu tens nojo da pessoa. De me arrepender de ter feito aquilo, por que eu não tirava ... entendesse, uma coisa, assim, que depois eu tinha nojo daquilo, de ter feito aquilo. E até um certo ponto foi até ... anda aprontando muito. Eu não sei ser agressivo e a gente caiu na porrada, algumas vezes, por eu não querer mais nada com ele. Ele contava um monte de mentira, dizia pra todo mundo que transava quase todo dia comigo, que eu transava com ele, né. Ele não podia me ver com guria nenhuma, ele chegava e escolhambava, ele era

muito 'baixo', é muito 'baixo' e cada dia eu fui desgostando dele e cheguei ao ponto de não querer mais a amizade dele. Ai, nisso, ele começou a ... a fazer um monte de sujeira comigo, de chegar até eu não querer mais falar com ele e ele chegava me agredindo, caia até na porrada por causa disso. E aí comecei a ter ódio dele, aquela coisa enojada, assim, que eu não aceitei, entendeu” (LA, h, 39).

O que se pode observar é que, muito além de possuírem significações diferentes para o envolvimento que ocorreu entre eles, eles contam versões muito diferentes para sua história. Se realmente nunca houve nada entre eles, a comunidade foi mal informada, pois várias pessoas comentavam sobre suas vidas, em especial as suas brigas, como aquela história narrada que envolvia até a figura do pretenso sogro.

Não se pretende dar mais crédito à fala de um em detrimento do que pensa o outro, tampouco se pretende fazer algum tipo de juízo de valor. Houve, no entanto, um momento em que eles se olharam, por alguma razão foram para uma cama – duas, três vezes ou todos os dias, não importa – compartilharam emoções, carinho, sexo, histórias e, como alguns casais heterossexuais, acabaram na ‘porrada’. Histórias que possuíram o valor que lhes foram atribuídas, mas que, ao final, fazem com que os dois personagens não mais se aturem e aquele que diz ter sido uma história menor, de pouca qualidade, assegurar que, hoje, não pode ver o outro e que o odeia. Algum valor esta história possuiu.

O (des)encontro destes dois homens encerra a descrição do período inicial do estabelecimento dos relacionamentos homoeróticos e a história da ida dos casais para o Ratonés, além da descoberta de que na própria comunidade já haviam comentários sobre práticas homossexuais, ainda que estas não configurassem, explicitamente, uma conjugalidade.

O desenrolar da história destes casais e a tentativa de compreender como estabelecem a prática da conjugalidade – os papéis dentro desta relação – é o que se pretende continuar analisando.

5.7. A conjugalidade

“A engrenagem do amor pode ser traiçoeira

E vingar
(Marina Lima/Antonio Cícero)

A expressão ‘conjugalidade’, como já foi dito anteriormente, é um neologismo que vem sendo empregado por diversos autores (FOUCAULT, 1979; SALÉM, 1989; e HEILBORN, 1991, 1992) e que, nesta dissertação, se refere à qualidade dos relacionamentos estabelecidos pelos casais de homossexuais ou, “*uma relação social que se institui em um par, admitindo o caráter de uma opção por uma determinada gestão da sexualidade*” (HEILBORN; 1992, 06). O estabelecimento de um laço conjugal, que segundo FOUCAULT (1979, 199) serviria “*para dar continuidade a duas linhagens e portanto para produzir descendência, mas também para fabricar, nas melhores condições possíveis, um ser humano elevado ao estado de maturidade*”. Esta nova conjugalidade congregaria, sobretudo, pais e filhos e serviria de “*matriz para o indivíduo adulto*” (Id., 199). Fica evidente que este autor está se referindo a conjugalidade heterossexual.

SALÉM (1989) enfatiza que esta conjugalidade seria como um ‘ideal’ a modelar as relações do casal igualitário e onde o princípio da igualdade, no plano da relação, “*prescreve também que os mesmos dispositivos morais valem indistintamente para homens e mulheres: eles são permitidos ou imperativos a ambos para além da distinção de gêneros*” (p. 32). Para essa autora, também, o desafio de construir uma díade é analisado a partir da ótica dos relacionamentos heterossexuais.

Em HEILBORN (1991 e 1992) encontra-se uma comparação entre casais de gays e de lésbicas, tendo como contraponto os casais heterossexuais. Tal estudo comparativo traduz-se e sustenta-se na idéia de que “*há uma cultura comum que se expressa pela representação de indivíduo calcada nos valores de igualdade e singularidade e por uma modalidade de casal que apresenta determinados mecanismos sociológicos originados pela vigência de valores igualitários*” (1991, 03). Sua opção por dois *networks* mistos está centrada na possibilidade de resgate de “*um universo simbólico caracterizado por uma aceitação da homossexualidade como estilo de vida e por uma moral moderna de valorização da singularidade e liberdade individuais*” (1991, 03-04). Como já foi visto, anteriormente, a homossexualidade não pode ficar restrita a um ‘estilo de vida’, pois comporta, em si, vários

‘estilos’ de vida. A conjugalidade ou o estabelecimento de uma díade, ou casal, é, apenas, uma possibilidade de se vivenciar a homossexualidade.

Os indivíduos que integraram a pesquisa de HEILBORN (1991-1992) eram oriundos das camadas médias, moradores da zona sul, uma das áreas mais privilegiadas da cidade do Rio de Janeiro, por extensão do Brasil, e estavam na faixa etária entre 35-45 anos, no momento das entrevistas. Diferente da média do universo pesquisado no Ratonés, estes sujeitos pesquisados estão mais associados à ‘modernidade’,

“são adeptos de uma moral liberal e, eventualmente, vanguardista, característica de certos segmentos de camadas médias urbanas do Rio de Janeiro (Velho: 1983 e 1987 e Russo: 1991). Uma marca desse universo e que tende a promover a excelência da relação dual é a de que a princípio essas díades retêm a significação em si mesmas, isto é, elas não são necessariamente detonadoras de grupos familiares (as heterossexuais), o laço conjugal não é perene, nem precipuamente exclusivo e a coabitação não é regra” (HEILBORN; 1991, 04).

São casais que se estruturam em nome do ‘amor’, ordenados a partir de um princípio de igualdade com rejeição de qualquer diferença ‘estatutária’ entre os gêneros e, entre os pares homossexuais, *“qualquer possibilidade da classificação de gênero”* (1991, 05). Há uma profunda preocupação com a distribuição de tarefas domésticas impostas pela convivência e pela paridade do aporte financeiro. A conjugalidade assim constituída – pelos valores que estão embutidos – caracteriza-se por uma ‘feminização’ da relação, manifestada no não englobamento do feminino pelo masculino. A opção pelo ideal da simetria se confronta com o modelo tradicional, hierarquicamente constituído. Estes casais estão incluídos no que HEILBORN (1980, 1981) nomeia de ‘casais modernos ou emancipados’.

O casal formado por duas mulheres seria aquele que mais se aproxima do modelo de um casal moderno. Os *gays* se aproximariam mais do modelo tradicional, especialmente pela polaridade ativo/passivo e se distanciariam deste modelo, por serem mais simétricos, no que a autora chamou de *“administração burocrática do par”* (HEILBORN: 1991, 17-18). As lésbicas levariam ao extremo os pressupostos da conjugalidade igualitária sem, contudo, diminuir a erotização da relação, como afirmam FRY e MacRAE (1983), por exemplo.

Neste momento, a proposta é tentar compreender como se apresenta a conjugalidade para os casais homossexuais que residem no Ratonés, tanto de *gays* quanto de lésbicas, considerando que qualquer relação deve ser constantemente repensada, o que pareceu ter sido observado na opinião dos entrevistados. Casais que não estão na vanguarda de qualquer movimento de liberação mas que, especialmente pela influência da mídia, podem estar constantemente reelaborando seus valores, suas crenças, a relação conjugal.

O resultado das entrevistas realizadas será apresentado, a seguir, a partir de aspectos como a distribuição de papéis, a rotina diária, a vida social do casal. Conformações simbólicas que configuram regras compartilhadas pelos casais, tanto aqueles formados por homossexuais, quanto por heterossexuais.

5.7.1 A distribuição de papéis

*“... Ele é o homem
eu sou apenas uma mulher ...”
(Caetano Veloso)*

As pessoas de modo geral – independente de sua orientação sexual – reproduzem a divisão de papéis por sexo esperada. Numa sociedade caracterizada pelo jogo de poder entre os sexos é de se esperar que essa confusão se manifeste nas relações afetivas e sexuais, independente do tipo de orientação. Como *gays* e lésbicas, antes de qualquer definição, são atores construídos no contexto social (cultural e histórico) sujeitos a todos os tipos de influências ideológicas – que também são compartilhadas pelos heterossexuais – é de se esperar que suas relações sejam um reflexo dessas idéias pré-concebidas.

Talvez sem muito clareza dos papéis diferenciados, os casais entrevistados vão construindo a realidade do seu dia-a-dia. Foi observado que, também entre eles, a sexualidade é significada como um eixo central do relacionamento, tanto para os homens quanto para as mulheres. Estes relatos demonstram a importância atribuída ao sexo como um dos fatores mantenedores do ‘casamento’.

“Pois é, está aí um ponto, Fernando, que eu não sei, pra mim é ótimo. Eu gosto da [LV] eu amo a [LV] só que vejo que não sou o que ela queria que eu fosse, no lado do relacionamento íntimo mesmo – de fazer amor. Eu acho

que não satisfaço a [LV] realmente, acho que é, talvez, por toda essa vida que eu tive. Esses relacionamentos, todos frustrantes, que eu tive. Eu acho que nunca fui, eu não sou muito como é que se diz, aberta. Eu nunca me soltei realmente. Ela diz que eu não me solto com ela, que eu não faço o que eu gostaria de fazer e até ela diz, pra mim, que é ela que não é a pessoa ideal para mim. [...] Não sei se é porque é a primeira vez que eu tenho um relacionamento, nem que seja com ela ou com outro sexo, é a primeira vez que tenho um relacionamento com uma outra pessoa. Os meus relacionamentos foram todos com homens, todos frustrantes, com ela que está sendo uma coisa boa, mas ela tem que ter paciência comigo” (MP, m, 33).

A companheira relata os fatos a partir da sua perspectiva:

“... Você entrou na minha intimidade. Eu brigo pelo seguinte, eu queria que a [MP] ... vamos começar para poderes entender a história. No meu primeiro relacionamento – eu [até esse relacionamento] nunca tive ato sexual com ninguém – a [nome] foi a primeira pessoa. Então, a minha vida sexual era muito ativa, eu transava todos os dias, sabe, durante o dia duas, três vezes por dia, sei lá. Era muito ativa a minha vida sexual e agora com a [MP] ... às vezes ela diz que não quer ... ela diz que tenta se educar e vê que as pessoas são diferentes, né, cada um tem o seu jeito de pensar e tal. [...] Então, é porque a [MP] já não é muito ligada em sexo [...] por ela, a nossa vida sexual seria, digamos, uma vez por mês, uma vez a cada três meses, se deixar vai uma vez por ano, entendeu. [...] Então, pra ela não faz falta, se eu não quiser tá tudo bem (LV, m, 30).

Entre estas duas mulheres pode-se observar que há uma diferença, não só quanto ao espaçamento do tempo para a prática do ato sexual mas, principalmente, com relação à própria necessidade de realizá-lo. Enquanto uma está mais próxima do que afirma a literatura e prefere se dedicar à intradutibilidade do ‘relacionamento lésbico’, dedicando-se mais ao ‘amor’; a outra, com sentimentos sem dúvida, prefere que esse ‘amor’ seja acompanhado do lado sexual do relacionamento. Pelo que afirmou, sua necessidade é de muito sexo, salientando que o seu ser ‘ativa’ sexualmente não está relacionado com a *performance* sexual. Talvez, aqui, seja importante salientar que, no nível do senso comum, o sexo para muitas mulheres, independente de serem lésbicas ou não, acaba ficando em segundo plano, tranquilamente aceitável.

O prazer sexual, o orgasmo, aqui também assume a conotação de alguma coisa a ser apreendida, algo que, através da prática, se poderia atingir.

“Quando eu realmente comecei, com a primeira pessoa, não foi, não teve orgasmo, assim, no primeiro mês. Nossa, foi depois de um ano, até eu me acostumar, até eu me soltar, mas tudo bem. Mas, pô, nós já estamos a quatro, cinco anos. Mas ela já se soltou, ela teve orgasmo. Só que nela, a vontade sexual é muito pouca, acho que se eu não procurar por ela, não tem, entendeu ... Eu gosto, eu adoro, sabe, eu amo fazer amor, eu gosto. Agora, as coisas parece que estão começando a melhorar, ela está começando a se soltar mais. Eu acho que vai melhorar” (LV, m, 30).

O outro casal de mulheres também passou por um processo parecido, onde o orgasmo foi sendo conquistado, ampliando a noção de ‘casamento’, que até então existia e que se baseava, essencialmente, no sentimento.

“Uma coisa que eu acho de fundamental importância falar é sobre a coisa de ser tocada, de ser amada, de descobrir o prazer apesar de todos os conflitos que eu tive. Depois que a gente se estabilizou mesmo, depois de quatro anos é que eu consegui sentir prazer, orgasmo; depois de sair da crise dos dois anos, depois de mais dois anos lutando contra tanta coisa, com tanto preconceito, lutar por tanta coisa, sabe. Com tanta gente jogando pedra, criticando, falando coisas horríveis, eu levei mais dois anos para depois me entregar, porque, aí, realmente eu me entreguei ao sentimento, ao relacionamento, só aí que eu consegui sentir orgasmo, até então, nada. Nem com o pai da minha filha, nem com ninguém, a [ML] foi a primeira pessoa que conseguiu fazer eu sentir orgasmo [...] depois de quatro anos é que consegui ter orgasmo, na coisa física, mesmo. Até então, eu achava que sempre: ah tá, ah tá ... é uma coisa muito importante sentir prazer, se entregar, sem qualquer medo. [...] Eu não fingia prazer, eu não sabia o que era ter prazer, é diferente. Eu não fingia, realmente, quando eu estava na cama com essa pessoa que vivo hoje, eu posso te dizer que eu estava na cama com ela mesma, mas a cabeça da gente é tão maluca que não me permitia fazer muita coisa mesmo, apesar de toda entrega, de toda a vontade, de todo querer, de estar ali, mas não me permitia. Eu acho que se tu me perguntasse se com os outros eu fingia, eu acredito que sim” (SB, m, 35).

Sua companheira descreve assim o momento desta descoberta.

“A [SB] sempre foi uma figura com muitas dificuldades, pra amizades ... pra relação com o outro ela teve muita dificuldade e pela própria educação, de mulher, não gozava. Então, ela teve muitos bloqueios e tu vê que a gente se relacionou até o quarto ano e ela sempre fingindo que gozava. Ela sentia prazer, sentia vontade de se relacionar mas ela não sabia o que era orgasmo e achava que aquilo, aquela coisinha que ela sentia era orgasmo e nunca me falou isso. Só que eu sempre fui ... e, assim, sempre não me toque

aqui, não me toque ali e sempre foi muito coisa e tal. Eu sempre fui levando, sempre fui tentando – Ah! Quem sabe desse jeito! Até que um dia ela se permitiu chegar ao orgasmo e foi uma coisa muito linda, muito bonita mesmo e que eu nunca, jamais, tinha vivido. Pra ela, foi muito lindo a descoberta, que ela se permitiu, que eu levei quatro anos pra conseguir isso e foi uma coisa maravilhosa na nossa vida” (ML, m, 43).

Esta mesma mulher, ao se referir ao relacionamento sexual entre as duas, afirma:

“Eu sou, assim, muito sexo, eu gosto muito [de sexo], não que a [SB] não goste mas ela tem os seus limites e eu sou mais afoita, de querer. [...] No relacionamento sexual, não existe isso aí, eu sou ... eu faço papel de homem e ela o de mulher. Não, nós nos envolvemos mutuamente, não existe [papéis definidos] é uma coisa muito bonita, muito legal. Acho que é um dos momentos que a gente mais se relaciona bem ...” (ML, m, 43).

Se estas quatro mulheres reforçam a idéia de uma exacerbação do significado de mulher – o amor como fator de distinção, conforme PORTINARI (1989) – elas também procuram o reconhecimento do seu desejo sexual. Se o significado de ‘mulher’ é uma construção – muitas vezes preconceituosa e discriminatória – o fato de se prender a aspectos ou características particulares – que definem uma pessoa – para realização de generalizações para todo um grupo – que possui em comum apenas a orientação sexual – parece ser uma atitude bastante reducionista. ‘Homens’ também podem eleger, no relacionamento, o sentimento amoroso como o fator agregador do casal.

“Se eu tivesse que me relacionar com uma pessoa, com um garoto muito novo, apenas por sexo eu acho que não dava muito certo: tem o lance da conversa, tem o lance até de um pouco de trocas. Por que não é só o exercício sexual que atrai, que te deixa, que te apaixona, que leva ao amor, acho que tem outras coisas, muito. Eu tenho certeza que tem outras coisas muito importantes” (SV, h, 36).

O que pareceu muito significativo – e distintivo das mulheres – é que mesmo buscando o ideal de uma relação ‘igualitária’, a maioria dos quatro homens entrevistados ressaltou a questão da atividade/passividade na hora do ato sexual. Dois como um ‘ideal’ a ser buscado e o outro como um papel estabelecido, que parece sem muitas possibilidades de trocas. O quarto *gay* não deixa claro seu posicionamento quanto a este quesito, apenas fala

que a convivência a dois vai sendo construída aos pouco, diariamente. Ele mantém um casamento com um outro homem que se apresenta como ‘ativo’ na relação sexual.

“Eu acho ótimo. [Sexualmente] eu me sinto muito bem, é bom. Pode-se dizer que, no início, teve algumas barreiras, eu digo que foi, era, conhecimento, por que não é na primeira transa que tens que conhecer totalmente. Acho que isso vai caminhando com o tempo e até com os anos de convivência. No início, umas certas barreiras, eu acho que sou um pouquinho mais solto, ele [o atual companheiro] era um pouquinho mais preso ... deixa eu ver se consigo explicar ... tinha certas coisas que ele, parece que, policia um pouco, assim, era mais conservador e eu um pouquinho mais solto. Então, com o passar do tempo, a gente foi se adaptando, quer dizer, um foi conhecendo o outro melhor. [...] Hoje, acho que estamos numa fase boa, apesar de que, pra mim, cada dia descubro uma coisa nova, né” (SV, h, 36).

O seu companheiro comentando sobre o estabelecimento de papéis sexuais diferenciados afirma que, entre eles existe uma delimitação mais ou menos definida. *“É ativo e passivo, sendo que uma parte faz o passivo e a outra as duas. Eu sempre [nessa relação] fui ativo, a outra parte passivo” (AC, h, 42).* A partir desta afirmação é possível deduzir que um dos homens prefere, sempre, uma posição ‘passiva’ durante o relacionamento sexual e que, para o outro, as duas possibilidades – atividade/passividade – são realizáveis. Quando o primeiro rapaz se refere à existência de algumas barreiras iniciais, talvez estivesse falando da dificuldade de se estabelecer ‘rigidamente’ os papéis sexuais: os primeiros momentos de adaptação.

Sobre a existência de papéis definidos, em termos de *performance* sexual, um dos outros dois homens entrevistados afirma:

“Eu nunca me interessei – talvez por trauma de saber que ele me trocou por um guri de 13 anos, 14 anos – eu peguei pavor de criança. Pra mim se é criança eu não gosto. A maioria dos homossexuais se interessam por guri novo, eu não sei por que. [...] Dessa época pra cá, eu nunca me interessei e outra coisa também, de lá pra cá, eu cismeiei que jamais ia ficar com alguém solteiro. [...] Durante esse tempo todo, que eu fiquei com ele, eu fazia o papel passivo e ele fazia sempre o ativo. Nunca deixava que eu fosse ativo com ele, então, eu até gostava, eu achava que eu sou assim, eu quero é um homem ... Quando eu peguei ele com o menino, ele estava fazendo o papel passivo, pro menino. Foi isso que eu não perdoei. Foi isso que não acreditei, na hora, eu me desesperei, a gente quase se matou. O guri, na

hora, sumiu dali, desapareceu. Estavam transando, estavam transando, eu vi ele fazendo o papel de passivo, aí, foi o que causou isso tudo. Aí, eu decidi que jamais faria [sexo] com uma pessoa com menos de 20, 25 anos [...] e se tivesse que ficar comigo teria que ser casado, porque se é casado tem esposa, então, é por que é homem mesmo” (PA, h, 34).

No posicionamento deste homem fica evidente que ele se enquadra dentro daquele modelo tradicional de relacionamento entre dois homens – homem-bicha (FRY, 1982). Quando diz “*eu sou assim, eu quero é um homem*” parece estar falando de uma ‘condição’ a qual não pode evitar. Sendo ‘natural’ que o homem homossexual seja ‘afeminado’ – biologicamente e psicologicamente diferente dos heterossexuais – torna-se compreensível que, como uma fêmea, ele também procure um ‘macho’ para cruzar. O ‘bicha’ se coloca no papel de ‘mulher’, reproduzindo comportamentos sociais e sexuais atribuídos ao papel de gênero feminino. Parece ironia afirmar que a garantia de ser um ‘homem de verdade’ seja possuir uma mulher, logo no Ratonés (no Brasil) de duplo padrão de moral sexual.

Como tem sido argumentado desde o início da dissertação, a análise deste tipo de relação – homem-bicha – não é o objetivo do trabalho mas, como fato cultural, não se pode desprezá-lo pois, em muitos momentos, serve como parâmetro para que se relativizem as possíveis afirmações sobre o fenômeno da conjugalidade entre homossexuais. Acima de tudo, faz com que se evite formular generalizações sobre a homossexualidade, tanto no homem quanto na mulher. Ou, como escreve FRY (1982, 90) é preciso recordar que

“embora a ‘bicha’ seja, de certa maneira, um ‘homem desviante’, as relações sexuais verdadeiramente desviantes de acordo com esse sistema de classificação [homem-bicha] são as que ocorrem entre pessoas que desempenham o mesmo papel de gênero, isto é, entre uma ‘bicha’ e outra ou entre um ‘homem’ e outro”.

Mais do que falar em homossexualidade, segundo FRY (1982), esse tipo de relação trata fundamentalmente de dominação e submissão, uma relação análoga àquela estabelecida “*entre ‘homens’ e ‘mulheres’ no mesmo contexto social, onde os papéis de gênero masculino e feminino são altamente segregados e hierarquizados*” (p. 90). Este é o modelo tradicional que ainda vigora nas classes populares e no interior do país.

No comentário a seguir, um outro homem – aquele gay acusado de ter sido flagrado fazendo papel passivo com um ‘guri’ – afirma que, por sua ‘natureza’ ou pela sua ‘educação’, faz sempre o papel ativo.

“Olha, ao certo eu nem sei, porque não sei se é coisa da minha natureza, sei lá, ou da educação, de não admitir essa parte de transar, assim, de ser passivo, no caso. [...] Às vezes, quando a gente estava, assim, transando e coisa e tal, às vezes [digo] que não teria prazer, até teria, entendesse, mas eu nunca deixei acontecer. [...] Por isso, talvez, eu nunca daria certo em morar junto, assim, com uma pessoa que eu gostasse, porque eu sempre tive um lado muito masculino, entendesse. Eu tenho medo que ela [a outra pessoa] não goste, que ela não aceite, de eu ter relação com ele e eu ser o ativo, no caso, né” (LA, h, 39).

Este homem disse que não admite a idéia, para si, de morar com um outro homem pois tem um ‘lado masculino’ muito acentuado e que os outros “*sempre falam o que rola*” (sic) entre um ‘casal’ de homens. Estava se referindo à possibilidade de trocas entre o par, não havendo uma fixidez de papéis sexuais estabelecidos. Um posicionamento conflitante quando afirma que prefere se relacionar sexualmente com homens do que com mulheres.

“É bom. Vou dizer que é bom, mesmo contra os padrões da sociedade, mas é uma sensação gostosa. Pelo menos quando a gente se ama, é válido, é bonito. [...] Pô, parece uma coisa mais forte, é mais, tem mais intensidade do que com uma mulher. É uma coisa, assim, digamos que sexo é uma coisa diferente ... que uma pessoa se dá totalmente, um para o outro, sem segredo, sem preconceito, certo, entendesse, se libera totalmente. Com a mulher já é diferente, é mais reprimido, aquela coisa assim. Eu não sei bem explicar, mas é uma coisa que vem de dentro de ti, que na hora a sensação, assim, é bem melhor” (LA, h, 39).

Sobre as práticas sexuais, basicamente, isso é que foi relatado. As lésbicas, reivindicando o seu direito ao amor e também ao sexo. Descrevendo suas descobertas, em particular o aprendizado que levou ao orgasmo. Enquanto isso, os gays ainda continuam discutindo o impasse da atividade/passividade, que implica em sensações de dominação e submissão e que vai frontalmente contra o novo padrão de relacionamento estabelecido, que vê na simetria entre as partes o futuro das relações.

De acordo com POLLAK (1990, 49), por falta de um modelo social próprio, o casal homossexual masculino mantém “*uma imagem sobredeterminada pela norma*

heterossexual, é um ideal sentimental raramente realizado". A promiscuidade e a procura de parceiros anônimos – que servem para satisfazer um desejo, mas que podem se transformar num mecanismo de defesa que evita decepções afetivas – seriam exemplos que justificariam porque apenas 10% dos homossexuais pesquisados por este autor viveram em coabitação como ‘casais fechados’ e 30% possuíam um companheiro fixo, mas não viviam com este.

A diferenciação de papéis, contudo, não se resume às práticas durante a realização de atos sexuais. Todos os entrevistados também se manifestaram sobre os papéis de gênero que vão assumindo neste processo de ‘consolidação’ do seu relacionamento homossexual.

5.7.2 – A rotina diária ou a divisão sexual do trabalho

“Todo dia ela faz tudo sempre igual ...”
(Chico Buarque)

No artigo – ‘The Traffic in Women’ – a antropóloga feminista norte-americana, Gayle RUBIN, afirma que somente através da análise das causas da opressão sobre as mulheres é que se poderá encontrar perspectivas do que deva ser mudado, para que se *“alcance uma sociedade sem hierarquia de gênero”* (1975; 01). Para descrever a parte da vida social onde ocorre essa opressão das mulheres, das minorias sexuais, a autora o denomina ‘sistema de sexo/gênero’, que é definido como *“o conjunto de arranjos pelos quais a sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana, e no qual estas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas”* (id., 02). Todas as sociedades são possuidoras de um sistema de sexo/gênero que transforma os fatos biológicos – como os relativos às relações sexuais e à procriação – em formas moldadas pela intervenção humana e social.

Para a autora, a homossexualidade pode ser enquadrada nos mesmos padrões opressores da mulher porque a organização social do sexo está baseada no gênero, na heterossexualidade obrigatória e no controle da sexualidade feminina. Este é um problema epistemológico que pode ser verificado em RUBIN (1975), as mulheres e os homossexuais continuam a ser vistos como ‘vítimas’ de um sistema ‘opressor’; aos homens, é reservado o controle das regras, o poder e o prestígio social. As mulheres não se beneficiariam da própria circulação.

A autora, para explicar sua noção de ‘gênero’, utiliza-se de um conceito de Lévi-Strauss – a divisão sexual do trabalho – argumentando que a divisão social do trabalho pode ser considerada um tabu – ‘imposto socialmente’ – e que intensifica as diferenças entre os sexos.

Para demonstrar como compreende a categoria gênero, RUBIN (1975, 01), vai buscar inspiração em Marx, quando este explica o seu conceito de classe social:

“Certa vez Marx disse: ‘O que é um escravo negro? Um homem da raça negra. Uma explicação é tão boa quanto a outra. Um negro é um negro. Ele só torna-se escravo sob certas condições. Uma fiadeira é uma máquina para fiar algodão. Ela torna-se capital apenas em certas relações. Fora dessas relações, ela não é mais capital do que o ouro, em si mesmo, é dinheiro, ou açúcar é o preço do açúcar’ (Marx, 1971b: 28). Pode-se parafrasear: ‘O que é uma mulher domesticada? Uma fêmea da espécie. Uma explicação é tão boa quanto a outra. Uma mulher é uma mulher. Ela apenas torna-se doméstica, uma esposa, um bem móvel, uma coelhinha da Playboy, uma prostituta, um ditafone humano, em certas relações. Fora dessas relações, ela não é mais auxiliar do homem do que o ouro, em si mesmo, é dinheiro ... etc. ...”.

Desta forma, a categoria gênero ‘amplia’ o conceito de papéis sexuais e enfatiza o caráter ‘relacional’, da construção de masculinidades e feminilidades e de hierarquia nas relações entre homens e mulheres e incorpora a noção das relações de poder. SCOTT (1990, 05) enfatiza o aspecto relacional ao afirmar que “*homens e mulheres são definidos em termos recíprocos e nenhuma compreensão de um deles pode ser alcançada por um estudo separado*”. A utilização do conceito de gênero implica numa rejeição ao determinismo biológico que atrela as diferenças ao sexo.

A análise da divisão sexual do trabalho implica em pressuposições culturalmente legitimadas sobre as tarefas exigidas das mulheres e que as próprias mulheres internalizam, das quais se apropriam. A maternidade e o confinamento no espaço doméstico, p. ex., fazem parte de uma “*estrutura de privilégios que marginaliza a mulher*” (FOSTER; 1988, 06). Segundo esse autor, é preciso que as mulheres percorram uma trajetória desconstrutivista reivindicando “*sua atuação histórica enquanto mulheres, recusando-se a se identificar com valores supostamente universais que têm dado suporte ao privilégio masculino*” (id., 07).

A compreensão de que uma casa não é apenas uma construção material mas também social – que não deveria servir como uma fronteira rígida entre o espaço público e o privado – facilita a não aceitação da idéia de que ela seja ‘natural’, e evidente em si, que o processo de cuidar da casa seja um trabalho de mulheres. Processos inerentes à constituição do sujeito. De acordo com FOSTER (1988), ao se estabelecer um espaço doméstico seguro, que contém e exclui as mulheres, perpetuando relações sociais e familiares, dialeticamente, se está contribuindo para a construção de uma história pessoal, definida por um local (um meio cultural).

Os casais de homossexuais entrevistados parecem se aproximar do que SALÉM (1989) chamou de ‘casais igualitários’, quando a autora se refere à repartição de tarefas, onde estas são distribuídas de acordo com a disponibilidade de tempo de cada um, habilidades e preferências pessoais.

“Nós dividimos quase tudo, quase tudo. Tem coisas que eu detesto fazer e deixo ele fazer sozinho porque eu faço corpo mole, tipo assim, eu detesto ir pra supermercado, ele adora; eu detesto fazer compras, ele adora fazer compras. É uma coisa interessante porque eu gosto de comer bem, gosto de ter as coisas boas e não gosto de comprar e ele gosta [...] Outras coisas que ele gosta eu até gosto de fazer: ele gosta de mexer na terra, é apaixonado pela terra, né, também mexo, gosto e tudo mais. [...] Ele não suporta o serviço de casa e faz porque tem que dividir comigo, entendeu, ele não gosta, mas ele faz. Eu trabalho em horários diferentes e ele precisa fazer mas, tipo assim, se eu puder fazer, eu mesmo, aí, eu compreendo, eu faço pra não deixar ele fazer por que eu sei que ele não gosta. [...] Ele não toma nenhuma atitude sem antes a gente conversar, se é boa, se não é, o que eu acho, o que eu não acho. Eu a mesma coisa. [...] Eu sou muito da minha casa, eu gosto muito do meu ninho, das minhas coisas, então, eu defendo com garras e unhas o que é meu. Eu também me deixo envolver por tudo o que acontece no espaço, me deixo levar. [...] Eu sofro mais por causa da parte emocional, do coração; ele sofre mas é racional, ele olha e pensa de uma forma que a gente possa, digamos assim, sair sem problema nenhum dessa fase. Parece que eu me arrasto mais um pouco e ele caminha mais rápido” (SV, h, 36).

Este homem assinala para a necessidade de que se negocie a execução das tarefas domésticas cotidianas e deixa evidente que, muito além da divisão sexual do trabalho, mesmo entre dois homens há relações entre o cuidar da casa – ‘coisa de mulher’ – e a existência de uma maior sensibilidade em quem ‘gosta’ de executar tais tarefas: ‘sou emoção’. Parece que,

ao lado da necessidade da existência da simetria no relacionamento, ainda se reproduzem muitos dos estereótipos que os estudos sobre o gênero tentam desconstruir. Seu companheiro não chegou a comentar sobre a divisão das tarefas, apenas disse que

“entre nós nunca existiu, assim, esse é teu dinheiro, esse é meu dinheiro. Quando um precisa gasta ou, se o outro que precisa, pega. Lógico que existe um controle, nunca gastamos mais do que se ganha, mas tudo que se ganha é realmente para todas as necessidades” (AC, h, 42).

O caminho traçado por estes dois homens aponta para uma necessidade de negociação entre a realização das tarefas, pois apesar de buscarem dividi-las igualmente, pode-se constatar que ainda permanece uma dualidade que é criada a partir da divisão sexual e que é hierárquica: atividade/passividade, masculinidade (razão)/feminilidade (emoção) e rua/casa. Essa ambivalência sugerida permite que se aventure afirmar que as noções de hierarquia e igualdade são construções sociais. De acordo com FRY (1982, 93), a construção do ‘homossexual moderno’ – o ‘entendido’ – estaria baseada na orientação sexual, uma vez que se trata de *“um personagem que tem uma certa liberdade no que diz respeito ao seu papel de gênero e à sua ‘atividade’ ou ‘passividade’”*. O mundo masculino passaria, então, a ser dividido entre ‘homens’ e ‘entendidos’, heterossexuais e homossexuais.

Os dois casais de mulheres entrevistados, apesar de almejam e, possivelmente, estarem mais próximos do que é considerado o ideal de um ‘casal igualitário’ (SALÉM, 1989) do que o casal de *gays*, não correspondem totalmente ao ‘casal moderno’ preconizado por HEILBORN (1980; 1981). No Ratonés, os casais formados por duas mulheres convivem, ainda, com alguns aspectos que configuram uma distribuição hierárquica dos papéis e, além do sentimento amoroso, reivindicam para si, uma maior erotização da relação, num sentido diferente daquele apontado por FRY e MacRAE (1983), por exemplo, e de acordo com os casais de vanguarda estudados por HEILBORN (1991) que residem na zona sul da cidade do Rio de Janeiro/RJ.

“A [MP] trabalha. Eu e a [MP] trabalhamos. A [MP], agora está estudando à noite, fazendo pós-graduação. Mas eu nunca fui de serviço de casa, mesmo. Faço, claro, até pra ajudar, né, mas eu sou negada. Ela cansa de pegar no meu pé: ‘[LV] me ajuda’, ‘[LV] faz isso, faz aquilo dentro de casa’. Agora passou pro lado da rua eu adoro fazer. É cortar grama, é

capinar, é podar uma planta, plantar, entendeu. Agora com a construção da casa, eu fico direto lá, na casa, ajudando o pedreiro, como servente, colocando piso ou fazendo chão. [...] Então, todo fim de semana, ela cuida das nossas roupas, todo serviço da casa é ela que faz. [...] Com relação às despesas, nós dividimos as despesas. O meu salário fica pra construção, pra obra, e o salário dela paga o aluguel e as despesas, assim, de comida, coisas pra dentro de casa” (LV, m, 30).

Ela própria continua falando sobre a prática da conjugalidade e a divisão sexual do trabalho que ocorre no relacionamento. Faz uma comparação com o seu primeiro casamento, para afirmar que, hoje, ela realmente se encontrou, só precisa que haja um entrosamento sexual maior com a sua atual companheira.

“Não sei se é um desafio ou se é até uma forma de aprender a conviver com pessoas diferentes. Por exemplo, com a primeira pessoa que eu, eu já tive essa experiência, eu já tive outra pessoa, convivi um monte ... convivi seis anos com ela. Então, se formos comparar são muito diferentes, digamos assim, vamos colocar um pouco assim, da relação de uma com a outra, né. Com a primeira eu tive um relacionamento sexual ativo, é aquilo que eu queria, adoro aquilo; com essa eu não tenho. Com a outra eu não tinha a sinceridade, a fidelidade, eu não tinha, digamos, uma ajuda, uma companheira, dividir despesas; com essa eu tenho tudo. A outra não fazia comida, não lavava minha roupa, ela não fazia as coisas. Essa, que eu estou agora, é mais mãe, assim, ela faz tudo, sei lá; essa aqui é feminina, bem feminina, sabe, a outra, não. Eu tive que passar por aquilo, pra chegar onde estou agora. Então, onde estou agora é tudo que realmente queria, a única diferença é só no relacionamento sexual, porque no resto é tudo que eu queria, mesmo” (LV, m, 30).

MUNIZ (1993) é uma das autoras que prefere tratar as questões relacionadas à homossexualidade feminina pelo seu caráter de intraduzibilidade – “o amor como bandeira de distinção” (p. 41) – e articulado num discurso além do dizível, afirma que as mulheres possuem uma vocação para a conjugalidade. Confirmando a afirmação de que as lésbicas estariam mais próximas dos ideais do ‘casamento igualitário’ mas que não podem ser confundidas com esses ideais é possível descrever um par de mulheres que se encontram fora dos limites da lógica igualitária. As imagens da ‘fancha/sapatão’ e da ‘lady/moça’ encarnam nos seus limites máximos a oposição do masculino e do feminino, particularmente em termos de *performance* sexual. A adoção de um visual/gestual próprio faz com que estas mulheres se aproximem do modelo tradicional. Ao estabelecer um modelo de relacionamento onde sua

companheira é descrita como sendo ‘muito feminina’, uma ‘mãe’, voltada para o ‘doméstico’, a lésbica citada anteriormente parece estabelecer um papel bastante enrijecido para si, provavelmente antagônico ou complementar.

Sua companheira fala sobre a delimitação de papéis e assinala que tem muita dificuldade de ir à venda sozinha. Faz uma comparação dos aprendizados, ressaltando que recebeu influências de sua mãe, enquanto a outra foi influenciada pelo pai. Estas distinções, conforme assinalado, fariam com que se atribuíssem significados diferentes para os papéis de gênero desempenhados. Talvez influenciada pela ‘necessidade’ de simetria na relação, afirma que provavelmente é ela quem delimita os papéis e que ambas poderiam fazer tudo e o que predomina é a distribuição das atividades em função das afinidades para executá-las. Sua análise remete à possibilidade de construção de diferentes homossexualidades. A constituição dos sujeitos dentro dos limites culturais e historicamente estabelecidos.

“Eu sou muito chata, sou muito certinha. Eu sou a dona de casa. Eu gosto, por exemplo, ela detesta varrer a casa; não peça pra ela varrer a casa porque ela não varre. [...] A [LV] sempre foi de fazer serviço pesado, de fazer serviço da rua, tipo, ela adora lidar com a terra. Ela adora lidar com a coisa pesada, isso já não é a minha praia, talvez seja pela minha formação e a formação dela. Ela foi criada pra fazer serviço pesado, ela trabalhou com o pai dela, eu já trabalhei com a minha mãe, fazer o serviço de doméstica, dentro de casa. Então, os papéis, ali, são realmente assim, não digo que seja, eu faço isso e ela faz aquilo, não, talvez eu realmente delimite as coisas. [...] É muito difícil eu entrar numa venda. Na [venda da] Janete, entro de supetão, digamos assim, mas em outra venda qualquer é muito difícil eu entrar. Na [venda da] Beta só quando tem bingo, se for pra comprar alguma coisa ali, tipo assim, não tinha pão na Janete, nós fomos lá e eu disse: – ‘Vai tu’. Quer dizer, ela desliga o carro pra poder ir lá dentro, eu não vou. Não me sinto a vontade, não porque estou com ela, não é isso, não é porque estou com ela, tenho vergonha dela, não é isso, é que eu nunca entrei em venda, nunca mesmo” (MP, m, 33).

O que ocorreu com este ‘casal’ foi o estabelecimento da tradicional divisão sexual do trabalho na família. SIQUEIRA (1997A, 122), ao falar sobre os arranjos encontrados por um casal para justificar o papel do ‘homem dono de casa’ afirma que:

“As estratégias do casal, no entanto, não se caracterizam apenas como estratégias de sobrevivência. Trata-se de arranjos conscientemente obtidos e acordados entre os dois, visando o alcance das metas por eles

determinados. Essas metas encontram seu suporte nas vivências e significações que ambos imprimiram às primeiras”.

Deduz-se daí que, a partir dos pressupostos da psicologia sócio-histórica, os sujeitos ao realizarem uma ‘apropriação ativa’ dos significados das relações modificam, em parte, as pautas sociais estabelecidas, não apenas reproduzindo sentidos e práticas, mas uma apropriação que se realiza nas e pelas interações que se estabelecem entre o indivíduo e outros parceiros; através de momentos de confronto com o outro da relação, de imitação e de oposição a ele.

Não há possibilidade, então, de se afirmar que os membros da díade estabelecem, unilateralmente, papéis fixos e imutáveis pois, enquanto sujeitos/casais que se entrecruzam em roteiros sociais historicamente construídos, é possível que realizem, no mínimo, pequenos avanços cotidianos.

Os depoimentos do outro casal de mulheres entrevistado também demonstram que uma relação simétrica ainda não foi alcançada, provavelmente, balizam o relacionamento sexual-afetivo, mas não conseguiram fazer com que os papéis de gênero fossem menos rígidos. A divisão sexual do trabalho está mais diluída, mas é possível perceber, nas duas falas, que a sua existência regulamenta os padrões comportamentais do casal, faz com que a uma mulher caiba mais o serviço da rua, p. ex., pregar, capinar, ir à venda, fazer pagamentos; à outra, ficam as tarefas domésticas, mesmo que, neste espaço, as duas também atuem.

“Ah! Como se diz, a patroa, o patrão ... ah! ... eu estou brincando. Acho que a gente faz tudo junto, não tem essa de a [ML] fazer isso, fazer aquilo, tem coisas que ela gosta mais, isso eu tenho certeza, como bater pregar. Tem coisas que ela gosta mais que eu, mas a gente faz, dentro de casa, tudo junto, se tem que lavar a casa, a gente lava; se é pra lavar a roupa, hoje, ela já está lavando, ela aprendeu a lavar roupa comigo, antes da máquina, quer dizer que é um grande progresso. Mas a gente faz tudo junto, comprar as coisas a gente compra junto, nós temos gostos parecidos, temperamentos diferentes, mas gostos parecidos” (SB, m, 35).

A outra mulher complementa o que foi dito:

“O dia-a-dia, assim é terrível, em alguns momentos. Mas, assim, uma questão, por exemplo, se tem que ... nós construímos agora, então, eu que vou comprar cimento. Sabe essa coisa, assim, eu sou mais da parte ... se tem que fazer compras, eu vou faço as compras. A [SB] não tem esses traquejos, assim. [...] Ela gosta mais de arrumar a casa, embora seja bem desorganizadinha, que eu também não sou muito, mas não chego ao extremo dela; mas, ela gosta de lavar a roupa, de trocar os móveis, eu já acho que as coisas teriam que ficar mais estáticas e ela gosta de trocar muito. [...] Eu sempre coordenava as coisas, então, a nível de grana, tudo, eu que faço os pagamentos. Hoje, ela está um pouco melhor, se envolvendo mais, mas até há bem pouco tempo. Foi a partir do fogo, assim, que ela tomou as rédeas das coisas. A [SB] não gosta muito de ir na venda comprar pão, são raras as vezes que ela vai lá pra comprar alguma coisa, mas eu não, eu já tenho mais facilidade, conheço mais as pessoas ...” (ML, m, 43).

Através destes depoimentos é possível confirmar que – também entre os homossexuais que residem no Ratoles – o modelo conjugal ‘igualitário’ aponta para os limites de uma moralidade com características simbólicas bastante significativas (SALEM, 1989; HEILBORN, 1992). Um discurso que difere significativamente da prática observada. Este modelo de conjugalidade, de acordo com SALEM (1989), tem sua origem no interior das camadas médias da população e produz um universo ético que se fundamenta em três princípios: o da psicogenicidade, o da igualdade e o da mudança. O primeiro está relacionado com o movimento de individualização, interiorização e privatização dos sujeitos; a maneira como o indivíduo se percebe enquanto sujeito psicológico. Há uma retórica centrada no individual e no idiossincrático e *“uma intensa disposição cultural de escrutínio e cultivo de cada self por meio de uma alta sensibilidade para observar emoções, sentimentos e a subjetividade”* (SALEM; 1989, 25). Por se tratarem, em sua maioria, de pessoas com experiências terapêuticas e/ou com algum conhecimento das disciplinas psicológicas possuem uma linguagem recheada de saberes ou categorias que tematizam e problematizam o ‘Eu’, p. ex., ‘desejo’, ‘inconsciente’, ‘resistência’, ‘discriminação’, ‘simbiose’, etc. Esse princípio, segundo HEILBORN (1992, 182), faz com que se perceba o ‘mundo’ *“pelo prisma que abriga a precedência da dimensão pessoal, ornada de determinações subjetivas como que a realizar um exorcismo do social, entendido este como da ordem do constrangimento, e não correspondendo ao mundo das escolhas”*. Ainda, de acordo com essa autora, é possível afirmar que mesmo com toda essa ‘disposição’ ao individualismo, esses sujeitos estão muito longe de cultivarem a reclusão como condição de acesso a si, apesar de um grande apelo para a solidão – contraponto imaginário onde os sujeitos pensam e avaliam a conjugalidade.

O segundo princípio – o da igualdade – refere-se à expectativa do compartilhamento das tarefas, tanto do provedor quanto do detentor dos cuidados com crianças e casa. Há uma busca de igualdade na distribuição das tarefas domésticas e uma paridade financeira entre seus membros. Em decorrência dessa idéia de simetria, o casal moderno tem como regra sociológica a mutualidade, uma reciprocidade que se expressa em termos de troca – o que é dado e recebido.

O princípio da mudança centra-se no valor atribuído à trajetória do casal e à “*tentação do acomodamento*” (HEILBORN; 1992, 201). A história de um casal pode passar por diversos momentos, da ‘paixão’ inicial ao tempo do ‘amor’ ou, como assinala HEILBORN (id.) no caso do casal ‘grávido’, percorrem um caminho que “*vai da ‘simbiose’ original à ‘necessidade de discriminação’*”.

Este ‘novo’ casal percebe-se como tendo se instituído apenas pelo desejo dos sujeitos, como se o casal não tivesse tido uma origem a partir da realidade dos grupos a que cada cônjuge pertencia. Tal concepção faz com que o laço conjugal que se instaura seja percebido como auto-suficiente a ponto de isolar a parceria das relações familiares, dos núcleos de origem de cada membro. Ou ainda, que significa o seu vínculo afetivo e psicológico como uma conjugalidade ‘natural’, onde esse caráter de escolha faria com que os indivíduos transpusessem toda a trajetória histórica e social de sua constituição enquanto sujeitos (SALÉM, 1989).

Uma das distinções que ocorrem entre os ‘casais modernos’ de HEILBORN (1980, 1981) e os ‘casais igualitários’ de SALÉM (1989) está relacionada com a maneira como a díade trata a questão da fidelidade, as relações extraconjugais. Enquanto que para os ‘igualitários’ a relação é regida por dispositivos morais que valem indistintamente para os dois parceiros, para os ‘modernos’ a prevalência é do indivíduo sobre a relação, sobretudo na esfera sexual. Para os ‘igualitários’ a monogamia é defendida mais como fruto de uma moral subjetiva – “*disposição natural de pessoas que se amam*” (id. p. 32) – e menos como uma prescrição moral – social, sendo que alguns casais admitem o ‘casamento aberto’. Trair, agora, é não contar as relações extracasamento. Para os ‘modernos’, as relações sexuais extraconjugais são admitidas para ambos os parceiros e ocorre uma alteração no sentido de

como se constitui o conceito de 'fidelidade' que ficou expresso na 'lealdade' que designa a convenção da primazia conjugal.

Em contra-partida, para o grupo de homossexuais entrevistados a fidelidade é um princípio norteador para os dois membros da relação.

“Nunca me passou pela cabeça essa cena, amar uma pessoa e encontrá-la com outro. [...] Nunca me passou pela cabeça ser traída ... Se eu tiver que fazer alguma coisa, se eu me permitir fazer algo é porque realmente o sentimento acabou e, aí, a gente tem que sentar, conversar e dar um basta porque eu estou sentindo atração por outra pessoa. Eu vejo, hoje, assim, eu pretendo agir assim se um dia acontecer. Agora, esse futuro, a esperança é que esteja distante” (SB, m,35).

“A fidelidade é muito importante. Acho que nesses onze anos, nunca..., a minha vida foi dedicada exclusivamente a ela” (ML, m, 43).

“O que é fidelidade pra mim? É você ser fiel pra pessoa, em todos os sentidos; é você não trair; é você não ... é, acho que o essencial é isso, tu não trair a pessoa. Esse trair, pra mim, não é só trair em relação a ter um relacionamento extraconjugal, é você não trair os valores da pessoa, é você respeitar a pessoa. Acho que fidelidade tem isso tudo, não é só você não pular a cerca com outra pessoa” (MP, m, 33).

“Eu sou super fiel, entendeu [...] jamais traio alguém. Acho que eu respeito muito isso; eu posso até sair com outra pessoa a partir do instante que conversar, que não exista mais nada entre nós, mas eu sempre quis uma pessoa pra vida inteira” (LV, m, 30).

Como entre as mulheres, também com os homens a fidelidade torna-se imprescindível.

“[...] A fidelidade, pra mim, é um parceiro sempre verdadeiro comigo. [...] Eu acho que ser fiel é ser verdadeiro com a pessoa, com o teu companheiro, porque no momento que não der mais que não fique prolongando; que não fique aprontando, sei lá. [...] Então, eu acho que a gente ama uma pessoa e cada dia é uma transformação e até a idéia de fidelidade também vai ter que se transformar” (SV, h, 36).

“ Eu não me proponho a esse tipo de coisa [relações extraconjugais], quando estou com uma pessoa é com uma só. Eu não posso estar com duas pessoas ao mesmo tempo” (AC, h, 42).

Também entre os dois homens que se separaram mas que na realidade nunca foram cônjuges – foram apenas ‘caso’ – o conceito de fidelidade permeia suas relações, como uma idéia toda própria que se diferencia bastante daquela emitida pelos demais entrevistados. Para o primeiro, quando está ‘envolvido’ com alguém, é aceitável alguma ‘galinagem’, contanto que não ultrapassem o limite de certas brincadeiras e aceita que o seu ‘homem’ tenha outras mulheres, além da esposa mas, não aceita ser ‘traído’ com outros homens. Já o outro se permite algumas ‘aventuras’, tanto com outros homens quanto com mulheres. Este homem também entende que a traição ocorreria somente se o seu atual namorado se relacionasse sexualmente com outros homens; com mulheres não há problema.

“Na época que eu estava com ele [LA] eu fazia muita brincadeira com os outros, passava a mão e apertava. Belisco, aperto, tudo, mas com um certo respeito, nunca passava daquilo, quando percebia que a brincadeira ia levar além, eu parava por ali mesmo. Então, tinha um certo grau de respeito, mesmo isso eu posso dizer que era fidelidade, por eu não ficar. Quando aconteceu isso, de eu sair da vida dele, eu decidi que ia namorar todo mundo que eu quisesse, que ia ficar só pra sexo mesmo, pra flertizinho, pintou clima, deu pra transar, vamos transar. [...] Se quisesse ficar comigo teria que ser casado, tipo ter mulher, uma vida certa, uma vida conjugal já certa, então, não poderia exigir nada. [...] De um tempo para cá eu comecei a desconfiar dele porque além de ter a mulher dele, de ter um certo relacionamento comigo ele tinha diversas mulheres, mulheres mesmo. [...] Ele disse pra mim que ele podia ter quantas mulheres quisesse porque ele é sem vergonha mesmo, mas [PA] na vida dele é um só. Se ele tivesse que ficar com [um] outro cara, seria só comigo” (PA, h, 34).

A fidelidade para o segundo homem também está colocada em relação a outros homens. As relações sexuais com mulheres, quando existem, não afetam o relacionamento entre ele e o seu ‘namorado’. Admite que não tem sido muito fiel.

“Se eu disser que durante esse tempo não tive relações [sexuais] com outras pessoas a não ser com ele, eu estaria mentindo, no caso, com homens e até com mulheres aconteceu, mas uma coisa descartável, de momento. No fundo ele é a pessoa que é insubstituível, que jamais alguém vai tomar o lugar dele. [...] Não sei explicar mas eu também sinto falta de mulheres, mais um complemento. Não vou dizer que a mulher complementa, sempre senti assim, mas sempre sinto falta quando não estou com uma namorada,

quando passo algum tempo sem transar com uma mulher. Eu sempre tenho a necessidade de transar, de ter uma mulher, mas nunca cheguei a me apaixonar de verdade. Nunca cheguei a gostar, a me apaixonar mesmo de verdade; eu nunca me apaixonei [por mulheres]. Eu sempre falei pra ele que não tenho ciúmes, que ele pode namorar quem quiser, mas se souber que ele tem um envolvimento com outro homem, aí, nem precisa me procurar mais. Se eu souber que ele tem outro caso, com homem, não me procura, agora, com mulher eu não tenho ciúmes, ele pode namorar com quem ele quiser” (LA, h, 39).

O que se pode deduzir dos depoimentos acima é que os informantes supõe que as mulheres não ‘ameaçam’ os seus relacionamentos homoeróticos; em quase todos há sempre o ‘fantasma’ de uma delas por perto, seja na figura da esposa, da namorada, da amiga. Não ameaçam e ainda dão respaldo social pois estes homens podem circular pelo Ratonos sempre em companhia de uma mulher. Alguns encontros ‘amorosos’ são marcados em bares onde elas também se encontram. Apenas para ilustrar há o depoimento transcrito de um informante quando conta que ele e a esposa do seu namorado acabaram sendo traídos.

“Há um mês atrás, mais ou menos, a gente estava tudo bebendo num barzinho na Vargem [Pequena] e terminou a cerveja do bar e fomos para um outro bar na frente, que é uma rinha de galo. Era uma turma, todos casados e a mulher dele lá fazendo bagunça junto e todo mundo sabe mas ao mesmo tempo que eles fazem brincadeira eles respeitam porque sabem que é só com ele que eu ficava, né. [...] Dali a pouco ele desaparece, eu procurei, calculei que estava no banheiro e continuei conversando com o pessoal. [...] Aí, eu escutei um barulho, parece que tinham chutado uma lata, e fui, pé por pé, até deparar com uma cena que me deixou horrorizado: ele transando com outro cara, outro cara amigo, pelo menos eu considerava. Para ser passivo comigo precisou eu tanto insistir e estava ele ali transando com outro cara casado, também pai de dois filhos. O cara quando me viu chegou a pular uma cerca de um metro e meio, uma cerca de arame farpado” (PA, h, 34).

O que pode ser assinalado é que existe uma distância significativa entre o que os sujeitos dizem que fazem, ou acham que deveria ser feito, e o que os sujeitos fazem de fato. Antes que se prossiga na análise das relações sociais que os informantes estabelecem, é fundamental assinalar que esses conteúdos e a forma como a sexualidade é definida, são produzidos num contexto político e histórico, não derivando, portanto, de um vazio social ou ‘naturalmente’ herdados. Assim como vão constituindo novos sujeitos esses sistemas de

conhecimentos convivem e coexistem com ideologias políticas conflitantes, diferentes religiões, noções de raça, idade, etc., (FRY, 1982).

5.7.3 – A vida social do casal

*“Bem vindos à minha terra, feita de homens em guerra
e outros loucos pra amar”
(Marina Lima)*

De acordo com as declarações prestadas pelos informantes muito do seu lazer acontece no próprio Ratonés, em pequenos grupos ou envolvidos com os demais moradores nas festividades locais ou simplesmente nos bares, bailes ou bingos que acontecem na localidade. Enfatiza-se que na comunidade não existe um local específico ou próprio para movimentações homossexuais, tampouco parece que os moradores estejam habituados com ‘shows’ ou ‘performance’ de transformistas ou os alegres ‘escândalos’ das *drag-queens*. Um dos *gays* entrevistados declarou que ele foi o primeiro homem, no Ratonés, a fazer um show vestido de mulher, isso numa festa em que comemorava o seu aniversário, numa casa que funcionava como uma boate ou um clube.

“Fiz a minha festa de aniversário aqui no [nome], que é um clube que nem existe mais; eu convidei 100 pessoas e tinha 400, 450 pessoas na festa. Fiz questão de receber todo mundo bem, o salão super lotado, o pessoal comentou, acho que quase um mês inteiro, porque nunca tinham visto uma festa igual aquela. Foi a primeira vez que eu fiz um show, não de transformismo porque eu decorei algumas poesias do Osvaldo Montenegro e coloquei um fundo musical do Eric Clapton, dizem que teve um monte de gente que chegou a chorar na hora. Eu disse que era um presente pra eles, pedi licença me retirei e quinze minutos depois eu entrei sem camisa, com uma calça bem apertada, de bota, chapéu e dublando uma música do Ney Mato Grosso, eles ficaram, assim, horrorizados. Inacreditável porque eles nunca tinham visto, tu sabes, pessoal de sítio e tal. Também realizei a dublagem da cantora Tina Turner” (PA, h, 34).

Assim como ele, os outros entrevistados – homens e mulheres – também possuem com os demais moradores da comunidade algum tipo de vínculo afetivo ou um sentimento de avizinhação que faz com que prefiram permanecer neste local em suas horas de lazer e com eles estabelecer relações sociais. Mesmo aqueles *gays* e *lésbicas* que foram chegando, logo estabeleceram algum tipo de relações sociais com os demais moradores.

“Acredito que as pessoas mais velhas, até por serem mais experientes, vizinhos e tal nos respeitam mais; mas com todo o grupo que vive aqui a gente não tem problema, de nenhuma ordem, porque acredito que a gente respeitando os outros eles acabam respeitando a gente também. É óbvio que, lá no fundo, sempre tecem algum tipo de comentário, não sei se construtivo ou destrutivo, mas isso também não vem ao caso. O nosso relacionamento com a comunidade é muito bom; temos amizade com algumas famílias e nessas casas normalmente tem aniversário de filha, da senhora lá da casa, uma boa conversa. É óbvio que não há necessidade de os dois ficarem agarrados, muito tempo, um do lado do outro, um vai lá conversa com um grupo, o outro vai conversa com outro grupo. As pessoas acabam se divertindo, a gente se diverte e quando encerra a festa, o horário de vir embora, tchau, tchau. Até hoje ainda não ocorreu uma festa sequer, casamento, aniversário ou qualquer coisa parecida, que um tivesse que ir sozinho, sempre um acompanha o outro. Sempre com discrição, sem frescura, as pessoas da casa nos aceitando como mais um membro da família. Algumas [famílias] da comunidade frequentam a minha casa sem problema algum” (AC, h, 42).

Para outra das mulheres entrevistadas, o envolvimento acontece apenas com alguns moradores e não se comenta sobre o relacionamento dela com a sua companheira.

“Olha, dentro do que vejo, dentro do que sinto, eu acho que, pelo menos o pessoal que a gente lida mais – a Dona Janete, a Dona Clementina e todos os filhos dela, eles nos aceitam numa boa. Não sei até que ponto eles acham o que é o meu relacionamento com a [LV], não sei se estou sendo clara, tipo assim, eu não sei se eles sabem o que se passa entre eu e a [LV], realmente. Mas acho que, de certa forma, a gente se dá relativamente bem, não tem nada, nunca se tocou em nada” (MP, m, 33).

É possível deduzir que o silêncio e a discrição ainda parecem ser normas para a ‘boa’ convivência social e, talvez, familiar. Esses depoimentos ‘confirmam’ uma idéia geral de que, para se sentirem aceitos, os homossexuais não podem ‘dar bandeira’, devem assumir uma postura de ‘discrição’. Em outras palavras, a postura adotada por eles, não é tão decodificável, procurando não levantar questões a respeito de si ou de seus amigos.

Observa-se que no depoimento do AC (h, 42), o garantir ‘respeito’ aparece como um ‘calar sobre si’, sobre um aspecto de si, apenas sua sexualidade e/ou afetividade. Outro sinal de ‘respeito’, como já foi assinalado, parece ser o de não chamar a atenção (‘dar bandeira’), não sendo identificado como ‘bicha’.

Parece que sobre a homossexualidade não se tem muita necessidade de discutir. A tolerância a ela, encontrada no espaço privado, é geralmente acompanhada de um certo mal-estar, um estado generalizado de incômodo quando em público.

Segundo SULLIVAN (1996, 86), existe

“uma certa tolerância privada para com os homossexuais com a desaprovação pública do homossexualismo. Ao mesmo tempo que não concordam com a perseguição legal dos homossexuais, não vêem problema algum na dissuasão e no desprezo pelo comportamento homossexual no nível abstrato ou, mais comumente, praticam um cuidadoso silêncio sobre o assunto em geral”.

Apesar do fato de que os homossexuais são uma parcela significativa da população, a sociedade de uma forma geral ainda tem somente sonhos heterossexuais em relação a seus filhos. Como resposta ao ‘limitado’ espaço encontrado no universo hegemônico heterossexista alguns homossexuais fazem a opção por viver num mundo particular – preferem manter-se à ‘margem’, com ou sem companheiro (a) – não lutando pela conquista do seu espaço e nem respondendo às limitações desse mundo heterossexual.

“Ah! Eu sou bem preconceituosa, eu não gosto muito de relação [de amizade] com heterossexual, não, onde a gente não pode se manifestar muito e tal. Eu tenho, assim, eu me dou com muitos heterossexuais, mas pra me envolver, assim, com turma e coisa, não ... Eu adoro a minha turma que é a JUGARA. – Juventude Gay de Ratores – quase VEGARA. A gente inventou isso aí, é uma coisa legal. Então, eu prefiro me relacionar com homossexuais, tanto mulheres como homens ... já tive muitos amigos e, hoje, estou restringindo mais as minhas amizades” (ML, m, 43).

Outro informante, que não faz parte do grupo de homossexuais citado acima (JUGARA), fala sobre o seu convívio social com os demais moradores do Ratores.

“Tenho um amigo só, que mora na mesma rua que eu. ‘Amigo’, é mais colega que amigo, amigo mesmo nunca tive, mesmo, de verdade, tenho esse colega que tem quinze anos, sempre foi [homossexual] desde pequeno, sempre notei o jeitinho dele, tudo. Eu não posso dizer que foi eu que iniciei ele nesse lado porque ninguém inicia ninguém, não adianta; ele começou a sair comigo, realmente. Começou a ficar com pessoas quando saía comigo mas, se eu disser que eu como poeira atrás dele com quinze

anos, eu estou comendo poeira atrás dele pois coisa que ele já faz eu não tenho coragem de fazer, tu vê que engraçado. Mas é a única pessoa que eu saio sempre, daqui do bairro, ele e dois amigos homossexuais, um é gerente da Caixa Econômica Federal lá de Criciúma [sul de SC] e o outro trabalha na NET Multicanal [centro de Florianópolis] então, eles vem sempre me pegar aqui, nos finais de semana, pra sair. Os dois de fora pegam eu e esse novinho, o meu coleguinha, esse viadinho novinho e mais ninguém. Eu não tenho amizade com mais ninguém daqui” (PA, h, 34).

Embora se tenha claro que o mecanismo que determina a decisão por uma prática sexual apresenta forte e decisivo componente subjetivo e individual (a história social de cada sujeito), a influência externa pode apresentar-se como fator de diminuição da angústia e ansiedade, advindas da repressão social. Enquanto isolados de outros homossexuais, muitos deles possuem a sensação de serem os únicos a terem atração por pessoas do mesmo sexo. A convivência mostra-lhes o caráter múltiplo dessa vivência e faz diminuir a sensação de ‘anormalidade’, ‘culpa’, ‘vergonha’ e ‘estranheza’. Com isso, diminui a força da repressão sexual e as pessoas começam a considerar a possibilidade de experimentação.

“Eu lembro que antes de começar a tomar rumo pra ir, pra começar a frequentar os guetos, os meios, eu já começava a fazer uma certa ondinha, assim, eu já olhava pra determinados homens, quando via que eles, como é que a gente diz, trocavam os olhares comigo. Eu já deixava, eu trocava também, só que nunca deixei se aproximar, naquela época. Ai, comecei a conhecer o pessoal, comecei a conversar e fui muito avisado que era muito perigoso, que não era uma coisa boa, porque as vezes havia conflitos, porque a gente era muito, isso, porque as pessoas discriminavam. Só que eu dizia para eles: – ‘Quando a formiga quer se perder ela cria asas’. Eu não via, assim, uma coisa de me perder porque eu ia realizar alguma coisa que eu estava com vontade, ou melhor, nem realizar, eu ia tomar uma atitude que eu teria, que teria que acontecer pra ver se era bom ou não era. [...] A partir daí, comecei a frequentar, apesar de que no início ... não, eu não vou culpar ninguém, mas vejo que, no início eu encontrei o caminho porque amigos me levaram para os guetos, para as boates, pra isso e aquilo” (SV, h, 36).

A maioria dos entrevistados disse que seus amigos são tanto heterossexuais como homossexuais, admitindo, contudo, que o seu convívio social mais intenso é com outros homossexuais. Grande parte deles afirma não frequentar ambientes exclusivos. Quase todos afirmaram que acham estes ambientes desagradáveis, mas que eventualmente se dirigem a estes lugares quando desejam ficar mais à vontade com seu (sua) parceiro (a) e com amigos.

5.7.3.1 – O gueto

*“Então, você tem que ir pra boate pra poder bater um papo ou desabafar ...”
(Leci Brandão)³²*

Como já foi mencionado, o processo de ‘assumir’, para lésbicas e gays, pode ser um grande desafio e até provocar problemas emocionais, fazendo com que alguns sujeitos sintam-se diferentes e solitários quando ‘descobrem’ a sua atração pelo mesmo sexo. Também podem sentir medo de serem rejeitados pela família, amigos, colegas de escola ou trabalho ou qualquer outra instituição a que estejam filiados. De acordo com COSTA (1992) – que neste texto discute a ‘constituição’ de uma identidade homoerótica – o gueto³² pode ser compreendido como uma resposta dos homossexuais à sociedade, formando uma espécie de cultura própria, clandestina. São locais de encontros exclusivos para homossexuais e podem ser uma praia, um bar, uma boate ou, até mesmo locais de prostituição, principalmente masculina.

“Nesses locais, alguns extremamente sórdidos, os indivíduos gozam da ‘liberdade’ que a discriminação permite. Mas, justamente por tratar-se de uma liberdade vigiada e concedida, carrega todas as seqüelas do preconceito. Os sujeitos sabem, mesmo quando não explicitam, que a liberdade vivida no gueto é precária e, num certo sentido, artificial” (p. 06).

A história de vida dos entrevistados e os falsos estereótipos e preconceitos em relação a eles, ajudam a compreender a ambivalência dos seus sentimentos sobre o gueto. A maioria dos informantes admite que já frequentou com mais assiduidade os espaços considerados ‘guetos’ em Florianópolis e que ainda hoje, mesmo que esporadicamente, para lá se dirigem quando querem sair de casa para se divertirem com amigos, indo à bares ou boates. Com a exceção dos dois homens que se separaram, os demais disseram preferir permanecer em casa e receber os amigos, ou sair para visitá-los. Uma mulher disse:

“Eu prefiro ambientes gays, mas pouco frequento; já frequentei muito estou cansada. [...] A gente tem outros objetivos, tem outras coisas, então, é muito mais gostoso tu permanecer na tua casa, na casa de um amigo batendo um

³² Observa-se que, nesta dissertação, o emprego do conceito de gueto está bastante diferenciado daquele formulado pela Escola de Chicago que prevê a existência de espaços (bairros, locais de lazer, compras e residências) destinados, em função da repressão social, para os grupos de excluídos: negros, judeus, homossexuais, etc.

papo, jogando do que, sabe, estar na noite. Toda vez que se sai, nós não achamos graça e eu sou muito ciumenta, já melhorei, mas sou ciumenta, então prefiro um círculo de amizade menor e mais restrito, meus amigos N/G [casal de homens], Z/F [casal de mulheres]" (ML, m, 43).

O que esta mulher parece estar referindo é que permanecer, de certa forma, longe do gueto homossexual 'protege' mais o casamento. Conforme disse na entrevista, enquanto ela era 'solteira' ou com outras namoradas e amigos, era bom participar do gueto, agora já não vê tanta graça nesses lugares preferindo permanecer na companhia dos amigos, de preferência 'casados'.

Outra mulher afirma que também não frequenta porque sente que não é respeitada nestes lugares.

"Com a [MP], nós não frequentamos, mas quando eu estava com a outra, uma vez ela me convidou pra ir, né, como não conhecia eu fui. Depois de eu ter me desligado dela, fui uma vez sozinha. Só, também. A [MP] nunca foi, mas ela diz que não gosta e eu não gostaria de retornar e, também, não gostaria de levá-la. [...] Porque, não tem ... como eu posso te dizer, não existe respeito para com os casais homossexuais, digamos, eu estou com a [MP] e tem sempre alguém olhando, mas não são discretos, tem sempre alguém chegando perto, entendeu. Então, tem aquele lance de ciúmes, é claro, soltam uma gracinha e ficam passando a mão e eu vou me incomodar e ela, de certa forma, também não vai querer que a gente fique brigando por coisa nenhuma, então, deve ser por isso" (LV, m, 30).

Entre os homens que escolheram viver no Ratoles, a percepção do gueto não é muito diferente.

"É tipo assim, já frequentei mas parece que não é uma coisa que encaixe muito bem comigo. [...] Não sei se é porque a gente está muito caseiro, mas se for com um grupo de amigos eu passo a noite inteira, sabe. Porque eu acho que o namorar, as carícias, isso e aquilo, tudo, eu posso fazer na varanda da minha casa, na rede, em uma noite gostosa. Quer dizer posso dançar, dentro da minha casa, com o meu companheiro, posso namorar com ele aqui. Claro que é bom sair, é bom, mas não vejo o gueto como um local pra ficar namorando, até por causa do meio, não sei, parece que não tem uma energia que me deixe fluir, assim, pra namorar, pra ficar à vontade. Não gosto muito, não gosto" (SV, h, 36).

A partir destas declarações, formuladas tanto pelos homens quanto pelas mulheres, pode-se deduzir que estes homossexuais ultrapassaram aquilo que POLLAK (1990, 46) chama de ato de “*passagem*” que ocorre no mimetismo dos rituais de paquera, comuns nos locais públicos como bares e saunas e “*que simboliza ao mesmo tempo a transgressão, a aceitação de si, a conquista da liberdade e o orgulho dela resultante*”. Esses sujeitos teriam passado pelo que o autor denomina ‘ritual de vinculação’ que possibilitou um sentimento de segurança afetiva, além da fantasia de transgredir os domínios de um mundo destinado aos heterossexuais e o próprio desejo de contato sexual.

A visão que o grupo de entrevistados possui do ‘gueto’ parece estar vinculada à promiscuidade e à facilidade dos encontros anônimos, contudo, alguns consideram a possibilidade de frequentá-lo na companhia de amigos. As tentativas de se afastar da sociabilidade associada ao gueto, não implica em se desvincular do mundo homossexual, apenas sugere a possibilidade da escolha seletiva do grupo de amigos a que se associam. Longe do gueto florianopolitano, os entrevistados vão configurando novas formas de companheirismo gregário, como a JUGARA, por exemplo.

Os dois homens ‘solteiros’ afirmaram que não frequentam as boates ou bares exclusivamente *gays* que se localizam no centro de Florianópolis pois preferem permanecer na companhia de amigos e/ou conhecidos em bares e festas no próprio Ratones, ou nas localidades da redondeza. Nesses locais há sempre a possibilidade de se estabelecer um novo ‘tipo’ de abordagem mais individual – paqueras menos explícitas, envolvimento sexuais mais discretos, entre outras ‘vantagens’.

Frequentando ou não, o gueto, todos estes homossexuais vão desenvolvendo um novo *script* social; vão constituindo uma nova dinâmica social, ao mesmo tempo que são constituídos por ela. Seus modos de vida ajudam a demonstrar a diversidade e os diferentes movimentos que os homossexuais realizam no espaço social.

Um fenômeno interessante que pode ser verificado em praticamente toda a cidade de Florianópolis é o deslocamento de sujeitos urbanos para o interior da Ilha – tanto para as praias quanto para as chamadas áreas rurais – para lá fixarem a sua residência. Esse

deslocamento é comum aos heterossexuais e aos homossexuais e faz com que se alterem algumas características dessas localidades, com o estabelecimento de novas redes sociais. Um fato novo que vem acontecendo e possibilitando um novo modelo de identificação para os homossexuais, a partir do local onde fixam residência. Assim, além de serem reconhecidos em função do seu agrupamento social, estabelecido principalmente de acordo com as condições financeiras e culturais, há o diferencial pelo território do grupo a que pertencem, como por exemplo, as lésbicas do Campeche, entre tantos outros.

O campo de circulação deixa de ser apenas os bares, boates, saunas do centro da cidade para que se crie ou se participe de outros territórios longe da “*região moral*” concebida por PARK (1973), onde, segundo o autor, está encravado o gueto ou ‘mercado homossexual’. O que se percebe entre os entrevistados, é a ampliação – para toda a Ilha – da noção de territorialidade concedida; querem frequentar todos os lugares e não se contentam mais com os limites geográficos destinados ao ‘mundo homossexual’, como determinadas praças, ruas, ou até mesmo determinados pedaços de areia, como acontece na praia Mole em Florianópolis.

É um movimento ambivalente, pois também estabelecem um ‘gueto’ para si quando se ‘fecham’ em grupos e determinam quem pode frequentar ou com quem vão dividir os seus espaços. Mesmo esses sujeitos, afirmando que não estão envolvidos no sistema de trocas do ‘mercado homossexual’ e que pouco frequentam os locais que favorecem as atividades relacionadas com a sua prática sexual – de acordo com a definição de PERLONGHER (1987) para o gueto – deliberadamente vão formando redes de relações que implicam num modo de vida, linguagem, sinalizações e categorias próprias. Geralmente é com o grupo de ‘iguais’ que procuram relaxar das pressões sociais sofridas no seu cotidiano e, se não estão mais preocupados em ‘assumir’, é através dessas relações que desenvolvem novos valores e testam uma nova identidade social (MacRAE, 1990).

Os depoimentos obtidos confirmam a importância da existência do gueto, pois quase todos os *gays* e lésbicas entrevistados passaram por essas ‘regiões morais’ e lá começaram a perceber a existência de ‘outros’ e adquirir coragem para ‘assumir’ a sua própria homossexualidade, mesmo que a sua primeira reação, ao verem dois homens ou duas mulheres se beijando, tenha sido de choque.

“A primeira vez que fui a um gueto foi chocante. Chocante de nervoso, de medo, de tudo. [...] Eu tinha uns 17 ou 18 anos quando vi, pela primeira vez, dois homens se beijando ou duas mulheres se beijando. Eu fiquei de boca aberta, assim, sem saber o que fazer, sem saber o que dizer e com vontade de sair [...] Eu acho que a vontade era mais de estar beijando do que ... mas fiquei bem chocada: - ‘Ah! Isso pode acontecer mesmo’. Fiquei bem chocada e por isso tomo cuidado pra não chocar as pessoas. Eu me senti tão ... sei lá ... não sei dizer como ... mais intranquila. Eu não fiquei tranquila” (SB, m, 35).

“Olha, a primeira vez que vi dois homens se beijando foi numa praia, em Balneário Camboriú, só que foi numa praia quase que deserta e não estavam se beijando, estavam se amassando, rolando na areia, tudo mais. Foi, assim, um choque, mas depois, com o tempo é óbvio, vim a entender que eu mesmo tinha afinidades com uma pessoa do mesmo sexo” (AC, h, 42).

Este aprendizado – no gueto – fez com que esses homossexuais desenvolvessem novos valores, que ainda trazem consigo, como a preocupação em não chocar os outros. É uma preocupação que muitas vezes pode ser confundida com o estabelecimento de um duplo padrão moral, pois aquilo que é proibido em determinados lugares em outros é permitido, no entanto parece se tratar de uma máxima: não chocar para ser respeitado. Não escandalizar – o que, de novo, estabelece um calar sobre si.

“É aquela história, desde que você não agrida ninguém você têm direitos, entre quatro paredes você pode fazer tudo que você queira fazer ou, até mesmo quando está junto com o seu grupo e não está chocando [...] Grupo de homossexuais, desde que você não esteja agredindo aquela pessoa, as outras pessoas que estão ali. Se as pessoas estão aceitando ... pegar na mão, dar um beijo, porque não? Agora já vamos delimitar, também, não vamos ultrapassar barreiras e fazer exposições porque aí não há necessidade. Acho que em quatro paredes está muito bom” (AC, h, 42).

“Eu tenho cuidado com as pessoas, não é nem comigo, mas com o que as pessoas estão sentindo. Agora, quando a gente está no grupo da gente não, apesar de que nunca curti essa coisa de ficar agarrando [...] Eu acho que intimidade é dentro do quarto, sozinho, não precisa ficar agarrando, beijando e tal. Uma passadinha de mão tu sempre faz, vem no ônibus junto, sempre fazemos esse tipo de carinho, assim, não precisa ficar agarrando. Ao se despedir um beijo no rosto, isso a gente faz” (SB, m, 35).

A partir destes aprendizados estes homossexuais vão se constituindo e ajudando a constituir novos sujeitos – um processo dialético e sem um fim previsível – e vão afetando outras áreas da sociedade, mesmo que somente no Ratonés. Suas histórias demonstram que além dos homossexuais frequentadores do gueto existem muitos outros sujeitos que se relacionam homoeroticamente. Na avenida da vida cabe mais que uma Marilyn Aparecida.

CONCLUINDO

*“Não quero meus pensamentos
valiosos como o ouro.
Quero sim, sejam como palha,
sólidos, firmes e
que se deixem levar pelo vento.
Quero meus pensamentos
andando por aí”.*
(Neomar N. Borges Cesar Jr.)^{xii}

Como um fenômeno temporal, histórico, fica claro que a sexualidade muda de um tempo para outro e de um lugar para outro. É preciso se afastar da crença dicotômica agostiniana e cartesiana de divisão entre a mente e o corpo, o espírito e a carne, para compreender que a espiritualidade pode estar associada ao corpo. Repetir, com FOUCAULT (1977), que a sexualidade não passa de uma elaboração histórica. Que o ‘ato sexual’ não é natural e que está sociabilizado nas diversas culturas e que, em todas as culturas, algumas experiências são consideradas ‘próprias’ ou ‘impróprias’, ‘morais’ ou ‘imorais’, ‘normais’ ou ‘anormais’. O ‘sexo’ entre os animais é um ato biológico, mas o erotismo humano é sobretudo um ato da imaginação.

‘Homem’ ou ‘mulher’ são construções sociais – muito além da diferença do sexo, garantia apenas de reprodução – que, em muitos casos, se processam com algumas dificuldades, até se adquirir a maioria das distinções culturais de cada gênero, com todas as suas posteriores confusões e possibilidades de desconstruções. Esse ‘tornar-se homem ou mulher’ implica numa multiplicidade de papéis sociais/sexuais que, às vezes, tornam imperceptíveis as diferenças de cada gênero. Consequentemente, se não se nasce homem ou mulher, é possível pensar, também, numa construção histórico-social das homossexualidades – agora destituídas da sua ‘essência’, da sua ‘condição’.

O que esta dissertação tentou demonstrar foi justamente a relatividade destes conceitos e a grande diversidade de sujeitos que existe dentro da noção ‘classificatória’ de homossexualidade. Se existe uma conclusão esta se refere à necessidade de se realizar uma ‘desconstrução’ da idéia estereotipada de uma única homossexualidade. São várias, múltiplas. Como fato cultural fica evidente que as suas práticas mudam de lugar para lugar e no

momento histórico. Não se pode falar numa ‘condição’, numa ‘essência’, numa ‘identidade’, numa ‘tendência’ ou ‘natureza’ homossexual. A difusão destes conceitos, entretanto, ainda encontra muita resistência social e muitas vezes são os próprios homossexuais que, por internalizarem estas noções, ajudam a propagar esse caráter ‘natural’ da homossexualidade. MacRAE (1990, 41) afirma que

“a concepção do homossexual como papel social parecia, para a maioria dos integrantes do grupo, negar a sua experiência, pois era comum ouvi-los dizer que já na infância se sentiam homossexuais. Realmente essa concepção, basicamente sociológica, não parece ser capaz de dar conta desse sentimento de estranheza e diferença que os homossexuais alegam carregar desde seus primeiros anos.

Esta concepção foi verificada entre praticamente todos os homossexuais entrevistados. A percepção que possuíam é que esta ‘coisa’ os tem acompanhado desde criança – ‘então, eu soube que sempre fui’ (MUNIZ). *“Depois de 2 ou 3 anos é que realmente vim a descobrir que eu tinha uma ‘tendência’ homossexual”* (AC, h, 42). Uma mulher chegou a ir mais longe insinuando que poderia existir uma relação entre a homossexualidade e o ‘instinto’ animal: *“Assim como existe os animais ... por que não somos só nós seres humanos ... que também tem relacionamento, acho que homossexual. Cansei de ver um cachorro, um macho com outro macho, acho que tudo é possível. Isso porque os animais vivem de instinto”* (LV, m, 30).

Quando instigado a falar sobre a ‘sua’ homossexualidade, um dos entrevistados chegou a afirmar que não era *“isso aí”* (LA, h, 39). Ele também se incluía entre aqueles homens do Ratonés que embora se relacionem sexualmente com outros homens, mesmo que esporadicamente, mas que são casados com mulheres, possuem filhos e somente se reconhecem enquanto heterossexuais (a figura do ‘bissexual’ nunca foi admitida ou citada pelos entrevistados).

A razão da realização de sua entrevista já foi apresentada e foi importante pois serviu como um contraponto para aquelas feitas com o pessoal que veio de fora, além de que a sua história com o PA (h, 34) era de domínio público. Aos poucos, ele próprio foi considerando a idéia de que era o principal responsável pela sua prática e orientação sexual, não como uma ‘opção’ sexual, mas em decorrência da sua própria história individual.

Percebeu que ser homossexual não é, necessariamente, ser o ‘bicha louca’ ou qualquer outro personagem estereotipado – ele pode ser seu próprio personagem. Se realmente faltam ‘modelos’ homossexuais – o que a prática do *outing* tem tentado buscar – não há como querer encaixar a todos dentro de uma ‘identidade’ homossexual.

O conceito de ‘orientação’ homossexual parece estar mais condizente com o momento histórico presente, pois a sua presença está cada vez mais diluída na sociedade. Esta dissertação também buscou demonstrar que a concentração de gays e lésbicas não está mais restrita ao centro da cidade, houve um movimento migratório para o interior da Ilha de Santa Catarina, e o Ratonês foi apenas um ponto para o estudo realizado, poderia ter sido qualquer outra comunidade florianopolitana. Há homossexuais – ao menos aqueles que se reconhecem enquanto tais – em todos os rincões desta cidade, sem falar daqueles que se relacionam e não ‘sabem’ o nome do que praticam.

Esta nova ocupação de território possibilita que haja uma diluição das ‘regiões morais’, conforme PERLONGHER (1987) pois a maior concentração de homossexuais, por diferentes bairros da cidade, faz com que surjam pequenos ‘guetos’, mesmo que não reconhecidos oficialmente. Quando alguns dos entrevistados se referem à existência da JUGARA e de suas normas de funcionamento, estão falando automaticamente num grupo que lhes dá apoio, segurança, prazer e que os distingue e os diferencia dos demais moradores da comunidade, até de outros homossexuais, os ‘bandeirados’, os ‘solteiros’, os não ‘assumidos’.

Dentre os depoimentos recolhidos, há o relato de que durante a realização de uma festa no sítio de duas das mulheres entrevistadas, um morador local, ‘heterossexual’ mas que estava envolvido sexualmente com um dos convidados da festa – um *gay* de Porto Alegre/RS – foi proibido de ali permanecer ou convidado a se retirar do ambiente, pois não fazia parte do grupo. A própria constituição do grupo não se restringe somente à orientação sexual, há quase uma padronização do grupo quanto às características culturais, ao sentimento de pertinência e uma certa aderência aos valores das camadas médias da população brasileira.

PINTO (1992, 133), falando sobre os espaços privilegiados da mulher enquanto sujeito político e da confluência do movimento feminista com os movimentos negro e homossexual, afirma que esses três movimentos possuem uma característica em comum que é o de poder compartilhar suas 'exclusões' num 'gueto'. A autora faz uma referência ao gueto como fonte de prazer:

“O gueto não pode ser entendido simplesmente como marca de retraimento, medo de expor-se ou reafirmação da exclusão. É também, e, talvez principalmente, regido pelo princípio de prazer, de pertinência, da consciência de estar entre iguais. O princípio articulador, portanto, é, nesta instância, o privado. O movimento vai a público quando reivindica, não se constituindo, como os demais, obrigatoriamente enquanto espaço público”.

Outras características observadas, referem-se à moral sexual que o grupo reproduz, o modelo heterossexista da fidelidade; da busca por uma distribuição mais 'adequada' da divisão sexual do trabalho doméstico, mas que ainda traz consigo muito do modelo apreendido nas suas famílias de origem. Nesta dissertação, não se pretendeu comparar as conjugalidades homossexuais – *gays* ou *lésbicas* – afirmando qual delas possui uma melhor configuração, como HEILBORN (1992) ao afirmar que a relação entre duas mulheres estaria mais próxima do ideal igualitário, tampouco compará-las com os ideais da heterossexualidade. O objetivo aqui presente foi o de apresentar os arranjos conjugais dos casais de homossexuais entrevistados como característica de um grupo que, por si só, é bastante restrito, mas que pode ajudar a demonstrar como na prática se configuram formas de conjugalidade entre 'sujeitos do mesmo sexo'.

Como já foi afirmado muitas vezes durante o desenvolvimento desta dissertação, esta foi uma pesquisa qualitativa, onde nem sempre o discurso é compatível com a prática. O que se procurou demonstrar foram os caminhos e descaminhos deste grupo de homossexuais, para a constituição de si e de sua homossexualidade até a escolha de seus pares e assinalar, através de suas falas, os elementos que ajudam a compreender como ocorre, na prática, a conjugalidade entre iguais e o seu envolvimento com os demais moradores de uma comunidade tão pequena quanto a do Ratonés, ou melhor, as localidades do Canto do Moreira e a Cachoeira do Ratonés.

Os seus relatos, na verdade, possibilitariam a construção de várias ficções, além daquelas que serviram para a base deste trabalho. Um caminho que talvez tenha sido pouco explorado – que parece dar a sensação de que esses sujeitos ‘iluminados’ encontraram o seu ‘paraíso’ na terra – é aquele que trata dos conflitos que existiram e que existem, tanto entre ‘eles’ próprios quanto com a comunidade em geral. A própria maneira como o grupo se apresenta, discreto, sem demonstrações explícitas de suas afetividades, com um distanciamento social e cultural, dificulta sua identificação enquanto homossexuais e mesmo os comentários que, eventualmente possam surgir, nunca foram explicitados. Talvez não sejam diferentes dos demais comentários sobre os outros moradores.

“É, o nosso relacionamento, como eu ti falei, ele é discreto, a gente não fica se abraçando, se beijando, se agarrando na frente das pessoas, né. É claro que nós andamos sempre juntas, onde eu estou ela está; as pessoas já sabem que a gente vive juntas, só que a gente não fica naquele ‘melo’, entendeu, se beijando, porque, aí, acho que, já é um pouco, aí, vai ser muito pesado para as pessoas entenderem, né. Eu acho que, eu já acho estranho, eu acho, assim, como vou dizer, acho que é falta de respeito, digamos, a gente quando está no ônibus e aqueles namorados naquele amasso, naquele beijo, eu não gosto, não gosto. Se pra eles que são da sociedade ‘isso é normal’, eu já não acho interessante, imagina nós. Nós vivemos, assim, o que for íntimo, o que for nós, é entre quatro paredes, certo. É claro que caminhar na rua, de moto, de braço dado, cruzado, de mão na cintura, de brincadeira, a gente anda na boa, sem problema nenhum” (LV, m, 30).

Uma outra característica encontrada no Ratonés e que ajuda a compreender e a assinalar as diferenças e conflitos entre o grupo e a comunidade, é o seu envolvimento, ou melhor, o seu não envolvimento com as outras demonstrações da existência de práticas homossexuais entre os moradores. Nenhum dos gays entrevistados estavam presentes na ‘penca’ da Cachoeira, caso citado por uma informante, tampouco frequentavam as festas que um professor universitário realizava em seu sítio, também na Cachoeira do Ratonés, onde os rapazes do local se encontravam e realizavam “*todo tipo de fantasia*” (sic) e dispunham de algum tipo de drogas ilícitas e álcool. Também já foi citado o caso do rapaz que queria participar de uma festa promovida pelo grupo e cuja presença não foi aceita. É através destes distanciamentos e de algumas aproximações, como a presença nos bingos, p. ex., que o grupo vai consolidando os seus espaços.

O que também foi observado é que mesmo com toda esta integração, o que ainda vigora é o preconceito e a discriminação – explicitado por quase todos os entrevistados, alguns mais cientes destes valores, outros que por se considerarem diferentes se julgavam superiores. Para ilustrar há o caso do ‘travestizinho’ e o depoimento do dono da venda que não vê problemas na frequência dos homossexuais ao seu estabelecimento mas solicita deles um certo decoro, não ‘paquerar’ os demais frequentadores – heteros – por exemplo. Estes sim são elementos a serem combatidos – a homofobia, muitas vezes, está presente nos próprios homossexuais.

Outra característica encontrada nestes casais de homossexuais é que não se apresentaram diferenças significativas no modo de visualizarem a materialização dos seus relacionamentos. Se entre as mulheres há a confirmação daquelas formulações teóricas que afirmam estarem as lésbicas sempre em busca de um relacionamento estável, pode-se afirmar que também com os homens entrevistados, mesmo entre aqueles outros que fazem parte da mesma rede social mas que não residem no Ratonés, percebeu-se a valorização do vínculo conjugal. Avaliam positivamente seus casamentos e não se vêem mais enquanto ‘solteiros’, podendo, entretanto, fazer novos ‘casamentos’. Somente os dois *gays* que se separaram é que afirmaram uma disposição para ‘nunca’ casarem, sendo que um deles foi bastante reticente e aponta a sua dificuldade pela presença dos pais, que residem no Ratonés. Um deles afirmou:

“Eu jamais vou admitir acordar todos os dias com outro homem na minha cama [...] Ao mesmo tempo que eu quero ficar, tipo, admito ficar um dia, mais um dia, agora, no terceiro dia já não admito mais. É estranho mas é isso que acontece comigo. Eu não admito casamento, viver junto, casar com outro cara; eu não admito, pelo menos para mim, quer dizer outras pessoas podem ter, eu acho até interessante. Eu jamais vou reprimir esse lado, só que casamento não é pra mim. Sou um candidato fortíssimo a ser um solitário para o resto da vida” (PA, h, 34).

Se há rapazes casados e aqueles que querem casar, também há aqueles que dizem que o casamento não lhes interessa. Para esses há quase uma impossibilidade nos relacionamentos homossexuais masculinos pois, enquanto homens, teriam sido criados para acumular conquistas e prazeres sexuais – o que poderia ser incompatível com um casamento. Duas mulheres afirmaram que a diferença entre os seus casamentos e o de seus amigos *gays* fica mais evidente pois elas se dedicam mais à relação e são mais carinhosas com suas

companheiras. Elas, entretanto, reivindicam maior atenção para a regularidade de suas práticas sexuais. Essas mulheres não querem mais fazer parte de estatísticas que asseguram que as mulheres querem mais ‘amor’ e menos ‘sexo’ e gostar de casar parece decorrência de quem foi educada para ser boa esposa e esperar pelo seu ‘príncipe’ ou ‘princesa’.

Esta dissertação pode ser considerada como uma tentativa de desmitificação deste universo embora não se pretenda, de maneira alguma, considerar esgotado o assunto ou torná-lo menos relevante. O objetivo principal, evidenciado através dos relatos dos três casais (pares) que optaram em viver na conjugalidade, além dos dois homens que se separaram, foi o de demonstrar a amplitude da questão. Casais que realizam no dia-a-dia tarefas que a grande maioria da sociedade insiste ainda em reservar apenas aos heterossexuais. Seis cidadãos que optaram em dividir cotidianamente o amor, a alegria, a dor, o prazer, a sexualidade, ... com alguém do mesmo sexo.

Sabe-se que – dentro da diversidade das manifestações da sexualidade humana – a homossexualidade é um tema cujo esgotamento ainda está distante de ser vislumbrado. Esta pesquisa reconhece suas limitações mas também se coloca como vanguarda nesta discussão, afirmando como DANIEL (1983, 47) que

“a homossexualidade não pode ser considerada como uma ‘diferença sexual’ (uma qualidade sexual), mas é fundamentalmente uma diferença social, uma variante do comportamento sexual, estabelecido como critério para definir uma categoria social (o homossexual)”.

Quando todos os indivíduos forem ‘verdadeiramente’ considerados cidadãos e tiverem ‘realmente’ assegurados todos os seus direitos – conforme aquela máxima da Constituição que afirma que ‘todos são iguais perante a lei’ – esta ‘espécie’ social poderia estar em via de extinção. Alguma coisa, entretanto, mudou e está mudando. Os espaços conquistados, mesmo na mídia são maiores e já é possível levar uma discussão do tema sem os terríveis risinhos de desconforto. O movimento homossexual, apesar da pouca união entre os grupos ativistas, tem servido como amparo para muitos jovens que sentem o constrangimento de terem que revelar a sua ‘opção’ sexual aos pais, amigos ou no local de trabalho. Lutas judiciais pelo direito de realizar a cirurgia para mudança de sexo, a adoção de

criança por pares de homossexuais ou, assegurar a própria guarda dos filhos, são cada vez mais comuns.

O Congresso Nacional ao discutir a questão da 'legalização do casamento homossexual' ou como preferiram denominar, primeiro 'parceria civil registrada entre pessoas do mesmo sexo' e, atualmente, 'pacto de solidariedade', traz à tona a realidade do cotidiano de milhares de homossexuais, *gays* e lésbicas. 'Assumidos' ou 'enrustidos', pouco importa. O importante é perceber que 'eles' existem, estão ao lado de todos, são vizinhos, filhos, irmãos, amigos ou colegas de trabalho. "*Começaria tudo outra vez ... amor sem-vergonha*" (ML, m, 43).

*"A porta do céu abriu
A porta do céu abriu
Pai Xangô abençoe este sítio
Pai Xangô abençoe esse gongá"*
(Ponto de Macumba – Edson Cordeiro^{xiii}).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEXANDRE, Fernando. **Dicionário da Ilha: Falar & Falares da Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Cobra Coralina, 1994.
- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- _____. Reflexões sobre a História da Homossexualidade. In: _____ & BÉJIN, André. **Sexualidades Ocidentais**. São Paulo: Brasiliense, 3ª Ed., 1987.
- BÉJIN, André. O Casamento Extraconjugal dos Dias de Hoje. In: ARIÈS, P. & BÉJIN, A. **Sexualidades Ocidentais**. São Paulo: Brasiliense, 3ª Ed., 1987.
- BELLINI, Lúcia. **A Coisa Obscura**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- CENSO DEMOGRÁFICO/FUNDAÇÃO IBGE. Rio de Janeiro, 1991, Nº 23.
- CÓRDOVA, L. F. **A Relação Homoerótica e a Desmitificação do Casamento Homossexual**. Monografia. Especialização em Educação Sexual. Florianópolis: FAED/UDESC, 1997.
- CORRÊA, Joseane (org.). **A Cultura Popular de Ratores**. Florianópolis: E.B.M. Mâncio Costa, 1997.
- COSTA, Jurandir Freire. **A Inocência e o Vício - Estudos sobre o Homoerotismo**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992.
- _____. O referente da identidade homossexual. In: PARKER, Richard & BARBOSA, Regina Maria (orgs.). **Sexualidades Brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: ABIA: IMS/UERJ, 1996.
- DANIEL, Herbert. Os anjos do sexo. In: MÍCCOLIS, L. & _____. **Jacaré & Lobisomens. Dois ensaios sobre a homossexualidade**. Rio de Janeiro: Achiamé - SOCII, 1983.
- DAUSTER, Tania. A invenção do Amor: amor, sexo e família em camadas médias urbanas. In: FIGUEIRA, S. **Uma Nova Família?** Rio de Janeiro: Zahar, 1987.
- DUMONT, Louis. **O Individualismo: Uma Perspectiva Antropológica da Ideologia Moderna**. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.
- FERRACIOLI, Márcio C. **O Sofrimento Escondido no Cotidiano de Trabalhadores dos Meios de Comunicação Social na Cidade de Curitiba – PR**. Projeto de Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 1999.

- FIGUEIRA, Sérvulo. O “Moderno” e o “Arcaico” na nova família brasileira: notas sobre a dimensão invisível da mudança social. In: _____. **Uma Nova Família?** Rio de Janeiro: Zahar, 1987.
- FONSECA, Cláudia. **Feminino, Masculino e Formas de Poder: o código de honra em uma vila em Porto Alegre.** Porto Alegre: Cadernos de Estudos UFRGS, n. 10, jun/1988.
- FOSTER, Thomas. History, critical theory and women’s social practices: women’s time and “Housekeeping”. **Signs – journal of women in culture and society**, 1988, v. 14, ano 1.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber.** Rio de Janeiro, Graal, 1977.
- _____. A Política de Saúde do século XVIII. In. **Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro, Graal, 1979.
- FREUD, Sigmund [1905]. **Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade.** Rio de Janeiro: Imago, 1986.
- FRY, Peter. **Para Inglês Ver.** Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- _____ & MacRae, Edward. **O Que é Homossexualidade.** São Paulo: Brasiliense, 1983.
- FULLER, Norma. **Identidades Masculinas.** Lima: Fondo Editorial, 1997.
- GIDDENS, Anthony. O Amor Romântico e Outras Ligações. In: _____. **Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades.** São Paulo: UNESP, 1993.
- GODOY, Rosane M^a de. **A Voz das Mulheres Lésbicas: Do Discurso Oculto ao Desvendamento das Vivências e do Imaginário Erótico.** Monografia. Especialização em Educação Sexual. Florianópolis: FAED/UDESC. 1997.
- GÓES, Maria Cecília. A natureza social do desenvolvimento psicológico. **Cadernos CEDES**, n. 24. Campinas/SP: Papyrus, 1991.
- _____. Os modos de participação do outro no funcionamento do sujeito. **Educação e Sociedade**, n. 42. 1992.
- GOODE, W. J. & HATT, P. K. **Métodos em Pesquisa Social.** São Paulo: Nacional, 1977.
- GUIMARÃES, Carmem Dora. **O Homossexual Visto por Entendidos.** Dissertação. Mestrado em Antropologia Social. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1977. (mimeo)
- GUIA FLORIANÓPOLIS. Florianópolis, Edeme/IPUF, 1992.
- HEILBORN, M. L. **Compromisso de Modernidade: casal, vanguarda e individualismo.** Rio de Janeiro: PPGAS/Museu Nacional/UFRJ, 1980. (mimeo)

- _____. **Notas para um Estudo sobre Casais: a fidelidade em questão.** Rio de Janeiro: PPGAS/Museu Nacional/UFRJ, 1981. (mimeo)
- _____. **Homossexualidade e Conjugalidade Igualitária.** 1991. (mimeo)
- _____. **Dois é Par: Conjugalidade, Gênero e Identidade Sexual em Contexto Igualitário.** Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, tese de doutorado, mimeo, 1992.
- HIGUERA, Gonzalo. Homossexualidade e direito positivo. Regulamentação legal da homossexualidade. In. VV. AA. **Homossexualidade: ciência e consciência.** São Paulo: Loyola, 1995.
- KINSEY, A. **Sexual Behavior in the Human Male.** Philadelphia/London: W. B. Saunders Company, 1948.
- _____. **O Comportamento Sexual do homem.** Lisboa: Meridiana, 1972.
- LAGO, Mara C. de Souza. **Modos de Vida e Identidade – Sujeitos no processo de urbanização da Ilha de Santa Catarina.** Florianópolis: Ed. da UFSC, 1996.
- LARDINOIS, André. Safo Lésbica e Safo de Lesbos. In. BREMER, Jan (org.). **De Safo a Sade: momentos na história da sexualidade.** Campinas: Papirus, 1995.
- LASSO, Pablo. Antropologia cultural e Homossexualidade: variantes do comportamento sexual, culturalmente aprovadas. In. VV. AA. **Homossexualidade: ciência e consciência.** São Paulo: Loyola, 1995.
- LIMA, Délcio Monteiro de. **Os Homoeróticos.** Rio de Janeiro: F. Alves, 1983.
- LÜDKE, Menga & ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.
- MACHADO, M^ª Lúcia de A. Educação infantil e socio-interacionismo. In: Oliveira, Zilma M. Ramos de (org.). **Educação Infantil: muitos olhares.** São Paulo: Cortez, 1995.
- MacRAE, Edward. **A Construção da Igualdade: identidade sexual e política no Brasil da “abertura”.** Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.
- MALINOWSKI, Bronislaw. **Sexo e Repressão na Sociedade Selvagem.** Petrópolis: Vozes, 1973.
- MALUF, Sônia. **Encontros Noturnos: bruxas e bruxarias na Lagoa da Conceição.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.
- MÍCCOLIS, Leila. Prazer, gênero de primeira necessidade. In: _____ & DANIEL, H. **Jacaré & Lobisomens. Dois ensaios sobre a Homossexualidade.** Rio de Janeiro: Achiamé – SOCIL, 1983.

MOTT, Luiz. **O Sexo Proibido: virgens, gays e escravos nas garras da Inquisição**. Campinas: Papyrus, 1988.

_____. **O Lesbianismo no Brasil**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

MUNIZ, Jaqueline. **Mulher com Mulher dá Jacaré: uma abordagem antropológica da homossexualidade feminina**. Dissertação. Mestrado em Antropologia. Rio de Janeiro, Museu Nacional, 1993.

NUNES, César. **Desvendando a Sexualidade**. Campinas: Papyrus, 1987.

OLIVEIRA, Marta K. de. **VIGOTSKY: Aprendizado e Desenvolvimento – um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1993.

ORAISON, Marc. **A Questão Homossexual**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

PARK, Robert E. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento social no meio urbano. In: Velho, O G. (org.). **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

PARKER, Richard. **Beneath the Equator – culture of desire, male homosexuality, and emerging gay communities in Brazil**. New York: Routledge, 1999.

PAULI, Evaldo. **A Fundação de Florianópolis**. Florianópolis: Lunardelli, 1987.

PERLONGHER, Néstor. **O Negócio do Michê**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PINO, Angel L.B. Processos de Significação e Constituição do Sujeito. In: **Temas de Psicologia - SBP**. Ribeirão Preto: Gráfica e Editora FCA. n. 01

PINTO, Céli Regina. Movimentos Sociais: espaços privilegiados da mulher enquanto sujeito político. In COSTA, Albertina de Oliveira & BRUSCHINI, Cristina (org) **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992. p. 127-150.

POLLAK, Michael. A Homossexualidade Masculina, ou: a felicidade do gueto? In: **Sexualidades Ocidentais**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. **Os Homossexuais e a AIDS**. São Paulo: Estação Liberdade, 1990.

PORTINARI, Denise. **O Discurso da Homossexualidade Feminina**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

ROSITO, Cláudia A de Miranda. Sobre a Homossexualidade na Mulher: A Busca de um Olhar Feminino. In: GRAÑA, Roberto B. **Homossexualidade: formulações psicanalíticas atuais**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

RUBIN, Gayle. The Traffic in Women. In: REITER, Rayna. **Towards an Anthropology of Women**. New York: Monthly Review Press, 1975. Traduzido por Edith Piza (PUC/SP).

- SALÉM, Tania. **O Casal Igualitário: princípios e impasses**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, ANPOCS, Nº 9, vol. 3, FEV/1989.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, 16 (2): 5-22, jul/dez., 1990.
- SELL, Teresa. Adada. **Identidade Homossexual e Normas Sociais: Histórias de Vida**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1987.
- SHUARE, Marta. La Concepcion Historico-Cultural de L. S. Vygotski. In. **La Psicologia Soviética tal como yo la veo**. Moscou: Editorial Progreso, 1990. (p.57-85)
- SIQUEIRA, M. J. T. A Constituição da Identidade Masculina: alguns pontos para discussão. **Psicologia USP/ Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo**. Vol. 8, n. 1. São Paulo, USP-IP, 1997.
- _____. **A Constituição do Sujeito e a Divisão Sexual do Trabalho na Família: análise do caso de um homem dono-de-casa**. São Paulo: USP, tese de doutorado, mimeo, 1997.
- _____. **Novas formas de paternidade: repensando a função paterna à luz das práticas sociais**. Florianópolis, 1998. (mimeo)
- SPENCER, Colin. **Homossexualidade: uma história**. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- SULLIVAN, Andrew. **Praticamente Normal**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em Educação**. São Paulo: Atlas, 1987.
- VÁRZEA, Virgílio. **Santa Catarina: A Ilha**. Florianópolis, Lunardelli, 1985.
- VELHO, Gilberto. O Estudo do Comportamento Divergente. In: _____. **Desvio e Divergência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- VV. AA. **Homossexualidade: ciência e consciência**. São Paulo: Edições Loyola, 1995.
- VYGOTSKI, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- _____. **A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- WEREBE, M^a Garcia. **Sexualidade, Política e Educação**. Campinas: Autores Associados, 1998.

Anexo: Os trechos de músicas que foram apresentados aos entrevistados

“Eles se amam, de qualquer maneira, à vera
eles se amam é para a vida inteira, à vera
qualquer maneira de amor vale o canto” - (Paula e Bebeto – Caetano & Milton)

“Onde a gente vai tem uns amigos
que você precisa visitar
se não sou feliz
são só ciúmes
nada mais” - (*Lately*/Nada Mais – Stevie Wonder & Ronaldo Bastos)

“Que diferença da mulher o homem tem
espera aí, que eu vou dizer meu bem
é que o homem tem cabelo no peito tem o queixo cabeludo
e a mulher não tem” - (Tem pouca diferença – Durval Vieira)

“Você é a ovelha negra da família
agora é hora de você assumir ... ir
uh ... uh e sumir” - (Ovelha Negra – Rita Lee)

“Eu juro que é melhor não ser o normal
... mas louco é quem me diz e não é feliz não é feliz
sim, sou muito louco e não vou me curar
já não sou o único que encontrou a paz” - (Balada do Louco – Rita Lee)

“Por acaso algum dia
você se importou
em saber se ela tinha vontade ou não
e se tinha e transou
você tem a certeza
de que foi uma coisa maior
para dois ...
E se ela deseja
e você não deseja
você nega, alega cansaço
ou vira de lado
ou se deixa levar na rotina” - (Ponto de Interrogação – Gonzaguinha)

“*Começaria tudo outra vez*
se preciso fosse, meu amor
a chama em meu peito ainda queima,
saiba
nada foi em vão” - (*Começaria Tudo Outra Vez* – Gonzaguinha)

“Mas sei que tudo é proibido
aliás, eu queria lhe dizer que tudo é permitido
até beijar você no escuro do cinema

quando ninguém nos vê” - (Apenas um Rapaz Latino-Americano – Belchior)

“A minha alma tem
um corpo moreno
nem sempre sereno
nem sempre explosão
feliz esta alma
que vive comigo
que vai onde eu sigo
o meu coração” - (Alma – Sueli Costa/Abel Silva)

“Você sabe o que é ter um amor,
meu senhor
ter loucura por uma mulher
e depois encontrar esse amor,
meu senhor
nos braços de um outro qualquer” - (Nervos de Aço – Lupicínio Rodrigues)

“A gente briga
diz tanta coisa que não quer dizer
briga pensando que não vai sofrer
que não faz mal se tudo terminar” - (Castigo – Dolores Duran)

“Eu tenho tudo o que você precisa
e mais um pouco
nós somos iguais
na alma e no corpo” - (Narciso – Frejat/Cazuza)

“Amor, meu grande amor
só dure o tempo que mereça
e quando me quiser
que seja de qualquer maneira
enquanto me tiver
que eu seja a última
e a primeira” - (Amor, meu grande amor - Angela RoRo/Ana Terra)

“Família, família
cachorro, gato, galinha
família, família
vive junto todo dia
nunca perde essa mania” - (Família – Arnaldo Antunes/Tony Bellotto)

-
- ⁱ Glauco Matoso. 9.7.4 (1977). Folha de São Paulo, Mais: O Amor Que Diz Seu Nome. 15.01.95
- ⁱⁱ Cássia Eller. LP Cassia Eller, 1994.
- ⁱⁱⁱ Rita Lee. LP: Os Grandes Sucessos de Rita Lee. PolyGram 1987
- ^{iv} Marina Lima. CD: Pierrot do Brasil. PolyGram, 1998
- ^v Joan Manoel Serrat. LP: Joan Manuel Serrat – “Sinceramente Teu”. RCA, 1986.
- ^{vi} Paulinho da Viola. CD: Paulinho da Viola ao vivo. BMG, 1997.
- ^{vii} Osvaldo Ferreira de Melo. LP: Neide Maria Rosa
- ^{viii} Leci Brandão. CD: Somos da Mesma Tribo. MoviePlay, 1996.
- ^{ix} Caetano Veloso. LP: Doces Bárbaros. Polygram, 1976.
- ^x Chico Buarque. CD: Chico Buarque. Coleção MPB Compositores, n.º 01, 1997.
- ^{xi} Leci Brandão. CD: Leci Brandão. Coleção Os Grandes da MPB. Edições Del Prado, 1999.
- ^{xii} Neomar N. Borges Cesar Jr., Grupo de Poetas Livres. Viajando com Poesia, n.º 3, 1999. Prefeitura Municipal de Florianópolis.
- ^{xiii} Edson Cordeiro. CD: Disco Clubbing – Ao vivo. EPIC - SONY, 1998.